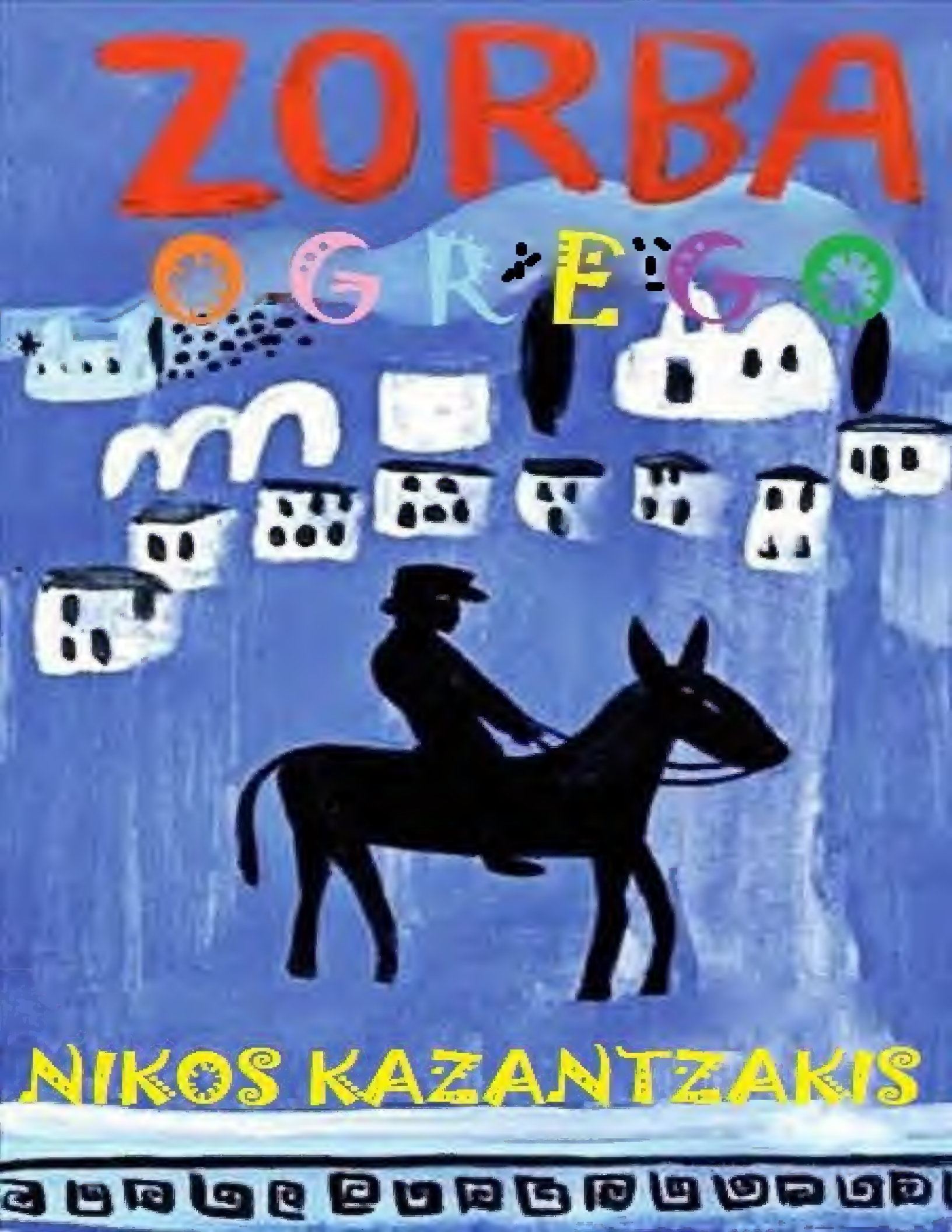
ZORBA

THE GREEK



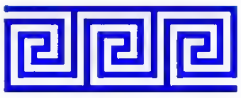
NIKOS KAZANTZAKIS

NIKOS

KAZANTZAKIS

Zorba, o grego

1952



Nikos Kazantzakis Zorba, O Grego
Nikos Kazantzakis
Romance
Coleção Grandes Romances 4ª EDIÇÃO
Editora Nova Fronteira
Tradução:
Edgar Flexa Ribeiro e Guilhermina Sette
Tradução em inglês: ZORBA, the Greek
Capa: Rolf Gunther Braun
Revisão: A. Tavares
© by Heléne Kazantzakis
Orelha do livro:

Sinopse

Este livro cria uma vigorosa personalidade, a de Alexis Zorba, um herói dentro da mais pura tradição clássica da terra natal de seu autor, Nikos Kazantzakis, a Grécia.

Num trecho perdido do litoral da ilha de Creta, entre um jovem que busca a si mesmo, uma velha cantora de cabaré que vive em função de pretensas glórias passadas e uma aldeia, cuja população é retrógrada e mesquinha, o leitor encontrará em Zorba o homem perfeito — consciente de suas fraquezas, vícios e pecados, mas que não curva sua vida diante das limitações impostas pela própria condição de homem.

Como contraste a essa extraordinária natureza, o autor coloca, ao lado de Zorba, um homem perplexo e hesitante que, apesar dos livros que leu, ainda não conseguiu se libertar dos freios impostos pela civilização, nem aprendeu que nenhuma contingência real ou ideal impede o homem de atingir o mais alto grau de liberdade — que é a capacidade de entender e amar o mundo como ele é, e não como deveria ser.

Zorba é uma personagem que nasceu clássica. Tem a delícia pungente de uma figura pitoresca. É um Quixote sem grandeza — e um grego sem túnica. A seu lado, as figuras hieráticas da aldeia, a viúva misteriosa e essa preciosa, ridícula e patética — a Bubulina.

Deste livro do mais famoso autor grego dos nossos dias foi feito um filme de sucesso mundial. A Nova Fronteira tem agora o prazer de apresentar ao leitor brasileiro, em sua 3ª edição, este romance inesquecível.

O Autor



Nikos Kazantzakis nasceu na ilha de Creta em 1873. Passou a infância em plena guerra travada por seus compatriotas contra a tirania turca. Concluído o curso de direito em Atenas, embarcou para Paris. Ali assistia às aulas de Bergson, cuja influência lhe seria depois tão decisiva quanto a de Nietzsche. Sucederam-se múltiplas viagens, o retiro no Monte Athos, o período de pós-guerra em Berlim — onde redigiu a *Ascœse* —, as visitas à Rússia, motivadas pela imensa admiração por Lênin. Pode-se dizer que sua biografia inteira está contida nessas viagens. Ao regressar do Japão e da China, escreveu o *Jardim dos Penhascos*, seguido da *Odisseia*. A fase dos grandes romances, com exceção de *Alexis Zorba* (Zorba, o Grego), data dos últimos anos, vividos em Antibes, a Antípolis da Antiguidade, a mais helênica das cidades francesas.

Suas atividades políticas e culturais nunca conheceram trégua.

Socialista militante, tornou-se ministro de Estado em 1945 e ocupou importante cargo na direção da UNESCO antes de se aposentar para se dedicar exclusivamente à criação literária. Morreu na Alemanha em 1957. E sua maior consagração talvez esteja na frase do grande humanista Albert Schweitzer: "Escritor algum me impressionou tão profundamente."

Capítulo I



Encontrei-o pela primeira vez no Pireu. Eu estava no porto para apanhar um navio para Creta. O dia i nascer e chovia. Um siroco forte soprava, e os respingos das ondas chegavam até o pequeno café. As portas envidraçadas estavam fechadas, e o ar cheirava a suor e a infusão de salva. Fora fazia frio, e a névoa das respirações embaçava as vidraças. Cinco ou seis marinheiros que haviam passado à noite em claro, embuçados em suas capas marrons de pele de cabra, bebiam café ou salva e olhavam o mar através dos vidros turvos. Os peixes, aturdidos pelos golpes do mar agitado haviam encontrado refúgio nas águas tranquilas das profundezas; esperavam que lá em cima a calma voltasse. Os pescadores, empilhados pelos cafés, esperavam também o fim da borrasca e que os peixes, tranquilizados, voltassem à superfície para morder as iscas. Os linguados, os ruivos e as arraias voltavam de suas expedições noturnas. O dia nascia.

A porta envidraçada abriu-se; um estivador atarracado e queimado de sol, cabeça descoberta e pés descalços, entrou.

— Olá, Kostandi! — gritou um velho lobo do mar de japona azul-claro. — O que há de novo?

Kostandi cuspiu no chão.

— O que você quer que haja de novo? — respondeu ele, mal-humorado. — Bom dia, e vou para o café, boa noite, e volto para casa! Bom dia, café; boa noite, casa! Isso é minha vida. De trabalho, nada!

Alguns se puseram a rir, outros balançaram a cabeça praguejando.

— "O mundo é a prisão perpétua" — disse um bigodudo que havia feito seus estudos de filosofia no Karagheuz (Teatro de Marionetes). — Sim, a prisão perpétua, maldito seja ele.

Uma doce luminosidade azul-verde banhou os vidros sujos, entrou no café, agarraram-se as mãos, narizes, frontes e, alcançando o balcão, iluminou as garrafas. As lâmpadas enfraqueceram; o dono do café, sonolento após uma noite de trabalho, moveu a mão e apagou-as.

Houve um momento de silêncio. Todos os olhos se levantaram para olhar lá fora o céu enlameado. Ouviram-se as ondas que quebravam mugindo e, no café, o borbulhar de alguns narguilés.

O velho lobo do mar suspirou.

— Que tempo! O que não estará passando o capitão Lemoni! Que Deus o ajude!

Olhou o mar com um ar enfurecido.

— Maldito fazedor de viúvas! — rosnou ele, e mastigou uma ponta de seu bigode grisalho.

Eu estava sentado num canto, sentia frio, e pedi uma segunda xícara de salva. Tinha vontade de dormir. Lutava contra o sono, contra o cansaço e contra a desolação da madrugada. Olhava, através das vidraças enlameadas, o porto que acordava, e que gritava com todas as sirenas dos navios, com os gritos dos estivadores e embarcadiços. E, de tanto olhar, uma malha invisível feita de mar, de chuva e do sentimento de partida, envolveu-me o coração, apertando-o em seus fios.

Olhava fixamente para a proa negra de um grande navio; todo o tombadilho estava ainda mergulhado na noite. Chovia e eu via os pingos da chuva unir o céu à lama.

Eu olhava o barco negro, as sombras e a chuva, e minha tristeza tomava corpo. As recordações iam chegando. No ar molhado, ia tomando forma, composto de chuva e de saudades, o rosto do meu amigo. Foi no ano passado? Numa outra vida? Ontem? Quando, afinal, estive neste porto para lhe dizer adeus?

Ainda me lembro da chuva naquela manhã, do frio e da madrugada. Tinha, então, o coração pesado.

Como é amargo separar-se lentamente dos seres amados! Mais vale cortar de uma só vez, e reencontrar a solidão, estado natural do homem. Entretanto, naquela madrugada chuvosa, eu não podia me separar de meu amigo. (Depois compreendi, muito tarde, infelizmente, o porquê). Subira com ele ao navio, e estava sentado em sua cabina entre malas espalhadas. Olhava-o com insistência, quando não estava prestando atenção, como se quisesse, um a um, gravar seus traços em minha memória — seus olhos luminosos de um azul-esverdeado, seu rosto jovem, sua expressão fina e desdenhosa e, principalmente, suas mãos aristocráticas de longos dedos afilados.

Em dado momento surpreendeu meu olhar resvalando sobre ele, ávido e lento. Voltou-se com aquele ar zombador que assumia quando procurava esconder sua emoção. Olhou-me. Compreendeu. E para disfarçar nossa tristeza:

— Até quando? — perguntou-me irônico, sorrindo.

— Até quando o quê?

— Você continuará a mastigar papel e a se lambuzar de tinta?

Vem comigo, caro professor. Lá longe, no Cáucaso, milhares de homens de nossa raça estão em perigo Vamos salvá-los.

Ele se pôs a rir, zombando de seu nobre propósito.

— É possível que não os salvemos — acrescentou. — mas salvaremos a nós mesmos ao nos esforçarmos para salvar os outros.

Não é o que prega, meu mestre? "A única maneira de te salvares é lutar para salvar os outros..." Então, avante, mestre, você que pregava tão bem. Venha.

Não respondi. Terra sagrada do Oriente, mãe dos Deuses, altas montanhas onde ressoa o clamor de Prometeu! Acorrentada como ele a essas mesmas montanhas, nossa raça chamava. Ela estava, ainda uma vez, em perigo; e chamava seus filhos a socorrê-la. E eu a ouvia, passivo, como se a dor não fosse senão um sonho, e a vida uma tragédia cativante, onde é prova de grosseria e ingenuidade precipitar-se ao palco e tomar parte na ação.

Sem esperar resposta meu amigo levantou-se. O navio apitava agora pela terceira vez. Estendeu-me a mão, escondendo de novo, sob a brincadeira, sua emoção.

— Até breve, camundongo comedor de papiros! — disse ele.

Sua voz tremia. Ele sabia que é vergonhoso não poder dominar o coração. Lágrimas, palavras ternas gestos desorganizados, familiaridades vulgares, tudo isso era para ele fraquezas indignas do homem. Nunca, nós que éramos tão unidos, havíamos trocado uma palavra afetuosa. Brincávamos e nos arranhávamos como feras. Ele, o homem fino, irônico, civilizado. Eu, o bárbaro. Ele, controlado, esgotando com naturalidade num sorriso todas as manifestações de sua alma. Eu, brusco, explodindo num riso inconveniente e selvagem.

Tentei, eu também, camuflar minha emoção sob uma palavra dura, mas tive vergonha. Não, não é que eu tivesse vergonha, mas porque não consegui. Apertei sua mão. E a segurei sem largar. Ele me olhou, espantado.

— Emocionado? — disse ele tentando sorrir.

— Sim — respondi calmamente.

— Por quê? Que havíamos decidido? Não havíamos combinado há anos? O que dizem os japoneses que você admira tanto?

Foudoshin! Ataraxia, placidez olímpica, quietude; o rosto: uma máscara sorridente e imóvel. O que vai por detrás da máscara é assunto nosso.

— Sim — disse de novo, esforçando-me em não me comprometer com uma frase muito longa. Não sabia se poderia impedir que minha voz tremesse.

O gongo soou a bordo, afugentando de cabina em cabina os visitantes. Chovia docemente. O ar encheu-se de palavras patéticas de adeus, juras, beijos prolongados, recomendações apressadas e arquejantes. A mãe se precipitava sobre o filho, à mulher sobre o marido, o amigo sobre o amigo. Como se esta pequena separação lhes lembrasse a outra, a Grande. E o som doce do gongo vibrou subitamente, de popa a proa, no ar úmido,

como um carrilhão fúnebre. Tremi.

Meu amigo voltou-se.

— Escute — disse em voz baixa, — você teve um mau pressentimento?

— Sim — respondi ainda uma vez.

— Você acredita nessas tolices?

— Não — respondi com segurança.

— E então?

Mas não havia "então". Eu não acreditava, mas tinha medo.

Meu amigo pousou ligeiramente sua mão esquerda sobre meu joelho, como era seu hábito nos momentos mais cordiais de nossas discussões — eu o forçava a tomar uma decisão, ele resistia, recusava, para ceder finalmente; e então tocava em meu joelho, como para dizer: "Farei o que você quer, por amizade..."

Suas pálpebras bateram duas ou três vezes. Olhou-me de novo.

Compreendendo meus sentimentos hesitou em empregar nossas armas prediletas: o riso, o humor, a brincadeira...

— Bem — disse ele. — dê-me sua mão. Se um de nós dois se encontrar em perigo de morte...

Parou, como se estivesse envergonhado. Nós, que há anos nos ríamos desse raids metafísicos, e que colocávamos numa mesma chave: vegetarianos, espíritas, teosóficos e ectoplasmas...

— E então? — perguntei, esforçando-me para adivinhar.

— Façamos uma coisa — disse ele, precipitadamente, para sair da frase perigosa que havia iniciado. — se um de nós estiver em perigo de morte, pensará intensamente no outro, para avisá-lo onde quer que se encontre... De acordo?

Tentou rir, mas seus lábios, como que congelados, não se mexeram.

— De acordo — disse eu.

Meu amigo, temendo ter demonstrado exageradamente sua emoção, apressou-se em completar:

— Não creio absolutamente, é claro, nessas comunicações aéreas entre almas...

— Não tem importância — murmurei. — façamos de conta...

— Pois bem! Seja então. Façamos de conta. De acordo?

— De acordo — disse-lhe de novo.

Estas foram nossas últimas palavras. Apertamos as mãos sem dizer nada, nossos dedos se uniram, ardentes, separam-se bruscamente e eu parti a passos rápidos, sem me voltar, como se me perseguissem. Tive ímpeto de virar a cabeça e ver meu amigo ainda uma vez, mas me contive. "Não se volte, ordenei-me. Ande!"

A alma humana, entranhada na carne, está ainda em estado bruto, imperfeita. Não pode, com suas faculdades insuficientemente desenvolvidas, apresentar um pressentimento claro e seguro. Fosse ela capaz disso, e como teria sido diferente essa separação.

A claridade aumentava cada vez mais. As duas manhãs se confundiam. Via agora mais nitidamente o rosto amado de meu amigo, tendo ficado sob a chuva, imóvel, desolado, ao ar do porto. A porta do café se abriu, o mar bramiu e um marinheiro entrou, baixote — as pernas abertas, com bigodes que pendiam. Vozes soaram, alegres:

— Viva, o capitão Lemoni!

Enrosquei-me em meu canto, procurando concentrar-me de novo. Mas o rosto de meu amigo já se havia dissolvido na chuva.

A claridade aumentava, o Capitão Lemoni tirou seu rosário de âmbar e se pôs a manuseá-lo, mal-humorado e taciturno. Eu lutava para não ver, não escutar, e reter ainda um pouco a visão que se dissipava. Reviver ainda a raiva que me invadira então, raiva misturada à vergonha, quando meu amigo me chamou de camundongo comedor de papiros. Desde então, lembro-me bem, nesta expressão encarnou-se todo o meu desprezo pela vida que levara. Eu que tanto amava a vida, como me havia deixado petrificar por tanto tempo numa confusão de livros e papéis enegrecidos!

Nesse dia de separação, meu amigo ajudou-me a ver claro. Senti-me aliviado. Conhecendo agora minha

desgraça, poderia talvez vencê-la com mais facilidade. Ela não era mais esparsa e incorpórea; tinha agora um nome, havia tomado corpo e ficou fácil para eu lutar contra ela.

Esse apelido havia certamente convivido comigo, sem barulho, e desde então eu procurava um pretexto para livrar-me das papeladas e atirar-me à ação; repugnava-me ter em meu brasão esse roedor. E eis que há um mês deu-se a oportunidade desejada. Havia alugado, num trecho do litoral cretense, do lado do Mar da Líbia uma velha mina de linhita abandonada, e iria viver agora entre homens simples, trabalhadores, camponeses, longe da espécie dos "camundongos comedores de papiros".

Fiz meus preparativos muito emocionado, como se esta viagem tivesse um sentido oculto. Estava decidido a mudar de vida."Até agora, minha Alma, dizia comigo mesmo, tu não vias senão a sombra e tu te alegravas; agora eu te conduzirei à carne."

Estava enfim pronto. Na véspera de minha partida, remexendo papéis, encontrei um manuscrito inacabado. Olhei-me, hesitante. Há dois anos que no mais fundo de mim mesmo fremia um grande desejo, como uma semente: Buda. Eu o sentia a cada momento em minhas entranhas, a me devorar e amadurecer. Ele crescia se mexia se debatia em meu peito para sair. Agora não tinha mais coragem de sufocá-lo. Eu não poderia fazê-lo. Já era muito tarde para um tal aborto espiritual.

Subitamente, enquanto segurava, indeciso, o manuscrito, o sorriso de meu amigo desenhou-se no ar, todo ironia e ternura. "Vou levá-lo comigo! Disse eu, irritado. Vou levá-lo comigo e não adianta rir." Embrulhei-o com cuidado, como uma criança em suas fraldas, e ele veio comigo.

A voz do Capitão Lemoni se fez ouvir, grave e rouca. Prestei-lhe atenção. Falava dos fogos-fátuos, que durante a tempestade haviam subido aos mastros de sua traineira e os percorriam de alto a baixo.

— São moles e escorregadios — dizia, — e quando se toca neles as mãos ficam parecendo em fogo. Torci os bigodes, uma vez, e por toda a noite eles brilhavam como os do próprio demônio. Então, como ia dizendo, o mar havia passado para dentro do barco. Minha carga estava alagada, havia aumentado de peso, e o navio começava a adernar. Estava perdido. Mas o bom Deus teve pena de mim, e enviou-me um relâmpago que fez saltar os painéis das escotilhas; e todo o carvão foi junto. O mar ficou cheio de carvão, mas o barco ficou mais leve e então se aprumou. Foi assim que escapei ainda essa vez.

Tirei do bolso minha pequena edição de Dante, o "companheiro de viagem". Acendi o cachimbo, ajeitei-me contra a parede e instalei-me confortavelmente. Hesitei um instante: onde começaria? Pelo breu ardente do Inferno, pela chama refrescante do Purgatório ou lançar-me de uma vez ao ponto mais elevado da esperança humana?

Era minha a escolha. Segurando o Dante minúsculo saboreava minha liberdade. Os versos que eu escolhesse na madrugada dariam o ritmo a todo o meu dia.

Debrucei-me sobre essa perspectiva para tomar uma decisão, mas não tive tempo. De repente, inquieto, levantei a cabeça. Não sei como, tive a impressão de que dois orifícios se abriam em minha nuca; virei-me bruscamente e olhei, atrás de mim, a porta envidraçada. Como um raio, a esperança louca de tornar a ver meu amigo atravessou-me a alma. Estava pronto para o milagre. Mas ele não se deu. Um desconhecido, beirando os sessenta anos, alto, seco, os olhos abertos, olhava-me com o nariz colado ao vidro da porta.

Trazia uma sacola achatada embaixo do braço.

O que mais me impressionou foram seus olhos, tristes, inquietos, trocistas e cheios de vida. Ao menos foi o que pensei.

Cruzados os nossos olhares — dir-se-ia que se certificara de que eu era exatamente quem ele procurava — o desconhecido estendeu resolutamente o braço e abriu a porta. Passou entre as mesas com um passo vivo e elástico e veio postar-se diante de mim.

— De partida? — perguntou-me. — e para onde?

— Para Creta, por quê?

— Quer me levar?

Olhei-o atentamente. Rosto cavado, uma mandíbula forte, maçãs salientes, cabelos grisalhos e crespos, olhos que brilhavam.

— Por quê? Que vou fazer de você?

Deu de ombros.

— Por quê! Por quê! — disse com desdém. — não se pode fazer nada sem um por quê? Leve-me como cozinheiro, pronto. Sei fazer sopas!

Pus-me a rir. Seus modos e palavras cortantes me agradavam.

E as sopas também. Não era mau, pensei, levar esse simpático desengonçado para aquela longínqua praia solitária. Sopas, conversas... Tinha o ar de quem já havia vagado muito no alto das ondas, uma espécie de Simbad, o Marujo... Gostei dele.

— Em que pensa? — perguntou-me inclinando sua cabeça grande.

— você pesa os prós e os contra, não? Quase grama a grama, não é?

Vamos, decida, coragem!

Ele se erguia sobre mim, um homenzarrão, e eu já estava cansado de ter que erguer a cabeça para lhe falar. Fechei o Dante.

— Sente-se — disse-lhe. — toma uma infusão?

Sentou-se, depositou cuidadosamente sua sacola na cadeira vizinha.

— Infusão? — disse com desprezo. — garçom, um rum!

Bebeu o rum em pequenos goles, guardando-os longamente na boca para saborear, e deixando-os descer lentamente a lhe esquentar as entranhas. "Sensual, pensei, e conhecedor requintado..."

— Em que você trabalha? — perguntei-lhe.

— Todos os trabalhos: com os pés, com as mãos, com a cabeça, todos. Só faltava mesmo que se pudesse escolher.

— Onde trabalhava ultimamente?

— Numa mina. Sou bom mineiro, sabe? Conheço metais, sei achar veios, abrir galerias, desço nos poços não tenho medo. Trabalhava bem, era contramestre, não tinha do que me queixar. Mas aí o demônio meteu-se no negócio. Sábado passado, de noite, meio no porre, vou procurar o patrão, que estava lá para ver como iam os trabalhos, e meto-lhe a mão...

— Mete-lhe a mão? Por quê? Ele havia feito alguma coisa a você?

— A mim? Nada de nada, garanto! Era a primeira vez que via o homem. Ele havia até distribuído cigarros coitado.

— E então?

— Ah! Você gosta dessas perguntas? Aconteceu e pronto. Você conhece a história do traseiro da padeira? O traseiro da padeira não sabe escrever, sabe? Pois o traseiro da padeira é a razão humana.

Já havia lido inúmeras definições da razão humana. E olhei agora meu novo companheiro com um vivo interesse. Seu rosto estava cheio de rugas, picado, como se roído pelos ventos e pela chuva. Outro rosto, anos mais tarde, me fez à mesma impressão de madeira trabalhada e sofrida — o de Panait Istrait (Autor Romeno que escrevia em francês e sofria de tuberculose. Sua obra foi La Maison Thuringer (1993), o primeiro volume de a vida de Adrian Zograffi — o homem sem convicções).

— O que há nessa sacola? Comida? Roupa? Ferramentas?

Meu companheiro ergueu os ombros e riu.

— Você parece razoável — disse, com o devido respeito.

Acariciou a sacola com seus dedos longos e duros.

— Não — acrescentou, — é um santuri (Um instrumento de cordas.

Variedade da cítara ou do címbalo, usualmente tocado com pequeno martelo ou plectro).

— Um santuri? Você toca santuri?

— Quando as coisas não vão bem, faço as rondas dos cabarés e bares tocando santuri. Canto velhas cantigas clétficas da Macedônia, e depois recolho as gorjetas nesse boné, que — veja só — se enche de moedas.

— Qual é o seu nome?

— Alexis Zorba. Chamam-me pá de forno, de brincadeira, porque sou magro e de cabeça comprida. Mas

podem falar! Chamam-me ainda de Passa-tempo, pois durante algum tempo vendi caroços de abóbora torrados. E também de Míldio, por toda parte onde estive, pois parece que faço muitos estragos. Tenho ainda outros apelidos, mas isso fica para outra vez...

— E como aprendeu o santuri?

— Eu tinha vinte anos. Numa festa em minha aldeia, aos pés do Olimpo, ouvi pela primeira vez tocarem santuri. Fiquei sem fôlego.

Durante três dias nem pude comer. "O que há com você?", perguntou-me meu pai uma noite. "Quero aprender a tocar santuri!"

— "Não tem vergonha? Está pensando que é algum cigano? O que vai ser na vida, tocador de instrumentos?" — "Eu, o que quero mesmo, é aprender a tocar santuri!" havia guardado umas economias para me casar assim que pudesse. Era um garoto ainda, você sabe, um desmiolado. Tinha o sangue quente e queria me casar, pobre de mim. Então, dou o que tinha, dou o que não tinha, e compro um santuri. Este aqui. Com ele saio de casa, chego até Salônica, e vou a um turco, Retsep Effendi, um artista, o mestre do santuri.

Encontrando-o jogo-me a seus pés. "O que quer, pequeno rumi?"pergunta ele. — "Quero aprender a tocar santuri."-"e por isso se joga a meus pés?" — "Não por isso, mas porque não tenho um tostão para lhe pagar." — "então você também apanhou a febre do santuri?" —

"Sim."

— "Pois fique aqui, menino, não é preciso que me pague!"

— Fiquei estudando com ele durante um ano. Hoje já deve estar morto — se Deus deixa entrar cães em seu paraíso, pode abrir a porta para Retsep Effendi. E desde que aprendi a tocar santuri, transformei-me em outro homem. Quando estou triste, ou quando as coisas andam mal, toco santuri e fico alegre. Enquanto estou tocando, podem falar comigo que não escuto, e se escuto não respondo. Posso até querer fazê-lo, mas não adianta, não consigo!

— Mas, por que, Zorba?

— Ora, paixão!

A porta se abriu. O barulho do mar entrou de novo no café; tinha-se as mãos e os pés gelados. Enfiei-me ainda mais em meu canto, envolvendo-me no casacão; veio-me uma sensação beatífica.

"Aonde ir, pensei, se estou tão bem aqui? Possam esses minutos durar por muitos anos."

Olhei o estranho personagem diante de mim. Tinha os olhos fixos em mim, os pequenos olhos redondos negros, com veiazinhas na parte branca. Eu os sentia me trespassar e revistar, insaciáveis.

— Então? — disse — e depois?

Zorba ergueu de novo seus ombros ossudos.

— Deixe de lado — disse. — me dá um cigarro?

Dei. Tirou de seu colete uma pedra-de-fogo, uma mecha e acendeu. Seus olhos se entrefecharam satisfeitos.

— Você já foi casado?

— Sou homem — respondeu agastado. — sou homem, quero dizer, sou um cego. Eu também caí nesse poço, de cabeça para baixo como todo mundo. Casei-me. Mas não tive sorte. Virei chefe de família.

Construí uma casa. Tive filhos. Amolações. Mas, bendito seja o santuri!

— Você tocava em casa para espantar as amolações?

Não é isso?

— Ah! Meu amigo, vê-se bem que você nunca tocou um instrumento! Que ideia é essa? Em casa você tem amolações, a mulher, as crianças. Que é que vai se comer? Com quer roupa a gente vai se vestir? Que é que vai ser de nós? O inferno, em suma!

Nada disso; para o santuri, é preciso estar embalado, é preciso estar puro. Se minha mulher diz uma palavra a mais, como quer você que eu toque o santuri? Se as crianças querem comer e começam a chorar, lá se vai toda a vontade. Para se tocar santuri, a gente tem que se voltar todo para ele, e para nada mais, compreende?

Eu compreendia é que Zorba era o homem que eu buscava sem encontrar. Um coração vivo, uma boca voraz, uma grande alma bruta.

O sentido das palavras amor, arte, beleza, pureza e paixão — esse trabalhador rude esclarecia para mim com as palavras mais singelas do homem.

Olhava para essas mãos que sabiam manejar a picareta e o santuri — calejadas e esburacadas, deformadas e nervosas. Com precaução e ternura, como se estivessem despindo uma mulher, elas abriram a sacola e de lá tiraram um velho santuri polido pelos anos, com muitas cordas, guarnecido de cobre e marfim, com uma borla de seda vermelha. Os dedos grossos o acariciavam por inteiro, apaixonadamente, como se fosse uma mulher. Depois, guardaram de novo o instrumento como se cobrissem o corpo amado para que não sentisse frio.

— E aí está o meu santuri! — murmurou ele, fazendo-o repousar com precaução sobre a cadeira.

Os marinheiros agora faziam tilintar os seus copos, rindo às gargalhadas. O velho bateu com amizade nas costas do Capitão Lemoni.

— Teve muita sorte, não foi Capitão Lemoni? Diga lá se não é verdade! Você fez uma promessa a São Nicolau? Só Deus sabe quantas velas você prometeu a São Nicolau!

O Capitão franziu suas sobrancelhas espessas.

— Eu juro pelo mar, rapazes, que quando a vi a morte tão perto não pensei na Virgem Santa nem em São Nicolau! Voltei-me na direção de Salamina, pensei em minha mulher e gritei:

"Ah! Catarina, quem me dera estar na tua cama!"

Uma vez mais os marinheiros riram, e com eles o Capitão Lemoni.

— Vejam só, que animal estranho é o homem! — disse ele. — O Arcanjo da Morte com a espada sobre sua cabeça e ele só pensa nisso, exatamente nisso, em nada mais! Que o Diabo o carregue, porco!

Bateu palmas.

— Garçom, traga bebida para o pessoal!

Zorba escutava, suas grandes orelhas atentas. Virou-se olhou os marinheiros e depois a mim.

Nisso o que? — perguntou. — que diz ele?

Subitamente compreendeu, e teve um sobressalto.

— Bravos, velho! — disse em tom respeitoso. — esses marinheiros sabem o segredo. Talvez por que lutam dia e noite contra a morte.

Agitou no ar sua manopla.

— Bom — disse, — isso é outra história. Voltemos à nossa: eu fico ou vou-me embora? Decida.

— Zorba — disse eu, esforçando-me para não me atirar em seus braços. — Zorba, de acordo! Você vem comigo. Tenho linhita em Creta, você vigiará os operários. De noite, iremos nos deitar na praia... Não tenho no mundo nem mulher, nem crianças, nem cachorro... Comeremos e beberemos juntos. Depois, você tocará santuri...

— ... Se eu tiver vontade, você sabe, só se eu tiver vontade.

Trabalhar para você está certo, quando quiser. Sou homem seu. Mas o santuri é diferente. É um anima selvagem, e precisa de liberdade.

Se eu tiver vontade, eu toco e chegarei mesmo a dançar. E dançarei o zeimbekiko (dança dos Seimbeks tribo litorânea da Ásia Menor), o hassapiko (dança dos açougueiros), o pendozali (dança cretense dos guerreiros) — mas digo desde logo, só se eu tiver vontade. Bons entendimentos fazem bons amigos. Se você me forçar, acabou-se.

Para essas coisas, é preciso que você saiba, sou um homem.

— Um homem? O que quer dizer com isso?

— Pois bem, livre!

— Garçom — chamei! — Mais um rum!

— Dois runs! — gritou Zorba. — Você vai beber um também porque vamos brindar. Infusão e rum não dá bom brinde. Você vai tomar rum também, para regar nosso acordo.

Fizemos chocar os cálices. Agora já era dia. O navio apitava. O carregador que havia embarcado minhas malas me fez sinal.

— Que Deus nos acompanhe — disse ao me levantar. — vamos indo!

— ... E o Diabo — completou tranquilamente Zorba.

Abaixou-se, pôs o santuri sob o braço, abriu a porta e passou na frente.

Capítulo II

O mar, a doçura do outono, ilhas banhadas de luz, véu diáfano de garoa miúda que cobria a nudez imortal da Grécia. Feliz, pensei eu, do homem a quem o destino permitiu, antes da morte, navegar pelo Mar Egeu.

São muitos os prazeres desse mundo — as mulheres, as frutas, as ideias. Mas singrar esses mares, num outono suave, murmurando o nome de cada ilha; não há, estou certo, alegria maior que possa mergulhar o coração do homem no paraíso. Em nenhum lugar se passa tão suavemente da realidade ao sonho. As fronteiras se diluem, e os mastros do mais austero navio deitam ramos e cachos. Poder-se-ia dizer que na Grécia o milagre é a flor inevitável da necessidade.

Por volta do meio-dia a chuva havia parado, o sol rompeu as nuvens e apareceu, doce, fresco, lavado de novo, e acariciou com seus raios as águas e as terras amadas. Eu estava na proa e, olhando até o fundo do horizonte, embriagava-me com o milagre.

Sobre o navio os gregos, malandros, os olhos rapaces, os cérebros tumultuados como um bazar, a politiquice e as desavenças; um piano desafinado, megeras honestas e venenosas. O aspecto era de miséria provinciana. A vontade que se tinha era segurar o navio pelas pontas, mergulhá-lo no mar, sacudi-lo cuidadosamente até que saíssem todos os animais — homens, ratos e piolhos — e então recolocá-los sobre as ondas, limpo e vazio.

Mas, por um momento, tive compaixão. Uma compaixão de budista, fria como uma conclusão de silogismo metafísico. Compaixão não apenas pelos homens, mas por todo mundo que luta, grita, chora e espera, sem ver que tudo não passa de uma fantasmagoria do Nada. Compaixão pelos gregos e pelo barco, pelo mar e por mim, pela minha de linhita, pelo manuscrito de Buda, por todas essas vãs composições de sombra e de luz, que subitamente se agitam e sujam o ar puro.

Olhei Zorba, descomposto, acinzentado, sentado sobre um rolo de cordas na proa. Chupava um limão, e estendia sua grande orelha para ouvir uma discussão entre dois passageiros, um pelo rei e outro por Venizelos. Sacudia ele a cabeçorra e cuspia.

— Velharias! — murmurava ele com desprezo, — nenhum deles tem vergonha!

— Velharias? Que quer dizer com isso, Zorba?

— Todos esses, ora! Reis, democracia, deputados. Que palhaços.

Para Zorba, os acontecimentos, mesmo os contemporâneos, não eram mais do que velharias se ele já os tivesse ultrapassado dentro de si mesmo. Seguramente, segundo ele pensava, telégrafo, navio a vapor, estradas de ferro, a moral costumeira, pátria, religião, não eram senão velhas carabinas enferrujadas. Sua alma avançava e progredia bem mais rapidamente que o mundo.

As cordas rangiam os mastros, o navio jogava forte, e as mulheres estavam mais amarelas do que limões. Já haviam deposto suas armas — cremes, corpetes, grampos e travessas de cabelo. Seus lábios tinham empalidecido, suas unhas estavam azuladas. Velhas aves-do-paraíso estavam se deplumando; e as penas que haviam tomado por empréstimo caíam — fitas, falsos cílios, falsos pedaços de beleza, soutiens. E, ao vê-las às portas do vômito, sentia-se um certo asco e uma grande pena.

Zorba também ficou pálido, depois verde, e seus olhos brilhantes se embaçaram. Só lá pela tarde seu olhar animou-se.

Estendeu o braço e me mostrou dois delfins que nadavam aos saltos, rivalizando-se em velocidade com o navio.

— Delfins — disse ele, alegre.

Reparei então, pela primeira vez, que o indicador de sua mão esquerda era cortado quase pela metade. Assustei-me, tomado de um súbito mal-estar.

— Que houve com seu dedo, Zorba? — perguntei.

— Nada! — respondeu ele, zangado por eu não ter prestado suficiente atenção aos delfins.

— Foi apanhado por uma máquina? — insisti.

— Que máquina o quê! Eu mesmo cortei.

— Você mesmo? Por quê?

— Você não pode compreender, patrão! — disse ele, dando de ombros. — Já lhe disse que faço qualquer serviço. Uma vez fui oleiro.

Adorava esse trabalho. Sabe o que apanhar uma bola de lama e transformá-la no que você quiser? Prrrr! É só fazer girar o torno, e enquanto a lama gira como uma louca, você escolhe: vou fazer uma gamela, vou fazer um prato, vou fazer um pote, vou fazer tudo que eu quiser, com mil demônios! Isso é que é que é ser homem: liberdade!

Ele havia esquecido o mar, nem chupava mais o limão. Seus olhos brilhavam de novo.

— E então — perguntei, — e o dedo?

— Bem, ele me atrapalhava para girar o torno. Estava sempre se metendo nas coisas para estragar meus planos. Um belo dia apanhei a machadinha...

— E não doeu?

— Como não doeu? Eu não sou de pedra, sou homem, é claro que doeu. Mas estou lhe dizendo, ele me atrapalhava e eu o cortei.

O sol se deitou, o mar amansou um pouco e as nuvens se dispersaram. A estrela da noite brilhou. Olhei o mar, o céu, e pus-me a pensar... Amar assim alguma coisa, a ponto de tomar a machadinha, cortar-se e sentir a dor... Mas guardei minha emoção.

— Mau sistema esse, Zorba! — disse eu sorrindo. — faz-me lembrar uma história que consta da Lenda Dourada. Um dia, um ermitão viu uma mulher a quem desejou. Então, apanhou um machado...

— Imbecil! — interrompeu-me Zorba, adivinhando o que eu ia dizer. — cortar logo isso! Que idiota! Isso nunca foi obstáculo!

— Como não! — disse eu. — um grande obstáculo, até!

— Obstáculo para quê?

— Obstáculo à sua entrada no reino dos céus.

Zorba me olhou de lado, com um ar brincalhão.

— Mas, que tolice — disse ele, — isso é justamente a chave do paraíso!

Ergueu a cabeça e olhou-me com atenção, querendo adivinhar minhas ideias sobre vida futura, reino dos céus, mulheres e padres.

Mas pareceu não ter podido adivinhar muito, pois balançou com circunspecção sua grande cabeça grisalha.

— Os aleijados não entram no paraíso! — disse ele, e se calou.

Fui deitar-me em minha cabina e peguei um livro: Buda governava ainda meus pensamentos. Li o Diálogo de Buda e o Pastor, que nos últimos tempos me enchia de paz e segurança.

O Pastor — Minha refeição está pronta, minhas ovelhas cuidadas. À porta de minha cabana está passando o ferrolho, e meu fogo está aceso. E tu, céu, podes chover quando quiseres!

Buda — não preciso mais nem de comida nem de leite. Os ventos são meu teto, meu fogo se apagou. E tu

céu, podes chover quando quiseres!

O Pastor — tenho bois, tenho vacas, tenho os pastos de meu pai, e um touro para cobrir minhas vacas. Eu tu, céu, podes chover quanto quiseres!

Buda — não tenho bois nem vacas. Não tenho pastos. Não tenho nada. Não tenho medo de nada. E tu céu, podes chover quanto quiseres!

O Pastor — tenho uma pastora dócil e fiel. Há alguns anos ela é minha mulher, e sinto-me feliz em brincar com ela à noite. E tu, céu, podes chover quando quiseres.

Buda — tenho uma alma dócil e livre. Há alguns anos eu a exercito e ensino-lhe a brincar comigo. E tu céu, podes chover quando quiseres.

Essas duas vozes falavam ainda quando veio o sono. O vento se tinha levantado de novo, e as ondas quebravam sobre a escotilha de vidro grosso. Eu vagava como fumaça entre a vigília e o sono. Uma violenta tempestade caiu, os prados escureceram, os bois, as vacas e o touro foram tragados. O vento arrancou o telhado da cabana e o fogo apagou-se. A mulher deu um grito e caiu morta na lama. E o pastor começou a lamentar-se; ele gritava, eu não entendia o que dizia, mas ele gritava; e eu mergulhava cada vez mais no sono, deslizando como um peixe no mar.

Quando acordei, ao nascer do dia, a grande ilha senhorial estendia-se à nossa direita, altiva e selvagem. As montanhas, de uma rosa pálida, sorriam por trás da bruma sob um sol de outono. Em torno de nós o mar, de um azul brilhante, se agitava ainda inquieto.

Zorba, enrolado num coberto marrom, olhava para Creta insaciavelmente. Seu olhar vagava da montanha para a planície, depois costeava a praia, explorando-a como se todas essas terras e mares lhe fossem familiares, e como se lhe fosse agradável acariciá-los de novo em pensamento.

Aproximei-me dele e toquei seu ombro:

— Positivamente, não é esta a primeira vez que você vem a Creta, Zorba! — disse-lhe. — você olha para ela como se fosse uma velha amiga.

Zorba bocejou como quem se aborrece. Senti que ele não estava disposto a iniciar uma conversa.

Sorri.

— Não quer conversa, Zorba?

— Não é que não queira, patrão — disse ele. — mas me custa...

— Custa? Por quê?

Não respondeu logo. De novo passeou seu olhar lentamente pelas praias. Ele havia dormido no tombadilho, e seus cabelos grisalhos e crespos estavam úmidos de orvalho. Todas as rugas profundas de suas faces, as do queixo e do pescoço, estavam iluminadas até o fundo pelo sol que se erguia.

Enfim, os grossos lábios pendentes como os de um bode se mexeram.

— De manhã demoro a abrir boca. Custa-me muito, desculpe.

Ele se calou e, de novo, fixou seus pequenos olhos redondos sobre Creta.

O sino soou, chamando para o café. Rostos amassados, de um amarelo esverdeado, começaram a surgir das cabinas. Mulheres de coques desfeitos se arrastavam, titubeantes, de mesa em mesa.

Cheiravam a vômito e água-de-colônia, e tinham o olhar vago, aterrorizado e imbecil.

Zorba, sentado à minha frente, bebericava voluptuosamente seu café. Besuntava seu pão com manteiga e mel e comia. Seu rosto pouco a pouco clareou, suas feições se compuseram, os traços de sua boca se adoçaram. Olhava-o disfarçadamente, enquanto ele saía lentamente do sono que o envolvia como uma luva e seus olhos brilhavam cada vez mais.

Ele acendeu um cigarro, tragou com prazer e, de suas narinas peludas, expulsou nuvens de fumaça azulada. Dobrou sua perna direita sob o corpo, acomodando-se à oriental. Agora era-lhe mais fácil falar.

— Se esta é a primeira vez que venho a Creta? — começou ele... (Fechou ao meio seus olhos e olhou ao longe, pela escotilha, o Monte Ida que se esfumava atrás de nós). — não, não é a primeira vez. Em 1896, eu já era homem feito. Meu bigode e meus cabelos eram de sua cor verdadeira, negros como um corvo. Tinha ainda meus trinta e dois dentes, e quando me dava fome comia primeiro a comida e depois o prato. Mas, exatamente

nesse tempo, quis o Diabo que estourasse uma revolução em Creta. Eu era então um mascate na Macedônia. I de aldeia em aldeia, vendendo miudezas, e em vez de dinheiro pedia em pagamento queijo, lã, manteiga, coelhos, milho; depois revendia tudo isso e ganhava em dobro. À noite, não importa em que aldeia chegasse, sabia onde me alojar. Em todas as aldeias há sempre uma viúva complacente. Eu lhe dava um carretel, uma travessa de cabelo, ou um lenço — tinha que ser preto, por causa do falecido — e dormia com ela. Não era caro! Nada cara a boa vida, patrão. Mas, como eu dizia, eis que Creta entra de novo em pé de guerra. Bah! Porcaria d vida! Disse comigo mesmo. Essa Creta não nos deixará nunca em paz. Ponho de lado os carretéis e as travessas pego um fuzil, junto-me a um grupo e tocamos para Creta.

Zorba se calou. Costeávamos agora uma baía arredondada com uma praia ao fundo, tranquila. As ondas desciam lentamente, sem se quebrar, e depositavam apenas uma leve espuma ao longo da faixa de areia. As nuvens se haviam dispersado, o sol brilhava e Creta, áspera, sorria, acalmada.

Zorba se voltou e me lançou um olhar brincalhão.

— Então você acredita, patrão, que eu vá agora fazer contas das cabeças turcas que cortei, e das orelhas turcas que guardei em álcool — é esse costume de Creta... Pois bem, não direi nada! Isso me aborrece e me envergonhada. Que raiva era essa, pergunto-me agora que tenho um pouco de miolo na cabeça, que raiva era essa? A gente se atira sobre um homem que não nos fez nada, morde, corta seu nariz, arranca-lhe as orelhas, abre sua barriga e tudo isso pedindo a ajuda de Deus. Quer dizer, pede-se a Ele que também corte narizes e orelhas e abra barrigas.

— Mas, naquela época, você sabe, tinha o sangue quente. Não ficava dissecando o problema. Para pensar justa e honestamente o que é preciso é calma e idade, e não dentes. Quando não se tem mais dentes é fácil dizer: "Que vergonha, não mordam!" Mas, quando se tem trinta e dois dentes... O homem quando é jovem e um animal feroz; sim, patrão, um animal feroz que devora os homens!

Balançou a cabeça.

— Ele come também carneiro, galinha, porco, mas se ele não devora um homem, ele não se satisfaz.

Acrescentou, esmagado o cigarro no pires de sua xícara de café:

— Não, ele não se satisfaz. Que diz de tudo isso, grande sábio?

Mas, sem esperar resposta:

— Que pode você dizer — falou ele, pesando-me com seu olhar...

— ao que sei vossa senhoria nunca teve fome, nunca matou, nunca roubou, nunca dormiu com a mulher do outro. Portanto, o que pode saber do mundo? Miolo de inocente, pele que não conhece o sol... — murmurou com desprezo evidente.

E eu tive vergonha de minhas mãos delicadas, de meu rosto pálido, e de minha vida não respingada de sangue e de lama.

— Está bem! — disse Zorba, passando sua pesada mão pela mesa, como se estivesse apagando alguma coisa com uma esponja. — está bem! Mesmo assim, queria perguntar-lhe uma coisa. Você deve ter folheado muitos livros, talvez você saiba...

— Diga Zorba, o quê?

— É engraçado, patrão... É muito engraçado, e isso me desorienta. Essas patifarias, roubos, carnificinas que cometemos, nós os rebeldes, trouxeram o príncipe George a Creta. A liberdade!

Ele me olhou com olhos arregalados, estupefatos.

— É um mistério — murmurou. — um grande mistério! Então, para que a liberdade chegue ao mundo são necessárias tantas mortes e patifarias? Se eu lhe contasse agora os crimes e enormidades que se cometem, você ficaria com os cabelos em pé. E, no entanto, qual foi o resultado de tudo isso? A liberdade! Não compreendo mais nada!

Olhou-me como quem pedisse socorro. Era evidente que esse problema o atormentava, a ponto de não poder mais suportá-lo.

— Você compreende, patrão? — perguntou com angústia.

Como compreender? O que responder? Ou aquilo a que chamamos Deus não existe; ou aquilo a que

chamamos crimes e enormidades é necessário à libertação do mundo...

Esforcei-me em encontrar para Zorba uma explicação simples.

— Como uma flor pode germinar e crescer sobre o lixo e o esterco? Pode-se dizer, Zorba, que o homem é o lixo e o esterco, e que a liberdade é a flor.

— Mas, a semente? — disse Zorba batendo na mesa com o punho fechado. — para que a flor possa nascer, é preciso à semente. E quem botou uma semente como à liberdade em nossas entranhas sujas? E por que essa semente não floresce com a bondade e a retidão? Por que precisa do sangue e do lixo?

Balancei a cabeça.

— Não sei — disse-lhe.

— Quem sabe, então?

— Ninguém.

— Mas então — gritou Zorba em desespero, olhando

selvagemente em torno de si, — para que servem esses navios, essas máquinas, esses colarinhos?

Dois ou três passageiros maltratados pelo mar, que bebiam seu café em uma mesa próxima, se animaram. Haviam pressentido uma discussão, e passaram a acompanhá-la.

Isso não agradou a Zorba, que baixou a voz.

— Deixemos isso tudo de lado — disse ele. — quando eu penso nisso tenho vontade de quebrar tudo que estiver ao alcance de minha mão: cadeira, lampião, ou mesmo a minha cabeça na parede mais próxima. E, depois, que terei conseguido? O Diabo que me carregue!

Pago os estragos que fiz, ou vou para a farmácia para enrolarem minha cabeça em ataduras. E se o bom Deus existe mesmo, ainda será pior: estamos fritos! Deve olhar para mim das alturas e torcer-se de rir.

Sacudiu a mão como para espantar uma mosca inoportuna.

— Enfim! — disse ele aborrecido. — o que eu queria dizer é o seguinte: quando o navio real chegou, todo paramentado, e começaram as salvas de canhão, e o príncipe botou o pé em Creta...

Você já viu alguma vez o povo inteiro enlouquecer ao reencontrar sua liberdade? Não? Eh! Então, pobre patrão meu, você nasceu cego e vai morrer cego. Pois mesmo que eu viva mil anos, e mesmo que não sobre de mim senão uma posta de carne viva, não esquecerei jamais o que vi naquele dia. E se cada homem pudesse escolher seu próprio paraíso no céu, de acordo com seus gostos — e é assim que deveria ser: é isso que eu chamo paraíso — eu diria ao bom Deus: "Senhor, quero como meu paraíso uma Creta pavimentada de flores e coberta de bandeiras defraudadas, e que dure por séculos o minuto em que o príncipe George pousou seu pé em terras de Creta. Isso me basta."

Zorba, calou-se de novo. Ajeitou seus bigodes, encheu um copo de água gelada até transbordar e tomou-o de um só gole.

— O que passou em Creta, Zorba? Conte-me!

— Não adianta ficarmos agora a fazer frases — disse Zorba enervado. — basta que eu diga que esse mundo é um mistério e que o homem não é outra coisa senão uma grande fera. Uma grande fera e um grande Deus. Um imbecil que havia vindo da Macedônia para juntar-se aos rebeldes, Yorga chamava-se ele, e era um porco imundo. Pois bem, ele se põe a chorar, por que está chorando, maldito Yorga? Pergunto-lhe, chorando eu também como uma cascata. Por que está chorando, porco? E ele se atira sobre mim, chorando como criança, e me dá dois beijos. Depois, esse grande patife tira sua bolsa, derrama sobre seus joelhos as moedas de ouro que havia roubado aos turcos, e joga-as para o ar, em punhados.

Você compreende, patrão, isso é que é liberdade!

Levantei-me e subi ao tombadilho para sentir o vento áspero do mar castigar-me as faces.

Isso é que é liberdade, pensei eu. Ter uma paixão, acumular moedas de ouro e, subitamente, vencer a paixão e espalhar seu tesouro aos quatro ventos. Libertar-se de uma paixão para servir a outra, mais nobre. Mas isso também não é uma forma de escravatura? Sacrificar-se por uma ideia, por sua raça, por Deus? Ou será que quanto mais alto está o patrão, mais longa se torna a corda da escravatura? O escravo pode então agitar-se em uma arena mais espaçosa, e morrerá sem nunca ter encontrado a corda. Será isso então que chamamos

liberdade?

No fim da tarde chegamos à nossa praia arenosa. Uma areia branca muito fina, loureiros ainda floridos, figueiras, outras árvores e, mais longe, à direita, uma pequena montanha baixa e cinzenta, sem uma árvore, parecendo vagamente um perfil feminino. E abaixo de seu queixo, sobre seu pescoço, estavam os veios escuros da linhita.

Um vento de outono soprava, as nuvens embrulhadas passavam lentamente e adoçavam as formas da terra cobrindo-as de sombra. Outras subiam aos céus, ameaçadoras. O sol cobria-se e descobria-se, e a terra iluminava-se ou escurecia-se como uma face viva e perturbada.

Parei um instante sobre a areia e olhei. A solidão se estendia diante de mim, triste e fascinante como o deserto. O poema budista subiu do solo e insinuou-se dentro de meu ser. "Quando enfim, retirar-me-ei à solidão, só, sem companheiros, sem alegrias ou tristezas, apenas com a certeza santificada de que tudo não é senão sonho? Quando, coberto apenas de farrapos — sem desejos — poderei retirar-me alegremente para a montanha? Quando, vendo que meu corpo não é senão doença e crime, velhice e morte — livre, sem medo, cheio de alegria — poderei retirar-me para a floresta? Quando? Quando? Quando?"

Zorba aproximou-se, santuri embaixo do braço.

— Lá está a linhita! — disse-lhe para esconder minha emoção. E estendi o braço em direção à colina que parecia mulher.

Mas Zorba franziu a testa sem se voltar: — Mais tarde, patrão; não chegou a hora — disse ele. — Primeiro a terra precisa parar. Ele está mexendo ainda, em nome do cão! A miserável mexe ainda, como a proa de um barco. Vamos depressa para a aldeia.

E partiu a passos largos.

Dois moleques descalços, bronzeados como pequenos felás, correram a pegar as malas. Um gordo guarda alfandegário, de olhos azuis, fumava um narguilé no barracão que fazia às vezes de alfândega. Ele nos espiou com o canto dos olhos, escorregou um olhar madraço sobre as malas, e mexeu-se em sua cadeira como para levantar-se. Mas, não teve coragem. Ergueu lentamente o bocal de seu narguilé.

— Sejam bem-vindos! — disse ele num tom sonolento.

Um dos moleques aproximou-se de mim. Piscou os olhos negros, que mais pareciam azeitonas:

— Ele não é cretense! — disse. — É um tolo!

— Os cretenses não são tolos, são?

— São sim... São sim... — respondeu o pequeno cretense. — Mas, de outra maneira...

— A aldeia é longe?

— Que nada! Ao alcance de uma espingarda! Veja, atrás dos jardins, naquela depressão do terreno. Uma bela aldeia, patrão. Uma terra muito boa. Tem abóboras, ervilhas, chicória, azeite e vinho. E mais além, na areia crescem os pepinos e melões mais precoces de Creta. É o vento da África que os faz inchar. Deitando-se num canteiro você os poderá ouvir estalar crr! Crr! Crescendo durante a noite.

Zorba ia à frente, andando um pouco de lado. A cabeça ainda rodava.

— Coragem, Zorba! — gritei — nós escaparemos desta, não tenha medo!

Andávamos depressa. O solo era uma mistura de areia e conchas. De tempos em tempos, um tamarineiro, uma figueira selvagem, uma moita de bambus, framboesas amargas. O tempo ia piorando. As nuvens desciam cada vez mais, e o vento começava a soprar.

Estávamos em frente a uma grande figueira, com o tronco quase que partido, torturado, que demonstrava nos espaços ocos sua idade. Um dos moleques parou. Com um movimento do queixo apontou-me a velha árvore.

— A figueira da donzela! — disse ele.

Assustei-me. Em Creta, cada pedra, cada árvore, tem a sua história trágica.

— Da donzela? Por quê?

— No tempo de meu avô, a filha de um notável da aldeia apaixonou-se por um pastor. Seu pai não queria o casamento; e a moça chorava e gritava, suplicando-lhe. Mas o velho não mudava de ideia! E um dia os dois

desapareceram, o pastor e a moça. Saíram em busca deles, e por dias, e depois semanas, ninguém os encontrou!

Mas os cadáveres começaram e cheirar mal e então, seguindo o mau cheiro, foram encontrá-los abraçados num buraco que existe entre as raízes da figueira. Você entende, eles foram descobertos pelo fedor.

O menino ria. E comecei a ouvir os barulhos da aldeia: os cães se puseram a latir, mulheres conversavam, os galos anunciavam a mudança do tempo. No ar flutuava o cheiro de aguardente de uva que saía dos tachos conde se destilava o raki.

— Lá está a aldeia! — gritavam os moleques, tomando novo alento.

Uma vez contornada a duna de areia, a pequena aldeia surgiu, subindo a encosta de uma suave elevação do terreno. Casas baixas com terraços na cobertura, caiadas de branco, coladas uma a outra; e as janelas eram como manchas pretas, fazendo as casas parecerem crânios esbranquiçados incrustados na pedra.

Aproximei-me de Zorba.

— Presta atenção, Zorba! — recomendei-lhe em voz baixa, porte-se bem agora, que vamos entrar na aldeia. Eles não podem ter dúvidas sobre nós, Zorba! É preciso que pareçamos sérios homens de negócios; eu c patrão e você o contramestre. Os cretenses, você sabe, não perdem tempo. Desde que eles veem alguém acham logo o ponto fraco e põe o apelido certo. E nunca mais é possível livrar-se dele. Você fica como um cachorrinho a quem se amarrou uma caçarola no rabo.

Zorba passou a mão no bigode e mergulho em meditação.

— Olhe, patrão — disse enfim, — se houver uma viúva nessas bandas, não há razão para medo. Se não houver...

Nesse momento, à entrada da aldeia, uma mendiga coberta de farrapos surgiu de mão estendida. Curtida pelo sol, imunda, com um pequeno buço negro e espesso.

— Ei! Compadre! — gritou ela a Zorba. — Ei! Compadre! Tens alma?

Zorba parou.

— Tenho sim — respondeu com seriedade.

— Então me dá cinco dracmas!

Zorba tirou do bolso uma carteira de couro, velha, quase desfeita.

— Tome! — disse ele.

E um sorriso abriu-se nos seus lábios ainda amargos. Ele se virou.

— Pelo visto — disse, — não é caro aqui: cinco dracmas por alma!

Os cães da aldeia precipitaram-se sobre nós, as mulheres debruçaram-se dos terraços, as crianças atrapalhavam-se a marcha num falatório sem fim. Umas gritavam, outras imitavam a buzina de automóveis, outras nos ultrapassavam para olhar-nos com grandes olhos extasiados.

Chegamos à praça da aldeia: dois imensos olmos brancos, cercados de troncos grosseiramente talhados para servirem de bancos. Em frente o café, encimado por uma vasta placa desbotada:

"Bar e Açougue Pudor".

— De que está rindo, patrão? — perguntou Zorba.

Mas não tive tempo de responder. Da porta do bar saíram cinco ou seis colossos, usando largas calças azul-marinho e faixas vermelhas na cintura.

— Sejam bem-vindos, amigos! — gritaram. — deem-nos o prazer de entrar e tomar um raki. Está quente ainda, acabou de sair do tacho.

Zorba estalou a língua.

— O que acha, a patrão?

Virou-se para mim e piscou o olho.

— Tomamos um?

Tomamos um, que nos queimou a garganta. O dono do bar, um velho espigado, bem conservado e lesto, nos trouxe cadeiras.

Perguntei onde poderiam ficar.

— Vá para a casa da Madame Hortência — gritou alguém.

— Uma francesa? — perguntei surpreendido.

— Ela vem do outro lado do mundo. Andou na vida, por aqui e por ali, e quando ficou velha veio dar com os costados aqui, onde abriu um albergue.

— Ela também vende bombons! — completou um menino.

— Ela bota pó-de-arroz e se pinta! — gritou um outro. — tem uma fita no pescoço, e tem um papagaio também.

— Viúva? — perguntou Zorba — ela é viúva?

Ninguém respondeu.

— Viúva? — insistiu ele, de água na boca.

O dono do bar afagou com as mãos sua espessa barba grisalha.

— Quantos fios tem essa barba, meu amigo? Quantos? Pois bem, esse é o numero de maridos dos quais ela é viúva. Entendeu?

— Entendi — respondeu Zorba, lambendo os beiços.

— E ela ainda pode fazer-lhe viúvo.

— Cuide-se, amigo! — gritou um velho, e todos puseram-se a gargalhar.

O dono do bar reapareceu, trazendo numa bandeja o que nos oferecia: pão, queijo de cabra, pêras.

— Vamos, deixem-no tranquilo! — disse. — a Madame não serve.

Eles ficaram em minha casa.

— Eles vão é comigo, Kondomanolio! — disse o velho. — não tenho filhos, minha casa é grande e tem lugar.

— Perdão, tio Anagnosti — gritou o dono do bar, debruçando-se sobre a cabeça do velho. — eu falei primeiro.

— Você fica com o outro — disse o velho Anagnosti. — eu levo o velho.

— Que velho? — perguntou Zorba, já zangado.

— Nós preferimos ficar juntos — disse eu fazendo um sinal a Zorba para que não se zangasse. — nós vamos para a casa da Madame Hortência...

— Sejam bem-vindos, sejam bem-vindos!

Uma mulher baixota, gorducha, saltitante, os cabelos desbotados, já cor de palha, apareceu sob as árvores, rebolando-se sobre as pernas tortas, de braços estendidos. Um sinal de beleza, eriçado de pêlos duros, ornava-lhe o queixo. Usava uma fita de veludo vermelha em volta do pescoço, e suas faces sem brilho estavam coberta por um pó-de-arroz cor de violeta. Um cacho de cabelo solto balançava-se sobre sua testa, e fazia lembrar Sara Bernhardt, já velha, representando L'Aiglon.

— Encantado em conhecê-la, Madame Hortência! — respondi-lhe preparando-me para beijar a mão levado por um súbito bom humor.

A vida de repente começou a parecer-me um conto, uma comédia de Shakespeare; por exemplo. A Tempestade. Tínhamos acabado de chegar, encharcados pelos naufrágio imaginário.

Explorávamos praias desconhecidas, saudando cerimoniosamente os moradores do lugar. Essa Dona Hortência fazia o papel de rainha da ilha, uma espécie de foca loura e luzidia que tivesse encalhado, já meio apodrecida, perfumada e bigoduda, nessa praia. Atrás dela, com suas múltiplas cabeças, Caliban, o povo, olhando-a com altivez e desprezo.

Zorba, príncipe disfarçado, contemplava-a também, olhos bem abertos, como se a uma antiga companheira, velha fragata que combatera em mares distantes, ora vitoriosa, ora derrotada, com o casco furado, mastros quebrados, velas rasgadas — e que, agora, remendando-se com cremes e pós, se havia aposentado nesta costa e esperava. Seguramente esperava por Zorba, o capitão das mil aventuras. E foi para mim um prazer ver esses dois comediantes se encontrarem, enfim, nesse cenário cretense, apenas colocado sobre o palco e esboçado em largas pinceladas.

— Duas camas, Madame Hortência! — disse eu, inclinando-me diante da velha comediante do amor. — duas camas sem piolhos...

— Piolhos não, oh, não, piolhos não! — escandalizou-se ela, fazendo-me um olhar provocante.

— Tem sim, tem sim! — zombaram as bocas de Caliban.

— Não tem não! Não tem não! — insistiu ela, batendo nas pedras com o pé gordinho, calçadas em grossas meias azul-claro. Usava sapatilhas desbeiçadas, enfeitadas com um pequeno laço de seda.

— Uh! Uh!, Que o Diabo te leve, prima donna! — gargalhou ainda Caliban.

Mas Madame Hortência, cheia de dignidade, já se havia posto em movimento, e nos indicava o caminho Cheirava a pó-de-arroz e sabonete barato.

Zorba ia atrás dela, devorando-a com os olhos.

— Olha só, patrão — confiou-me. — como ela rebola, a miserável!

Parece essas ovelhas que têm o rabo gordo!

Duas ou três gotas caíram, e o céu escureceu. Relâmpagos azuis abalaram a montanha. Meninas embrulhadas em suas pequenas capas brancas de pêlo de cabra traziam apressadamente do pasto à cabra e o bode da família. As mulheres, acocoradas em frente das lareiras, acendiam o fogo da noite.

Zorba mordeu nervosamente o bigode, sem deixar de olhar o traseiro ondulante da Madame.

— Um! — murmurou suspirando. — Nessa raio de vida nunca faltam às surpresas!

Capítulo III

Velhas cabinas de banho, coladas umas às outras, compunham o pequeno albergue de Madame Hortência. A primeira cabina era a lojinha; ali encontravam-se bombons, cigarros, amendoins, pavios de lampião, cartilhas, velas e benjoim. Quatro outras cabinas em fila formavam os dormitórios. Atrás, no pátio, ficava a cozinha, o tanque, o galinheiro e as coelheiras. Em toda a volta, plantados na areia fina, bambus e figueiras da Barbaria. O conjunto estava impregnado do cheiro da maresia, esterco e urina. De vez em quando passava Madame Hortência e o ar mudava — como se tivessem derramado a seu lado as essências e as loções de uma barbearia.

Leitos prontos, deitamo-nos e dormimos pesadamente até o dia seguinte. Não me lembro do sonho que tive, mas me levantei disposto como se estivesse saindo de um banho de mar.

Era domingo, e os trabalhadores deviam vir no dia seguinte, das aldeias próximas, para começar o trabalho da mina. Tinha, portanto, tempo para dar uma volta e ver sobre que praias me havia jogado a sorte. A madrugada acabava de raiar quando saí. Passei os jardins, e acompanhei a praia; travei apressadamente relações com a água, a terra e o ar das redondezas; colhi plantas selvagens e minhas mãos ganharam logo o cheiro da salsa, da erva-doce, da hortelã.

Subi a uma elevação e olhei à volta. Uma paisagem austera, de granito e pedra dura. Árvores sombrias, oliveiras prateadas, figueiras e vinhedos. Em partes mais defendidas, pomares com laranjeiras, limoeiros e nespereiras; perto do mar, as hortas. Ao sul, o mar ainda irritado, imenso, vindo das costas africanas, barulhento, lançava-se rosnando de encontro a Creta. Pertinho uma ilhota baixa, arenosa, pintada de um tom rosa, virginal sob os primeiros raios.

Essa paisagem cretense parecia assemelhar-se à boa prosa: bem trabalhada, sóbria, sem riquezas supérfluas, possante e contida.

Expressava o essencial com os meios mais simples. Não brincava, e recusava-se a utilizar qualquer artifício. Dizia o que tinha a dizer com uma austeridade viril. Mas, entre as linhas severas, distinguia-se uma sensibilidade e ternura inesperadas; nas partes mais defendidas os limoeiros e laranjeiras recendiam, e mais longe, do mar infinito, emanava uma inesgotável poesia.

— Creta — murmurei, — Creta... — e meu coração batia.

Desci da pequena colina e retomei a praia. Meninas alegres apareceram, mantilhas brancas como a neve, altas botas amarelas, saias enfunadas; iam à missa no monastério que se via ao longe, estonteante de brancura,

à beira-mar.

Parei. Desde que me viram, seus risos se apagaram. Seus rostos, ao ver um homem estranho, se fecharam Da cabeça aos pés seus corpos se puseram na defensiva, e seus dedos se cruzavam sobre os corpetes estreitamente abotoados. Seus corações se apressaram. Sobre todas as costas cretenses voltadas para a África os corsários fizeram durante séculos incursões repentinas, destruindo rebanhos, mulheres, crianças. Eles se amarravam com seus cinturões vermelhos, jogavam-nas aos porões e levantavam-nas para vender na Argélia, em Alexandria ou Beirute. Durante séculos, nesse litoral cheio de tranças negras, o mar fez ecoar os prantos. V aproximaram-se as meninas ariscas, coladas umas às outras como para formar uma barreira intransponível. Movimentos seguros, indispensáveis nos séculos passados, e que voltavam hoje sem razão, seguindo o ritmo de uma necessidade já desaparecida.

Quando cruzamos, afastei-me tranquilamente e sorri.

Imediatamente, como se percebessem de repente que o perigo passara há séculos — acordando subitamente na nossa época de segurança — seus rostos se iluminaram, a frente de combate em fileira cerrada espaçou-se, e todas elas a um só tempo me disseram bom dia com vozes alegres e límpidas. Nesse minuto, os sinos do monastério, felizes e brincalhões, encheram o ar com sua alegria.

O sol já ia alto, o céu estava limpo. Acomodei-me entre os rochedos, aninhado como uma gaivota em seu buraco, e contemplei o mar. Sentia meu corpo cheio de forças, fresco e dócil. E meu espírito, acompanhando c movimento das ondas, tornou-se ele mesmo uma onda e submeteu-se ao ritmo do mar.

Pouco a pouco meu coração enchia-se. Vozes obscuras subiam dentro de mim, imperiosas e suplicantes Sabia quem chamava.

Bastava que eu ficasse a sós um instante para que ele gritasse em mim, angustiado por pressentimentos horríveis, de pavores loucos, de exaltações, e esperava de mim o parto.

Abri rapidamente o Dante, o "companheiro de viagens", para não ouvir e calar o terrível demônio Folheava, lia um verso aqui, outro lá, vinha-me à cabeça o canto inteiro e, dessas páginas ardentes, saíam uivando os condados. Mais alto, almas feridas esforçavam-se em escalar uma alta e escarpada montanha. Mais alto ainda, vagavam em planícies de esmeraldas as almas dos bem-aventurados, como brilhantes vaga-lumes. Ia e vinha de alto a baixo no terrível edifício do destino, circulava à vontade no Inferno, no Purgatório e no Paraísc como em minha própria casa. Sofria, aguardava ou desfrutava da beatitude, deixando-me levar pelos versos maravilhosos.

De repente fechei o Dante e olhei ao largo. Uma gaivota, deitada sobre uma onda, subia e descia com ela saboreando feliz a grande volúpia do abandono. Um jovem bronzeado surgiu à beira da água, descalço e cantando cantigas de amor. Talvez compreendesse ele o sofrimento que expressavam, pois sua voz começava a enrouquecer como a de um jovem galo.

Durante anos, séculos, os versos de Dante eram cantados assim na terra do poeta. E como as canções de amor preparam os rapazes e moças para amar, os ardentes versos florentinos preparavam os efebos italianos para a luta pela libertação. Todos, de geração em geração, comungavam com a alma do poeta, fazendo de sua escravatura a liberdade.

Ouvi um riso atrás de mim. Despenquei-me de uma vez só dos píncaros dantescos, voltei-me e vi Zorba em pé, rindo com todo o rosto.

— Que modos são esses, patrão? — gritou ele — há horas estou a sua procura, mas de onde desencravá-lo?

E, como me visse silencioso, imóvel:

— Já passa de meio-dia — gritou ele, — a galinha está no ponto; se continua no fogo vai se desmanchar toda, pobrezinha! Está me ouvindo?

— Ouvi, mas não tenho fome.

— Não tem fome, essa é boa! — Zorba disse, batendo com ruído nas coxas. — você não comeu nada desde manhã. É preciso cuidar também do corpo, tenha pena dele! Dê-lhe de comer, patrão, dê-lhe de comer; é o nosso burrico, você sabe. Se você não o alimenta, um belo dia ele irá largá-lo no meio da estrada.

Há anos eu desprezava as alegrias da carne, e, se fosse possível, teria comido escondido, como se fosse uma ação feia. Mas, para que Zorba não se pusesse a resmungar:

— Está bem — disse, — já vou.

Fomos em direção da aldeia. As horas sobre o rochedo haviam passado como horas de amor, rápidas como o relâmpago. Sentia ainda sobre mim o sopro inspirado do florentino.

— Estava pensando na linhita? — perguntou Zorba com alguma hesitação.

— Em que queria você que eu pensasse? — respondi-lhe rindo. — amanhã começamos o trabalho. Era preciso fazer uns cálculos.

Zorba olhou-me com o canto do olho. Vi que ele ainda uma vez me pesava, sem saber se devia acreditar ou não.

— E qual o resultado dos cálculos? — perguntou de novo, aprofundando-se no assunto com prudência.

— Que dentro de três meses devemos estar extraindo dez toneladas de linhita por dia para cobrir as despesas.

Zorba olhou-me ainda, mas desta vez com inquietação. Logo depois:

— E por que Diabos você foi para a praia para fazer cálculos?

Desculpe-me, patrão, lhe pergunto isso, mas é que não entendo. Eu, quando vou lidar com cifras, a vontade que tenho é de abrir um buraco no cão e me enfiar nele, para não ver nada em volta de mim.

Se levanto os olhos e vejo o mar, ou uma árvore, ou uma mulher, até uma velha, lá se vão os cálculos e as porcarias das cifras desaparecendo a galope. Até parecem que nascem asas neles!...

— A culpa é sua Zorba! — disse para implicar. — você não tem é força para se concentrar.

— Não sei não, patrão. Isso depende. Há casos em que nem o sábio Salomão... Veja, um dia passei numa aldeia. Um velho de noventa anos estava plantando uma amendoeira. "Ei, avozinho, disse eu. Estás plantando uma amendoeira?" e ele, curvado com estava, vira-se e me diz: "meu filho, eu faço as coisas como quem não vai morrer nunca." E eu lhe respondo: "Pois eu as faço com se estivesse para morrer a cada instante." Quem de nós tinha razão, patrão?

— É nessa que eu te pego — disse.

Calei-me duas trilhas igualmente íngremes e ousadas podem levar ao mesmo cume. Agir como se a morte não existisse e agir pensando na morte a cada instante é talvez a mesma coisa. Mas quando Zorba me perguntou eu não sabia.

— E então? — perguntou Zorba com malícia. — não se importe, patrão, não tem saída mesmo. Falemos de outra coisa. Eu, neste momento, penso em almoçar, na galinha, no arroz com canela, e meu cérebro solta fumaça como o arroz. Amanhã, a linhita estará diante de nós; e o nosso pensamento será linhita. Nada de mais medidas, certo?

Entramos na aldeia. As mulheres estava sentadas às portas das casas e tagarelavam; os velhos, apoiados em seus bastões, estavam quietos. Sob uma romãzeira carregada de frutos uma velha encarquilhada catava algumas coisas do neto. Diante do café estava um velho espigado, o rosto severo e concentrado, nariz aquilino, ar de grão-senhor; era Mavrandoni, o notável da aldeia, que nos havia alugado a mina de linhita. Havia passado na véspera na casa de Madame Hortência para nos levar para sua casa.

— É uma vergonha para nós que vocês fiquem no albergue, como se não houvessem pessoas para recebê-los.

Era austero, e media suas palavras. Havíamos recusado. Ele ressentiu-se, mas não insistiu.

— Fiz meu dever — declarou ao sair. — vocês são livres.

Logo depois enviou-nos dois queijos, uma cesta de romãs, um prato com uvas secas e figos e uma jarra de raki.

— Saudações da parte do capitão Mavrandoni! — disse o criado, descarregando o burrico — pouca coisa, mandou dizer, mas de coração.

Cumprimentamos o notável abundantemente, com palavras cordiais.

— Longa vida a vocês — respondeu ele, colocando sua mão ao peito. E calou-se.

— Ele não gosta muito de falar — murmurou Zorba: — é um homem fechado.

— Orgulhoso — disse eu. — gosto dele.

— Estávamos chegando. As narinas de Zorba palpitavam alegremente. Madame Hortência, assim que nos viu à entrada, deu um grito e voltou à cozinha.

Zorba preparou a mesa no pátio, sob a latada aberta e já sem folhas. Cortou grandes pedaços de pão, trouxe o vinho, botou os pratos e talheres. Voltou-se, olhou-me maliciosamente e apontou-me a mesa: havia posto lugar para três!

— Morou, patrão? — soprou-me.

— Morei — respondi. — morei sim, velho debochado.

— São as galinhas velhas que fazem as boas canjas — disse ele passando a língua nos lábios. — disso eu entendo.

Movimentava-se, ágil, e seus olhos dardejavam enquanto cantarolava velhas cantigas de amor.

— Isso é que é vida, patrão. Boa vida. Veja, nesse momento estou me comportando como se fosse morrer agora. E apresso-me a comer a galinha antes que me quebrem o pito.

— À mesa! — ordenou Madame Hortência.

Ergueu a terrina e veio colocá-la diante de nós. Mas ficou de boca aberta: havia visto os três lugares. Vermelha de prazer, olhou para Zorba com seus pequenos olhos ácidos, azuis, e tremelicou as pálpebras.

— Essa tem fogo — segredou-me Zorba.

Depois, com extrema polidez, voltou-se para ela:

— Bela ninfa das ondas — disse-lhe, — somos náufragos e o mar jogou-nos em teu reino. Digna-te a repartir conosco nosso almoço, minha sereia!

A velha cantora abriu os braços e tornou a fechá-los, como se quisesse envolver nós dois num abraço; balançou-se graciosamente, passou por Zorba, por mim, e correu cacarejando para seu quarto.

Logo depois voltou, trepidante, rebolando-se com seu melhor vestido: um velho vestido de veludo verde, gasto, enfeitado de cordões de cetim amarelo. O corpete estava hospitaleiramente aberto, e no decote pendera uma rosa de pano, puída. Na mão trazia a gaiola do papagaio, que pendurou numa trave da latada.

Fizemos com que ela se sentasse ao meio, Zorba à sua direita e eu à esquerda.

Atiramo-nos sobre o almoço. Um longo momento passou sem que nenhum de nós dissesse palavra. Em cada um a fera alimentava-se e embriagava-se com o vinho; a comida se transformava depressa em sangue, o mundo ficava mais belo, a mulher a nosso lado a cada instante parecia mais jovem, e suas rugas se apagavam. O papagaio suspenso à nossa frente, roupa verde e colete amarelo, debruçava-se para nos olhar e parecia hora um homenzinho enfeitiçado ora a alma da velha cantora, vestida de verde e amarelo. E sobre nossas cabeças a latada desfolhada se cobria de repente com grandes cachos de uvas negras.

Zorba revirou os olhos e abriu os braços como se quisesse abarcar com eles todo o mundo.

— O que se passa, patrão? — disse ele, estupefato, — bebe-se um copo de vinho e o mundo perde o rumo. E, assim mesmo, que coisa é a vida, patrão! Afinal, isso que pende sobre sua cabeça são uvas? São anjos? Não consigo distinguir. Ou então não é nada, e nada existe; nem galinha, nem sereia, nem Creta? Fale, patrão, fale ou fico louco!

Zorba começava a ficar excitado. Tinha terminado a galinha e olhava gulosamente para Madame Hortência. Seus olhos se jogavam sobre ela, subiam e desciam, esgueiravam-se para dentro de seu colo intumescido e apalpavam-na com as mãos. Os pequeninos olhos de nossa boa senhora brilhavam também, pois gostava de vinho, e havia tomado Deus quem sabe quantos copos. E o turbulento demônio do vinho a havia levado de volta aos bons tempos. Readquirida a ternura, alegre e expansiva, ela se levantou, trancou a porta de fora para que os aldeões não a vissem — "os Bárbaros" como ela os chamava — acendeu um cigarro e, com seu narizinho arrebitado à francesa, pôs-se a soltar espirais de fumaça.

Em momentos como esses, todas as portas da mulher se abrem, as sentinelas adormecem e uma boa palavra é tão poderosa como o ouro ou o amor. Acendi, portanto, meu cachimbo e pronunciei a boa palavra.

— Madame Hortência, você me lembra Sara Bernhardt... Quando ela era jovem. Nunca esperari

encontrar nesse lugar selvagem tanta elegância, graça, beleza e cortesia. Que Shakespeare enviou-a para cá, entre bárbaros?

— Shakespeare? — disse ela, abrindo os olhos desbotados. — Que Shakespeare?

Seu pensamento voou, rápido, aos teatros que havia visto, fez num piscar de olhos toda a volta dos cabarés, de Paris a Beirute, de toda a costa da Anatólia, e subitamente lembrou-se: foi em Alexandria, um grande teatro com lustres, poltronas de veludo, homens e mulheres, decotes, perfumes, flores. De repente a cortina se levanta e um negro terrível aparece...

— Que Shakespeare? — disse de novo, vaidosa de se haver lembrado: — aquele a quem chamam também Otelo?

— Esse mesmo. Que Shakespeare, nobre senhora, jogo-a nesses rochedos selvagens?

Olhou à sua volta. As portas estavam fechadas, o papagaio dormia, os coelhos se entregavam ao mar, estávamos sós.

Emocionada, ela começou a nos abrir seu coração, como se abre um velho cofre repleto de especiarias, bilhetes amorosos amarelecidos, antigas roupagens...

Falava razoavelmente o grego, estropiando as palavras, embrulhando as sílabas. E, no entanto, nós a compreendíamos perfeitamente, embora às vezes fosse difícil reprimir o riso, e outras vezes — já havíamos bebido um pouco — difícil reprimir as lágrimas.

— Pois bem (foi mais ou menos assim que falou a velha sereia em seu pátio perfumado), pois bem. Esta que lhes está falando não foi cantora de cabaré, não! Eu era uma artista de renome. Vestia-me com combinações de seda, de rendas verdadeiras. Mas o amor...

Ela suspirou profundamente, e acendeu outro cigarro no de Zorba.

— Estava apaixonada por um almirante. Creta estava em plena revolução, e as frotas das grandes potências haviam ancorado no porto de Suda. Alguns dias depois eu também ancorava lá. Ah, que beleza! Vocês deviam ver os quatro almirantes: o inglês, o francês, o italiano e o russo, cobertos de ouro, sapatos de verniz e plumas na cabeça. Uns verdadeiros galos. Grandes galos de oitenta a cem quilos cada um. E que barbas! Frisadas, sedosas, castanhas, louras, grisalhas, pretas, e como cheiravam bem! Cada um tinha um perfume especial, e era assim que eu os distinguia de noite. A Inglaterra cheirava a água-de-colônia, a França a violetas, a Rússia a almíscar e a Itália, ah! A Itália era só âmbar! Que barbas, meu Deus! Que barbas! Às vezes nós nos reuníamos no navio capitânia e falávamos sobre a revolução. Os uniformes desabotoados, e eu apenas com uma combinação de seda que colava na pele, por que eles a mergulhavam em champanha. Era verão, compreendem. Falava-se então da revolução, conversas sérias, e eu acariciava as barbas e pedia-lhes para não bombardearem os pobres cretenses. A gente podia vê-los pelas escotilhas, sobre um rochedo, perto de Caneia. Pequenos, pequeninos como formigas, com calças azuis e botas amarelas.

Gritavam e gritavam com uma bandeira na mão...

A vegetação que fazia de cerca do pátio mexeu-se. A velha combatente parou, aterrorizada. Entre as folhagens, olhos maliciosos brilhavam. A criançada da aldeia havia farejado festança, e nos espiava.

A cantora experimentou levantar-se, mas não conseguiu: havia comido e bebido demais; sentou-se de novo, pesadamente, banhada em suor. Zorba apanhou uma pedra: os garotos fugiram correndo.

— Continue, minha querida: continue, meu tesouro! — disse Zorba, aproximando sua cadeira.

— Eu dizia então ao almirante italiano, com quem tinha mais liberdade, afagando-lhe a barba: "Meu Canavarro — ele se chamava assim — meu querido Canavarro, não fazer bum! Bum!; não fazer bum! Bum!" quantas vezes, eu lhes falo, salvei cretenses da morte!

Quantas vezes os canhões estavam prontos para atirar e eu, segurando a barba de algum almirante, não o deixava fazer bum!

Bum! Mas quem me agradece isso, hoje em dia? Em matéria de condecorações...

Ela estava zangada, a Madame Hortência, com a maldade e a ingratidão dos homens. Bateu na mesa com sua mãozinha gorda e enrugada. E Zorba, estendeu sua mão perita sobre os joelhos distantes, segurou-os fingindo levado pela emoção, e bradou:

— Minha Bubulina (Heroína da Guerra da independência — 1821/1828, que combateu valentemente no mar como Canaris e Mionlins) eu te peço, não faz bum! Bum!

— Abaixo as patas! — disse nossa boa senhora cacarejando. — por que está me tomando, meu velho?

E ela atirou-lhe um olhar lânguido.

— Existe um bom Deus — dizia o velho malandro. Não se entristeça, minha Bubulina. Estamos aqui, não tenha medo.

A velha sereia levantou para os céu os pequenos olhos acidulados; e viu seu papagaio adormecido na gaiola, todo verde.

— Meu Canavarro, meu querido Canavarro! — arrulhou ela amorosamente.

O papagaio, reconhecendo a voz, abriu o olho e agarrou-se ao poleiro, e se pôs a gritar com a voz rouca de um homem que se afoga: Canavarro! Canavarro!

— Presente! — gritou Zorba, pousando de novo as mãos sobre os joelhos que haviam servido tanto, como se quisesse tomar posse.

A velha cantora se enroscou em sua cadeira e abriu de novo a boquinha enrugada.

— Eu também combati, peito contra peito, bravamente... Mas, vieram os dias ruins. Creta foi libertada, as esquadras receberam ordens para partir. E o que vai ser de mim, gritava eu agarrada às quatro barbas. Aonde vão me deixar? Habituei-me a champanha, às galinhas assadas, habituei-me aos marinheiros bonitinhos que me fazem continência. Que vai ser de mim, quatro vezes viúva, senhores almirantes? Eles riam. Ah! Os homens!

Cobriram-me de libras inglesas, de liras italianas, de rublos e de napoleões. Eu os guardei por toda parte, nas minhas meias, no meu corpete, nas minhas sapatilhas. Na última noite eu chorava e gritava, e então os almirantes tiveram pena de mim. Encheram a banheira de champanha e me puseram dentro — já éramos íntimos, vocês sabem — e depois eles beberam toda a champanha em minha homenagem, e isso os embriagou. Depois eles apagaram as luzes...

De manhã, senti todos os perfumes superpostos: a violeta, a água-de-colônia, o almíscar e o âmbar. As quatro grandes potências — Inglaterra, França, Itália e Rússia — eu as tinha aqui, sobre meus joelhos, e as manejava como, como isso!

E Madame Hortência, abrindo seus pequenos braços gordinhos, agitou-se de baixo para cima, com se fizesse pular um bebê nos joelhos.

— Aí está! Assim, assim! Quando amanheceu, eles fizeram troar os canhões, não estou mentindo não, juro, por minha honra, e uma baleeira branca com doze homens aos remos veio me apanhar e me levar para a terra.

Ela apanhou um lencinho e pôs-se a chorar inconsolável.

— Minha Bubulina — gritou Zorba, esfogueteado. — feche os olhos, feche os olhos meu tesouro. Sou eu Canavarro!

— Abaixo as patas, estou dizendo! — falou nossa boa senhora, torcendo-se toda. — Vejam essa cabeça! Onde estão às ombreiras douradas, o tricórnio, a barba perfumada? Ah! Ah!

Ela apertou docemente a mão de Zorba e pôs-se novamente a chorar.

O tempo refrescou. Calamo-nos algum tempo. O mar, atrás das folhagens, suspirava, enfim doce e tranquilo. O vento soprava, o sol se deitou. Dois corvos da tarde passaram sobre nós, e suas asas assobiaram como se estivessem rasgando uma peça de seda — digamos, a combinação de seda de uma cantora.

O crepúsculo caía como uma poeira dourada, que se espalhava pelo rádio. A franja louca de Madame Hortência pegou fogo, e agitou-se na brisa da tarde como se quisesse voar para incendiar as cabeças vizinhas. Seu colo descoberto pela metade, seus joelhos abertos, enfeados pela idade, as rugas de seu pescoço, suas sapatilhas desbeiçadas, tudo se cobriu de ouro.

Nossa velha sereia teve um arrepio. Tendo fechado ao meio seus olhinhos avermelhados pelo vinho e pelas lágrimas, olhou ora para mim, ora para Zorba, que de lábios secos acompanhava enlevado os movimentos de seu seio. Escurecera. Ela olhava para nós dois com um ar interrogador, esforçando-se para adivinhar qual era o seu Canavarro.

— Bubulina — arrulhou apaixonadamente Zorba, apoiando seu joelho contra o dela. — não há nem Deus nem Diabo, não dê confiança. Erga sua cabecinha, apóie sua mãozinha na face e cante para nós. Viva a vida, e a morte que vá para o inferno!...

Zorba estava aceso. Enquanto sua mão esquerda torcia os fios do bigode, a mão direita passeava sobre a cantora embriagada.

Falava aos arrancos e seus olhos estavam lânguidos. Certamente não era essa velha mumificada e rebocada que ele via diante de si, mas toda a "espécie fêmea" como era seu hábito de chamar as mulheres.

Desaparecida a individualidade, o rosto apagava-se. Jovem ou decrépita, bela ou feia, eram variantes sem importância. Atrás de cada mulher estava austero, sagrado, cheio de mistério, o rosto de Afrodite.

Este era o rosto que Zorba via, era este que ele desejava e ao qual falara; Madame Hortência não era senão uma máscara efêmera e transparente que Zorba arrancava para beijar a boca eterna.

— Levante seu pescoço de neve, meu tesouro — retomou ele com voz súplice e arquejante. — levante seu pescoço de neve, e solte sua canção!

A velha cantora apoiou a face na mão gorducha, gasta no tanque de lavar, e seu olhar se fez langoroso. Deixou escapar um grito selvagem e triste e começou sua canção preferida, mil vezes repetida, olhando para Zorba — ele já havia escolhido — com os olhos opacos e semicerrados: *No fim de meus dias...* Por que te encontrei... *(Au fin de mes jours — Pourquoi t'ai-je rencontré...)*

Zorba pulou, foi buscar o santuri. Sentou-se na terra à turca, despiu o instrumento e levantou suas manoplas.

— Oh! Oh! — bramiu ele, — pega uma faca e me degola, minha Bubulina!

Quando a noite começou a cair, e a estrela da noite surgiu no céu, quando se levantou alegre e cúmplice a voz do santuri, Madame Hortência, empanturrada de galinha, arroz, amêndoas grelhadas e vinho, pendurou-se pesadamente sobre os ombros de Zorba e suspirou. Esfregou-se levemente em seus flancos ossudos, gemeu e suspirou mais uma vez.

Zorba me fez um sinal e sussurrou: — Ela está no ponto, patrão. Cai fora!

Capítulo IV



O dia nasceu, abri os olhos e vi Zorba diante de mim, sentado na beira da cama com as pernas dobradas, fumava e estava entregue a profunda meditação. Com os olhos redondos fitava à sua frente uma janelinha que os primeiros raios revestiam de um branco leitoso.

Seus olhos estavam inchados, e o pescoço anormalmente longo e descarnado mais parecia o de uma ave de rapina.

Na véspera, tinha me retirado cedo, deixando-o a sós com a velha sereia.

— Vou-me embora — havia dito. — divirta-se, Zorba; e coragem, garanhão!

— Até logo, patrão — respondeu Zorba. — deixe-nos acertar nossas contas, boa noite e durma bem!

Aparentemente eles haviam acertado as contas, pois em meu sono pareceu ouvir gemidos e, em dado momento, tremores haviam abalado o quarto vizinho. Depois voltei ao sono. Muito depois de meia-noite, Zorba entrou, descalço, e estendeu-se sobre seu leito, docemente, para não me acordar.

Agora, de manhã cedo, lá estava ele, de olhos perdidos ao longe, em direção à luz, o olhar ainda inexpressivo. Sentia-se que estava entregue a um leve torpor; suas têmporas ainda não se haviam libertado do sono. Calmamente, passivamente, ele se abandonava a uma torrente de penumbra espessa como o mel. O universo ruía, terras, águas, pensamentos, homens, tudo em direção a um mar distante, e Zorba ruía com eles, sem resistir, sem interrogar, feliz.

A aldeia começava a acordar — rumor confuso de galos, porcos, asnos, homens. Quis pular da cama e gritar: "Zorba, temos trabalho hoje!" Mas sentia também um grande prazer em abandonar-me como ele, sem palavras, sem gestos, às incertas e róseas insinuações da madrugada. Nesses minutos mágicos a vida inteira parece leve como uma pena. Como uma nuvem, ondulante e flexível, a terra se forma e se reforma ao favor do vento.

Olhava Zorba a fumar e deu-me também vontade de fazê-lo; estendi o braço e apanhei meu cachimbo. Olhei-o com emoção. Era um grande e precioso cachimbo inglês, presente que me havia feito meu amigo — aquele dos olhos azuis-esverdeados e mãos de dedos afilados — num meio-dia. Seus estudos terminados, ele partia aquela noite para a Grécia. "Abandone o cigarro, disse-me ele; você o acende, fuma pela metade e joga fora como a uma prostituta. É uma vergonha. Case-se com o cachimbo; é como uma mulher fiel. Quando você voltar para casa, ele estará sempre lá, esperando você, sem se mexer. Você o acenderá, verá a fumaça subindo no ar, e se lembrará de mim!"

Era meio-dia, e saímos de um museu de Berlim, onde ele havia ido para se despedir de seu querido Guerreiro, de Rembrandt, com o elmo de bronze, faces macilentas, olhar doloroso e voluntarioso. "Se alguma vez na vida eu tiver uma atitude digna de um homem, murmurou ele, olhando para o guerreiro implacável e desesperado, é a ele que eu deverei."

Estávamos no pátio do museu, encostados a uma coluna.

Diante de nós uma estátua de bronze — uma amazona nua cavalgando com graça indizível um cavalo selvagem. Um pequeno pássaro cinzento, um pardal, pousou um instante na cabeça da amazona, virou-se em nossa direção, balançou sua cauda em pequenos golpes vivos, pipilou uma ou duas vezes alegremente e voou.

Veio-me um arrepio e olhei para meu amigo:

— Você ouviu o passarinho? — perguntei. — parecia que queria dizer alguma coisa.

Meu amigo sorriu:

— É um passarinho, deixe-o cantar, é um passarinho, deixe-o dizer! — respondeu ele citando um verso de nossas canções populares.

Como nesse instante, ao amanhecer o dia, nessa costa cretense, essa lembrança me viera à memória, como esse verso fúnebre inundando meu espírito de amargura?

Enchi lentamente meu cachimbo e acendi-o. Tudo tem um sentido oculto nesse mundo, pensei. Homens animais, árvores, estrelas são hieróglifos; felizes aqueles que começam decifrá-los e a adivinhar o que dizem; mas, ainda assim o fracasso os espreita.

Quando ele veem, não os compreendem. Pensam ser homens, animais, árvores e estrelas. Só anos mais tarde descobrem sua verdadeira significação.

O guerreiro com elmo de bronze, meu amigo apoiado na coluna, na luz opaca do meio-dia, o pardal e o que nos disse pipilando, o verso da canção, tudo isso, pensava eu hoje, pode ter um sentido oculto, mas qual?

Seguia com os olhos a fumaça que se enrolava e se desenrolava no claro-escuro, e se dissipava vagarosamente. E minha alma se envolvia na fumaça, e se perdia lentamente em volutas azuis. Um longo momento passou-se e eu sentia, sem intervenção da lógica, com uma absoluta certeza, a origem, a decomposição e o desaparecimento do mundo. Como se eu estivesse mergulhado de novo, dessa vez sem palavras enganadoras nem jogos acrobáticos e impudentes do espírito, em Buda. Essa fumaça é a essência de seus ensinamentos, essas espirais moribundas é a vida que chega, tranquila, serena e feliz, ao nirvana azul. Não refletia, não buscava nada, não tinha duvida. Vivia na certeza.

Suspirei docemente. E como se esse suspiro me tivesse trazido de volta ao minuto presente, olhei em torno de mim e vi a miserável cabina de madeira e, suspenso à parede, um minúsculo espelho sobre o qual acabava de cair, fazendo pularem faíscas, o primeiro raio de sol. Diante de mim, sobre o colchão, Zorba, sentado de costas, fumava.

De um só golpe surgiu em mim, com todas as peripécias tragicômicas, o dia anterior. Perfumes de violeta desmaiada — de violeta, de água-de-colônia, de almíscar e de âmbar; um papagaio, um ser quase humano transformado em papagaio, que batia as asas contra sua gaiola de ferro chamando um antigo amante; e uma velha traineira, única sobrevivente de toda uma esquadra, que contava antigas batalhas navais...

Zorba ouviu meu suspiro, balançou a cabeça e voltou-se.

— Nós nos portamos mal, patrão — murmurou. — portamo-nos muito mal. Você se riu, eu também, e ela nos viu, coitada! E você foi embora, sem nem boliná-la, com se ela fosse uma velha de mil anos!

Que vergonha! Isso não foi educado, patrão, e não é assim que um homem faz, permita que lhe diga! Ela é mulher, apesar de tudo, não é? Uma criatura fraca e choramingona. Felizmente eu fiquei lá para consolá-la.

— Mas o que é isso, Zorba — disse eu rindo. — você realmente pensa que as mulheres só tem isso na cabeça?

— É claro que só pensam nisso. Ouça-me, patrão. Eu que as conheço de todo jeito, tenho, posso dizer, uma pequena experiência.

As mulheres só pensam nisso, são criaturas doentes, eu lhe digo, choramingona. Se você não diz que as ama e deseja, se põem a chorar. É possível que elas lhe digam que não, que você nas as agrada em nada, que elas tenham nojo de você, isso é outra coisa.

Mas todo mundo que as vir, tem que desejá-las. É tudo que elas querem, coitadas! Por que não lhes fazer contentes? Eu tinha uma avó, que ia fazer uns oitenta anos. Um verdadeiro romance a história dessa velha Bem, mas isso é uma outra história também... Ela tinha então uns oitenta anos, e diante de nossa casa morava uma mocinha fresca como uma flor. Chamava-se Cristalo. Todas as noites de sábado, nós, os transviados da aldeia, íamos tomar uns tragos e o vinho nos estimulava. Púnhamos um ramo de basilisco atrás da orelha, meu primo pegava o violão e íamos fazer serenata. Que chama! Que paixão! Berrávamos como búfalos. Todos nós a desejávamos e todas as noites de sábado íamos em rebanho para que ela escolhesse. Pois bem, você acredita, patrão? É um mistério impressionante. Há na mulher uma chaga que não se fecha nunca.

Todas as outras curam, mas essa, não creia nos seus livrecos, essa não se fecha nunca. A chaga continua

aberta. Todos os sábados, então, a velha puxava seu colchão para debaixo da janela, apanhava as escondias o seu espelho e punha-se a pentear os poucos fios de cabelo que lhe restavam e a se pintar... Olhava ela em torno, disfarçadamente, com medo de ser vista; se alguém se aproximava, ela ficava quieta como uma santinha e fingia dormir. Com oitenta anos! Você sabe, patrão, isso hoje me dá vontade de chorar. Mas, naquele tempo eu era bobo, não entendia, e me dava vontade de rir.

Um dia fiquei com raiva dela. Ela estava resmungando comigo por que eu vivia atrás das moças, e resolvi botar tudo para fora: "Por que você se pinta e se penteia todos os sábados? Você está pensando que a serenata é para você? Pois não é não. Nós desejamos Cristalo. Você cheira a cadáver!" Creia-me patrão! Foi nesse dia, em que vi duas lágrimas caírem dos olhos de minha avó, que pela primeira vez entendi o que é uma mulher. Ela se havia encolhido em seu canto, acuada como uma cadela, e o seu queixo tremia. "Cristalo!" gritava eu me aproximando dela para que ouvisse melhor, "Cristalo!" A juventude é um animal feroz, que não entende nada. Minha avó levantou os braços descarnados em direção ao alto e gritou-me: "Eu te maldigo do fundo de meu coração." A partir desse dia ela começou a decair, depauperou-se e dois meses depois estava morrendo. Na sua agonia ela me viu. Soprou como uma tartaruga e estendeu sua mão seca para agarrar-me: "Foi você que me matou, Alexis, foi você que me matou, maldito. Maldição sobre você, e que sofra o que eu sofri."

Zorba sorriu.

— Ah! E pegou bem a maldição da velha — disse ele acariciando os bigodes. — tenho sessenta e cinco anos, penso, mas mesmo que viva cem anos jamais terei juízo. Terei ainda um pequeno espelho no bolso e continuarei correndo atrás da "espécie-fêmea".

Sorriu de novo, atirou seu cigarro pela janelinha, e estendeu-se em sua cama:

— Tenho muitos defeitos — disse. — mas esse é que vai me matar!

Saltou da cama.

Vestiu-se num minuto, calçou os sapatos e saiu.

Com a cabeça dobrada sobre o peito, ruminava as palavras de Zorba e, subitamente, me veio ao espírito um cidade longínqua, coberta de neve. Havia parado para olhar, numa exposição de obras de Rodin, uma enorme mão de bronze, a Mão de Deus. A palma estava entreaberta e, no meio desta palma, estáticos, enlaçados, lutavam e se confundiam um homem e uma mulher.

Uma mocinha se aproximou e parou a meu lado. Perturbada também, olhava o inquietante e eterno abraço do homem e da mulher. Ela era esguia, bem vestida, espessos cabelos louros, um queixo forte e lábios finos. E eu, que detesto comprometer-me em conversas fáceis, não sei o que me deu. Voltei-me para ela:

— Em que pensa? — perguntei.

— Se ao menos pudéssemos escapar! — murmurou ela com desgosto.

— Para ir aonde? A mão de Deus está por toda a parte. Não há salvação. Você o lamenta?

— Não. Pode ser que o amor seja a alegria mais intensa que existe na terra. É possível. Mas, vendo esta mão de bronze, tenho vontade de fugir dele.

— Você prefere a liberdade?

— Sim.

— Mas, se não é senão quando obedecemos à mão de bronze que somos livres? Se a palavra de adeus não tivesse o sentido cômodo que lhe dá o povo?

Ela me olhou, inquieta. Seus olhos eram de um cinza metálico, seus lábios secos e amargos.

— Não compreendo — disse ela, e afastou-se como se assustada.

Desapareceu. E desde então não havia me lembrado dela. E, no entanto, ela vivia certamente em mim, sob a campa de meu peito — e hoje, nesta costa deserta, ei-la que surge do fundo de meu ser, pálida e queixosa.

Sim, tinha me comportado mal; Zorba tinha razão. Era um bom pretexto para aquela mão de bronze, feito o primeiro contato, as primeiras palavras doces pronunciadas, e nós poderíamos, pouco a pouco, sem tomar consciência nem um nem outro, nos abraçar e unir na palma de Deus. Mas, havia-me lançado bruscamente da terra ao céu, e a mulher espantada fugira.

O velho galo cantou no pátio de Madame Hortência. O dia entrava agora, todo branco, pela pequena

janela. Levantei-me de um pulo.

Os trabalhadores começavam a surgir com suas picaretas, suas alavancas, suas pás. Ouvi Zorba dando ordens. Havia desde logo se entregado às suas tarefas; sentia-se nele o homem que sabe comandar e que gosta da responsabilidade.

Pus a cabeça pela janelinha e o vi em pé, gigantesco ciclope no meio de uns trinta homens magros, rudes, mal-amanhados, de compleição fina. Seu braço apontava imperioso, suas palavras eram breves e precisas. Num dado momento apanhou pela nuca um rapazote que murmurava e hesitava.

— Tem alguma coisa a dizer? — gritou ele. — sem tem, diga alto!

Resmungos não me agradam. Para trabalhar é preciso disposição. Se não tem, vá logo para o botequim.

Nesse momento apareceu Madame Hortência, descabelada, rosto inchado, sem pintura, vestida com uma ampla camisola suja e arrastando uma espécie de chinelas deformadas. Tossiu a tosse rouca das velhas cantoras, parecendo um zurro, parou e olhou Zorba com orgulho. Seus olhos se enterneceram. Tossiu de novo para que ele ouvisse, e passou por ele balançando-se e sacudindo o traseiro.

Quase o tocou. Mas ele nem se voltou para olhá-la. Tomou de um operário um pedaço de pão e umas azeitonas.

— Vamos embora, rapazes! — gritou ele — façam o seu sinal da cruz!

E em grandes passadas arrastou a turma em linha reta para a montanha.

Não descreverei aqui o trabalho da mina. Para isso é preciso paciência e eu não a tenho. Havíamos construído com tábuas, palha e latas velhas um barracão perto do mar. Ao erguer-se o dia, Zorba acordava, apanhava sua picareta e ia para a mina antes dos operários; abria uma galeria, abandonava-a, achava um veio de linhita brilhante como hulha e dançava de alegria. Dias depois o veio se perdia e Zorba se atirava ao chão, de pernas para o ar, e com os pés e as mãos dava bananas ao céu.

Havia tomado o trabalho ao peito. Nem me consultava mais.

Desde os primeiros dias, as responsabilidades haviam passado de minhas mãos para as dele. Era dele a tarefa de decidir e executar. A minha de pagar pelos potes quebrados — o que de resto não me agradava — pois, sabia-o bem, esses meses seriam os mais felizes de minha vida. Assim, feitas as contas, tinha consciência de que estava comprando barato a minha felicidade.

Meu avô materno, que habitava uma cidadezinha de Creta, pegava toda noite seu lampião e dava a volta nas ruas, para ver se algum estrangeiro havia por acaso chegado. Ele o levava para casa, dava-lhe de comer e beber com abundancia, depois do que se sentava no divã, acendia o seu longo chíbuque, virava-se para seu hóspede — para quem havia chegado o momento de pagar — e dizia-lhe imperiosamente:

— Conta!

— Contar o que, Pai Mustoyoryi?

— O que você é, quem você é, de onde vem, que cidades e que terras viram os seus olhos, tudo. Conta tudo. Vamos, fala!

E o hóspede começava a contar, às cambulhadas, verdades e mentiras, enquanto meu avô fumava seu chíbuque, e escutava, viajando com ele, tranquilamente sentado em seu divã. E, se o hóspede lhe agradava, dizia:

— Você fica amanhã também, você não pode partir. Você ainda tem coisa para me contar.

Meu avô nunca saiu de sua cidade. Nem mesmo foi a Cândia ou a Caneia. "Ir lá para que? Dizia Candianos e caneenses passam por aqui, e Cândia e Caneia vêm a minha casa. Não preciso ir lá eu mesmo!"

Mantenho hoje, sobre a costa cretense, essa mania de meu avô.

Eu também encontrei um hóspede, como se o tivesse procurado à luz de um lampião. Não o deixo partir. Ele me custa bem mais caro que um jantar, mas vale. Cada noite o espero após o trabalho, faço-o sentar-se diante de mim, comemos e, chegando o momento da paga, eu lhe digo: "Conta". Fumo o meu cachimbo e escuto. Ele explorou bem a terra, esse hóspede, e explorou bem a alma humana. Não me canso de ouvi-lo.

— Conta, Zorba! Conta!

E quando ele abre a boca toda a Macedônia abre-se diante de mim, se instala no pequeno espaço entre Zorba e eu com suas montanhas, suas florestas e torrentes, seus comitadjis, suas mulheres duras no trabalho e seus homens maciços e rudes. O monte Athos também, com seus vinte e um mosteiros, seus arsenais e seus madraços traseirudos. Zorba abre o colarinho ao terminar as histórias de monges e diz, às gargalhadas: "Deus te guarde patrão, do traseiro das mulas e do que os monges tem na frente!"

Cada noite Zorba me leva a passeio através da Grécia, da Bulgária e Constantinopla; eu fecho os olhos e vejo. Ele percorre os Bálcãs, confusos e atormentados; observou tudo, com seus olhos pequenos de falcão, que abre a cada instante, cheios de surpresa. As coisas às quais estamos acostumados, e diante das quais passamos indiferentes, se erguem para Zorba como enigmas indecifráveis. Ele vê passar uma mulher e pára espantado: "Que mistério é esse?"

Pergunta. O que é uma mulher, e por que ela nos faz dançar a cabeça? Diga-me o que é isso?

E se interroga com igual estupor diante de um homem, de uma árvore florida, de um copo de água fresca. Zorba vê cada dia às coisas como se fosse pela primeira vez.

Ontem estávamos sentado diante do barracão. Tendo tomado um copo de vinho, virou-se ele para mim, alarmado:

— O que é essa água vermelha, patrão, diga-me! Uma velha videira deita ramos, tem uns penduricalhos ácidos que pendem, passa o tempo e o sol os amadurece; eles ficam doces como o mel e então passam a chamar-se uvas; são apanhados, esmagados, bota-se o suco em tonéis, ele fermenta sozinho, são abertos no dia de São Jorge-Beberrão, e virou vinho! E o que é ainda esse prodígio: você bebe esse suco vermelho e eis sua alma que cresce, que não cabe mais na velha carcaça, e que desafia Deus para a luta. O que é isso, patrão? Diga-me!

Eu não falava. Ao ouvir Zorba, sentia-se renovar a virgindade do mundo. Todas as coisas desbotadas e quotidianas retomavam o brilho do primeiro dia, quando saíram das mãos de Deus. A água, a mulher, a estrela, o pão voltavam à misteriosa fonte primitiva, e o turbilhão divino empolgava de novo os ares.

Eis por que cada noite eu esperava, com impaciência, deitado sobre a vegetação da beira da praia, que Zorba voltasse. Coberto de lama, riscado de carvão, ele saía das entranhas da terra como uma gigantesca ratazana, com seu andar longo e desengonçado. De longe eu adivinhava como havia sido seu dia de trabalho: pela atitude de seu corpo, por sua cabeça baixa ou erguida, pelo balanço de seus grandes braços.

No começo ia com ele: observava os trabalhadores, fazia força para tomar um novo caminho, me interessar pelas tarefas práticas, conhecer e amar o material humano que havia caído em minhas mãos, aproveitar a alegria há tanto tempo desejada de não mais lidar com palavras, mas com homens vivos. E eu fazia projetos românticos

— se a extração da linhita caminhasse bem — de organizar uma comunidade onde todos trabalharíamos, onde tudo seria comum, onde comeríamos todos a mesma comida e vestiríamos a mesma roupa, como irmãos. Criava dentro de mim uma nova ordem religiosa, gente de uma nova vida...

Mas, não me decidia a comunicar a Zorba meus projetos.

Amolado, ele me ia ir e vir entre os operários, interrogar, intervir, e tomar sempre o partido do trabalhador.

Zorba franzia os lábios:

— Patrão, não vai dar umas voltas por aí? Está um sol danado!

Mas eu, nos primeiros tempos, insistia e não ia.

Interrogava, conversava, conhecia as histórias de todos os meus operários: os filhos que tinham que sustentar, suas irmãs a casar, os velhos pais impotentes; suas preocupações, suas doenças e seus tormentos.

"Não se meta nas histórias deles, me dizia Zorba, aborrecido.

Seu coração, se envolverá nelas, você gostará deles mais do que é preciso e mais do que é vantajoso para o nosso trabalho. Você perdoará, não importa o que fizerem... e então, pobres deles, é preciso que você saiba. Quando o patrão é duro, os operários o temem, o respeitam e trabalham. Quando o patrão é fraco, eles põem-lhe arreios e levam a vida na flauta. Compreende?"

Dias depois, terminado o trabalho, atirou sua picareta no chão, diante do barracão, com um ar exasperado.

— Afinal de contas, patrão — gritou ele, — não se meta mais em nada. Eu fico a construir e você a demolir. Que fábulas são essas afinal que você contava a eles? Socialismos e fantasias! Você é um pregador ou um capitalista? É preciso escolher.

Mas, como escolher? Eu estava devorado pelo desejo ingênuo de unir as duas coisas, de encontrar a síntese onde confraternizassem os opostos irredutíveis a alcançar, de uma vez só, a vida terrestre e o reino dos céus. Isso vinha há muito tempo, desde minha primeira infância. Quando estava ainda no colégio, havia fundado com meus amigos mais íntimos uma fraternidade amiga — esse era o nome que escolhêramos — e havíamos jurado, fechados à chave em meu quarto, que consagraríamos a vida a combater a injustiça. Grandes lágrimas corriam sobre nossos olhos no momento em que, com a mão no coração, prestamos juramento.

Ideais pueris! E, no entanto, ai daquele que rir ao ouvi-los.

Quando vejo o que se transformaram os membros da fraternidade amiga — doutorecos, rábulas, quitandeiros, politicotes safados, pequenos jornalistas — meu coração fica pequenino. E áspero e rude, ao que parece, o clima dessa terra, pois se as sementes mais preciosas não germinam ou são sufocadas pelo capim ou pelas urtigas. Eu, vejo-o claramente hoje, não sou ainda um conformado.

Deus seja louvado! Sinto-me ainda pronto para partir em expedições quixotescas. No domingo nós nos aprontávamos os dois como jovens noivos: barbeávamo-nos, púnhamos uma camisa fresca e branca e íamos, no início da tarde, à casa de Madame Hortência. Todos os domingos ela sangrava para nós uma galinha e nós nos sentávamos os três para comer e beber; depois Zorba estendia suas longas patas sobre os seios hospitaleiros da senhora e tomava posse deles.

Quando, caía à noite, voltávamos para nossa praia, à vida nos parecia cheia de boas intenções, velha mas muito agradável e acolhedora, como Madame Hortência.

Um domingo, voltando de um de nossos copiosos banquetes, decidi falar e contar a Zorba meus projetos. Ele me escutou, de boca aberta, obrigando-se a ter paciência. De vez em quando apenas balançava vigorosamente com irritação sua cabeçorra. Desde as primeiras palavras o vinho desapareceu de seu copo, e sua mente aclarou-se. Quando terminei, arrancou nervosamente, dois ou três fios de seu bigode.

— Com sua permissão, patrão — disse ele, — tenho a impressão de que seu miolo não é muito consistente, como deve ser um bom miolo.

Que idade você tem?

— Trinta e cinco anos.

— Oh Diabo! Então vai ficar mole para sempre.

E caiu no riso. Fiquei irritado:

— Você não acredita no homem? — gritei-lhe.

— Não se zangue, patrão. Não, não creio em nada. Se eu acreditasse no homem, teria que acreditar também em Deus, e também no Diabo. E isso é muito complicado. As coisas iam ficar difíceis, e me dar muita amolação.

Calou-se, tirou seu barrete, pôs-se a coçar a cabeça com energia e arrancar fios do bigode como se quisesse tirá-lo todo.

Queria dizer alguma coisa, mas se continha. Olhou-me com o canto dos olhos, olhou fixamente, e decidiu-se.

— O homem é uma fera! — gritou ele, espancando com seu bastão as pedras do caminho. — uma grande fera. Sua senhoria não sabe, ao que parece tudo foi fácil para você. Mas pergunte a mim: uma fera, é o que lhe digo! Você é mau com ele: ele lhe respeita e teme. Você é bom com ele: ele lhe arranca os olhos. Guarde as distâncias, patrão, não dê demais aos homens. Não vá lhes dizer que todos são iguais e todos têm os mesmos direitos. Na mesma hora eles pisaram no seu direito, roubarão seu pão e lhe deixarão morrer de fome. Guarde as distâncias, patrão, pelo bem que lhe quero!

— Mas você não crê em nada, afinal? — disse-lhe exasperado.

— Não! Eu não creio em nada, quantas vezes quer que repita? Eu não creio em nada, nem em ninguém; só em Zorba. Mas não porque Zorba seja melhor que ninguém, não. Em absoluto. Ele é também uma fera. Mas e acredito em Zorba porque ele é o único que tenho em meu poder, o único que conheço; todos os outros são fantasmas.

É com meus olhos que enxergo, com minhas orelhas que ouço, com minhas tripas que faço a digestão. Todos os outros para mim são fantasmas. Quando morrer eu, morre tudo. O mundo zorbesco inteirinho ruirá totalmente.

— E você fala de egoísmo — disse-lhe eu sarcástico.

— Não posso fazer nada, patrão! Veja, é assim: comi favas, falo favas. Sou Zorba, falo Zorba.

Não disse nada. As palavras de Zorba caíram sobre mim como chicotadas. Eu o admirei por ser assim forte, de poder desprezar os homens a esse ponto e, ao mesmo tempo, ter um tamanho desejo de viver e de trabalhar entre eles. Em seu lugar, eu me teria feito ermitão ou teria que enfeitar os homens com plumas para poder suportá-los.

Zorba virou-se e me olhou. À claridade das estrelas vi sua boca, que num sorriso unia as orelhas.

— Ficou aborrecido, patrão? — disse ele, parando subitamente.

Tínhamos chegado ao barracão. Zorba olhou-me com ternura e inquietude.

Não respondi. Sentia que meu espírito estava de acordo com Zorba, mas meu coração resistia, queria sair escapar da fera e abrir um caminho.

— Não tenho sono, Zorba. Vá deitar-se.

As estrelas cintilavam, o mar suspirava e lambia as conchas, um vaga-lume acendeu sobre seu ventre a luzinha erótica. Os cabelos da noite escorriam de orvalho.

Deitei-me de costas e mergulhei no silêncio, sem pensar em nada. À noite, o mar e eu fizemo-nos uma coisa só, e eu sentia minha alma como uma vaga-lume com seu ventre iluminado de ouro-verde, que havia pousado sobre a terra e esperava.

As estrelas caminhavam, as horas passavam — e quando me levantei tinha, não sei como, gravada em mim a dupla tarefa que deveria cumprir nessa praia:

Escapar de Buda, desembaraçar-me nas palavras de todas as preocupações metafísicas e liberar minha alma de uma vã angústia.

Estabelecer, a partir desse momento, um contato profundo e direto com os homens.

Talvez, disse comigo mesmo, ainda haja tempo.

Capítulo V

Tio Anagnosti, o velho, os saúda e pergunta se vossas senhorias teriam prazer em vir até sua casa para uma refeição. O açougueiro vai castrar os porcos; Kyra Marulia, a mulher do velho, cozinhará as partes Celebrar-se-á também o aniversário de seu neto Minas, que é hoje.

É um prazer entrar na casa de um camponês cretense. Tudo que lá existe é patriarcal: a lareira, a lamparina de óleo, os jarrões alinhados contra a parede, num buraco aberto no muro, o barril de água fresca. Dos travões que sustentam o teto pendem vasos achatados com plantas aromáticas: salva, hortelã-pimenta, salsa, romarinho.

No fundo, três ou quatro degraus de madeira levam à galeria onde está o leito de dossel, e em cima os santos ícones com a vela sempre acesa. A casa lhe parece vazia, e, no entanto tem todo o indispensável — pois a esse ponto o homem autêntico precisa de poucas coisas para viver.

O dia estava magnífico e o sol de outono era de uma grande doçura. Sentamo-nos diante da casa, no pátio, sob uma oliveira carregada de frutos. Entre as folhas prateadas o mar brilhava longe, plácido. Nuvens vaporosas passavam sobre nós. Cobriam o sol, descobriam-no: dir-se-ia que a terra, ora triste ora alegre,

respirava.

No fundo do jardinzinho, num pequeno cercado, o porco castrado gritava de dor, e nos ensurdecia. Da lareira chegava-nos o aroma de suas partes, que estavam sendo assados na brasa.

Falávamos das coisas eternas: dos cereais, das vinhas, da chuva. Éramos obrigados a gritar: o velho notável não ouvia bem.

Tinha, dizia ele, os ouvidos muito orgulhosos. A vida desse cretense havia sido reta e calma como a árvore na ravina abrigada dos ventos.

Nascera, crescera, casara-se. Tivera filhos e netos. Muitos morreram, mas outros viveram; a descendência estava assegurada.

O velho cretense se recordava dos tempos antigos, da época dos turcos, lembrou palavras de seu pai, os milagres que aconteceram naquele tempo em que as gentes temiam a Deus e tinham fé.

— Eu, por exemplo. Nasci de um milagre. Sim, de um milagre. E quando lhes contar como foi, vocês dirão: "Senhor, Misericórdia!" e subirão ao mosteiro da Virgem para lhe acender uma vela.

Fez o sinal da cruz e começou tranquilamente com a sua voz doce:

— Naquele tempo havia em nossa aldeia uma turca rica — maldita seja ela! Um belo dia ela fica grávida, a miserável, e à hora do parto chega. Colocam-na numa cadeira e ela fica a zurrar como uma mula por três dias e três noites. Mas a criança não nascia. Uma amiga dela — maldita seja também — deu-lhe um conselho: "Tzafer Hanum, tu devias chamar a mãe Meiré para te socorrer." Mãe Meiré é o nome que os turcos dão à Virgem "Chamar aquela?" Zurrou a cadela Tzafer. Logo aquela? Prefiro morrer! "Mas as dores aumentaram."

Passou-se ainda um dia e uma noite. Zurrava sempre e não paria.

Que fazer? Não podia mais suportar as dores. Então começou a chamar: "Mãe Meiré!" Mãe Meiré!" el chamava o quanto podia, mas as dores não passavam e a criança não vinha. "Ela não te houve, lhe disse sua amiga. Ela não deve saber turco. Chame-a pelo seu nome cristão." — "Virgem dos Rumis! Gritou então cadela, Virgem dos rumis!"Mas não adiantava nada, e as dores aumentavam." Tu não a chamas certo, Tzafer Hanum, disse ainda a amiga. Tu não a chamas certo e é por isso que ela não vem." Então, aquela grande cadela infiel, vendo o perigo, deixou sair um grande berro: "Virgem Santa!"E, de uma só vez, eis a criança que escorrega de seu ventre como uma enguia. Isso foi num domingo, e no domingo seguinte minha mãe começou a sentir as suas dores. Sentiu muitas também, a minha pobre mãe; sentiu muitas. Zurrava ela também, coitada. Gritava:

"Virgem Santa! Virgem Santa!"Mas o parto não vinha. Meu pai, sentado no chão no meio do pátio, tinh tanta pena que não podia beber nem comer. Queixava-se da Virgem. "Da outra vez vocês viram". Aquela cadela da Tzafer Hanum chamou-a e ela veio correndo. Agora..." No quarto dia meu pai não aguentou mais. Sem esperar mais nada, passou a mão no seu forcado e tocou-se para o mosteiro da Virgem. Ela que nos ajude! Chega lá, entra sem nem fazer o sinal da cruz, tão grande era o seu furor, passa a tranca na porta e pára diante do ícone: "Afinal, Virgem Santa, grita ele. Minha mulher Krinio, você a conhece, que lhe trás azeite todas as semanas, que lhe acende velas; pois minha mulher Krinio te chama há três dias e três noites, e você não houve? Ficou surda? É claro que se fosse uma cadela como a Tzafer, você iria correndo ajudar. Mas, para a minha mulher, a cristã, você ficou surda, você não a escuta! Pois bem, não fosse você a Virgem Santa eu lhe daria umas, com esse bastão que está aqui!" dito isso, sem ajoelhar, volta-se para sair.

Nesse momento o ícone começa a estalar, como se estivesse quebrando. Os ícones fazem assim quando estão fazendo milagres, fiquem sabendo. Meu pai compreende logo, volta-se e se põe de joelhos e faz o sinal da cruz: "Peguei, Virgem Santa, grita ele, faz de conta que não lhe disse nada!" ele acaba de entrar na aldeia de volta

quando lhe deram a boa notícia: "Felicidades, Kostandi, tua mulher pariu e é um menino." Era eu, o velho Anagnosti. Mas nasci com os ouvidos orgulhosos. Meu pai, vejam bem, havia blasfemado ao chamar a Virgem de surda. "Ah! É assim, deve ter dito ela. Pois bem, vou fazer com que seu filho fique um pouco surdo, para você deixar de blasfemar!"

E o tio Anagnosti se persignou.

— E isso não é nada — disse ele, — pois ela podia ter-me feito cego ou débil mental, ou corcunda ou então — que Deus me guarde — ela podia ter-me feito mulher. A surdez não é nada, e eu me prosterno diante das graças da Virgem santíssima!

Encheu nossos copos:

— Que ela nos ajude! — disse ele erguendo o seu.

— À tua saúde, tio Anagnosti. Faço votos para que você viva cem anos e conheça os seus bisnetos!

O velho bebeu seu copo de um gole só e enxugou o bigode.

— Não meu filho — disse. — chega. Conheci meus netos, e isso me basta. Não se deve pedir demais Minha hora chegou. Estou velho, meus amigos, tenho as energias esgotadas, e não é por falta de vontade de viver, mas porque não posso mais fazer filhos: e, sem isso, que vale a pena fazer na vida?

Ele encheu os copos de novo, apanhou as nozes e os figos secos envolvidos em folhas de loureiro e dividiu-os conosco.

— Tudo que eu tinha dei a meus filhos — disse ele. — já estivemos na miséria. Sim senhor, na miséria; mas isso é a última de minhas preocupações. Deus é grande!

— Deus é grande, tio Anagnosti — disse Zorba, no ouvido do velho. — Deus é grande... Mas nós somo pequenos!

O velho notável franziu a testa.

— Espere aí, não o maltrate assim, amigo — disse ele com severidade. — não o maltrate assim! Ele também conta conosco, coitado!

Nesse momento, silenciosa, submissa, apareceu à mãe Anagnosti trazendo num prato de barro as partes do porco e um jarrão de cobre com o vinho. Pousou sobre a mesa o que trazia, ficou em pé, cruzou os braços e abaixou os olhos.

Eu sentia repugnância em provar esse prato, mas, por outro lado, tinha vergonha de recusar. Zorba olhou-me com o canto dos olhos e sorriu maliciosamente.

— É a carne mais saborosa que existe, patrão — afirmou. — prove para ver.

O velho Anagnosti deu um sorriso.

— É isso mesmo, é isso mesmo; prove para ver. Parecem miolos!

Quando o Príncipe George passou pelo mosteiro, lá no alto da montanha, os monges haviam preparado um banquete real com pratos de carne para todos. E para o Príncipe havia apenas um prato de sopa. O Príncipe pega a colher e mexe a sopa: "Ervilhas? Ele pergunta surpreso. Ervilhas?" — "Coma, meu Príncipe, disse-lhe o velho abade. Coma e depois falaremos." O Príncipe prova uma colher, duas, três, raspa o prato e se delicia. "O que é essa maravilha? Disse ele. Que ervilhas deliciosas! Parecem miolos!" — "não são ervilhas, Príncipe responde o abade. Não são ervilhas. É que nós fizemos castrar todos os galos das redondezas!"

Rindo, o velho espetou com o garfo um pedaço das partes do porco.

— Um prato de Príncipe! — disse ele. — abra a boca.

Abria-a, e ele serviu-me a garfada.

Encheu de novo os copos, e bebemos a saúde de seu neto.

Os olhos do avô brilharam.

— Que deseja que seu neto venha a ser, tio Anagnosti? — perguntei-lhe. — diga-o, para que nós também possamos desejar.

— que posso eu querer, meu filho. Eh! Que ele tome o bom caminho, que se torne um homem honrado, um bom chefe de família, que tenha também seus filhos e netos, e que uma dessas crianças se pareça comigo. Para que os velhos o digam ao vê-lo: "Olhe só, como ele se parece com o velho Anagnosti! Que ele repouse em paz, foi um bom camarada!"

— Marulia — disse ele sem olhar para a sua mulher. — Marulia, vá encher o jarrão de vinho.

Nesse momento, sob um empurrão mais forte, a porta do cercado se abriu e o porco precipitou-se pelo jardinzinho grunhindo.

— Sente dores, pobre animal... — disse Zorba com pena.

— É claro que tem dores! — gritou o velho cretense, rindo-se. — se fizerem a você o que fizeram a ele, não sentiria dor também?

Zorba bateu na madeira.

— Isola, velho danado! — murmurou ele apavorado.

O porco ia e vinha diante de nós, olhando-nos furioso.

— Por minha fé, parece que ele sabe que estamos comendo pedaços dele! — disse ainda o tio Anagnosti, a quem o vinho havia inspirado.

Mas nós, tranquilamente, satisfeitos, comíamos como canibais, bebendo o vinho vermelho, e olhávamos entre as folhas prateadas da oliveira, o mar todo cor-de-rosa ao sol do poente.

Quando, caída à noite, deixamos a casa do velho notável da aldeia, Zorba, inspirado também, estava com vontade de falar.

— Que falávamos anteontem, patrão? — disse-me. — você queria esclarecer o povo, abrir-lhe os olhos! Pois bem, experimente abrir os olhos do tio Anagnosti! Você viu como a mulher dele ficava ao lado, esperando ordens, como um cachorro que quer agradar? E vá lhe dizer que é uma crueldade ficar lá comendo pedaços de porco, enquanto o porco está vivo diante de você, gemendo; ou que a mulher tem os mesmos direitos que o homem. O que vai fazer o pobre do tio Anagnosti das suas explicações? Você só vai lhe arranjar problemas. E o que ganhará a mar Anagnosti? Vão começar as cenas, a galinha vai querer ser o galo do terreiro, não vai haver senão brigas... Deixe as pessoas tranquilas, patrão. Não lhes abra os olhos.

Se você o fizer, que vão elas ver? A miséria em que vivem! Deixe-os continuar sonhando!

Calou-se um instante e coçou a cabeça. Estava pensando.

— A menos — disse ele. — a menos que...

— A menos que o que? Diga.

— A menos que, quando eles abrirem os olhos, você possa lhes mostrar um mundo melhor do que as trevas em que vivem. Você pode?

Eu não sabia. Sabia o que iria desmoronar, mas não o que se poderia construir sobre as ruínas. Isso ninguém pode saber com certeza, pensava eu. O velho mundo é palpável, sólido, nós o vivemos e lutamos com ele a cada momento, ele existe. O mundo do futuro ainda não nasceu, é inatingível, fluido, feito da luz em que são tecidos os sonhos, é uma nuvem batida pelos ventos violentos — o amor, o ódio, a imaginação, o acaso, Deus...o maior profeta não pode dar aos homens senão uma palavra de ordem; quanto mais esta palavra de ordem for imprecisa, maior será o profeta.

Zorba me olhava com um sorriso. Zanguei-me.

— Posso — disse eu.

— Pode? Então, mostre-me.

— Não posso. Você não o compreenderia.

— Qual nada! É que você não pode me mostrar mundo algum! — disse Zorba balançando a cabeça. Não sou nenhum tolo, patrão. Se alguém disse isso a você, esse alguém lhe enganou. Eu sou tão ignorante quanto o tio Anagnosti, mas não sou tão burro! Então, se eu não posso compreender, como quer você que o compreendam aquele velhinho e a mula da mulher dele? E todos os Anagnosti desse mundo? São então novas trevas que eles vão ver? Se forem, deixe-os com as trevas antigas — eles já estão habituados. Aguentaram até aqui, e bem, você não acha? Vivem, e vive bem; fazem filhos e mesmo netos; Deus os faz surdos, cegos e eles dizem: "Que o Senhor seja louvado!" Sentem-se bem na miséria. Deixe-os e cale-se.

Calei-me. Passávamos em frente ao jardim da viúva. Zorba parou um instante, suspirou, mas não disse nada. Devia estar chovendo em qualquer lugar. Um cheiro de terra, cheio de frescura, perfumava o ar. As primeiras estrelas apareceram. A lua recente brilhava, terna, amarelo-verde, e o céu transbordava de doçura.

Esse homem, pensei, nunca foi à escola e seu cérebro não foi desarrumado. Viu de tudo, seu espírito abriu-se e seu coração alargou-se, sem perder a audácia primitiva. Todos os problemas complicados, insolúveis para nós, ele os resolve com um golpe de espada, como seu compatriota, Alexandre o Grande. É difícil que ele tombe sobre um lado, pois se apoia inteiramente na terra, dos pés a cabeça. Os selvagens da África adoram a

serpente porque todo o seu corpo toca na terra e conhece, assim, os segredos do mundo. Ela os conhece com seu ventre, com sua cauda, com sua cabeça. Ela a toca, mistura-se, faz-se uma só, como a mãe terra. O mesmo ocorre com Zorba. Nós, as pessoas instruídas, não somos senão passarinhos bobocas do ar.

As estrelas se multiplicavam, altivas, desdenhosas, duras, sem nenhuma piedade pelos homens.

Não conversávamos mais. Olhávamos o céu com terror, víamos a cada instante novas estrelas se acenderem, enquanto ao oriente o incêndio se alastrava.

Chegamos ao barracão. Não tinha a menor vontade de comer, e fui sentar-me sobre um rochedo na beira do mar. Zorba acendeu o fogo, comeu, esteve para vir a meu encontro, mas mudou de ideia; deitou-se sobre seu chão e dormiu.

O mar estava quase parado. Imóvel sobre a salva de estrelas, a terra calava-se também. Nem um cão ladrava, nem um pássaro noturno se lamentava. Um silêncio total, envolvente, perigoso, feito de milhares de gritos, tão longínquos ou profundos que não se conseguia ouvi-los. Sentia apenas o rumor de meu sangue batendo nas têmporas e no pescoço.

"A melodia do tigre", pensei eu, estremecendo.

Na Índia, quando caí à noite, canta-se em voz baixa uma música dolorosa e monótona, um canto selvagem e lento como o bramir longínquo de uma fera — a melodia do tigre. O coração do homem transborda uma espera aterrorizante.

E como eu pensasse na terrível melopeia, o vazio em meu peito se foi enchendo pouco a pouco. Minhas orelhas acordaram, o silêncio transformou-se em grito. Dir-se-ia que a alma, feita ela também da mesma melodia, se evadia do corpo para escutar.

Abaixei-me, enchi a palma da mão com água do mar, molhei minha testa e têmporas. Senti-me refrescado. No fundo de mim mesmo, gritos ressoavam, ameaçadores, confusos, impacientes — o tigre estava em mim e rugia.

E, de repente, ouvi claramente a voz:

— Buda! Buda! — gritei eu, levantando-me de um salto.

Pus-me a andar depressa, na beira do mar, como se quisesse escapar. Há algum tempo já, quando estou só à noite e que reina o silêncio, escuto sua voz — triste no começo, súplice como uma lamentação; aos poucos vai-se irritando, resmunga e ordena. E bate em meu peito como uma criança cuja hora de nascer chegou.

Devia ser meia-noite. Nuvens negras que haviam juntado no céu, e grandes gotas caíam sobre minhas mãos. Mas, não prestei nenhuma atenção. Estava mergulhado em uma atmosfera ardente, e sentia à direita e esquerda, sobre minhas têmporas, dois anéis de fogo.

Chegou o momento, pensei eu, estremecendo. A espiral de

Buda está me erguendo, é hora de libertar-me de meu fardo maravilhoso.

Voltei rapidamente ao barracão e acendi a lamparina. Zorba, assim que a luz acendeu-se, bateu as pálpebras, abriu os olhos, me viu debruçar sobre o papel e escrever. Resmungou alguma coisa que não entendi, virou-se contra a parede e voltou ao sono.

Eu escrevia rapidamente, estava com pressa. Buda inteiro estava em mim, e eu o via se desenrolar de meu espírito como uma fita azul coberta de signos. Ele se desenrolava com rapidez, e eu me apressava para alcançá-lo. Escrevia, e tudo tornava-se fácil, simples.

Não escrevia, copiava. Todo um mundo aparecia diante de mim, feito de compaixão, de renúncia, de ar — palácio de Buda, as mulheres do harém, a carruagem de ouro, os três encontros fatais: com o velho, com o doente, com a morte; a fuga, o acesso, o parto, a proclamação da salvação. A terra se cobria de flores amarelas, os mendigos e os reis vestiam roupagens amarelas, as pedras, os bosques, as carnes se tornavam leves. As almas transformavam-se em ar, em espírito, o espírito se evolava. Meus dedos se cansaram, mas eu não queria, eu não podia parar. A visão passava, rápida e fugia; era preciso captura-la.

De manhã Zorba encontrou-me adormecido, com a cabeça sobre o manuscrito.

Capítulo VI



O Sol já ia alto quando acordei. Estava com a mão inchada de tanto escrever e não podia juntar os dedos A tempestade búdica havia passado, deixando-me vazio e fatigado.

Abaixei-me para apanhar as folhas espalhadas pelo chão. Não tinha nem vontade nem força para olhá-las Como se toda essa impetuosa inspiração não tivesse sido senão um sonho, que eu não queria ver prisioneiro das palavras, aviltado por elas.

Estava chovendo nesse dia, sem barulho, molemente. Zorba, antes de sair, havia acendido o braseiro, e durante todo o dia deixei-me ficar sentado diante do fogo, sem comer, imóvel, escutando a primeira chuva caindo docemente.

Não pensava em nada. Meu cérebro, enrolado sobre ele mesmo como uma toupeira no chão seco, descansava. Ouvia os movimentos ligeiros, os rumores, os gemidos da terra e a chuva que caía e as sementes que se inchavam. Sentia o céu e a terra acasalarem-se como nos tempos antigos, em que eles se uniam como homem e mulher e faziam filhos. Diante de mim, ao longo da praia, ouvia o mar que mugia e lambia como uma fera que estica a língua para beber.

Eu estava feliz, sabia-o. Enquanto estamos felizes, é difícil sabe-lo.

E só quando a felicidade já passou que olhamos para trás e sentimos — às vezes com surpresa — como éramos felizes. Mas eu, sobre essa costa cretense, vivia a felicidade e sabia que era feliz.

Um mar azul-escuro, imenso, indo até as praias africanas.

Subitamente um vento do sul soprava, muito quente, o Livas, que vinha das longínquas areias escaldantes. De manhã o mar recendia como uma melancia; ao meio-dia esfumaçava-se, imóvel, com ligeiras ondulações de seios, apenas desenhados. De noite suspirava, cor de rosa, de vinho, de berinjela, azul-escuro.

Diverti-me, de tarde, a encher a mão com areia fina e senti-la escorregar e escapar, quente e mole, entre meus dedos. A mão: um saco de areia onde a vida se escapa e perde. Ela se perde e eu olho o mar, ouço Zorba e sinto as têmporas estalarem de felicidade.

Um dia, lembro-me bem, minha sobrinha Alka, uma garotinha de quatro anos, no momento em que olhávamos, na véspera de primeiro do ano, uma vitrina de brinquedos, voltou-se para mim e me disse essa frase surpreendente: "Meu tio Ogre, estou contende que me tenham nascido chifres!" fiquei apavorado. Que prodígio é a vida, e como todas as almas, quando mergulham em suas raízes, se juntam e se confundem! Pois lembrava-me também de uma cabeça de Buda esculpido em ébano que havia visto em um museu distante.

Buda se havia libertado, e a alegria suprema o inundava, após uma agonia de sete anos. As veias de sua fronte, à direita e a esquerda, se haviam de tal forma intumescido que saltaram para fora da pele, transformadas em dois chifres vigorosos, retorcidos com duas molas de aço.

Ao entardecer a chuvinha miúda havia parado, o céu fez-se de novo puro. Tive fome e estava alegre com isso, pois agora Zorba ia voltar, acenderia o fogo e começaria a cerimônia cotidiana da cozinha.

— Ainda uma história sem fim, essa! — dizia às vezes Zorba, pousando a panela sobre o fogo. — não é só a mulher... Maldita seja ela... Que é uma história sem fim; ainda tem a comilança.

Pela primeira vez senti, nessas paragens, a doçura de uma refeição. De noite, Zorba acendia o fogo entre duas pedras e cozinhava, começávamos a comer e bebericar, a conversa ia se animando e eu compreendia, enfim, que comer também é uma função espiritual e que a carne, o pão e o vinho são as matérias-primas das quais se faz o espírito.

Antes de comer e beber Zorba não tinha, de noite, depois da canseira do trabalho, nenhuma disposição, seus modos eram mal-humorados, e era preciso arrancar-lhe as palavras. Seus gestos eram lentos e sem graça. Mas, depois de jogar carvão na máquina, como ele dizia, toda a usina entorpecia e moída que era seu corpo se reanimava, tomava impulso e começava a trabalhar. Sus olhos se iluminavam, sua memória renascia, cresciam asas em seus pés e ele dançava.

— Dize-me o que fazes, do que comes e eu te direi quem és. Há os que transformam isso em gordura e lixo, outros em trabalho e bom humor, outros em Deus... como já ouvi dizer. Existem, portanto, três espécies de homem. Eu não sou nem dos piores nem dos melhores.

Estou no meio. O que eu como, transformo em trabalho e bom humor.

Não é muito ruim!

Olhou-me maliciosamente e pôs-se a rir.

— Você patrão — disse ele, — você se esforça por transformar em Deus o que come. Mas não consegue e fica se torturando por isso.

Aconteceu a você a mesma coisa que ao corvo.

— O que aconteceu ao corvo, Zorba?

— Ele, você sabe, antes andava direito, convenientemente, como um corvo, ora. Mas um dia meteu na cabeça de se pôr a rebolar como um perdiz. Desde esse tempo, coitado, ele se esqueceu até do seu próprio andar, ele não sabe mais o que fazer, e manca.

Ergui a cabeça. Ouvi o passo de Zorba saindo da galeria. Pouco depois eu o vi aproximar-se, a face alongada, fechada, seus grandes braços se balançando, como descolados.

— Boa noite, patrão! — disse ele, mal abrindo a boca.

— Salve, amigo. Como foi o trabalho hoje?

Não respondeu.

— Vou acender o fogo — disse ele — e fazer o jantar.

Tomou um monte de lenha no canto, saiu, dispôs artisticamente os pedaços de madeira entre as duas pedras e acendeu. Apanhou a caçarola de barro, encheu com água e jogou dentro tomates, cebolas, arroz e começou a cozinhar. Enquanto isso, eu punha um guardanapo sobre a mesa redonda e baixa, cortava fatias de pão e enchia de vinho a cabaça ornada de desenhos, que tio Anagnosti nos tinha dado logo que chegamos.

Zorba se havia posto de joelhos diante da caçarola, olhava o fogo com os olhos dilatados, e ficava em silêncio.

— Você tem filhos, Zorba? — perguntei bruscamente.

— Por que pergunta? Tenho uma filha.

— Casada?

Zorba começou a rir.

— Do que está rindo, Zorba?

— Isso não se pergunta — disse ele. — claro que casada. Ela não é idiota. Eu trabalhava numa mina de cobre, em Pravitsa, na Calcídia.

Um dia, recebo uma carta de meu irmão Yanni. É verdade, havia me esquecido de dizer-lhe que tenho um irmão, um homem de peso, sensato, caloteiro, usuário, hipócrita, um homem como se deve ser, pilastra da sociedade. Ele é quitandeiro em Salônica. "Alexis, meu irmão, escrevia-me ele, tua filha Frosso tomou o mau caminho, ela desonrou o nosso nome. Ela tem um amante e teve um filho com ele, lá se foi a nossa reputação. Vou até a aldeia para degolá-la."

— E o que fez você, Zorba?

Zorba balançou os ombros:

— "Ora! Mulheres!" disse eu ao acabar de ler, e rasquei a carta.

Mexeu o arroz, pôs sal e riu.

— Mas espere que você ainda não viu o melhor. Dois meses depois recebo eu do cretino do meu irmão uma segunda carta.

"Saúde, alegria, meu querido irmão Alexis!" escrevia o imbecil. "A honra retomou seu lugar, pode agora levantar tua fronte, o homem do qual lhe falei esposou Frosso!"

Zorba voltou-se e me olhou. À luz de seu cigarro eu via seus olhos brilharem. Balançou ainda os ombros:

— Ora! Homens! — disse ele com um desprezo enorme. E logo depois:

— O que se pode esperar das mulheres? — disse. — que façam filhos com o primeiro que passar. O que se pode esperar dos homens?

Que caiam na armadilha. Tome nota disso, patrão.

Tirou a caçarola do fogo e nos pusemos a comer.

Zorba havia retornado às suas reflexões. Uma preocupação o atormentava. Ele me olhava, abria a boca, fechava-a de novo. À luz da lamparina de azeite eu via nitidamente seus olhos aborrecidos e inquietos.

Não aguentei mais.

— Zorba — disse-lhe eu, — você tem alguma coisa para me dizer.

Diga logo. Você está com dor de barriga. Pode botar para fora!

Zorba ficou calado. Apanhou uma pedrinha e lançou-a com força pela porta aberta.

— Largue as pedras e fale!

— Zorba esticou seu pescoço enrugado.

— Você tem confiança em mim, patrão? — perguntou ele, ansioso, olhando-me nos olhos.

— Tenho, Zorba — respondi. — não importa o que fizer, você não consegue enganar a você mesmo. Você é como o leão ou como o lobo. Essas feras não se comportam nunca como carneiros ou jumentos, elas não se afastam de sua natureza. Você também: você é Zorba até as pontas do cabelo.

Zorba balançou a testa:

— Mas, eu não sei mais onde diabo vai parar! — disse ele.

— Deixe que eu sei, não se preocupe. Vá em frente.

— Diga mais uma vez, patrão, para que eu tome coragem! — gritou ele.

— Vá em frente!

Os olhos de Zorba brilharam.

— Agora posso falar — disse. — há alguns dias tenho um grande projeto na cabeça, uma ideia maluca. Vamos fazê-la?

— E você ainda pergunta? Mas, se é para isso que viemos aqui: para realizar ideias.

Zorba alongou o pescoço, olhando-me com alegria e medo:

— Fale direito, patrão! — gritou ele. — nós não viemos aqui por causa do carvão?

— O carvão é um pretexto, para que as pessoas não fiquem curiosas. Para que nos tomem como sábios empreendedores e não nos recebam com legumes podres. Compreendeu, Zorba?

Zorba ficou de boca aberta. Ele procurava entender, não ousava acreditar em tanta felicidade. Subitamente viu claro. Precipitou-se sobre mim, segurando-me os ombros:

— Sabe dançar? — perguntou com paixão. — sabe dançar?

— Não.

— Não?

Ele deixou cair os braços, estupefato.

— Bom — disse. Ao cabo de um momento. — então eu vou dançar, patrão. Sente-se o mais longe que puder, para que eu não o machuque. Ohe! Ohe!

Deu um salto, irrompeu para fora do barracão, chutou seus sapatos para o ar, arrancou colete, camisa, enrolou a calça nos joelhos e pôs-se a dançar. Seu corpo, ainda sujo de carvão, estava todo negro. Seus olhos brilhavam, todos brancos.

Jogou-se à dança, batendo as mãos, erguendo-se no ar, fazendo piruetas, voltando ao chão com os joelhos dobrados, como se fosse de borracha. De repente, ele atirava-se para o alto como se quisesse vencer as leis da natureza e sair voando. Sentia-se nesse corpo cheio de vermes a alma em luta para empolgar a carne e jogar-se com ela nas trevas, como um meteoro. Ela sacudia o corpo que tombava, não podendo mantê-lo no ar por muito

tempo; ela o impulsionava de novo, impiedosa, dessa vez um pouco mais alto, mais o coitado caía, arquejante.

Zorba franzia as sobrancelhas, sua face havia tomado um ar inquietante grave. Não gritava mais. Com as mandíbulas cerradas ele se esforçava para atingir o impossível.

— Zorba! Zorba! — gritei. — já chega!

Tinha medo que de repente o velho corpo não resistisse a tanto ímpeto e explodisse em mil pedaços aos quatro ventos.

Podia gritar à vontade. Como poderia Zorba ouvir os gritos da terra? Suas entranhas se havian transformado nas de um pássaro.

Seguia com ligeira inquietação a dança selvagem e desesperada. Quando eu era criança, minha imaginação trabalhava sem freios e eu contava a meus amigos enormidades em que eu mesmo acreditava.

— Como morreu o teu avô? — perguntaram-me um dia meus amiguinhos da escola pública.

E eu, imediatamente, forjei um mito; e à medida que ia forjando ia acreditando.

— Meu avô usava sapatos de borracha. Um dia quando sua barba já estava branca, ele pulou do telhado da nossa casa. Mas, ao tocar a terra, ele pulou como uma bola e subiu mais alto que o telhado, e sempre mais alto, mais alto, e ele desapareceu nas nuvens. Assim morreu meu avô.

Desde o dia em que inventei esse mito, cada vez que eu ia à igrejinha de Santa Mina e que via, embaixo da iconóstase, a ascensão do Cristo, eu estendia a mão e dizia a meus colegas:

— Olhem, lá está meu avô com seus sapatos de borracha.

Naquela noite, depois de tantos anos, ao ver Zorba pular no ar, revivi esse conto infantil com terror, como se acreditasse que Zorba pudesse desaparecer nas nuvens.

— Zorba! Zorba! Chega! — gritava eu.

Zorba estava agora ajoelhado no chão, sem fôlego. Seu rosto brilhava, feliz. Seus cabelos grisalhos estavam colados à fronte, e o suor corria sobre seu rosto e seu queixo, misturado à poeira.

Debrucei-me sobre ele, inquieto.

— Isso me aliviou — disse ele ao fim de um momento, como se tivesse feito uma sangria. — agora eu posso falar.

Ele entrou no barracão, sentou-se diante do braseiro e me olhou radiante.

— Que deu em você para se pôr a dançar?

— Que queria você que eu fizesse, patrão? A alegria me estrangulava, era preciso que eu espairecesse. E como espairecer?

Com palavras? Eh!

— Que alegria?

Seu rosto escureceu. Seu lábio começou a tremer.

— Que alegria? Ora, isso tudo que você acabou de dizer, você disse a mim, no ar, sem entender você mesmo? Não viemos aqui em busca do carvão, você disse. Você disse por dizer, não? Viemos aqui para passar o tempo. Vamos jogar poeira nos olhos das pessoas, para que elas não nos tomem como malucos e não nos joguem tomates!

Mas nós, quando estivermos a sós, sem que ninguém nos veja, nós morreremos de rir! É isso, palavra de honra, o que eu queria também, mas não conseguia dizer. Às vezes pensava no carvão, às vezes na mãe Bubulina, às vezes em você... uma confusão. Quando eu abria uma galeria, eu dizia: "O que eu quero é o carvão." E, dos pés a cabeça, eu virava carvão. Mas, depois de acabado o trabalho, quando eu me esbaldava com aquela velha porca, eu queria que todas as linhitas e patrões do mundo se enforcassem na fitinha do seu pescoço; e Zorba também. Quando, enfim, eu ficava sozinho, sem ter o que fazer, eu pensava em você, patrão, e meu coração se partia.

Era um peso na minha consciência: "Que vergonha, Zorba zombar desse homem e tomar-lhe uns tostões Até quando você será assim?

Basta!" — eu lhe digo, patrão, havia perdido a cabeça. O Diabo me puxava de um lado e o bom Deus de outro: os dois me rasgavam ao meio. Patrão, você aí falou bem, e eu vi claro. Compreendi! Estamos de acordo

Agora, vamos fazer coisas! Você ainda tem dinheiro? Prepare tudo, vamos raspar os fundos!

Zorba enxugou a testa e olhou em volta. Os restos de nosso jantar estavam ainda espalhados em cima da pequena mesa. Ele estendeu seu grande braço:

— Com a sua permissão, patrão, eu ainda tenho fome.

Apanhou um pedaço de pão, uma cebola e algumas azeitonas.

Comia vorazmente, e entornava em sua boca, sem tocar nos lábios, a cabaça de vinho que ia se esvaziando. Zorba estalou a língua, satisfeito.

— Sinto-me remoçar — disse ele.

Piscou o olho em minha direção:

— Por que não ri, patrão? — perguntou. — por que está me olhando? Eu sou assim. Há em mim um Diabo que grita, e eu faço o que ele diz. "Dança" e eu danço. E isso me alivia! Uma vez, quando meu pequeno Dimitraki morreu, na Calcídia, eu me levantei e dancei.

Os parentes e amigos, ao me virem dançar assim diante do corpo, se precipitaram sobre mim para me fazer parar. "Zorba ficou louco! Eles gritavam. Zorba ficou louco!" mas eu, se não dançasse naquele momento, aí sim eu ficaria louco de dor. Porque ele era o meu primeiro filho e tinha três anos, e eu não podia suportar a sua perda.

Você compreende o que estou dizendo, ou estou falando para as paredes?

— Eu compreendo, Zorba. Você não está falando para as paredes.

— Uma outra vez... Eu estava na Rússia, perto de Novorossisk; e eu fui até lá também, sempre por causa de minas. Dessa vez era de cobre. Sabia cinco ou seis palavras de russo, apenas o indispensável para viver: — sim, não, pão, água, eu te amo, vem, quanto? Tinha ficado amigo de um russo, um bolchevique fanático. Íamos todas as noites a uma taberna do porto, onde tomávamos umas garrafas de vodka, e elas nos deixavam um pouco altos. Assim que começávamos a ficar alegres, o nosso coração se abria. Ele queria me contar, em detalhes, tudo o que havia acontecido com ele durante a revolução russa; e eu, do meu lado, queria dizer-lhe tudo sobre mim. Tínhamonos embriagados juntos, você sabe, havíamo-nos tornado irmãos.

Com gestos, mal ou bem, nos havíamos posto de acordo. Ele falaria primeiro. Quando eu não compreendesse diria: Stop! Então, ele se levantaria e dançaria para mim. Compreende, patrão, ele dançaria aquilo que queria me dizer. E eu a mesma coisa. Tudo aquilo que não poderíamos dizer com a boca seria dito com os pés, com as mãos, com o ventre ou com gritos selvagens: Hau! Opa lá! Oi! — foi o russo que começou como eles haviam apanhado os fuzis, como começou a guerra, como eles chegaram a Novorossisk. Quando eu não podia mais entender gritava: Stop! Imediatamente o russo se atirava e começava a dançar! Dançava como um possesso. E eu olhava suas mãos, seus pés, seu peito, seus olhos e compreendia tudo: como tinham entrado em Novorossisk e matado os patrões, como haviam pilhado as lojas, como entraram nas casas e levaram as mulheres. No começo elas choravam, as malvadas, elas unhavam e unhavam, mas, lentamente, iam-me deixando tomar, fechavam os olhos, gemiam de satisfação. Mulheres, ora... — depois foi a minha vez. Mal começava a falar e, talvez por que ele estivesse já um pouco tocado, e seu cérebro funcionasse mal, o russo gritava: stop! Eu não esperava senão isso. Atirava-me da cadeira, afastava as mesas, e me metia a dançar. Ah! Meu pobre amigo! Decaíram muito os homens! Deixaram que seus corpos ficassem mudos, e só falam com a boca? Que pode ela dizer? Se você pudesse ver como ele me escutava, o russo, da cabeça aos pés, e como ele me compreendia! Eu lhe descreveria, dançando, minhas infelicidades, minhas viagens, quantas vezes me casei, os ofícios que aprendi: carreteiro, mineiro, carregador, oleiro, comitadji, tocador de santuri, vendedor de passatempo, ferreiro e contrabandista; como me haviam jogado na cadeia, como eu fugi, como cheguei à Rússia... Tudo, ele compreendia tudo, mesmo na bebedeira em que estava. Meus pés, minhas mãos falavam, e também os meus cabelos e roupas. Até um canivete que estava pendurado em meu cinto falava também. Quando acabei, o grande tolo apertou-me em seus braços, beijou-me as faces, enchemos os copos de vodka ainda um vez, chorando e rindo, um nos braços do outro. De manhã cedo nos separávamos e íamos dormir. E de noite nos encontrávamos de novo. — você ri? Não acredita, patrão? Você diz a si mesmo: que Diabo, que histórias são essas que me contam esse Simbad o Marujo? Falar dançando, será possível? E, no entanto, boto

minha mão no fogo como deve ser assim que falam os Deuses e os Diabos. — estou vendo que estás com sono Você é muito delicado, não tem resistência. Vamos dormir e amanhã falaremos de novo.

Tenho um projeto, um magnífico projeto; amanhã eu lhe conto. Vou fumar ainda um cigarro, talvez dê um mergulho no mar.

Estou esfogueado, tenho que me acalmar. Boa noite!

Demorei a dormir. Estava acabada a minha vida, pensei. Se eu pudesse ao menos apanhar uma esponja e apagar tudo que havia aprendido, tudo que havia visto e ouvido e, depois, entrar para a escola de Zorba e começar a grande e verdadeira cartilha! Como seria diferente o caminho que escolheria na vida! Eu exerceria perfeitamente meus cinco sentidos, minha pele inteira, para que ela gozasse e compreendesse. Eu aprenderia a correr, lutar, nadar, montar a cavalo, remar, dirigir automóvel, atirar com espingarda.

Encheria minha alma com a carne. Encheria com carne a minha alma. Conciliaria em mim, finalmente esses dois inimigos seculares...

Sentado sobre meu chão, pensava em minha vida que se ia, em pura perda. Pela porta aberta, distinguia confusamente, à claridade das estrelas, Zorba acocorado sobre um rochedo como um pássaro noturno. Eu o invejava. Foi ele que encontrou a verdade, pensei; este é o bom caminho!

Em outras épocas, criadoras e primitivas, Zorba teria sido chefe de tribo, e marcharia na frente, abrindo o caminho com seu machado.

Ou então seria um trovador de renome, a visitar os castelos; e todo o mundo estaria preso a seus lábios grossos: senhores, empregadas e nobres damas... Em nossa época ingrata, ele vaga, esfomeado, à volta dos cercados como um lobo, ou bem decai ao ponto de ser o jogral de um arranhador de papéis qualquer.

De repente vi Zorba levantar-se. Despiu-se, jogou suas roupas ao chão e atirou-se ao mar. Via por instantes, à luz fraca da lua que nascia, sua grande cabeça imergir e desaparecer de novo. De vez em quando ele gritava, latia, zurrava, imitava o canto do galo — sua alma nessa noite deserta voltava-se para os animais.

Docemente, sem perceber, fui levado pelo sono. No dia seguinte, de madrugada, vi Zorba sorridente repousado, vir puxar meus pés.

— Levante-se, patrão — disse ele. — quero lhe contar meu projeto.

Está me ouvindo?

— Estou.

Sentou-se no chão à turca e pôs-se a explicar como ele instalaria um teleférico do pico da montanha até o mar; nós faríamos descer assim toda a madeira de que precisávamos para abrir galerias, e poderíamos vender o resto como madeira de construção.

Tínhamos decidido alugar uma floresta de pinheiros que pertencia ao mosteiro, mas o transporte custava caro e nós não encontrávamos mulas. Zorba havia, portanto, imaginado pôr em construção um teleférico com um grosso cabo, pilares e polias.

— De acordo? — perguntou ele quando acabou. — você topa?

— Topo, Zorba. De acordo!

Acendeu o braseiro, pôs a chaleira no fogo, preparou meu café; jogou-me um cobertor sobre os pés para que eu não sentisse frio e partiu, satisfeito.

— Hoje — disse ele, — vamos abrir uma nova galeria. Encontrei um filão daqueles: um verdadeiro diamante negro!

Abri o manuscrito sobre Buda e penetrei em minhas próprias galerias. Trabalhei todo o dia, e à medida em que avançava, ia me sentindo aliviado, sentia uma emoção complexa — alivio, orgulho e nojo. Mas, me deixava empolgar porque sabia que, uma vez terminado esse manuscrito, arrumado e guardado, eu estaria livre.

Tinha fome. Comi umas uvas secas, amêndoas e um pedaço de pão. Esperava que Zorba voltasse portador de todos os bens que alegram os homens — o riso claro, a boa palavra, as comidas saborosas.

No fim da tarde ele apareceu. Preparou o jantar, comemos, mas sua cabeça estava longe. Pôs-se de joelhos, enfiou na terra pequenos pedaços de madeira, estendeu um cordão e suspendeu, em polias minúsculas, um palito de fósforo; esforçava-se em achar a inclinação necessária do cordão para que a amarração

toda não desabasse.

— Se há mais inclinação do que é preciso, ele me explicava, estamos perdidos do mesmo jeito. É preciso achar a inclinação certa até o menor detalhe. E para isso, patrão, é preciso vinho e ciência.

— Vinho temos bastante, mas ciência...

Zorba estalou uma gargalhada:

— Você não é bobo, patrão — disse ele olhando-me com carinho.

Sentou-se para descansar e acendeu um cigarro. Ele estava de novo de bom humor e sua língua se desatou.

— Se o teleférico tiver sucesso — disse ele, — poderíamos pôr abaixo toda a floresta; abriríamos uma serraria, faríamos tábuas, postes, madeirames, ganharíamos dinheiro à beça.

Depois, meteríamos um veleiro num dique, botávamos ele em ponto de bala e íamos correr o mundo!

Os olhos de Zorba brilharam, encheram-se de mulheres distantes, de cidades, luzes, casas gigantescas, de máquinas, de barcos.

— É que já estou de cabelos brancos, patrão, e meus dentes já não são mais firmes; não tenho tempo a perder. Você é jovem, você pode ter paciência. Eu não posso. Palavra de honra, quando mais eu fico velho, mais eu fico selvagem! E não me diga que a idade adoça o homem e acalma o seu ardor! Nem vendo a morte ele estica o pescoço dizendo: "Corte-me a cabeça, faz favor, para que eu vá para o céu!" Eu, quanto mais passa o tempo, mais fico rebelde. Não desço a bandeira, eu quero conquistar o mundo!

Levantou e tirou da parede o seu santuri.

— Venha cá, demônio — disse ele. — que está você fazendo nessa parede, sem dizer nada? Canta um pouco!

Eu não me cansava de ver com que precauções e ternura Zorba tirava o santuri dos panos em que o havia envolvido. Parecia que estava descascando um figo, despindo uma mulher.

Pousou o santuri em seus joelhos, debruçou-se sobre ele, acariciou ligeiramente as cordas — dir-se-ia que o consultava sobre a música que iria cantar, que ele lhe pedia para acordar, que ele docemente lhe pedia que viesse faze companhia a sua alma dolorida, fatigada da solidão. Começou uma canção: não deu certo, abandonou-a, começou outra; as cordas arranhavam como sentido dores, como se não quisessem. Zorba apoiou-se na parede, enxugou o suor que subitamente porejou de sua testa.

— Ele não quer — murmurou, olhando com esforço para o santuri. — ele não quer.

Guardou-o de novo com cuidado, como se fosse uma fera e ele tivesse medo de ser mordido: levantou-se lentamente e recolocou-o na parede.

— Ele não quer — murmurou de novo, — ele não quer e não podemos forçá-lo.

Sentou-se novamente no chão e colocou umas castanhas nas brasas, encheu os copos de vinho. Bebeu, bebeu mais, descascou uma castanha e deu-ma.

— Você compreende, patrão? — perguntou-me. — eu não. Todas as coisas têm uma alma: a madeira, as pedras, o vinho que se bebe, a terra onde se caminha... Tudo, tudo, patrão.

Ergueu seu copo:

— À sua saúde!

Esvaziou o copo e encheu de novo.

— Porcaria de vida! — murmurou ele. — porcaria! Essa é também como a mãe Bubulina.

Pus-me a rir.

— Ouça o que eu digo, patrão, não brinque. A vida é como a mãe Bubulina. Ela é velha, hein? Pois bem, e no entanto não deixa de ser picante. Conhece truques de lhe fazer rodar a cabeça. Fechando os olhos, parece que você tem nos braços uma mocinha de vinte anos.

Vinte anos ela tem, eu juro, meu velho, quando você está em forma e apaga a luz. Você vai me dizer que ela está passada, que levou a vida de pau-para-toda-obra, que refocilou com almirantes, marinheiros, soldados, pregadores e juizes de paz. E daí? Que tem isso? Ela esquece depressa, a miserável, não se lembra de nenhum dos seus amantes, ela volta a ser, sem brincadeira, uma pomba inocente, uma patinha branca, uma pombinha, e

ela cora, pode crer, ela cora e treme como se fosse a primeira vez. É um mistério a mulher, patrão!

Ela pode cair mil vezes, que mil vezes se erguerá Virgem. Mas, por que, perguntará? Pois bem, porque ela não se lembra.

— O papagaio se lembra, Zorba — disse eu para implicar. — ele grita sempre um nome que não é o seu Isso não enraivece você, no momento em que você sobe com ela ao sétimo céu, ouvir o papagaio

gritar: "Canavarro! Canavarro!" Não sente você vontade de agarrá-lo pelo pescoço e estrangulá-lo? Pelo menos já era tempo de você ensiná-lo a gritar: "Zorba! Zorba!"

— Oh! Como você é ultrapassado! — disse Zorba, tapando os ouvidos com suas grandes patas. — por que você quer que eu o estrangule? Eu adoro ouvi-lo gritar esse nome. De noite ela pendura-o em cima da cama, a miserável, e logo que ele nos vê brincando, com seus olhos que furam a obscuridade, o tolo põe-se a gritar!

"Canavarro! Canavarro!"... E imediatamente, eu juro patrão, embora você não possa compreender isso, você que está apodrecido pelos seus livrecos, eu juro que me sinto de sapatos de verniz nos pés, com plumas na cabeça, e uma barba doce com seda e que cheira a âmbar. "Buon giorno! Buona será! Mangiate macarroni?" eu viro Canavarro, de verdade. Subo ao meu navio capitânia com mil bocas de fogo e lá vou eu... fogo nas mechas! E o canhoneiro começa!

Zorba riu às gargalhadas. Fechou o olho esquerdo e me olhou.

— Você me desculpe, patrão — disse ele, — mas eu pareço meu avô, o Capitão Alexis, Deus tenha sua alma! Com cem anos ele se sentava, de tarde, diante da sua porta para ficar olhando as jovens que iam à fonte. Sua vista estava diminuindo, ele não distinguia mais as formas. Então ele chamava as moças: "Diga-me, quem é você?" — Lenio, filha de Mastrandoni! — "Venha cá um pouco para que eu a toque! Venha, não tenha medo!" ela engolia o sorriso e se aproximava. Meu avô levantava sua mão até o rosto dela e encostava os dedos nele, percorrendo lentamente, com ternura, gulosamente. E lágrimas corriam de seus olhos. "Por que chora, avô?" perguntei-lhe uma vez. "Você acha que não há razão para chorar, meu filho, quando eu estou quase morrendo e deixando atrás tantas moças bonitas?"

Zorba suspirou:

— Ah! Meu pobre avô! Como te compreendo! Às vezes eu penso comigo mesmo: Ah! Miséria! Se ao menos todas as mulheres bonitas pudessem morrer ao mesmo tempo que eu! Mas, as danadas viverão, levarão uma boa vida, homens as terão em seus braços, irão beijá-las, e Zorba estará transformado em poeira para que elas passem por cima!

Tirou algumas castanhas das brasas e descasco-as. Tocamos nossos corpos. Por muito tempo ficamos ali bebendo e mastigando sem pressa, como dois grandes coelhos, enquanto ouvíamos lá fora mugir o mar.

Capítulo VII

Ficamos em silêncio, perto do braseiro, até tarde da noite.

Sentia de novo como a felicidade é uma coisa simples e frugal: um copo de vinho, castanhas, um fogareiro miserável, o barulho do mar.

Nada mais. E para ver que tudo isso é felicidade, basta também um coração simples e frugal.

— Quantas vezes você se casou, Zorba? — perguntei.

Estávamos os dois ligeiramente bêbados, não tanto pelo que havíamos bebido, mas por essa grande felicidade que estava em nós.

Não éramos senão dois insetos efêmeros, agarrados à casca terrestre; e nós o sentíamos profundamente, cada um a seu modo.

Havíamos encontrado um lugar cômodo, perto do mar, atrás de folhagens, das cercas e latas vazias, onde estávamos um perto do outro, tendo à frente coisas agradáveis e comidas gostosas e, em nós, serenidade, afeto

e segurança.

Zorba não me ouviu. Quem sabe sobre que oceanos, onde a minha voz não o alcançava, estava vagando seu pensamento.

Estendendo o braço toquei-o com as pontas dos dedos:

— Quantas vezes você se casou, Zorba? — perguntei mais uma vez.

Sobressaltou-se. Dessa vez havia escutado e, agitando sua manopla:

— Oh! — respondeu, — que assunto você foi buscar! Afinal, sou homem. Eu também cometi a grande besteira. É assim que eu chamo o casamento. Que os casados me perdoem. Cometi, pois, a grande besteira, casei-me.

— Bem, mas quantas vezes?

Zorba coçou nervosamente o pescoço. Pensou um instante.

— Quantas vezes? — disse enfim. — honestamente, uma vez só, uma vez para sempre. Mais ou menos honestamente, duas vezes.

Desonestamente, mil, duas mil, três mil vezes. Como se pode calcular?

— Conta um pouco, Zorba. Amanhã é domingo, nós nos barbearemos, vestiremos boas roupas e iremos à casa da mãe Bubulina. Não temos nada que fazer, por isso podemos ficar acordados até tarde. Conta!

— Contar o que? Isso não são coisas que se conte, patrão! As uniões legais, estas não tem gosto; são pratos sem pimenta. Contar o que? Que não há prazer algum em se beijar quando os ícones estão olhando para você e dando bênçãos. Na minha aldeia nós dizemos:

"Só a carne roubada tem gosto." Sua mulher não é carne roubada.

Agora, as uniões desonestas, como lembrar? Você acha que os galos fazem contas? Pois sim! Entretanto quando eu era jovem, tinha a mania de guardar uma mecha dos cabelos de todas as mulheres com quem dormia. Trazia sempre comigo, então, uma tesoura. Mesmo quando eu ia à igreja levava a tesoura no bolso! Somos homens, não é? Nunca se sabe o que pode acontecer!... Eu fazia coleção de mechas de cabelos: tinha-as negras, louras, castanhas, algumas até grisalhas. Tantas eu juntei que deu para fazer um travesseiro; sim, um travesseiro com o qual eu dormia — mas, só no inverno, no verão ele me escaldava. Depois, aborreci-me; começava a ficar podre, então queimei-o.

Zorba se pôs a rir:

— Era esse o meu livro de contas, patrão — disse ele. — e pegou fogo. Aí eu me cansei. Achei que as contas não seriam muitas, mas vi que elas não tinham fim, e então joguei fora a tesoura.

— E as uniões mais ou menos honestas, Zorba?

— Ah! Essas tiveram o seu encanto — respondeu ele. — ah! As mulheres eslavas! Que liberdade! Nada de: "Onde foi você? Por que se atrasou? Onde dormiu?" Elas não perguntam nada, e você não pergunta nada a elas. A liberdade, ora!

Estendeu a mão, apanhou seu copo e esvaziou-o; descascou uma castanha. Ia mastigando enquanto falava:

— Houve uma, chamada Sofinka, e outra, chamada Nussa.

Conheci Sofinka numa aldeia bastante grande, perto de Novorossisk.

Era inverno, havia neve, e eu procurava trabalho numa mina.

Passando pela tal aldeia, parei. Era dia de mercado, e de todos os lugares das redondezas mulheres e homens tinham vindo para comprar e vender. Havia fome na região, um frio de lobo, e as pessoas vendiam tudo que tinham, até os ícones, para comprar pão.

Estava dando umas voltas no mercado quando vi uma jovem camponesa saltar de uma carroça, uma lourona de dois metros de altura com olhos azuis como o mar, e uns quadris... Uma potranca!...

Fiquei deslumbrado. "Eh! Pobre Zorba, disse comigo, estás frito!"

Ponho-me a segui-la. Eu a olhava e olhava... Não me cansava de fazê-lo!

Era de se ver aquele traseiro balançando como sinos de páscoa.

"Para que ir procurar minas, pobre amigo?" eu me dizia. Seria tomar o caminho errado, cabeça oca! Lá

está a verdadeira mina: meta-se nela e fure as galerias! A jovem pára, regateia, compra um monte de lenha, ergue-o — que braços, meu senhor! — e joga-o na carroça.

Compra um pouco de pão e cinco ou seis peixes defumados. "Quando é isso?" pergunta ela. — "Tanto..." ela tira o brinco para pagar com ele. Não tinha dinheiro, pagava com o brinco. Então, enfureci-me.

Deixar uma mulher dar seus brincos, seus adornos, seus sabonetes perfumados, sua água-de-colônia... Se ela dá tudo isso, o mundo está perdido! É como arrancar as penas de um pavão. Você tinha coragem de tirar as penas de um pavão? Nunca! Não, não! Enquanto Zorba viver, disse comigo, isso não acontecerá. Abri minha carteira e paguei. Era a época em que o rublo tinha se transformado em pedaços de papel. Com cem dracmas, comprava-se um jumento; com dez, uma mulher. Então, paguei. A moça virou-se para mim, olhou-me com o canto do olho. Pegou minha mão para beijá-la. Mas eu a puxei.

Será possível que ela me tomasse por um velho? "Spassiba!

Spassiba!" grita-me ela; isso quer dizer: "Obrigado, Obrigado!" e eis que ela pula na carroça, pega as rédeas e levanta o chicote. "Zorba, digo a mim mesmo, toma cuidado meu velho, ela vai fugir bem embaixo do seu nariz." De um pulo só vou parar na carroça, ao lado dela. Ela não disse nada. Nem se virou para me olhar Uma chicotada no cavalo e nós partimos. A caminho, ela compreendeu que eu a queria como mulher. Eu embaralhava duas ou três palavras de russo, mas para essas coisas não é preciso falar muito. Nós falávamos com os olhos, com as mãos, com os joelhos. Para encurtar, chegamos numa aldeia e paramos diante de um isbá. Descemos. Com um empurrão de ombro a jovem abre a porta e entramos na sala. Lá está uma velhinha sentada perto da lareira apagada. Tremia. Estava enrolada em sacos e peles de carneiro, mas tremia. Fazia um frio de cair às unhas, um inferno! Abaixei-me, botei uma lenha na lareira e acendi o fogo. A velhinha me olhou sorrindo. Sua filha lhe havia dito alguma coisa, mas não entendi nada. Acendido o fogo a velha esquentou-se e voltou à vida. Enquanto isso a filha botava a mesa.

Trouxe um pouco de vodka, e nós bebemos. Acendeu o samovar, fez chá, comemos e demos de comer à velha. Depois disso, ela prepara uma cama depressa, arruma-a com lençóis limpos, acende a vela diante do ícone da Santa Virgem e faz três vezes o sinal da cruz.

Depois me chama com um gesto; ficamos de joelhos diante da velha e beijamos suas mãos. Ela pousa suas mãos ossudas sobra nossas cabeças e murmura alguma coisa. É possível que nos estivesse dando sua benção. "Spassiba! Spassiba!" grito eu, e de um pulo vou para a cama com a moça.

Zorba calou-se. Levantou a cabeça e olhou ao longe em direção ao mar.

— Ela se chamava Sofinka... — disse ele logo depois, e voltou ao silêncio.

— E então? — perguntei impaciente.

— Não tem "então"! Que mania a sua, patrão, com esses "então" e "porque"! Essas cosias não se contam A mulher é como uma fonte fresca; a gente se debruça, vê o rosto refletido na água, e bebe, bebe o quanto quiser. Depois vem outro que tem sede também: ele se debruça vê o rosto e bebe. Depois um outro ainda... A mulher é uma fonte, patrão, eu lhe asseguro.

— E depois, você foi embora?

— Que queria que eu fizesse? É uma fonte, eu lhe disse, e eu sou o viajante: retomei o caminho. Fiquei três meses com ela. Mas, no fim do terceiro mês lembrei-me que estava em busca de uma mina.

"Sofinka, disse-lhe um dia de manhã, eu tenho que trabalhar, devo partir." — "está bem, disse Sofinka, pode ir. Eu esperarei durante um mês e se você não voltar nesse período eu estarei livre. Você também. Deus seja louvado!" e eu fui embora.

— Mas você voltou um mês depois...

— Que besteira, patrão, como o devido respeito! — gritou Zorba! — como voltar? Elas não lhe deixam tranquilo, as malvadas. Dês dias depois, no Cuban, encontrei Nussa.

— Conta! Conta!

— Uma outra vez, patrão. Não se deve misturá-las, coitadas. À saúde de Sofinka.

Tomou seu vinho de um só gole. Depois, encostando-se na parede:

— Está bem — disse. — vou contar também a história de Nussa.

Essa noite estou com a cabeça cheia de Rússia. Viva! Vamos a isso!

Enxugou os fios do bigode e remexeu as brasas.

— Esta então, como dizia, eu conheci numa aldeia do Cuban. Era verão. Montanhas de melancias e melões; eu me abaixava, pegava um e ninguém dizia nada. Cortava-o em dois, metia a cara lá dentro.

Tudo em abundância lá na Rússia, patrão! Tudo sobrando: escolha e leve! E não era só melancia e melões mas peixes, manteiga e mulheres. Você vai passando vê uma melancia e a leva. Vê uma mulher, pode levar também. Não é como aqui na Grécia, onde você surrupia de alguém um pedacinho de melão e o dono dele lhe arrasta aos tribunais e basta que você encoste o dedo numa mulher e o irmão dela lhe saca uma faca para lhe transformar em carne para encher lingüiça. Bah! Mesquinhos, forretas... Podem ir todos para a forca! Bando de piolhudos! Precisam ir à Rússia para ver o que é ser um grão-senhor! Passava, pois, pelo Cuban, quando vejo uma mulher numa horta. Ela me agradou. Você precisa saber, patrão, que essas eslavas não são como essas greguinhas cúpidas, que vendem amor a conta-gotas, que fazem o impossível para lhe dar menos que o devido e roubar no peso. A eslava, patrão, ela serve o peso certo. No sono, no amor, no comer; ela está muito perto dos animais da terra; ela dá, dá muito, ela não é como essas trapaceiras gregas! Eu perguntei a ela: "Como se chama?" para falar com mulheres, você sabe, eu havia aprendido um pouco de russo. "Nussa, e você?" — Alexis. Você me agrada muito, Nussa." Ela me olhou com atenção, como a um cavalo que quisesse comprar "Você também, não tem ar fricoteiro, disse-me ela. Você tem dentes sólidos, grandes bigodes, costas largas, braços fortes. Você me agrada." Não nos dissemos mais nada, e nem valia a pena. Num instante nos havíamos posto de acordo. Devia ir aquela noite mesmo na casa dela, com minhas roupas de domingo. "Você tem uma peliça forrada?" Perguntou-me Nussa. "Sim, mas com esse calor..." — "não tem importância. Traz também, que dá um ar de rico." Naquela mesma noite, enfeitou-me como um recém-casado, ponho a peliça no braço, levo também uma bengala com castão de prata que eu tinha, e vou para lá. Era um casarão de camponês, com pátios, vacas, prensas, fogos acessos no pátio e caldeirões sobre os fogos. "Que ferve aqui?" Pergunto. — "Suco de melancia". — "e aqui? — "Suco de melão". Que terra, digo comigo mesmo, ouviste? Suco de melancia e melão é a terra prometida! À tua, Zorba, caíste bem como um rato dentro de um queijo. Subo a escada, uma enorme escada de madeira que estalava. Na entrada, o pai e a mãe de Nussa.

Usavam uma espécie de largas calças verdes, com cinturões vermelhos cheios de borlas: grandes barretes também. Abrem os braços e me beijam de todo o lado. Fiquei cheio de saliva. Falavam comigo muito depressa, e eu não entendia direito, mas por suas faces vi que não era nada de ruim. Entro na sala, e o que vejo? Mesas postas, cheias de comidas. Todos estavam de pé: parentes, homens e mulheres, e diante deles Nussa, pintada, vestida e com o colo à mostra como uma figura de proa de navio. Deslumbrante de beleza e juventude. Trazia um lenço na cabeça, e sobre seu coração estavam bordados uma foice e um martelo. "Veja Zorba, seu patife, digo-me, é para você essa carne toda? É esse o corpo que essa noite você terá nos braços?". Atiramo-nos à comida como lobos, as mulheres e os homens. Comíamos como porcos, bebíamos como buracos sem fundo. "E o padre? Perguntei ao pai de Nussa que estava ao meu lado, e não estava longe de estourar de tanto que comera." Onde está o padre que nos vai dar as bênçãos? — "não tem padre nenhum, respondeu ele arrotando, não tem padre nenhum. A religião é o ópio do povo". Dito isso, ele se levanta de torso curvado, tira o cinturão vermelho e levanta o braço para que se faça silêncio. Segurava o copo cheio até a borda e me olhava nos olhos. Começou a falar, a falar; me fazia um discurso, veja só! Que dizia ele? Só Deus sabe! Já estava eu cansado de ficar de pé, e depois estava ficando meio bêbado. Sentei-me de novo e colei meu joelho ao de Nussa que estava à minha direita. Ele não acabava de falar, o velho, e suava de todo o lado. Então, os outros se atiravam sobre ele, o abraçam para fazê-lo calar. Nussa me fez um sinal: "vai, fala você também!" levanto-me, e faço um discurso meio em russo, meio em grego.

Que disse eu? Que me enforquem se sei. Só me lembro que, no fim, estava lançando mão de cantigas clélticas. Comecei, sem rima nem propósito, a berrar:

Clélticas subiram nas montanhas

Para roubar cavalos!

Cavalos não tinha nenhum.

E então roubaram Nussa!

— Você sabe, patrão, eu tinha que introduzir modificações em vista da circunstância.

Eles se vão, eles se vão...

(ouviu, minha mãe, eles se vão!)

Ah, Nussa minha,

Ah, Nussa minha,

Oi!

— E ao berrar "Oi"! Atiro-me sobre Nussa e beijo-a. Era o que faltava! Como se eu tivesse dado o sina que eles esperavam, e era só isso que eles esperavam, uns grandalhões se precipitaram e apagaram as luzes. As sem-vergonhas das mulheres se puseram a esganiçar, fingindo medo. Depois, no escuro, puseram-se a dar gritinhos. Mas estavam adorando e se esbaldando. O que se passou, patrão, só Deus sabe. Mas, eu creio que nem Ele sabe, porque se não tinha-nos assado em um de seus raios. Os homens e mulheres, misturados numa confusão, rolavam pelo chão. Saio procurando Nussa, mas era impossível encontrá-la! Pego uma outra e me arrumo com ela mesmo. De manhã cedinho, levanto-me para partir com minha mulher. Estava ainda escuro, e eu não enxergava bem. Pego um pé, puxo: não era o de Nussa. Pego outro: também não! Um outro: ainda não Pego um outro, ainda outro e, no fim das contas, depois de um trabalho danado, encontro o de Nussa, puxo-o, tiro de cima dela dois ou três cavalões que a tinham amarfanhado, coitada, e acordo-a: "Nussa, digo-lhe, vamos embora! Não se esqueça da peliça!" ela me responde: "vamos!" e nós partimos.

— E então? — perguntei de novo, vendo que Zorba se calava.

— Você ainda com os seus "então" — disse Zorba enervado.

Ele suspirou.

— Vivi seis meses com ela. Desde esse dia, eu juro, não tenho medo de mais nada. Mais nada de nada! A não ser de uma coisa: que o demônio ou Deus apaguem de minha memória esses seis meses.

Compreende?

Zorba fechou os olhos. Parecia muito emocionado. Era a primeira vez que o via tão empolgado por uma lembrança do passado.

— Você a amou tanto assim, a essa Nussa? — perguntei um minuto depois.

Zorba abriu os olhos.

— Você é jovem, patrão — disse ele. — você é jovem e não pode compreender. Quando tiver cabelos brancos, você também, nós falaremos de novo sobre essa história eterna.

— Que história eterna?

— A mulher, ora bolas! Quantas vezes preciso repetir. A mulher é uma história eterna. Por enquanto você é como os galos jovens que cobrem as galinhas num piscar de olhos e depois enchem o peito e vão para cima da lixeira cantar até estourar os miolos. Não é para a galinha que eles olham, é para a própria crista. Então o que podem eles saber sobre o amor? Nada de nada.

Cuspiu no chão com desprezo. Depois voltou o rosto, não queria me olhar.

— E então, Zorba? — perguntei ainda. — e Nussa?

Zorba, com o olhar perdido em direção ao mar:

— Uma noite, voltando para casa, não a encontrei. Havia fugido com um belo militar que chegara à aldeia uns dias antes. Estava terminado. Fiquei com o coração partido ao meio. Mas ele curou depressa, o danado Você já viu essas velas remendadas com trapos vermelhos, amarelos, negros, cozidos com linha grossa e que não rasgam mais, nem mesmo na pior tempestade? Meu coração é parecido. Trinta e seis mil furos, trinta e seis mil pedaços: não tem mais medo de nada!

— Você não ficou com raiva de Nussa, Zorba?

— Por que ficar com raiva dela? Você pode dizer o que quiser, a mulher é outra coisa, não é ser humano. Por que ficar com raiva dela?

É uma coisa incompreensível à mulher, e todas as leis do estado e da religião são cegas. Elas não deviam

tratar a mulher assim, não. Elas são muito duras, patrão, muito injustas! Se eu fosse fazer as leis, não faria as mesmas para os homens e para as mulheres. Dez, cem, mil artigos para o homem. O homem é o homem, ora, ele pode aguentar.

Mas, nem um artigo para a mulher. Porque, quantas vezes terei de repetir isso, patrão? A mulher é uma criatura frágil. À saúde de Nussa, patrão! À saúde das mulheres! E que Deus ponha miolo na nossa cabeça para nós, homens!

Bebeu, levantou o braço e deixou-o cair bruscamente como se segurasse um machado.

— Que ele nos ponha miolo na cabeça — repetiu, ou então que nos faça uma operação. Senão, você pode crer: estamos fritos!

Capítulo VIII

Hoje chove lentamente, e o céu se une a terra com uma ternura infinita. Lembro de um baixo-relevo hindu, em pedra cinza-escura: um homem está com os braços em torno de uma mulher e se une a ela com tanta doçura e resignação que se tem a impressão, o tempo tendo gastado e quase corroído os corpos, de se estar vendo dois insetos estreitamente enlaçado sobre os quais cai uma garoa que a terra absorve, voluptuosamente e sem pressa.

Estou sentado no barracão. Olho o céu se escurecer e o mar reluzir com um brilho cinza-verde. De um lado a outro da praia, nem um homem, nem uma vela, nem um pássaro. O cheiro da terra entra sozinho pela janela aberta.

Levantei-me e estendi a mão para a chuva como um mendigo.

De repente, tive vontade de chorar. Uma tristeza, não por mim, não minha, mais profunda, mais obscura, subia da terra molhada. O pânico que deve assaltar o animal que pasta despreocupado, e que, de repente, sem nada ver, fareja em torno de si, no ar, que ele está bloqueado e não pode escapar.

Estive a ponto de dar um grito, sabendo que isso me aliviaria, mas tive vergonha.

O céu baixava cada vez mais. Olhava pela janela; meu coração tremia docemente.

Voluptuosas, totalmente tristes, são as horas de chuva fina. Ao espírito voltam todas as recordações amargas, sepultadas no coração — separação de amigos, sorrisos de mulheres já apagados, esperanças que perderam suas asas, como borboleta às quais não resta senão o verme. E esse verme está pousado sobre as folhas de meu coração e as rói.

Pouco a pouco, através da chuva e da terra molhada, subiu de novo a saudade de meu amigo, exilado lá longe, no Cáucaso. Tomei minha pena, debrucei-me sobre o papel, pus-me a falar com ele, para romper a malha de chuva e respirar.

Meu querido, escrevo-lhe de uma praia solitária de Creta onde combinados, o destino e eu, que eu ficaria alguns meses a brincar de capitalista, de proprietário de uma mina de linhita, de homem de negócios. Se a brincadeira der certo, então lhe direi que não era brincadeira, mas que tomara uma decisão grave: a de mudar de vida.

Você se lembra, na hora de partir você me chamou "camundongo roedor de papiros". Então, despeitado, decidi abandonar as papeladas por algum tempo — ou para sempre — e atirar-me à ação. Aluguei uma pequena colina que tem linhita, contratei operários, comprei picaretas, pás, lâmpadas de acetileno, cestas, vagões, furei galerias e meto-me dentro delas. Tudo isso para enfurecer você. E de camundongo papívoro, à força de abrir corredores na terra, transformei-me em toupeira. Espero que você aprove a metamorfose.

Minhas alegrias aqui são muito grandes porque muito simples, feitas de elementos eternos: ar puro, sol, mar, pão. De noite, sentado à turca diante de mim, um extraordinário Simbad o Marujo fala; fala e o mundo se alarga. Algumas vezes, quando a palavra não é suficiente, ele se ergue e dança. E quando a própria dança não

lhe é suficiente, pousa o santuri sobre seus joelhos e toca.

Ora é uma melodia selvagem e dá uma sensação de sufocamento, porque se compreende bruscamente que a vida é insípida e miserável, indigna do homem. Ora é uma música dolorosa, e sente-se que a vida passa e se esvai como areia entre os dedos, e que não há salvação.

Meu coração vai de um lado para o outro em meu peito, como uma lançadeira de tecelão. Ele tece esses meses que vou passar em Creta, e — Deus me perdoe — creio que sou feliz.

Confúcio disse: "Muitos procuram a felicidade acima do homem, outros mais abaixo. Mas, a felicidade é exatamente do tamanho do homem." É certo. Existem, portanto, tantas felicidades quantos tamanhos há de homem. Tal é, meu caro aluno e professor, a minha felicidade de hoje: eu a meço e torno a medir, inquieto, para saber qual é agora o meu tamanho. Porque, você sabe melhor que eu, o tamanho do homem nunca é o mesmo.

Os homens, vistos de minha solidão, aqui, aparecem-me não como formigas, mas, ao contrário, como monstros enormes, dinossauros e pterodátilos, vivendo numa atmosfera saturada de ácido carbônico e de podridão cosmogônica. Uma selva incompreensível, absurda e lamentável. As noções de pátria e de raça que você gosta, as noções de superpátria e de humanidade que me seduziram, adquirem o mesmo valor diante do sopro todo-poderoso da destruição. Sentimos que estamos aqui para dizer algumas sílabas, e às vezes nem sílabas, mas sons inarticulados, um "a"! Um "o"! — depois do que nos partimos em pedaços. E as ideias mais elevadas, mesmo se lhe abrimos o ventre, vemos que são, também elas, bonecas enchidas com serragem, e escondida na serragem encontramos uma mola de lata.

Você bem sabe que essas meditações cruéis, longe de me fazerem desistir, são, ao contrário, combustíveis indispensáveis a minha chama interior. Porque, como disse o meu mestre Buda, "eu vi". E tendo visto, e tendo trocado uma piscadela de olhos com o invisível diretor do espetáculo, cheio de bom humor e fantasia, posso daqui por diante representar até o fim, quer dizer, com coerência e sem desfalecimentos, o meu papel na terra. Pois, tendo visto, colaborei também na obra que represento no palco de Deus.

E é assim que, percorrendo com os olhos o cenário universal, eu vejo você lá longe, nas furnas legendárias do Cáucaso, representar

também o seu papel; você se esforça em salvar milhares de almas de nossa raça que estão em perigo mortal. Pseudo-prometeu, mas que deve sofrer martírios bem reais combatendo forças obscuras; a fome, a doença, a morte. Mas você, orgulhoso como é, deve se alegrar que as forças obscuras sejam tão numerosas e invisíveis: assim o seu desejo de ser quase sem esperança será mais heroico, e sua alma adquire uma grandeza mais trágica.

Essa vida que você leva, você a considera, certamente, como uma felicidade. E porque assim a considera, assim ela é. Você também cortou sua felicidade ao seu tamanho; e seu tamanho nesse momento — Deus seja louvado, é maior que o meu.

O bom mestre não quer recompensa mais brilhante do que essa: formar um aluno que o ultrapassa.

Por mim, eu esqueço frequentemente, eu me desvio, me perco, minha fé é um mosaico de incredulidade; tenho vontade de fazer uma troca: tomar um pequeno minuto e dar toda a minha vida. Mas você segura firmemente o leme e não esquece, mesmo nos mais doces instantes mortais, sobre que rumo apontou sua proa.

Você se lembra daquele dia em que atravessamos os dois a Itália de volta à Grécia? Havíamos resolvido ir à região do ponto, então em perigo, você se lembra? Numa aldeia descemos às pressas do trem — tínhamos apenas uma hora antes da chegada do outro trem. Entramos em um grande jardim viçoso, perto da estação: árvores de folhas largas, bananeiras, juncos de sóbrias cores metálicas, abelhas agarradas a um galho florido que tremia, feliz de as ver mamar.

Nos íamos mudos, em êxtase, como num sonho. Subitamente, a uma volta da aldeia florida, duas jovens apareceram, lendo e caminhando. Não me lembro mais se eram bonitas ou feias. Lembro-me apenas que uma era loura e a outra morena, e que as duas usavam vestidos primaveris.

E com a audácia que só se tem em sonho, nós nos aproximamos delas e você lhes disse rindo: "Não importa que livros vocês estejam lendo, vamos discuti-lo." Elas liam Gorki. Então às pressas porque não tínhamos tempo, nós nos pusemos a falar da vida, da miséria, da revolta da alma, do amor...

Não esquecerei jamais nossa alegria e nossa dor. Éramos já, nós e aquelas duas jovens desconhecidas, velhos amigos, velhos amantes; responsáveis por sua alma e seu corpo, apressávamo-nos: alguns minutos mais tarde e iríamos deixá-las para sempre. Na atmosfera perturbada pressentia-se o rapto e a morte.

O trem chegou e apitou. Tivemos um sobressalto como se acordássemos. Apertamos as mãos. Como esquecer o aperto forte e desesperado de nossas mãos, os dez dedos que não queriam se separar. Uma das jovens estava muito pálida, a outra ria e tremia.

Lembro de ter dito então a você: "Eis a verdade. Grécia, pátria e dever são palavras que não querem dizer nada." E você me respondeu:"Grécia, pátria e dever, com efeito, não querem dizer nada, mas é por esse nada que vamos morrer."

Mas, porque lhe escrevo isso? Para dizer que não esqueci de nada do que vivemos juntos. Para ter ocasião de dizer o que nunca, por causa do hábito, bom ou mau, que adquirimos de nos conter, me foi possível dizer quando estávamos juntos.

Agora que não está diante de mim, que você não vê meu rosto e que não me arrisco muito em parecer ridículo, eu lhe digo que o quero muito.

Tinha acabado minha carta. Havia conversado com meu amigo e sentia-me aliviado. Chamei Zorba Sentado sobre uma rocha, ele ensaiava o seu teleférico.

— Venha Zorba — gritei-lhe. — levante-se e vamos à cidade passear.

— Você está de bom humor, patrão. Está chovendo. Você não quer ir sozinho?

— Sim, e não quero perder meu bom humor. Se estivermos juntos, não arrisco nada. Venha.

Ele riu.

— Estou contente de que você precise de mim. Vamos!

Botou seu casaquinho cretense, de lã e barrete pontudo, com que o havia presenteado, e nos pusemos a caminho patinhando na lama.

Chovia. Os picos das montanhas estavam escondidos nas nuvens, nem um sopro de vento, as pedras reluziam. A pequena montanha de linhita estava sufocada de nevoeiro. Dir-se-ia que uma tristeza humana envolvia o rosto de mulher da colina, como se ela tivesse desmaiado na chuva.

— O coração do homem sofre quando chove — disse Zorba. — não devemos querer-lhe mal.

Abaixou-se perto de uma cerca e colheu o primeiro narciso selvagem. Olhou-o um longo momento, sem poder satisfazer-se, como se estivesse vendo narcisos pela primeira vez; cheiro-o fechando os olhos, suspirou, e deu-o para mim.

— Se a gente soubesse, patrão, o que dizem as pedras, a chuva, as flores! Talvez elas chamem, talvez elas nos chamem e nós não as escutemos. Quando é que as pessoas começaram a ouvir? Quando teremos os olhos abertos para ver? Quando abriremos os braços para abraçar todas as pedras, as flores, a chuva e os homens? Que diz você disso, patrão. E os livrecos, o que dizem?

— Que o Diabo os carregue! — disse eu, servindo-me da expressão preferida de Zorba. — Que o Diabo o carregue!

Zorba pegou-me pelo braço.

— Vou dizer uma ideia que tive, patrão, mas você não pode se zangar: era fazer uma pilha dos seus livrecos e meter fogo neles. Depois disso, quem sabe, você não é tolo, é um bom sujeito... Poderíamos fazer alguma coisa de você!

"Ele tem razão, ele tem razão! Gritava eu dentro de mim mesmo. Ele tem razão, mas eu não posso!"

Zorba hesitou, refletiu. E num instante depois: — Tem uma coisa que não compreendo...

— O que?... Diga!

— Não sei bem. Parece, assim, que eu compreendo. Mas se eu tento dizê-lo, estrago tudo. Um dia em que estiver disposto, eu o dançarei para você.

Começou a chover mais forte. Chegávamos à aldeia. Meninas traziam carneiros das pastagens trabalhadores haviam desatrelado os bois, abandonado os campos trabalhados pela metade, as mulheres corriam atrás dos filhos nas vielas. Um pânico alegre tomara conta da aldeia com o aguaceiro. As mulheres

davam gritos agudos e seus olhos riam; das barbas cerradas e bigodes retorcidos dos homens pendiam grandes pingos de chuva. Um perfume acre subia da terra, das pedras e da erva.

Molhados até os ossos, nós nos enfiamos no bar e açougue pudor. Estava repleto de gente, uns jogando cartas, outros discutindo aos gritos como se interpelassem de uma montanha para outra.

Numa mesinha do fundo, sentados num banco de madeira, presidiam as notabilidades do lugar: tio Anagnosti, com sua camisa branca de mangas largas: Mavrandoni, silencioso, severo, fumando seu narguilé, com os olhos fixos no chão; o mestre-escola, de meia-idade, seco, imponente, apoiando-se em um pesado bastão escutava

condescendente um colosso que acabava de chegar de Cândia e contava as maravilhas da grande cidade. O dono do bar, em pé no balcão, escutava e ria, vigiando as chaleiras de café alinhadas sobre o fogo.

Assim que nos viu, tio Anagnosti se levantou:

— Deem-se o incômodo de vir para cá, patrícios — disse ele. –Sfakianonikoli está nos contando tudo c que viu em Cândia: é muito engraçado, venham cá.

Virou-se para o dono do bar:

— Dois rakis, Manolakas! — disse ele.

Nós nos sentamos. O pastor selvagem, ao ver dois estranhos, conteve-se e calou.

— Então você foi ao teatro, Capitão Nikoli? — perguntou-lhe o mestre-escola para fazê-lo falar. O qu achou disso?

Sfakianonikoli estendeu sua manzorra, segurou seu copo de vinho e tragou-o de um só gole; tomou coragem:

— Como é que não fui lá? — gritou ele. — claro que fui. Ouvi sempre dizer "Kotopuli isso, Kotopul aquilo." Então, um dia, faço o sinal da cruz e digo-me: eu vou, por minha fé, eu vou vê-la também.

— E o que foi que você viu, meu amigo? — perguntou tio Anagnosti. — conte.

— Nada. Não vi nada, eu juro. A gente ouve falar do teatro, e pensa que deve ser formidável. Eu tenh pena do dinheiro que gastei.

Era uma espécie de grande café, redondo como um cercado de ovelhas, repleto de gente, poltronas e lustres. Eu não estava tranquilo, tinha a vista perturbada e não via bem, "Bom Deus! Disse comigo mesmo estão me jogando uma praga aqui. Vou-me embora!" nesse momento, uma donzela esvoaçante como um passarinho se aproximou-se de mim e pegou-me pela mão. "Espere aí, para onde me leva? Mas ela me puxava, puxava sem dar atenção ao que eu dizia, e depois, virou-se e me disse: "Sente-se aí." Sentei-me. Tinha gente por todo lado: na frente, atrás, à direita, à esquerda, no teto.

Eu vou estourar, pensei, vou estourar na certa, não tem ar aqui. Virei-me para meu vizinho: "por onde elas vão sair, amigo, as permadonas."

— de lá, de lá de dentro", ele me responde me mostrando uma cortina. E era verdade! Primeiro toca uma campainha, a cortina levante e surge Kotopuli. Mas, essa tal de Kotopuli era uma mulher, uma mulher de verdade, ora! E se põe a andar se rebolando daqui para lá. Ela ia e vinha, e depois as pessoas se cansaram, começaram a bater nas mãos e ela se escafedeu. Os camponeses se torciam de rir. Sfakianonikoli fechou o rosto. Voltou-se em direção à porta.

— Está chovendo! — disse para mudar de assunto.

Todos os olhares seguiram o seu. Nesse instante precisamente, com a saia enrolada na altura dos joelhos, os cabelos soltos nos ombros, uma mulher passou correndo. Boa de carnes, ondulante, seu vestido aderido à pele, revelando um corpo provocante e firme.

Tive um sobressalto. Que animal feroz era aquele? Pensei.

Pareceu-me consistente, perigosa, uma devoradora de homens. A mulher virou a cabeça por um instante e atirou um olhar faiscante e furtivo ao café.

— Santa Virgem! — murmurou um rapazola com uma sombra de barba no rosto, sentado perto da janela.

— Maldita sejas, incendiária! — rugiu Manolakas, o guarda campestre. — o fogo que tu acendes tu não apagas.

O jovem que estava perto da janela se pôs a cantarolar, docemente a princípio, hesitante: pouco a pouco sua voz se fez rouca:

O travesseiro da viúva tem cheiro de marmelo eu também senti esse perfume e não posso mais dormir.

— Cale a boca! — gritou Mavrandoni, brandindo o tubo do narguilé.

O rapaz calou-se. Um velho debruçou-se sobre Manolakas, o guarda campestre.

— Lá está seu tio se zangando — disse ele em voz baixa. — se ele pudesse, ele a cortaria em mil pedaços, a infeliz! Deus a proteja!

— Eh! Pai Andruli — disse Manolakas. Parece que você está também agarrado às saias da viúva. Você nã tem vergonha, você, o bedel?

— Eu não! E repito: Deus a proteja! Você não reparou as crianças que estão nascendo de uns tempos par cá na aldeia? São belos como anjos. Você pode me dizer por quê? Pois bem, graças à viúva.

Ela é uma espécie de amante de toda à aldeia: você apaga a luz e imagina que não é sua mulher que está em seus braços, mas a viúva.

E é por isso, vê você, que nessa aldeia estão sendo paridas crianças tão bonitas.

O pai Andruli calou-se um instante.

— Felizes as coxas que a apertam! — murmurou. — Ah! Meu velho, se eu tivesse vinte anos como Pavli, filho de Mavrandoni!

— Vamos ver o que ela vai responder! — disse alguém rindo.

Voltaram-se em direção à porta. Chovia a cântaros. A água cascateava sobre as pedras do calçamento; de longe em longe, relâmpagos iluminavam o céu. Zorba, sufocado pela passagem da viúva, não aguentou mais e fez um sinal:

— Não chove mais, patrão, vamos embora.

Na porta surgiu um rapazinho, descalço, descabelado, com grandes olhos espantados. É assim que os ícones representam São João Batista, os olhos desmesuradamente crescidos pela fome e pela reza.

— Salve Mimito! — gritaram alguns rindo.

Toda aldeia tem o seu inocente, e se não o tem, fabrica um para passar o tempo. Mimito era o inocente da aldeia.

— Amigos — gritou ele com sua voz trêmula e afeminada. — amigos, a viúva Surmelina perdeu sua cabrita. Para quem a encontrar, cinco litros de vinho como recompensa.

— Vá embora! — gritou o velho Mavrandoni. — Vá embora!

Mimito, aterrorizado, se enrodilhou num canto, perto da porta.

— Sente-se, Mimito! Vem beber um raki e esquentar-se — disse o tio Anagnosti, penalizado. — O qu seria de nossa aldeia sem seu débil mental?

Um rapaz mofino, olhos de um azul desbotado, apareceu na porta, sem fôlego, cabelos colados à fronte e desalinhados.

— Salve, Pavli! — gritou Manolakas. — salve, priminho! Entre!

Mavrandoni voltou-se, olhou seu filho, franziu as sobrancelhas.

— É meu filho isso? — disse consigo mesmo. — esse aborto? Com quem Diabo ele parece? Dá-me vontade de agarrá-lo pelo pescoço, levantá-lo e atirá-lo ao chão como um polvo.

Zorba pisara em brasas. A viúva havia inflamado o seu cérebro e não podia mais se aguentar entre aquelas quatro paredes.

— Vamos embora, patrão, vamos embora, me segredava ele a cada momento. Nós vamos estourar aqui!

Parecia-lhe que as nuvens se tinham dissipado e que o sol havia reaparecido.

Virou-se para o dono do bar:

— Que faz aqui essa viúva? — perguntou fingindo indiferença.

— Uma cabra — respondeu Kondomanolio.

Pousou um dedo sobre os lábio e apontou com os olhos para Mavrandoni, que olhava fixamente para o chão.

— Uma cabra — repetiu ele. — não falemos dela para não nos danarmos.

Mavrandoni levantou-se e enrolou o tubo em volta do pescoço do narguilé.

— Com licença — disse ele. — vou para casa. Venha, Pavli, venha comigo!

Levou o filho, e os dois desapareceram logo sob chuva.

Manolakas se levantou e foi atrás.

Kondomanolio se instalou na cadeira de Mavrandoni.

— Pobre Mavrandoni, ele vai morrer de despeito — disse em voz baixa para que as outras mesas não escutassem. — é uma grande infelicidade que entrou em casa dele. Ontem ouvi, com minhas próprias orelhas, Pavli dizer a ele: "se ela não for minha mulher eu me mato!" Mas ela, a miserável, não que saber dele. "Pirralho" é como ela o chama.

— Vamos embora — repetiu Zorba, que de tanto ouvir falar da viúva se inflamara cada vez mais. Os galos se puseram a cantar, a chuva diminuiu um pouco.

— Vamos — disse eu me levantando.

Mimito pulou de seu canto e se esquivou atrás de nós.

As pedras do calcamento luziam, as portas encharcadas de água estavam enegrecidas, as velhinhas saíram com seus cestos para apanhar caramujos.

Mimito se aproximou de mim e me tocou o braço.

— Um cigarro, patrão — disse ele. — isso lhe trará felicidade no amor.

Dei-lhe o cigarro. Estendeu sua mão magra, queimada de sol.

— Dê-me fogo também!

Dei-lhe, tragou até o fundo dos pulmões e soprou a fumaça pelas narinas, entrefechando as pálpebras.

— Feliz como um paxá! — murmurou ele.

— Aonde vai você?

— Ao jardim da viúva. Ela disse que me daria de comer se eu

desse o aviso de sua cabrita.

Andávamos depressa. As nuvens se haviam rasgado um pouco, o sol se mostrou. Toda a aldeia sorria, lavadinha.

— Ela lhe agrada, Mimito? — fez Zorba, de água na boca.

Mimito engrolou.

— Por que não me agradaria? Não saí também de um esgoto?

— De um esgoto? — disse eu surpreso. — que quer dizer com isso?

— Bem, de uma barriga de mulher.

Fiquei apavorado. Só um Shakespeare, pensei, poderia, em seus momentos mais inspirados, encontrar uma expressão de um realismo tão cru para pintar o obscuro e repugnante mistério do parto.

Olhei para Mimito. Seus olhos eram grandes, vazios, um pouco abobalhados.

— Que faz você durante o dia, Mimito?

— Que posso fazer? Vivo como um paxá! De manhã acordo, como um pedaço de pão, e depois vou trabalhar; faço biscates, não importa onde, não importa o que. Dou recados, transporto palha, apanho esterco e peco com meu caniço. Momo com a mãe Lenio, a carpideira. Vocês devem conhecê-la, todos a conhecem. Que nem que ela tivesse sido fotografada. De noite volto para casa, tomo um prato de sopa e bebo um pouco de vinho. Se não tem vinho, bebo água, a água do bom Deus, até me fartar, tanto que fico com a barriga parecendo um tambor! Depois, boa noite!

— Você não vai se casar, Mimito?

— Eu? Não sou maluco! Que ideia é essa, meu velho? Que eu vá procurar aborrecimentos? Uma mulher precisa de sapatos! Onde é que vou encontrá-los? Veja, eu ando descalço.

— Você não tem botas?

— Como não tenho! Tenho aquelas que a mãe Lenio tirou de um cara que morreu no ano passado. Mas só uso na Páscoa para ir à igreja e me fartar de olhar os padres. Depois tiro, passo em volta do pescoço e volto para casa.

— Do que é que você mais gosta no mundo, Mimito?

— Primeiro, de pão. Ah! Como eu gosto! Quentinho, estalando, sobretudo se é pão preto! Depois, vinho. Depois, sono.

— E as mulheres?

— Pff! Come, bebe e vai dormir, é o que eu acho. O resto é amolação!

— E a viúva?

— Deixa-a para o diabo, é o melhor que você pode fazer! Vade Retro Satanás!

Cuspiu três vezes e fez o sinal da cruz.

— Você sabe ler?

— Nem uma letra! Quando eu era pequeno, me levaram à força para a escola, mas eu peguei logo tifo e virei débil mental. Foi assim que eu escapei.

Zorba estava farto das minhas perguntas, não pensava senão na viúva.

— patrão — disse-me ele pegando-me pelo braço.

Virou-se para Mimito:

— Vá em frente — ordenou-lhe. — Queremos conversar.

Baixou a voz, e tinha um ar emocionado.

— Patrão, disse ele, — é aqui que quero ver você. Não desonre a "espécie masculina"! O Diabo, ou o bom Deus, envia para você esse prato de príncipe; você tem dentes, não o recuse! Pegue-o! Para que o criador nos deu mãos? Para apanhar! Então, apanha! Mulheres já vi muitas na minha vida. Mas essa viúva, ela faz cair campanários, a maldita!

— Não quero amolações — respondi irritado.

Estava enervado por que em meu foro íntimo tinha, eu também, desejado aquele corpo possante, que passara diante de mim como uma fera no cio.

— Você não quer amolações? — perguntou Zorba estupefato. — Então o que quer você?

Não respondi.

— A vida é uma amolação — prossegui Zorba. — a morte não.

Viver, sabe o que quer dizer? Desfazer a cintura e procurar encrenca.

Eu não dizia nada. Sabia que Zorba tinha razão, sabia-o, mas faltava-me coragem. Minha vida tinha tomado o caminho errado, e meu contato com os homens não era mais do que um monólogo interior. Havia descido tão baixo que, se tivesse que escolher entre ficar apaixonado por uma mulher e ler um bom livro, eu preferiria o livro.

— Não faça cálculo, patrão — prossegui Zorba. — deixe cair às cifras, destrua a porcaria da balança, feche a loja, estou lhe dizendo. É agora que você vai salvar ou perder a sua alma. Escute, patrão: tome dois ou três de seus livros, mas livros de ouro, aqueles de papel não fazem impressão, enrole-os em um lenço e mande-os à viúva pelo Mimito. Ensine a ele o que deverá dizer: "O patrão da mina lhe saúda e envia esse lencinho. É pouca coisa, manda dizer, mas muito amor. Disse também para que não se preocupe com a cabrita; se ela perdeu, não dê importância. Estamos aqui, não tenha medo! Ele a viu passar diante do bar, e desde então só pensa em você."

Aí está. Depois, da mesma noite, você bate na porta dela. É preciso malhar o ferro enquanto está quente. Você diz a ela que se perdeu, que a noite surpreendeu você, que precisa de uma lanterna.

Ou, então, que se sentiu mal de repente e precisa de um copo d'água. Ou, então, melhor ainda: você compra uma cabrita, leva para ela e diz: "Aí tem, minha querida, eis a cabrita que você perdeu e que eu achei!" Acredite em mim, patrão, a viúva lhe dará a recompensa e você entrará — ah! Se eu pudesse estar na garupa de seu cavalo — você entrará a cavalo no paraíso. Outro paraíso além desse, meu velho, eu garanto, não há!

Devíamos estar chegando ao jardim da viúva, pois Mimito suspirou e se pôs a cantar, com a voz trêmula,

as suas penas:

É preciso vinho para a castanha e mel para a noz,

Para o homem uma mulher e para a mulher um homem.

Zorba apertou o passo. Suas narinas fremiam. Parou, respirou profundamente e me olhou.

— Então — disse, impaciente.

— Vamos! — respondi secamente e me pus a andar mais depressa.

Zorba balançou a cabeça e rugiu alguma coisa que não entendi.

Assim que chegamos ao barracão, ele se sentou de pernas cruzadas, colocou o santuri sobre os joelhos e baixou a cabeça, mergulhado em meditação. Dir-se-ia que escutava canções inúmeras e que se esforçava para escolher uma, a mais bela ou a mais desesperada. Enfim escolheu, e entoou uma melodia queixosa. De tempos em tempos me olhava com o canto do olho. Sentia que tudo o que ele não podia ou não ousava dizer-me com palavras ele expressava agora com o santuri. Que eu estragava a minha vida, que a viúva e eu éramos dois insetos que não vivem senão um segundo sob o sol, e depois morrem para a eternidade. Nunca mais! Nunca mais!

Zorba se levantou de um pulo. Compreendeu subitamente que estava se cansando para nada. Apoiou-se à parede, acendeu um cigarro; aí, depois de um momento:

— Patrão, vou confiar-lhe uma coisa que um hodja me disse um dia em Salônica. Vou confiá-la a você, mesmo que não sirva de nada:

"Nessa época, eu era mascate na Macedônia. Ia de aldeia para vender carretéis, agulhas, vidas de santos benjoim, pimenta do reino.

Tinha uma excelente voz, era um verdadeiro rouxinol. E você deve saber que as mulheres se deixam prender também pela voz. (E por que não se deixam prender, as miseráveis?) só Deus sabe o que tem nas entranhas! Você pode ser insosso, capenga, corcunda, mas se tem a voz doce e sabe cantar, você faz girar a cabeça delas.

"Era mascate também em Salônica, e passava até nos bairros turcos. E, ao que parece, minha voz tinha $encantado uma rica muçulmana a ponto de ela não poder dormir. Então, ela chamou um velho hodja e encheu-lhe a mão de medjididas. Aman (interjeição exprimindo súplica), disse-lhe ela, vá dizer ao mascate ghiaur que venha aqui, aman! Preciso vê-lo! Não aguento mais.

"O hodja veio ao meu encontro: — olhe, jovem rumi — ele me disse, — vem comigo. — eu não vou não — respondendo-lhe. — onde quer me levar? — existe uma filha de paxá que é como a água fresca e que espera por você no quarto dela, jovem rumi, venha! — mas, eu sabia que matavam cristãos nos quarteirões turcos de noite. — não, eu não vou — digo eu. — você não teme a Deus, ghiaur? — por que não temeria? — porque, pequeno rumi, quem pode dormir com uma mulher e não o faz, comete um grande pecado. Quando uma mulher o chama para dividir seu leito, meu jovem, e você não vai, sua alma está perdida! Essa mulher suspirará no dia do juízo final, e esse suspiro, quem quer que você seja, e apesar das boas ações que praticou, jogará você no inferno!"

Zorba suspirou.

— Se o inferno existe — disse ele, — eu vou para o inferno por causa disso. Por ter roubado, matado ou dormido com outras mulheres, não, não! Isso tudo não é nada. O bom Deus perdoa essas coisas. Mas vou para o inferno porque, naquela noite, uma mulher me esperou em sua cama e eu não fui...

Ele se levantou, acendeu o fogo, se pôs a cozinhar. Olhou-me com o canto dos olhos e sorriu desdenhosamente:

— Não há pior surdo do que aquele que não quer escutar! — murmurou ele.

E, debruçando-se, pôs-se a soprar raivosamente a madeira úmida.

Capítulo IX



Os dias diminuíam, a luz baixava rapidamente, o coração se angustiava em cada tarde. Revivia-se o terror primitivo dos ancestrais que viam nos meses de inverno o sol apagar-se um pouco mais cedo a cada dia. "Amanhã ele se apagará por completo", pensavam desesperados, e passavam a noite inteira nas montanhas a tremer.

Zorba sofria essa inquietação mais profundamente e mais primitivamente do que eu. Para escapar dela, não saía das galerias subterrâneas senão quando as estrelas já se haviam acendido no céu.

Ele havia encontrado um bom veio de linhita, sem muitas cinzas, pouco úmido, rico em calorias e estava contente. Pois, instantaneamente, o lucro sofria em sua imaginação transformações maravilhosas — e virava viagens, mulheres e novas aventuras.

Esperava com impaciência o dia em que tivesse o bastante, em que suas asas fossem bem grandes — asas era como ele chamava o dinheiro — para voar. Passava também noites inteiras a experimentar seu minúsculo teleférico, procurando a inclinação precisa para que os troncos descessem lentamente, dizia ele, como se transportados por anjos.

Um dia apanhou uma longa folha de papel, lápis de cor e desenhou a montanha, a floresta, o teleférico e os troncos suspensos no cabo, cada um deles dotado de duas grandes asas azul-cerúleo.

Na pequena baía arredondada, ele desenhou navios negros com marinheiros verdes como pequenos papagaios e traineiras transportando troncos de árvores amarelos. Quatro monges estavam nos quatro cantos, e de suas bocas saíam fitas cor-de-rosa com maiúsculas negras: "Ó Senhor, como tu és grande e como são admiráveis tuas obras!"

Já há alguns dias, Zorba acendia o fogo às pressas, preparava o jantar, comíamos e ele disparava pelo caminho da aldeia. Mais tarde voltava, de testa franzida.

— Onde você foi, Zorba? — eu lhe perguntava.

— A lugar nenhum, patrão — respondia; e mudava de assunto.

Uma noite, ao voltar, ele me perguntou ansiosamente:

— Deus existe, ou não? Que acha você, patrão? E se ele existe...

tudo é possível... como você acha que ele é?

Sacudi os ombros sem responder.

— Eu... não ria patrão... acho que é igual a mim. Só que maior, mais forte, mais alucinado. E por cima de tudo, imortal. Está confortavelmente sentado em peles de carneiro bem macias, e seu barracão é o céu. Não é de velhos galões de gasolina, como o nosso, mas de nuvens. Na sua mão direita não segura uma espada ou uma balança — esses instrumentos são para açougueiros e quitandeiros — ele segura uma esponja cheia de água, como uma nuvem de chuva. À sua direita é o paraíso, e à esquerda é o inferno. Quando chega uma alma, pobrezinha, toda nua, pois perdeu seu corpo, tremendo, Deus olha para ela rindo dentro de sua barba, mas fingindo zanga: "Venha cá, diz ele engrossando sua voz, venha cá, maldita!" ele começa assim o interrogatório. A alma se joga aos pés de Deus. "Perdão! Ela grita. Perdoe-me!" e eis que ela se põe a desfiar seus pecados. J fez uma ladainha e isso não acaba. Deus já está farto. Boceja. "Cale-se, diz a ela, você está me cansando!" e de um golpe só, apaga com a esponja todos os pecados. "Ufa! Raspe-se, vá logo para o paraíso! Ele diz. Pedro manda entrar à próxima, coitadinha!" pois fique sabendo patrão, Deus é um grão-senhor, e a nobreza é isso:

perdoar!

Nessa noite, eu me lembro, enquanto Zorba desovava essas teorias profundas, eu ria. Mas, essa "nobreza" de Deus tomava corpo e amadurecia em mim, compassiva, generosa e toda-poderosa.

Uma outra noite em que chovia e estávamos enfiados em nosso barracão, ocupados em assar castanhas no braseiro, Zorba dirigiu seu olhar para mim e olhou-me durante algum tempo como se quisesse elucidar algum grande mistério. Por fim, não se conteve.

— Eu queria saber, patrão — disse ele, — o que você acha de mim.

O que você espera para me pegar pelas orelhas e pôr para fora? Já disse que me chamam Míldio, porque por toda parte onde anda não deixo pedra sobre pedra... os teus negócios vão para o Diabo! Enxote-me, é o conselho que lhe dou!

— Você me agrada — respondi. — não espere mais que isso.

— Você não compreende, patrão, que eu tenho o miolo mole!

Tenho algum miolo, mas certamente ele é meio mole! Por exemplo, você vai compreender: de uns tempos para cá, durante dias e noites, a viúva não me deixa tranquilo. Não por mim, não, eu juro. Comigo já está resolvido, não irei tocá-la. Ela não é para o meu bico, que o Diabo a carregue. Mas eu também não quero que ela fique perdida para todo mundo. Não quero que ela durma sozinha. É uma pena, patrão, eu não posso suportar isso. Então, eu fico rodando em volta do jardim dela durante a noite. sabe para que? Para ver se alguém vai dormir com ela e eu poder me tranquilizar!

Comecei a rir.

— Não ria, patrão! Se uma mulher dorme sozinha, é culpa nossa, dos homens. Teremos todos nós que dar conta disse no dia do juízo final. Deus perdoa todos os pecados, como disse, ele está com a esponja na mão, mas esse pecado ele não perdoa. Infeliz do homem que poderia dormir com uma mulher e não o fez, patrão! Infeliz da mulher que poderia dormir com um homem e não o faz! Lembre-se do que dizia o hodja.

Ele calou-se um instante, e bruscamente:

— Quando um homem morre, ele pode voltar a terra sob outra forma? — perguntou.

— Eu não acredito que possa, Zorba.

— Eu também não. Mas, se pudesse, então esses homens de que falei, esses que recusaram servir, digamos, os desertores do amor, eles voltariam a terra como o que? Como mulas!

Calou-se de novo e refletiu. Subitamente seus olhos faiscaram.

— Quem sabe — disse ele excitado com sua descoberta, — talvez essas mulas que vemos hoje no mundo sejam esse tipo de gente, os desertores, que durante a vida foram homens e mulheres sem o ser, e é por isso que viraram mulas. É por isso também que eles escoiceiam o tempo todo. Que acha você, patrão?

— Que o seu miolo é certamente mais mole do que devia, Zorba

— respondi sorrindo. — levante-se e pegue o seu santuri.

— Nada de santuri essa noite, patrão. Por favor, não se zangue.

Eu falo, falo, digo bobagens, sabe por quê? Por que tenho grandes preocupações. Grandes amolações. A nova galeria, ela vai me dar trabalho. E você a me falar do santuri...

Dito isso, ele tirou as castanhas das cinzas, deu-me um punhado e encheu nossos copos com raki.

— Que Deus nos ajude! — disse eu, tocando nossos corpos.

— Que Deus nos ajude — repetiu Zorba, — se você quer... mas, até agora, isso deu em nada.

Tomou de um gole o fogo líquido e se estendeu em sua cama.

— Amanhã — disse, — precisarei de toda a minha força. Terei que lutar contra mil demônios. Boa noite!

No dia seguinte, de madrugada, Zorba enfiou-se na mina. Eles haviam avançado muito, galeria adentro do bom veio, a água pingava do teto, os operários patinavam na lama negra.

Zorba, há dois dias, havia feito trazerem caibros para consolidar a galeria. Mas estava inquieto. Os troncos não eram grossos como necessário, e com seu instinto profundo, que o levava a sentir o que se passava nesse labirinto subterrâneo como fosse seu próprio corpo, ele sabia que o madeirame não era seguro; ele ouvia, leves ainda, rangidos imperceptíveis para os outros, como se a armadura do teto gemesse sob o peso.

Outra coisa ainda aumentava a inquietação de Zorba nesse dia:

no momento em que ele se preparava para descer a galeria, o padre da aldeia, o Padre Stefânio, passou em sua mula dirigindo-se às pressas para dar os últimos sacramentos a uma freira moribunda.

Zorba teve felizmente tempo de cuspir três vezes no chão antes que o padre lhe dirigisse a palavra.

— Bom dia, padre! — respondeu ele, entre os dentes cerrados, à saudação do padre.

E, em tom mais baixo:

— Tua maldição sobre mim — murmurou ele.

Ele sabia, porém, que esses exorcismos não eram suficientemente, e entrou de novo, nervoso, na galeria.

Um odor pesado de linhita e acetileno. Os operários já haviam começado a consolidar os caibros e a sustentar a galeria.

Zorba desejou-lhes bom dia, brusco, enfarruscado; enrolou as mangas e se pôs a trabalhar.

Uma dezena de operários atacavam o veio a golpes de picaretas, atiravam o carvão a seus pés, outros o apanhavam com pás e, em pequenas carretas, o transportavam para fora.

Subitamente Zorba parou, fez sinal aos operários para fazerem o mesmo e apurou o ouvido. Como o cavaleiro se confunde com o cavalo, formando com ele uma coisa só, como o capitão com o seu navio, Zorba e a mina faziam uma coisa só; sentia a galeria se ramificar como veias em suas carnes, e o que as massas escuras de carvão não podiam sentir, Zorba o sentia com uma consciente lucidez humana.

Tendo apurado sua grande orelha peluda, ele escutava. Nesse momento eu cheguei. Como se tivesse tido um pressentimento, como se uma mão me houvesse empurrado, acordei sobressaltado. Vesti-me às pressas e pulei para fora, sem saber por que me apressava tanto nem aonde ia; mas, meu corpo, sem hesitar, havia tomado o caminho da mina. Cheguei exatamente na hora em que Zorba, inquieto, apurava a orelha para escutar.

— Nada — disse ele ao fim de um instante. — tive a impressão... ao trabalho, rapazes!

Voltou-se, viu-me, franziu os lábios:

— O que está fazendo aqui tão cedo, patrão?

Aproximou-se de mim:

— Você não vai subir para tomar ar puro, patrão? — soprou-me ele. — venha aqui em outra hora para dar seu passeio.

— Que se passa, Zorba?

— Nada... eu tive uma impressão. Vi um padre hoje de manhã cedo. Vá embora!

— Se há perigo, não seria vergonhoso se eu fosse embora?

— Sim — respondeu Zorba.

— Você iria embora?

— Não.

— Então?

— As medidas que eu tomo para Zorba — disse enervado, — não são as mesmas para os outros. Mas, se você já viu que seria vergonhoso ir embora, não vá. Fique. Pior para você!

Apanhou o martelo, se pôs na ponta dos pés e começou a pregar com grandes pregos a sustentação do teto. Tirei de um caibro uma lâmpada de acetileno, ia a vinha na lama, olhando o veio marrom-escuro e brilhante. Florestas imensas haviam sido engolidos, milhões de anos passaram, a terra mastigou, digeriu, transformou suas crianças. As árvores se transformavam em linhita, a linhita em carvão e Zorba chegou...

Recoloquei a lâmpada e olhei Zorba trabalhar. Ele se entregava por inteira à tarefa; não tinha mais nada na cabeça, se identificava com a terra, a picareta e o carvão. Fazia corpo com o martelo e os pregos, para lutar contra a madeira. Sofria com o teto da galeria que se arqueava. Lutava com toda a montanha para tomar-lhe o carvão, pela astúcia, pela violência. Zorba sentia a matéria com uma segurança infalível, e a atingia, sem se enganar, onde ela era mais fraca e podia ser vencida. E, como eu o via naquele momento, enfarruscado, cheio de pó, apenas com o branco dos olhos que luziam, parecia-me que ele havia se camuflando em carvão, se havia transformado em carvão, para poder mais facilmente aproximar-se do adversário e penetrar em suas defesas.

— Vai em frente, Zorba! — gritei eu, entusiasmado numa admiração ingênua.

Mas ele nem se virou. Como poderia naquele momento se distrair com um camundongo comedor de papel que, em vez de picareta, tinha na mão um miserável toco de lápis? Estava ocupado, não se dignar falar. Não me fale enquanto estou trabalhando, me disse ele uma noite, eu posso estourar. — estourar, Zorba, por quê? — aí vem você com seus porquês! Como um garoto. Como explicar?

Estou todo dedicado ao trabalho, tenso, dos pés a cabeça, colado na pedra ou no carvão ou então no santuri. Se você me tocar nessa hora de repente, se você me fala e eu me volto, posso estourar. Aí está!

Olhei meu relógio: dez horas.

— Já é tempo de comer alguma coisa, meus amigos — disse eu. — vocês perderam a hora.

Os operários jogaram imediatamente suas ferramentas em um canto, enxugaram o suor de seus rostos, se preparando para sair da galeria. Zorba, inteiramente entregue ao trabalho, não ouvira. E mesmo que tivesse escutado, não daria resposta. Ele apurava de novo o ouvido, inquieto.

— Esperem — disse eu. — levem um cigarro!

Procurava em meus bolsos; em volta de mim os operários aguardavam.

Subitamente, Zorba sobressalto-se. Colou a orelha na parede da galeria. À luz de acetileno eu distinguia sua boca convulsivamente aberta.

— Que há com você, Zorba? — gritei.

Mas, nesse momento, o teto todo da galeria estremeceu...

— Corram! — gritou Zorba com uma voz rouca. — corram!

Nós nos atiramos em direção à saída; mas não tínhamos atingido o primeiro vigamento quando um segundo estalar se fez ouvir, ainda mais forte, sobre nossas cabeças. Zorba, enquanto isso, estava erguendo um tronco de arvore para sustentar uma viga que cedia. Se ele conseguisse fazê-lo rapidamente, talvez pudesse sustentar por alguns segundos o teto, o que nos daria tempo de escapar.

— Corram! — repetiu a voz de Zorba, abafada dessa vez, como se saísse das entranhas da terra.

Todos, com a covardia que muitas vezes toma conta dos homens nos momentos críticos, nos precipitamos para fora, sem nos preocuparmos com Zorba. Mas ao fim de alguns segundos refiz-me e lancei-me em sua direção.

— Zorba — gritei. — Zorba!

Pareceu-me ter gritado, mas em seguida vi que o som não saíra de minha garganta. O medo me havia estrangulado a voz.

A vergonha assaltou-me. Dei um passo para trás e estendi o braço. Zorba havia acabado de consolidar a grossa viga; escorrendo na lama, ele deu um pulo para a saída. Na meia obscuridade, levado pelo impulso, ele se jogou contra mim. Sem querer, caímos na lama um nos braços do outro.

— Vamos sair daqui! — disse ele com uma voz estrangulada. — vamos embora!

Corremos e chegamos à luz. Os operários reunidos na entrada espiavam, sem uma palavra, trêmulos.

Ouviu-se um segundo estalo, mais forte, como o de uma árvore quebrada pela tempestade. Subitamente, um rugido formidável soou, reboou como um trovão, estremeceu a montanha, e a galeria desmoronou.

— Bondade divina! — murmuravam os operários se persignando.

— Vocês deixaram as picaretas lá dentro? — perguntou Zorba com cólera.

Os operários se calaram.

— Por que não as trouxeram? — gritou ele, furioso. — é! Os corajosos se borraram! As ferramentas que se danem!

— Essa não é hora de se preocupar com as picaretas, Zorba — disse interrompendo. — ainda bem que todos escaparam são e salvos.

Devemos muito a você, Zorba. Graças a você estamos vivos.

— Estou com fome! — disse Zorba. — isso me abriu o apetite.

Pegou a marmita que continha o seu almoço e que ele havia colocado sobre uma pedra, abriu-a, tirou pão, azeitonas, cebolas, uma batata cozida, e uma garrafinha de vinho.

— Vamos, vamos comer, pessoal! — disse ele de boca cheia.

Comia com avidez, às pressas, como se tivesse bruscamente perdido muitas forças e quisesse agora refazê-las.

Comia curvado, silencioso; apanhou a garrafinha e fez correr o vinho por sua garganta ressecada.

Os operários tomara ânimo, abriram suas marmitas e começaram a comer. Estavam todos sentados, de pernas cruzadas, em volta de Zorba, e comiam olhando para ele. Teriam se atirado a seus pés, beijando-lhes a mão, mas eles o sabiam brusco e estranho, e nenhum ousava começar.

Por fim, Mequelis, o mais idoso, que tinha grandes bigodes grisalhos, se decidiu e falou:

— Se você não estivesse lá, mestre Alexis — disse ele, — nossos filhos seriam órfãos a essa hora.

— Cale a boca! — disse Zorba de boca cheia, e ninguém ousou dizer mais uma palavra.

Capítulo X



Quem teria criado esse labirinto de incertezas, esse templo de presunção, essa jarra de pecados, esse campo semeado de mil ardis, essa porta do inferno, essa cesta transbordante de astúcias, esse veneno que parece mel, essa corrente que prende os mortais a terra: a mulher?

Eu copiava lentamente, silenciosamente, esse cântico budista, sentado no chão, perto do braseiro aceso. Estava encarniçado, amontoando exorcismo sobre exorcismo, a expulsar de meu espírito um corpo encharcado de água, balançando os quadris, que durante todas essas noites de inverno passava e repassava diante de mim no ar úmido. Não sei como, logo depois do desmoronamento da galeria, onde quase minha vida foi diminuída, a viúva havia surgido em meu sangue; ela tocava-me como um animal feroz, imperiosa, cheia de acusações.

— Venha, venha! — gritava ela. — a vida não é senão um relâmpago. Venha depressa, venha, venha, antes que seja muito tarde!

Eu sabia bem que era Mara, o espírito do cão, sob a aparência de um corpo de mulher de quadris possantes. Eu lutava. Havia-me posto a escrever Buda, como os selvagens que, em suas grutas gravavam com uma pedra pontuda ou pintavam em vermelho e branco os animais ferozes que rondavam, esfomeados, em volta deles. Eles se esforçavam também ao gravá-los e pintá-los, em fixa-los na rocha; se não o tivessem feito, as feras se teriam precipitado sobre eles.

Desde o dia em que escapei de ser esmagado, a viúva passava no ar inflamado de minha solidão e me fazia sinais balançando voluptuosamente os flancos. De dia eu era forte, meu espírito estava alerta, eu conseguia afugentá-la. Escrevia sob que forma o tentador se apresentou a Buda, como ele se vestiu de mulher, como ele apoiou sobre os joelhos do asceta os seios duros, enfim, como Buda viu o perigo, proclamou a mobilização de todo o seu corpo e pôs em fuga o cão. Eu conseguia, também, fazê-lo afastar-se.

A cada frase que eu escrevia, ficava aliviado, tomava coragem, sentia o cão se retirar, afugentando pelo exorcismo todo poderoso, a palavra. Eu lutava, de dia, com todas as minhas forças, mas de noite, meu espírito depunha as armas, as portas interiores se abriam e a viúva entrava.

De manha, acordava esgotado e vencido e a guerra recomeçava. Às vezes erguia a cabeça: era o fim da tarde; a luz, escorraçava, fugia, a obscuridade caía sobre mim bruscamente. Os dias se encurtavam, o Natal estava perto, eu me encarniçava na luta e me dizia: "Eu não estou só. Uma grande força, a luz, combate, ela também, ora vencida ora vitoriosa, não perde as esperanças. Eu luto e espero com ela!".

Parecia-me, e isso me dava coragem, que lutando contra a viúva eu estava obedecendo a um grande ritmo universal. É esse corpo, pensava eu, que a matéria astuciosa escolheu para abater docemente e extinguir a chama livre que existia em mim. Eu me dizia: "divina é a força imortal que transforma a matéria em espírito.

Cada homem tem em si um fragmento desse turbilhão divino e é por isso que ele pode converter o pão, a água e a carne em pensamento e ação. Zorba tem razão: diz-me o que fazes do que comes e eu te direi quem és!"

Eu me esforçava então, dolorosamente, para transformar em Buda esse violento desejo da carne.

— Em que pensa? Você não esta com a cabeça aqui, patrão — me disse Zorba uma noite, na véspera do Natal, duvidando do demônio contra o qual eu me debatia.

Fingi não ouvir. Mas Zorba não abandonava tão facilmente a partida.

— Você é jovem, patrão — disse ele.

E, subitamente, sua voz teve uma ressonância amarga e irritada:

— Você é jovem, sólido, como bem, bebe bem, respira o ar do mar que lhe revigora, você armazena forças, e o que você faz? Dorme sozinho. É pena! Vá, agora, essa noite mesmo, não perca tempo, tudo é simples neste

mundo, patrão. Quantas vezes terei que repetir? Não complique tudo!

Eu tinha todo aberto diante de mim o manuscrito sobre Buda e o folheava; ouvia as palavras de Zorba e sabia que elas abriam um caminho seguro. Com elas, estava também o espírito de Mara, o astucioso intermédio, que chamava.

Escutava sem dizer nada, resolvido a resistir folheando lentamente o manuscrito e assobiava para esconder minha preocupação. Mas, Zorba, vendo que eu permanecia silencioso, estourou:

— Esta noite é a noite de Natal, meu velho, apresse-se, vá encontrá-la antes de ela ir para a igreja. É essa noite que Cristo vai nascer, patrão, faça o seu milagre também!

Eu me levantei aborrecido:

— Chega, Zorba — disse eu. — cada um segue seu próprio caminho. O homem, fique sabendo, parece à árvore. Você alguma vez foi perguntar à figueira por que ela não dá cerejas? Então, cale-se! É quase meia-noite, vamos também à igreja ver nascer o Cristo.

Zorba enfiou na cabeça seu grosso capuz de inverno.

— Está bem — disse ele, amolado. — vamos! Mas, faço questão de informá-lo de que o bom Deus ficaria mais contente se você fosse essa noite a casa da viúva, como o arcanjo Gabriel. Se o bom Deus tivesse seguido seu caminho, patrão, ele não teria nunca ido à casa de Maria e Cristo não teria nascido nunca. Se você me perguntar que caminho segue o bom Deus, eu diria: aquele que conduz a Maria.

Maria é a viúva.

Ele se calou e esperou em vão a resposta. Abriu a porta com força e saímos; com a ponta de seu bastão batia com impaciência nas pedras do caminho.

— Sim, sim — repetia ele obstinado, — Maria é a viúva.

— Vamos, a caminho! — disse eu, — não resmungue!

Andávamos com passadas largas na noite de inverno, o céu era de uma pureza extraordinária, as estrelas brilhavam, grandes, baixas, como bolas de fogo pregadas no ar. A noite rugia, à medida em que avançávamos pela beira da praia, como um animal negro estendido à beira do mar.

"A partir dessa noite, dizia-me, a luz que o inverno acuou começava a levar vantagem. Como se ela nascesse essa noite com o menino-Deus."

Todos os aldeões se haviam acumulado no alvéolo quente e perfumado da igreja. Na frente os homens, atrás, de mãos cruzadas, as mulheres. O padre Stefânio, grande, exasperado pelo seu jejum de quarenta dias, vestido com sua pesada casula de ouro, corria, de cá para lá, em grandes passadas, agitava o turíbulo, cantava aos gritos, apressado de ver nascer o Cristo e de voltar para casa a fim de atirar-se sobre a sopa gorda, os salsichões e as carnes defumadas...

Se se dissesse: "hoje nasce à luz", isso não teria emocionado o coração do homem; a ideia não se teria transformado em lenda e não teria conquistado o mundo. Teria expressado apenas um fenômeno físico normal e não teria inflamado nossa imaginação, quero dizer, nossa alma. Mas, a luz que nasce no coração do inverno transformou-se em criança, a criança transformou-se em Deus, e eis que por vinte séculos nossa alma o guarda em seu seio e o acalenta...

Pouco depois da meia-noite, a cerimônia mística chegava ao fim. Cristo havia nascido. Os aldeões correram às suas casas, esfomeados, alegres, para as comilanças e para sentir no mais fundo de suas entranhas o mistério da encarnação. O ventre é a base sólida: pão, vinho e carne, antes de tudo; só com pão, vinho e carne se pode criar Deus.

As estrelas brilhavam, grande como anjos, por cima da cúpula toda branca da igreja. A Via-Láctea, igual a um rio, corria de um lado a outro do céu. Uma estrela verde cintilava sobre nos como uma esmeralda. Eu suspirava, emocionado.

Zorba virou-se para mim:

— Você acredita nisso, patrão, que Deus virou homem e nasceu num estábulo? Você acredita ou não liga para o mundo?

— Zorba, é difícil responder — disse eu. — Eu não posso dizer que creio nem que não creio. E você?

— Palavra, eu também já não sei mais onde estou. Quando era criança, eu não acreditava nem um pouco nos contos de fadas que minha avó me contava, e, no entanto, eu tremia de emoção, eu ria, eu chorava, com se acreditasse. Quando apareceu barba em meu queixo, deixei de lado todas essas bobagens, e só fazia rir delas. Mas agora, na minha velhice, eu amoleci, patrão, e creio de novo... o homem é uma máquina engraçada!

Havíamos tomado o caminho que levava a Madame Hortência e esticávamos o passo como cavalos famintos que cheiravam a estrebaria.

— São muito malandros, os padres da igreja! — disse Zorba. — eles pegam você pelo estomago; então, como escapar? Durante quarenta dias, eles dizem: você não comerá carne, não beberá vinho.

Ah! Que espertalhões, eles conhecem todos os truques.

Apertou ainda mais o passo.

— Depressa, patrão! — disse ele. — a perua deve estar no ponto!

Quando entramos no quarto pequeno de nossa boa senhora, com o grande leito tentador, a mesa estava coberta por uma toalha branca, o peru fumegava, de patas para o ar e abertas; do braseiro aceso subia um calor muito doce.

Madame Hortência havia feito cachinhos em seu cabelo, e vestia um robe de chambre cor-de-rosa, desbotado, com largas mangas e rendas desfiadas. Uma fita de dois dedos de largura, amarelo vivo essa noite, apertava seu pescoço enrugado. Ela havia perfumado as axilas com água de flor de laranjeira.

"Como tudo é bem distribuído na terra! Pensei. Como a terra é bem distribuída no coração do homem! A está esta velha cantora que levou uma vida de pau-para-toda-obra; agora, encalhada nesta costa solitária, ela concentra nesse quarto miserável toda a solicitude santa e o calor da mulher."

A ceia, abundante e cuidada, o braseiro aceso, o corpo paramentado, adornado, o perfume de flores de laranjeira, todas essas pequenas alegrias corporais tão humanas, com que rapidez e simplicidade elas se transformam em uma grande alegria para a alma!

Subitamente, meus olhos se encheram de lágrimas. Senti que não estava, nessa noite solene, completamente só, aqui na beira do mar deserto. Uma criatura feminina vinha a meu encontro, cheia de devotamento, de ternura e paciência: era a mãe, a irmã, a mulher. E eu, que acreditava não precisar de nada, vi subitamente que precisava de tudo.

Zorba devia, ele também, sentir essa doce emoção, pois apenas entramos, adiantou-se e apertou em seus braços a cantora arrebica.

— Cristo nasceu! — disse ele. — saúde a você, mulher!

Virou-se para mim rindo:

— Repare que criatura cheia de artimanhas é a mulher!

Conseguiu enrolar até o dom de Deus!

Fomos para a mesa, jogamo-nos sobre a comida, bebemos vinho; nosso corpo se sentiu satisfeito, e nossa alma estremeceu de bem-estar. De novo Zorba se inflamou:

— Coma e beba — me dizia ele a cada instante. — coma e beba, patrão, farte-se. Cante você também, amigo, cante como os pastores:

"glória a Deus Altíssimo!..." Cristo nasceu, e isso não é pouca coisa.

Solta a sua canção, que o bom Deus a ouça e se alegre!

Ele havia tomado embalagem, e estava solto.

— Cristo nasceu, meu arranhador de papel, meu grande sábio.

Não se meta a fazer perguntas nem a pesquisar muito: ele nasceu ou não nasceu? Meu velho, ele nasceu, não seja tolo! Se você pega uma lente para olhar a água que bebemos — foi um engenheiro que me disse isso — você verá que a água é cheia de vermes, pequenininhos, que você não consegue ver a olho nu. E ao vê-los você não beberá mais a água. Não beberá e vai morrer de sede. Quebre a lente, patrão, quebre-a, e os pequenos vermes desaparecerão e você poderá voltar a beber e a se refrescar!

Ele se virou para a nossa companheira toda enfeitada, e levando seu copo cheio:

— Eu — disse ele, — minha querida Bubulina, velha companheira de lutas, vou beber esse copo à sua

saúde! Em minha vida vi muitas figuras de proa: elas estão pregadas nas proas dos barcos, com os seios altos e tem as faces e os lábios pintados em vermelho fogo.

Percorrem todos os mares, entram em todos os portos, e quando o barco está podre, elas desembarcam em terra firme e ficam até o fim de seus dias apoiadas na parede de um bar de pescadores onde os capitães vão beber. Minha Bubulina, essa noite em que a vejo sobre essas praias, agora que comi e bebi bem, que meus olhos estão abertos, você surge como a figura de proa de um grande navio. E eu sou o seu último porto, minha franguinha, eu sou o bar onde os capitães vem beber. Venha, apóie-se em mim, traga as velas! Eu bebo esse copo de vinho, minha sereia, à sua saúde!

Madame Hortência, emocionada, transportada, pôs-se a chorar e apoiou-se sobre os ombros de Zorba.

— Você vai ver — soprou-me Zorba ao ouvido. — com meu bonito discurso eu vou ter amolações. A miserável não vai me deixar sair esta noite. Mas, o que quer você, eu tenho pena delas, coitadinhas, sim, tenho pena delas!

— Cristo nasceu! — gritou alto a nossa velha sereia. — à nossa saúde!

Ele passou seu braço sob o da boa senhora e ambos esvaziaram os copos em um trago, os braços enlaçados, olhando-se em êxtase.

A madrugada não estava longe quando deixei sozinho o pequeno quarto quente com o grande leito e tomei o caminho de volta. Toda a aldeia havia festejado e agora dormia, portas e janelas fechadas, sob as grandes estrelas de inverno.

Fazia frio, o mar mugia, Vênus estava suspenso no oriente, dançante e travesso. Ia pela beira da praia, brincando com as ondas: elas se precipitavam para me molhar e eu fugia; estava feliz e me dizia:

"Eis a verdadeira felicidade: não ter ambição alguma e trabalhar como um escravo, como se tivesse todas as ambições. Viver longe dos homens, não precisar deles e amá-los. Estar no Natal e, depois de ter comido e bebido bem, escapar sozinho para longe das armadilhas, ter em cima as estrelas, a terra à esquerda e à direita o mar; e subitamente verificar que no coração a vida praticou seu último milagre: que ela se transformou em um conto de fadas."

Os dias passavam. Eu teimava, bancava o forte, mas no fundo do meu coração eu estava triste. Por toda essa semana de festas, as lembranças voltaram, enchendo meu peito de musica distantes e de entes amados. Uma vez mais surgia-me a justeza da antiga lenda: o coração do homem é uma poça cheia de sangue; na borda dessa poça os seres amados se deitam para beber o sangue e se reanimar; e quanto mais lhe são caros, mais eles lhe bebem o sangue.

Vésperas do ano novo. Chegou até nosso barracão um bando de moleques da aldeia, trazendo um grande barco de papel.

Começaram, com suas vozes agudas e alegres, a cantar a calanda:

São Basílio chegou de sua terra natal, Cesareia.

Ele lá está, diante dessa pequena praia cretense azul-índigo.

Apoiava-se em seu bastão, o bastão logo se abriu de folhas e flores, e o canto do ano novo soou:

Que sua casa, mestre, seja cheia de trigo, azeite, vinho;

Que sua mulher sustente, como uma coluna de mármore, o teto de sua casa;

Que sua filha se case e tenha nove filhos e uma filha;

E que seus filhos libertem Constantinopla, a cidade de nossos Reis!

Feliz ano novo, cristãos!

Zorba escutava, maravilhado; havia tomado o tamborim das crianças e o fazia ressoar freneticamente.

E olhava, escutava, sem dizer nada. Sentia cair de meu coração uma outra folha, um outro ano. Fazia um passo a mais em direção da poça negra.

— Que há com você, patrão? — perguntou Zorba que cantava a plenos pulmões com os moleques e batia no tamborim. — Que há com você? Você está com a pele escura, você envelheceu. Eu, em dias assim, viro menino, eu renasço como o cristo. Ele não nasce todos os anos? Comigo é igualzinho.

Estendi-me sobre minha cama e fechei os olhos. Essa noite estava de mau humor e não queria falar.

Não podia dormir, como se tivesse, essa noite, que prestar conta de meus atos, toda a minha vida subia, rápida, incoerente, incerta, como um sonho, e eu olhava desesperado. Como uma nuvem emplumada, batida pelos ventos das alturas, minha vida mudava de

forma, se desfazia e se recompunha. Ela se metamorfoseava — cisne, cão, demônio, escorpião, macaco — e sem cessar a nuvem e esgarçava e se unia, cheia de arco-íris e de vento.

O dia nasceu. Não abri os olhos; eu me esforçava para concentrar meu desejo ardente, romper a carapaça do cérebro e entrar no obscuro e perigoso canal por onde cada gota humana vai se juntar ao grande oceano. Tinha pressa em rasgar esse véu para ver o que me trazia o ano novo...

— Bom dia, patrão, feliz ano novo!

A voz de Zorba jogou-me brutalmente em terra firme. Abri os olhos e ainda vi Zorba atirar sobre o chão da entrada do barracão uma romã enorme. Os frescos rubis saltaram até minha cama, apanhei alguns e comi, e minha garganta refrescou-se.

— Desejo que ganhemos muito e que sejamos raptados por belas moças! — gritou Zorba de bom humor.

Lavou-se, barbeou-se, vestiu suas melhores roupas — calças verdes de pano, casaco de burel grosso marrom e jaqueta de pele de cabra, já meio roçada. Botou também seu barrete russo de astracã, torceu os bigodes e disse:

— Patrão, vou até a igreja, como representante da companhia.

Não perderei nada com isso, hein! E depois, fará passar o tempo.

Inclinou a cabeça e piscou o olho.

— Talvez eu veja também a viúva — murmurou.

Deus, os interesses da companhia e a viúva formavam uma mistura harmoniosa aos olhos de Zorba. Ouvi seus passos se afastarem, e pulei da cama. O encantamento estava rompido, minha alma reencontrou-se trancada em sua prisão de carne.

Vesti-me e fui até a beira do mar. Andava depressa e estava alegre, como se estivesse escapado de um perigo ou de um pecado.

Meu desejo indiscreto da manhã de espionar e capturar o futuro antes que nascesse, apareceu-me subitamente como um sacrilégio.

Lembrei-me de uma manhã em que encontrei um casulo preso à casca de uma árvore, no momento em que a borboleta rompia o invólucro e se preparava para sair. Esperei algum tempo, mas estava com pressa e ela demorava muito. Enervado, debrucei-me e comecei a esquentá-lo com meu sopro. Eu o esquentava, impaciente, e o milagre começou a desfiar diante de mim em ritmo mais rápido que o natural. Abriu-se o invólucro e a borboleta saiu se arrastando. Não esquecerei jamais o horror que tive então: suas asas ainda não se haviam formado, e com todo o seu pequeno corpo trêmulo ela se esforçava para desdobrá-las. Debruçado sobre ela, eu ajudava com meu sopro. Em vão. Um paciente amadurecimento era necessário e o crescimento das asas devia se fazer lentamente ao sol; agora era muito tarde. Meu sopro havia obrigado a borboleta a se mostrar, toda enrugada, antes do tempo. Ela se agitou, desesperada, e alguns segundo depois morreu na palma de minha mão.

Creio que esse pequeno cadáver é o maior peso que tenho na consciência. Pois, compreendo atualmente, é um pecado mortal violar as leis da natureza. Não devemos apressar, nem nos impacientar, mas seguir com confiança o ritmo eterno.

Sentei-me sobre um rochedo para assimilar com toda tranquilidade esse pensamento no ano novo. Ah! Se essa borboleta pudesse esvoaçar sempre diante de mim, e me mostrar o caminho.

Capítulo XI



Levantei-me alegre como se tivesse ganho presentes de ano novo. O vento estava frio, o céu puro e o mar brilhava.

Tomei o caminho da aldeia. A missa devia ter terminado. No caminho perguntava-me com uma perturbação absurda quem seria a primeira pessoa — boa? Má? — que eu veria nesse começo de ano. Se pudesse ser uma criança, dizia-me, com os braços carregados de brinquedo de ano novo; ou um velho vigoroso com sua camisa branca de largas mangas bordadas, contente e orgulhoso de haver corajosamente cumprido seu dever na terra! E quanto mais avançava e me aproximava da aldeia mais aumentava a absurda perturbação.

Subitamente meus joelhos me faltaram: no caminho da aldeia, sob as oliveiras, andando com um passo balançando, toda corada, sua mantilha preta sob a cabeça, esbelta e bem lançada, apareceu a viúva.

Seu andar ondulante era realmente de uma pantera negra, e pareceu-me que se espalhava no ar um acre perfume de almíscar. Se eu pudesse fugir! Pensei. Eu sabia que essa fera irritada não tinha piedade e que a única vitória possível com ela era a fuga. Mas, como fugir? A viúva se aproximava. Parecia que o cascalho gemia como com a passagem de um exército. Ela me viu, balançou a cabeça, sua mantilha escorregou e seus cabelos apareceram, brilhantes, um negro de ébano. Percorreu-me com um olhar lânguido e sorriu. Seus olhos tinham uma doçura selvagem. Às pressas, reajustou sua mantilha, como envergonhada de ter-me deixado ver o profundo segredo da mulher — seus cabelos.

Quis falar, desejar-lhe "feliz ano novo", mas sentia a garganta seca, como no dia em que a galeria ruiu e eu tivera a vida em perigo.

As folhagens da cerca de seu jardim se agitaram, o sol de inverno caiu sobre os limões de ouro e as laranjeiras de folhas escuras. Todo o jardim resplandeceu como um paraíso.

A viúva parou, estendeu o braço, empurrou com violência a porta e abriu-a. Nesse momento eu passava diante dela. Ela voltou-se, olhou-me e mexeu as sobrancelhas.

Deixou a porta aberta e eu a vi desaparecer, mexendo as ancas, atrás das laranjeiras.

Atravessar o portal, aferrolhar a porta, correr atrás dele, apanha-la pela cintura e, sem uma palavra, leva-la para o seu leito, eis o que se chama agir como homem! Era o que faria o meu avô, e o que espero venha fazer meu neto. Eu, eu ficava parado lá, a pensar e refletir.

Numa outra vida, murmurei, sorrindo amargamente, numa outra vida eu me comportarei melhor!

Enfiei-me pela depressão cheia de árvores e sentia um peso no coração com se tivesse cometido um pecado mortal. Andei de cá para lá, fazia frio, eu tremia. Não conseguia espantar de meu pensamento o balanço, o sorriso, os olhos, o busto da viúva; eles voltavam sempre, e eu perdia o fôlego.

As árvores ainda não tinham folhas, mas já se sentiam os brotos incharem-se, estourando, cheios de seiva. Sentia-se em cada broto a presença dos galhos novos, das flores, dos frutos futuros, emboscados, concentrados, prestes a se lançarem em direção à luz.

Sob as cascas secas, sem barulho, em segredo, dia e noite, tramava-se no coração do inverno o grande milagre da primavera.

Subitamente dei um grito de alegria. Diante de mim, num recanto abrigado, uma amendoeira cheia de audácia havia florescido no meio do inverno, abrindo caminho a todas as árvores e anunciando a primavera.

Tive um grande alívio. Respirei profundamente o ligeiro odor apimentado, afastei-me do caminho e fui esconder-me sob seus ramos floridos.

Fiquei lá um longo momento, sem pensar em nada, sem nenhuma preocupação, feliz. Estava sentado, na eternidade, sob uma árvore do paraíso.

Subitamente uma voz grossa e selvagem me atirou sobre a terra.

— Que está fazendo neste buraco, patrão? Há horas estou procurando você. Daqui a pouco bate o meio dia, vamos!

— Onde?

— Onde? Você pergunta? À casa da mãe porquinho-de-leite, ora!

Você não tem fome? O leitãozinho saiu do forno! Um perfume, meu velho... de dar água na boca. Vamos!

Levantei-me, acariciei o tronco duro da amendoeira, cheio desse mistério que havia sabido produzir aquele milagre florido.

Zorba ia na frente, rápido, cheio de impulso e de apetite. As necessidades fundamentais do homem — comida, bebida, mulher, dança — permaneciam inesgotáveis e frescas no seu corpo ávido e robusto.

Levava na mão um objeto envolvido em papel cor-de-rosa, amarrado com um cordão dourado.

— Presentes? — perguntei sorrindo.

Zorba se pôs a rir, esforçando-se para esconder a emoção.

— Eh! Para mimá-la um pouco, coitada! — disse ele sem se voltar.

— isso lhe lembrará o bom tempo... é uma mulher, já se disse, e, portanto, uma criatura que se queixa sempre.

— É uma fotografia?

— Você verá... você verá, não se apresse. Fui eu mesmo que fiz.

Vamos mais rápido.

O sol do meio-dia estava tão forte que alegrava os próprios ossos. O mar também se esquentava ao sol, feliz. Ao longe, a pequena ilha deserta, envolvida por uma leve bruma, parecia haver-se levantado e estar flutuando.

Nós nos aproximamos da aldeia. Zorba chegou-se a mim, e baixando a voz:

— Sabe, patrão — disse ele, — a tal pessoa estava na igreja. Eu estava na frente, perto do púlpito, quando de repente vi os santos ícones se iluminarem. O Cristo, a Virgem Santa, os doze apóstolos, tudo brilhava... que será isto? Pensei comigo, fazendo o sinal da cruz.

O sol? Volto-me, era a viúva.

— Basta de conversa, Zorba, chega — disse eu apertando o passo.

Mas Zorba correu atrás de mim:

— Eu a vi de perto, patrão. Ela tem um sinalzinho no rosto. É de perder a cabeça. Mais um mistério, os sinais nos rostos das mulheres.

Ele franziu os olhos, com ar estupefato.

— Não, mas você viu isto, patrão? A pele é lisinha e de repente aparece uma mancha preta. Pois bem, isso é quanto basta para fazer perder a cabeça. Você entende alguma coisa disso, patrão? Que é que seus livrecos dizem?

— Para o diabo, meus livrecos!

Zorba se pôs a rir, contente.

— Isso mesmo — disse ele, — aí está, você começa a compreender.

Passamos rapidamente diante do café, sem parar.

Nossa boa senhora havia assado um leitão-de-leite no forno e nos esperava em pé na soleira.

Pusera de novo em volta do pescoço a mesma fita amarela adamascada, e assim, pesadamente enfarinhada com pó, os lábios empastelados com uma espessa camada vermelha, ela estava pavorosa. Logo que nos viu, todas as suas carnes se puseram em movimento, alegradas, seus pequenos olhos brilhavam

gaitadamente e se fixaram nos bigodes retorcidos de Zorba.

Assim que a porta da rua se fechou, Zorba segurou-a pela cintura.

— Feliz ano novo, minha Bubulina! — disse-lhe. — Olha o que eu lhe trouxe! — e beijou-lhe a nuca gordinha e enrugada.

A velha sereia teve um arrepio de prazer, mas não desviou sua atenção. Os olhos estavam fixos no presente. Pegou-o, desfez o cordão dourado, olhou e deu um grito.

Debrucei-me para ver: numa cartolina grossa, esse malandro do Zorba havia pintado em quatro cores — louro, castanho, cinzento e negro — quatro grandes couraçados sobre um mar azul. Diante dos couraçados, alongada sobre as ondas, toda branca, toda nua, os cabelos desfeitos, os seios erguidos, com uma cauda de peixe e uma fitinha amarela no pescoço, nadava uma sereia, madame Hortência.

Ela segurava quatro barbantes, e arrastava os quatro couraçados arvorando as bandeiras inglesa, russa, francesa e italiana. Em cada canto do quadro pendia uma barba, uma loura, uma castanha, uma grisalha e uma negra.

A velha cantora entendeu logo.

— Eu! — disse ela apontando com orgulho a sereia. Suspirou. — oh! Eu antigamente era uma grande potência.

Tirou um pequeno espelho redondo que ela havia prendido em cima do leito, perto da gaiola do papagaio e colocou a obra de Zorba.

Sob a pintura espessa, suas faces empalideceram.

Enquanto isso, Zorba se havia metido na cozinha. Tinha fome.

Trouxe o prato com o leitão, colocou diante dele uma garrafa de vinho e encheu os três copos.

— Vamos, para a mesa! — disse ele, batendo palmas. — vamos começar pelo principal, a barriga. Depois, querida, a gente vai descendo!

Mas o ar estava intranquilo por causa dos suspiros de nossa velha sereia. Ela tinha, também, em cada começo de ano, o seu pequeno juízo final, devia pesar sua vida de achá-la estragada. Nessa cabeça de mulher depenada, as grandes cidades, os homens, os vestidos, as garrafas de champanha, as barbas perfumadas deviam, nos dias solenes, levantar-se do túmulo de seu coração e gritar.

— Não tenho fome — murmurou ela em voz baixa. — não tenho nenhuma fome, nenhuma...

Ela se ajoelhou diante do braseiro e remexeu os carvões ardentes; suas faces desbotadas refletiram as chamas. Uma mecha de seus cabelos escorregou de sua testa, balançou diante das chamas e espalhou-se pelo quarto o cheio nauseabundo de cabelos chamuscados.

— Não quero comer... — murmurou ela ainda, vendo que não lhe prestávamos atenção.

Zorba fechou a mão nervosamente. Ficou por instantes indecisos. Ajoelhou-se e segurando os joelhos da velha sereia:

— Se você não come, minha queridinha — disse ele com uma voz lamuriosa, — é o fim do mundo. Tenha piedade, querida, e coma essa patinha do leitão.

E enfiou-lhe na boca a pata torrada e pingando a manteiga e gordura.

Tomou-a em seus braços. Levantou-a, e instalou-a gentilmente sobre sua cadeira, entre nós dois.

— Coma — disse, — coma meu tesouro, para que São Basílio entre em nossa aldeia! Senão, você sabe, ele não entrará. Vai voltar para sua pátria, em Cesareia. Levará de volta o papel e o tinteiro, os bolos dos reis, os presentes de ano novo, os brinquedos das crianças, até esse porquinho! Vamos, minha franguinha, abre sua boquinha e coma!

Estendeu dois dedos e fez-lhe cócegas sobre o braço. A velha sereia soluçou, enrugou os olhinhos avermelhados e se pôs a mastigar lentamente a pata torrada...

Nesse momento, dois gatos apaixonados se puseram a miar sobre o telhado, em cima de nossas cabeças. Miavam com um ódio indescritível, suas vozes subiam, desciam, cheias de ameaças.

Bruscamente, nós os ouvimos rolar, emaranhados, e se entredevorar.

— Miau, miau... — fez Zorba piscando o olho para a velha sereia.

Ela sorriu e apertou sua mão disfarçadamente sobre a mesa.

Sua garganta se abriu, e ela começou a comer de bom humor.

O sol desceu, entrou pela pequena janela e se colocou sobre os pés da nossa boa senhora. A garrafa estava vazia. Acariciando seus bigodes eriçados de gato-do-mato, Zorba se aproximou de Madame Hortência. Esta engrouvinhada, a cabeça metida no pescoço, sentia, sobre si, tremendo, o hálito quente e avinhado.

— O que é ainda esse mistério, patrão? — fez Zorba se voltando.

Tudo anda ao contrário comigo. Quando eu era criança, parecia que eu tinha ares de um pequeno velho; era pesadote, não falava muito, tinha uma voz grossa como de homem. Dizia-se que eu me parecia com meu avô! Mas, quanto mais envelheço, mais fico impulsivo. Com vinte anos, fiz pequenas loucuras, mas não muitas, essa que se costuma fazer com essa idade. Com quarenta anos, me senti em plena juventude e comecei a fazer as grandes loucuras. E agora, com sessenta anos — sessenta e cinco, mas isso fica entre nós — e agora que entrei nos setenta, palavra de honra, o mundo ficou muito pequeno para mim. Como você explica isso, patrão?

Ergue o copo, e virando gravemente para a senhora:

— À sua saúde, minha Bubulina — disse ele em tom solene. — espero que esse ano lhe nasçam dentes, belas sobrancelhas afiladas e que sua pele se refaça e fique fresca como a de um pêssego! Então, você não precisará mais dessa história de fitinhas! Eu lhe desejo uma outra revolução em Creta, e que voltem as quatro grandes potências, Bubulina querida, com sua esquadra, e que cada esquadra tenha o seu almirante, e que cada almirante a sua barba frisada e perfumada.

E você, minha sereia, você surgirá das ondas ainda uma vez cantando sua doce canção.

Dito isso, pousou sua grande pata sobre os seios caídos e flácidos da boa senhora.

De novo Zorba estava inflamado, sua voz se refez rouca de desejo. Pus-me a rir. Uma vez, no cinema, v um paxá turco se esbaldando num cabaré de Paris. Tinha nos joelhos uma mocinha loura, e quando se animava, a borla de seu fez se punha a levantar lentamente, se imobilizava na horizontal, e tomando impulso de repente se erguia reta no ar.

— Por que este rindo, patrão? — perguntou Zorba.

Mas a boa mulher guardava ainda as palavras de Zorba.

— Será possível, meu Zorba? A juventude vai embora... e não volta.

Zorba se aproximou dela e as duas cadeiras se tocaram.

— Ouça minha beleza — disse ele tentando desabotoar o terceiro botão — decisivo este — da blusa de Madame Hortência. — ouça o grande presente que vou lhe arranjar: há agora um médico que faz milagres. Ele dá um medicamento, gotas ou pó, não sei, e a gente tem de novo vinte anos, vinte e cinco no máximo. Não chore meu amor, vou mandar busca-lo na Europa...

Nossa velha sereia sobressaltou-lhe. A pele brilhante, luzidia e avermelhada de seu crânio brilhou entre os cabelos esparsos. Atirou os braços gordinhos em volta do pescoço de Zorba.

— Se forem gotas, meu querido — disse ela, se esfregando em Zorba como uma gata, — se forem gotas, você me trará uma jarra. Se for pó...

— Um saco grande — disse Zorba que desabotoara o terceiro botão.

Os gatos, que se haviam calado por um momento, recomeçaram a miar. Uma das vozes se lamentava e suplicava, a outra se irritava ameaçadora...

Nossa boa mulher bocejou e seus olhos se fizeram langorosos.

— Você está escutando esses bichos imundos? Eles não tem vergonha... — sussurrou ela, sentando-se nos joelhos de Zorba.

Virou-se contra ele e suspirou. Havia bebido um pouco, e seus olhos se toldaram.

— Em que pensas, minha gata? — disse Zorba segurando-lhe os seios com as duas mãos.

— Alexandria... — murmurou choramingando a sereia Andarilha. — Alexandria, Beirute.. Constantinopla... os turcos, os árabes, os sorvetes, as sandálias douradas, os fezes vermelhos...

Suspirou de novo.

— Quando Alybei ficava de noite comigo... que bigodes, que sobrancelhas, que braços!... ele chamava os

tocadores de tamborim e de flauta, jogava-lhes dinheiro pela janela e eles tocavam em meu pátio até a madrugada. E as vizinhas torciam-se de inveja. Diziam "Alybei está ainda essa noite com a senhora..."

Depois, em Constantinopla, Suleiman o paxá não me deixava sair para passear na sexta-feira. Ele tinha medo de que o sultão, indo para a mesquita, me visse e, encantando por minha beleza, me mandasse raptar. De manhã, quando saía de minha casa, ele colocava três negros na porta para que nenhum macho se aproximasse... ah! Meu suleimanzinho!

Ela tirou de seu colo um grande lenço de quadrados coloridos e o mordeu, soprando como uma tartaruga marinha.

Zorba se desvencilhou dela, depositou-a sobre a cadeira vizinha e se levantou aborrecido. Deu duas ou três voltas em torno da sala, soprando também; o quarto pareceu-lhe subitamente muito pequeno, pegou seu bastão e lançou-se para o pátio; apanhou uma escada e apoiou-se na parede e o vi subir de dois em dois degraus, com ar furioso.

— Em quem você vai bater, Zorba? — gritei eu. — em Suleiman paxá?

— Na porcaria desses gatos — berrou ele. — Não querem nos deixar em paz!

E de um pulo saltou para o telhado.

Madame Hortência, embriagada, os cabelos em desordem, fechara seus olhos, tantas vezes beijados. O sono a havia levantado e levado para as grandes cidades do oriente — para os jardins fechados, os haréns obscuros, ao lado dos paxás amorosos. Ela fazia atravessar os mares e ela se via pescando. Havia lançado a linha e pescara quatro grandes couraçados.

Banhada, refrescada pelo mar, a velha sereia sorria em seu sono, feliz.

Zorba entrou, balançando seu bastão.

— Ela está dormindo? — disse ele ao vê-la. — está dormindo, a miserável?

— Sim — respondi. — foi raptada pelo Voronoff que rejuvenesce os velhos, Zorba paxá, o sono. Agora ela está com vinte anos, e passeia por Alexandria, Beirute...

— Que vá ao Diabo esta velha porca! — rosnou Zorba, e cuspiu no chão. — veja como ela sorri! Vamos embora, patrão!

Enfiou seu barrete e abriu a porta.

— Comer como porcos e depois partir deixando-a sozinha! — disse eu. — isso não se faz!

— Ela não está sozinha coisa nenhuma — berrou Zorba. — ela está com Suleiman Paxá, você não vê? Ela está no sétimo céu, essa mulher danada! Vamos, vamos embora!

Saímos para o ar frio. A lua vogava no céu sereno.

— Ah! As mulheres! — disse Zorba com desprezo. — Bah! Mas, não é culpa delas, é nossa: dos desmiolados, dos malucos, dos Suleimans, dos Zorbas!

E depois de alguns instantes:

— E nem mesmo é culpa nossa — acrescentou, furioso. — é culpa de um outro só, do grande Desmiolado, o Maluco, o grande Suleiman Paxá... você sabe quem ele é!

— Se ele existe — respondi. — e se não existir?

— Então, estamos fritos! Por muito tempo caminhamos em grandes passadas, sem falar.

Zorba certamente ruminava ideias negras, pois a cada momento batia no calçamento com seu bastão e cuspia.

Subitamente, virou-se em minha direção:

— Meu avô... que ele repouse em paz — disse ele, — conhecia bem as mulheres. Ele gostava muito delas, o infeliz, e elas lhe pregaram muitas peças. Ele me dizia: "Meu pequeno Alexis, com minha benção, vou-lhe dar um conselho: desconfia das mulheres. Quando o Bom Deus quis criar as mulheres com uma costela de adão, o Diabo se transformou em serpente e no momento preciso pulou em cima e surrupiou a costela. O bom Deus se precipita, mas o Diabo escorrega entre seus dedos deixando apenas os chifres. "na falta da roca, disse o bom Deus consigo mesmo, a boa dona de casa fia com a colher.

Pois bem, vou fazer a mulher com os chifres do Diabo!"E ele fez, para nossa infelicidade, meu pequeno Alexis! E agora, quando nos encostamos em uma mulher, estamos afagando os chifres do demônio! Desconfie dela, meu garoto! E foi ainda a mulher que roubou a maçã do paraíso e que a enfiou no seu decote. Diabo! Se você comer essas maçãs, infeliz, você está perdido. Que conselho você quer que eu lhe dê, minha criança? Faça o que quiser!" foi isso que me disse meu falecido avô, mas isso não me deu mais juízo.

Tomei o mesmo caminho que ele, e cá estou.

Atravessamos apressadamente a aldeia. O luar era inquietante.

Imagine se você, tendo-se embriagado e saindo para tomar um pouco de ar, encontrasse o mundo bruscamente mudado. As estradas se haviam transformado em rios de leite, as depressões e os barrancos transbordavam de cal, as montanhas se cobriam de neve. Suas mãos, seu rosto, seu pescoço fosforescentes como um ventre de vaga-lume.

Como um medalhão redondo, exótico, a lua estava pendurada em seu peito.

Andávamos com passos vivos, em silêncio. Embriagados pelo luar, embriagados pelo vinho, mal sentíamos os pés tocarem a terra.

Atrás de nós, na aldeia adormecida, os cães haviam subido aos telhados e uivavam queixosamente, com os olhos fixos na lua. Dava-nos vontade, sem razão, de espichar o pescoço e uivar também...

Passávamos agora diante do jardim da viúva. Zorba parou. O vinho, a comida farta, a lua haviam perturbado sua cabeça. Estendeu o pescoço e, com sua voz grossa de jumento, se pôs a zurrar um dístico impudico que, na sua exaltação, improvisou no momento:

Como eu amo seu belo corpo, da cintura até embaixo

Ele recebe a sua enguia viva e a deixa inerte de só golpe

— Mais um chifre do demônio, está aí! — disse ele. — Vamos embora, patrão!

O dia ia nascer quando chegamos ao barracão. Joguei-me em minha cama, exausto. Zorba se lavou acendeu o fogareiro e fez café.

Sentou-se de pernas cruzadas no chão, diante da porta e pôs-se a fumar pacatamente, o corpo ereto, imóvel, olhando o mar. Seu rosto estava grave e concentrado. Parecia uma pintura japonesa de que eu gostava: o asceta sentado de pernas cruzadas, envolvido numa roupagem cor-de-laranja; seu rosto reluzia como madeira dura finamente esculpida, enegrecida pelas chuvas; o pescoço bem ereto, sorridente, sem medo, ele olha diante de si a noite obscura...

Olhava Zorba à luz da lua e admirava a arrogância e simplicidade com que ele se ajustava ao mundo, como seu corpo e sua alma formavam um todo harmonioso, e todas as coisas, mulheres, pão, água, carne, osso, se uniam alegremente com sua carne e viravam Zorba. Jamais eu vira um entendimento tão amigável entre um homem e o universo.

A lua caía em direção ao poente, toda redonda, de um verde pálido. Uma inexprimível doçura se espalhava sobre o mar.

Zorba jogou seu cigarro, estendeu o braço, remexeu num cesto, tirou de lá cordões, carretéis e pequenos pedaços de madeira, acendeu a lamparina de azeite e se pos, ainda uma vez, a fazer experiências para o teleférico. Debruçado sobre seu brinquedo primitivo, ele estava mergulhado em cálculos certamente muito difíceis, pois de instante a instante coçava furiosamente a cabeça e praguejava.

De repente fartou-se. Deu um pontapé e teleférico desabou.

Capítulo XII

O sono me dominou. Quando acordei, Zorba partira. Fazia frio, eu não tinha a menor vontade de me levantar. Estiquei o braço para uma prateleira e peguei um livro que trouxera e do qual gostava muito: os

poemas de Mallarmé. Li lentamente, ao acaso; fechei-o, tornei a abrir, deixei-o de lado. Nesse dia, pela primeira vez, tudo isso me pareceu sem sangue, sem odor nem sabor, sem substância humana. Palavras de um azul desbotado, vazias, soltas ao ar. Uma água destilada, perfeitamente pura, sem micróbios, mas também sem conteúdo nutritivo. Sem vida.

Como nas religiões que perderam sua inspiração criadora, os Deuses se tornam apenas motivos poéticos ou ornamentos decorativos da solidão humana — e das paredes — assim era esta poesia. A aspiração veemente do coração cheio de terra e de sementes transformou-se num impecável jogo intelectual, uma arquitetura aérea, erudita e complicada.

Tornei a abrir o livro e recomecei a leitura. Por que estes poemas me empolgaram durante tantos anos? Pura poesia! A vida transformada em jogo lúcido, transparente, nem sequer pesada como uma gota de sangue. O elemento humano é carregado de desejo, é turvo e impuro — amor, carne, lamento. Que sublime, pois, em ideia abstrata e, no alto-forno do espírito, de alquimia em alquimia, se imaterialize e se dissipe!

Como todas aquelas coisas, que outrora tanto me fascinaram, naquela manhã pareciam apenas acrobacias charlatanescas!

Sempre, no declínio de todas as civilizações, é assim que acaba a angústia do homem, como nos jogos de prestidigitador, cheios de maestria — poesia pura, música pura, pensamento puro. O último homem que se libertou de qualquer crença ou ilusão, que nada mais espera e em nada mais crê — vê a argila de que é feito reduzida a espírito; e o espírito não tem mais onde lançar suas raízes para sugar e se nutrir. O último homem esvaziou-se; nem sementes, nem excrementos, nem sangue. Todas as coisas se tornaram palavras; todas as palavras, artifícios musicais. O último homem vai ainda mais longe: senta-se no topo de sua solidão e decompõe a música em mudas equações matemáticas.

Tive um sobressalto e exclamei para mim mesmo: "Buda é o último homem! Eis aí o seu sentido secreto e terrível. Buda é alma pura que se esvaziou; nele está o nada, ele é o nada"."esvaziai vossas entranhas, esvazia vosso espírito, esvaziai vosso coração!"grita ele."onde ele pisar, não brota mais água, não cresce erva, não nasce uma só criança". "É preciso, pensei, cita-lo, mobilizando as palavras encantadas, apelando para a cadência mágica, e lançar-lhe um feitiço que o faça cair de minhas entranhas!

É preciso que, para me livrar, eu o prenda na rede das imagens!"

Escrever Buda deixava, enfim, de ser um jogo literário. Era sim, uma luta de morte contra uma grande força de destruição à espreita dentro de mim, um duelo com o grande Não que me devorava o coração. E a salvação de minha alma dependia do desfecho deste duelo.

Peguei no manuscrito, ágil e decidido. Achara o alvo e agora sabia onde atirar! Buda é o último homem. E nós estamos apenas no começo; não comemos nem bebemos, nem amamos o suficiente.

Ainda nem vivemos sequer. O velho delicado e esbaforido chegou-nos muito cedo. Que se safe logo, o quanto antes.

Pus-me alegre a escrever. Não, eu não escrevia; não era mais escrever, era uma verdadeira guerra, numa caçada impiedosa, um cerco e um feitiço para tirar o animal da toca. Encantamento mágico era isso, na verdade, a arte. Em nossas entranhas escondem-se obscuras forças homicidas, funestos impulsos para a morte, para a destruição, para o ódio, para a desonra. Então aparece a arte e nos liberta, com sua doce flauta.

O dia todo escrevi, procurei e lutei. À noite estava esgotado, mas triunfara, eu o sentia, sobre vários postos avançados do inimigo.

Ansiava agora pela chegada de Zorba para comer, dormir, tomar novas forças e, de madrugada, recomeçar o combate.

Zorba voltou já de noite, com a fisionomia iluminada. "Ele achou, ele também achou", falei comigo e esperei.

Dias antes, começando a me fartar, dissera-lhe irritado:

— Os fundos baixam, patrão? — perguntara. — isso é mau.

— Acabou-se, esbanjamos tudo, Zorba. Mexa-se! Como vão as experiências do teleférico? Nada ainda?

Zorba baixara a cabeça, sem responder. Sentia-se envergonhado, aquela noite. Maldito teleférico

resmungara, eu te pego! Mas esta noite, ele vinha iluminado.

— Descobri, patrão! — gritou de longe. — achei a boa inclinação.

Ela quase me escapava das mãos, a suja, querendo fugir, mas eu a apanhei!

— Então ponha logo fogo na pólvora, Zorba. Você precisa de alguma coisa?

— Amanhã cedo vou à cidade comprar o material necessário: cabo de aço, do grosso, roldanas, coxins, pregos, ganchos... estarei de volta antes de você se dar conta da minha partida!

Acendeu rápido o fogo, preparou a comida: comemos e bebemos com excelente apetite. Ambos trabalháramos bem durante o dia.

Na manhã seguinte, acompanhei Zorba à aldeia. Fingíamos de entendidos e práticos nos trabalhos de linhita. Numa descida, Zorba chutou uma pedra, que começou a rolar. Então parou, espantado, como se visse pela primeira vez na vida tão surpreendente espetáculo. Virou-se para mim, encarou-me, e em seu olhar notei um ligeiro temor.

— Viu isso, patrão? — disse-me enfim. — nas descidas as pedras ganham vida.

Nada respondi, mas era grande minha alegria. É assim, pensava eu, que os grandes visionários e os grandes poetas veem as coisas pela primeira vez. Cada manhã descobrem um mundo novo que eles próprios criam.

O universo constituía para Zorba, como para os primeiros homens, uma visão pesada e compacta; as estrelas deslizavam sobre ele, o mar se quebrava contra suas têmporas; sem a intervenção deformadora da razão, ele vivia a terra, as águas, os animais e Deus.

Madame Hortência fora prevenida e nos esperava à porta, pintada, rebocada de pó, inquieta. Paramentada com para um baile de sábado. A mula estava em frente à porta; Zorba montou-a e segurou as rédeas.

Nossa velha sereia aproximou-se timidamente, apoiando a mão gorducha no peito do animal, como se quisesse impedir a partida do bem-amado.

— Zorba... — sussurrou, pondo-se na ponta dos pés, — Zorba...

Ele virou a cabeça para o outro lado. Não gostava dessas tolices amorosas em plena rua. A pobre mulher assustou-se com o olhar de Zorba. Mas conservou a mão apoiada, cheia de terna suplica, no peito da mula.

— Que quer você? — disse Zorba irritado.

— Zorba — murmurou suplicante, — tenha juízo... Não se esqueça de mim, Zorba, tenha juízo...

Zorba sacudiu a rédea, sem responder. A mula se pôs em marcha.

— Boa viagem, Zorba! — gritei. — três dias, ouviu? Nem um a mais.

Voltou-se, agitando a mão rude. A velha sereia chorava e as

lágrimas abriam sulcos no pó-de-arroz.

— Você tem a minha palavra, patrão, isto basta! — gritou Zorba. —

até a volta.

E desapareceu nas oliveiras. Madame Hortência chorava e, através das folhagens prateadas, via ora brilhar ora se apagara a coberta vermelha que a coitada pusera na montaria, para que seu bem-amado se sentasse confortavelmente. Em dado momento, também esta se desapareceu. Madame Hortência olhou à sua volta: o mundo estava vazio.

Não voltei à praia; fui para a montanha. Quando me aproximava da subida, ouvi uma corneta. O carteiro rural anunciava sua chegada à aldeia.

— Patrão — gritou, agitando a mão.

Aproximando-se, deu um maço de jornais, revistas literárias e duas cartas. Guardei logo uma delas no bolso, para lê-la à noite,

quando termina o dia e o espírito se aquieta. Sabia de quem era e queria prolongar minha alegria, para que durasse mais.

A outra carta reconheci pela letra brusca e decidida e pelos selos exóticos. Vinha da África, de uma montanha selvagem próxima ao Tanganica. Era de um velho colega de escola: Karayanis. Rapaz bizarro, violento, moreno, dentes muito brancos, um dos caninos apontado como os de um javali. Nunca falava:

berrava. Nem discutia, mas brigava. Muito jovem, deixara sua pátria, Creta, onde, de batina, ensinava Teologia Andou de namoro com uma aluna; foram surpreendidos e vaiados quando se beijavam, no campo. No mesmo dia, mandando a batina às urtigas, tomou o navio. Foi para a África, morar com um tio. Aí se dedicou com dedicação ao trabalho, abriu uma fábrica de cordas e ganhou bom dinheiro. Escrevia-me de vez em quando, convidando-me a passar com ele seis meses. Quando abria suas cartas, antes mesmo de as ler, sentia-se desprender-se das páginas — sempre abundantes e cosidas com um fio — um vento impetuoso que me arrepiava os cabelos. Tomava sempre à decisão de ir a África, mas nunca o fazia.

Saí do caminho, sentei-me numa pedra, abri a carta e comecei a ler:

"Quando será que você, sua ostra colada ao rochedo grego, vai se resolver a vir? Também você, como todos os gregos, se tornou gato de botequim. Você se espoja nos cafés como em seus livros, seus hábitos e suas famosas ideologias. Hoje é domingo, nada tenho para fazer; estou em casa, em minha propriedade, e penso em você.

O sol queima como fornalha. Nem sinal de chuva. Aqui, quando ela cai em abril, maio e junho, é um verdadeiro dilúvio.

Estou só e gosto disso. Há bastantes gregos aqui, mas nem quero vê-los. Eles me desagradam, pois, queridos metropolitanos, o Diabo os carregue, que mesmo aqui vocês trazem a sua lepra, suas paixões políticas. A política é a perdição dos gregos. Há também as cartas, a falta de instrução e a carne.

Odeio os europeus e por isso vagueio por aqui, nas montanhas de Vassambra. Odeio os europeus, mas acima de tudo, os gregos e tudo o que é grego. Nunca mais porei os pés na sua Grécia. Aqui morrerei; já mandei fazer meu túmulo, em frente à minha casa, na montanha deserta. Coloquei até a laje onde gravei eu próprio em maiúsculas:

AQUI JAZ UM GREGO QUE DETESTA OS GREGOS

Quando penso na Grécia, desato a rir, cuspo, praguejo, choro.

Foi para não ver a Grécia e tudo o que é grego que deixei sempre a minha pátria. Vim para cá, trouxe meu destino — não foi o destino que me trouxe: o homem faz o que quer! Trouxe aqui o meu destino, trabalhei e trabalho como um negro. Verti e continuo vertendo correntes de suor. Luto com a terra, com o vento, com a chuva, com os operários, pretos e vermelhos.

Não tenho nenhuma alegria. Sim, uma: trabalhar. Com meu corpo e meu espírito, mas sobretudo com o corpo. Gosto de me cansar, suar, escutar os ossos rangendo. A metade do meu dinheiro eu esbanjo, onde e como bem me apraz. Não sou escravo do dinheiro:

o dinheiro é que é meu escravo. Eu sou, e disso me gabo, escravo do trabalho. Corto árvores: tenho um contrato com os ingleses. Fabrico cordas; agora planto também algodão. Ontem à noite, duas tribos dos meus negros — os vaivai e os vangnoni — brigaram por uma mulher: uma prostituta. Amor-próprio, veja você. Igual como na sua terra, ó gregos! Injúrias, algazarra, pauladas, correu sangue. As mulheres saíram em plena noite e me acordaram, esgoelando-se, para que eu fosse julgá-los. Aborreci-me, mandei todos ao Diabo e depois à polícia inglesa. Mas ficaram a noite inteira à minha porta, berrando. De madrugada, sai e julguei-os.

Amanhã, segunda-feira, vou cedo subir as montanhas de Vassambra, de florestas densas, águas frescas e verdura eterna.

Então, meu grego, quando você se libertará desta moderna Babilônia, da "Prostituta sentada nas grandes águas e com quem dormiram todos os reis da terra": a Europa? Quando virá, para juntos escalarmos estas montanhas desertas e puras?

Tenho um filho com uma negra: é uma menina. Sua mãe mandei-a embora: ela me enganava em público, em pleno dia, debaixo de cada árvore verde. Então, achei demais e a botei porta afora. Mas fiquei com a garota: tem dois anos. Anda, está começando a falar e eu lhe ensino grego; a primeira frase que aprendeu foi:

"Cuspo-te em cima, grego sujo!"

Ela se parece comigo, a marota. Só o nariz é da mãe, grande e achatado. Gosto dela, mas como se gosta de

um cão ou de um gato.

Venha, você também fará um filho numa vassambra e um dia casaremos os dois."

Larguei a carta aberta nos joelhos. De novo despertava em mim o ardente desejo de partir. Não por necessidade. Sentia-me bem, nessa praia cretense, estava à vontade, feliz e livre. Nada me faltava.

Mas sempre me roera um desejo ardente: ver e tocar o mais possível a terra e o mar, antes de morrer.

Levantei-me, mudei de ideia e em vez de subir a montanha desci a passos apertados para a minha praia. Sentia a outra carta, no bolso superior do casaco, e não aguentava mais. Já durou muito, dizia comigo, c antegozo da alegria, tão doce e tão angustiante.

Cheguei ao barracão, acendi o fogo, fiz o chá, comi pão com manteiga, mel e laranjas. Despi-me, deitei na cama e abri a carta: "Meu mestre e discípulo neófito, salve!

Tenho aqui um trabalho grande e difícil, "Deus" seja louvado — ponho entre aspas a palavra perigosa (como uma fera nas grades), para que você não se enerve a abrir a carta. Um trabalho difícil, mesmo "Deus" seja louvado. Há meio milhão de gregos em dificuldades no sul da Rússia e no Cáucaso. Muitos deles só falam turco ou russo, mas seu coração fala grego com fanatismo. São do nosso sangue. Basta vê-los — o modo como seus olhos brilham, esquivos e gulosos, o modo como os lábios sorriem maliciosos e sensuais, e como conseguiram se tornar patrão aqui, na imensa terra russa, tendo a serviço mujiques — para compreender que são legítimos descendentes de seu bem-amado Ulisses. Então a gente gosta deles e não os deixa morrer.

Pois eles correm o risco de perecer. Perderam tudo o que tinham, tem fome, estão nus. De um lado perseguidos pelos bolcheviques; de outro pelos curdos. De toda parte chegam refugiados que se amontoam em algumas cidades da Geórgia e da Armênia. Não há comida, nem roupas, nem medicamentos. Juntam-se nos portos e perscrutam angustiados o horizonte na esperança em que barcos gregos venham buscá-los para levá-los de volta à sua mãe, a Grécia. Um pedaço de nossa raça, isto é, um pedaço de nossa alma está em pânico.

Se os abandonarmos à sua sorte, morrerão. É preciso muito amor e compreensão, entusiasmo e espírito prático — estas duas qualidades que você tanto gosta de ver reunidas — para conseguir salva-los e transplantarmos para o nosso solo livre, onde serão mais úteis à nossa raça — lá em cima, nas fronteiras da Macedônia, e mais longe, nas fronteiras da Trácia. Só assim serão salvos centenas de milhares de gregos, e nós nos salvaremos com eles. Pois desde o minuto em que cheguei aqui, tracei um círculo, seguindo seus ensinamentos; a este círculo chamei "meu dever". E disse: se eu salvar este círculo inteiro, estarei salvo; se não o salvar, estarei perdido. Ora, neste círculo se acham os quinhentos mil gregos.

Percorro cidades e aldeias, reúno os gregos, redijo relatórios e telegramas, esforço-me para convencer nossos administradores de Atenas de que devem enviar navios, víveres, roupas e medicamentos e fazer voltar à Grécia essas criaturas. Se lutar com fervor e obstinação é uma sorte, então sou feliz. Não sei se, como diz você eu "talhei" em minha felicidade de acordo com a minha estatura; graças aos céus pois, então, serei de estatura elevada. Prefiro mesmo assim estender minha estatura até as fronteiras mais recuadas da Grécia que são também os limites de minha felicidade. Mas chega de teorias! Você se deita em sua praia cretense, escuta o mar e o santuri, tem tempo; eu não. A atividade me devora e com isso me regozijo. Agir: não há outra salvação.

O assunto de minhas meditações é agora muito simples, como um bloco. Digo para mim: esses habitantes do Ponto e Cáucaso, estes camponeses de Kars, os grandes e pequenos comerciantes de Tiflis Batum, Novorossisk, Rostov, Odessa, Crimeia, são dos nossos, do nosso sangue. Para eles — como para nós — a Capital da Grécia é Constantinopla. Temos todos o mesmo chefe. Você o chama de Ulisses, outros d Constantino Paleólogo, não o que foi morto sob os muros de Bizâncio, mas o outro, o da lenda, aquele que se transformou em mármore e aguarda, de pé, o Anjo da liberdade. Eu, com sua permissão, a este chefe de nossa raça dou o nome de Akritas (Digenis Akritas: herói lendário de uma epopeia grega.

Corresponde a nossa palavra Marques, governador de marcos.

Digenis: de duas raças, grega e oriental). Prefiro este nome, mais austero e menos guerreiro. Quando c ouço, ergue-se em mim, todo armado, o heleno eterno, que combate sem tréguas nem descanso, nos confins e nas fronteiras. Em todas as fronteiras: nacionais, intelectuais, espirituais. E se lhe acrescentamos Digenis retratamos ainda mais profundamente a nossa raça, esta maravilhosa síntese do Oriente com o Ocidente.

Encontro-me agora em Kars, onde vim reunir os gregos de todas as aldeias vizinhas. No dia de minha chegada, os curdos seqüestraram nas redondezas de Kars um padre e um professor grego e os ferraram como mulas. Apavorados, os notáveis refugiaram-se na casa em que me hospedo. Ouvimos, cada vez mais perto, os canhões dos curdos. Todos tem os olhos fixos em mim como se só eu tivesse o poder de salva-los.

Contava voltar para Tíflis amanhã, mas agora, diante do perigo, envergonho-me de partir. Fico, pois. Não digo que não tenha medo. O guerreiro de Rembrandt, o meu guerreiro, não faria o mesmo? Ele teria ficado; eu portanto também fico. Se os curdos entrarem na cidade, é natural e justo que me ferrem em primeiro lugar.

Certamente, mestre, você não esperava que seu aluno tivesse este fim de mula.

Após interminável discussão à regra, decidimos que todos se encontrariam essa noite, com sua mulas, cavalos, bois, carneiros, mulheres e filhos e que de madrugada nos poríamos a caminho do Norte. Irei à frente, como carneiro, guia do rebanho.

Patriarcal emigração de um povo através das cadeias de montanhas e das planícies de nomes lendários! E eu serei um espécie de Moisés — Pseudo Moisés — conduzindo o povo eleito para a Terra Prometida, como esses ingênuos chamam a Grécia. Na verdade, para estar à altura de minha missão mosaica e para não lhe causar vergonha, era conveniente que eu suprisse minhas elegantes perneiras, objetos de suas caçoadas, e envolvesse as pernas em faixas de pele de carneiro. Que tivesse, também, longas barbas frisadas e gordurosas e, mais importante, dois cornos. Mas, desculpe-me, não lhe darei este prazer. É mais fácil para mim trocar de alma que de roupa. Uso perneiras, estou escanhoado como um talo de couve e não sou casado.

Caro mestre, espero que receba esta carta, talvez a última.

Ninguém o sabe. Não confio nas forças secretas que protegem os homens, como se presume. Creio em forças cegas que ferem à direita e à esquerda, sem maldade, sem intuito, e matem quem estiver ao seu alcance. Se eu deixar a terra (digo deixar para não nos assustar a ambos com a palavra exata), portanto, se eu deixar a terra, passe bem, seja feliz, querido mestre! Tenho vergonha de dizê-lo, mas é preciso, desculpe; eu também o amei muito."

E embaixo, a lápis, escrito às pressas, o post-scriptum:

P.S. — não me esqueço do que combinamos no navio, quando parti. Fique sabendo que, se eu tiver de deixar a terra, hei de preveni-lo, onde você estiver; não se assuste.

Capítulo XIII

Três, quatro, cinco dias se passaram e Zorba não voltava.

No sexto dia, recebi de Cândia uma carta de muitas páginas, um verdadeiro discurso. Estava escrito em papel rosa perfumado tendo, no canto, um coração atravessado por uma flecha.

Guardei-a com cuidado e transcrevo-a, conservando as expressões afetadas esparsas aqui e ali. Retifiquei somente os deliciosos erros de ortografia. Zorba segurava a caneta como uma enxada, escrevendo com força, e por isso, em vários lugares o papel estava furado ou manchado de tinta.

"Caro patrão, senhor capitalista!"

Pego na pena primeiramente para lhe perguntar se a sua saúde está favorável e em segundo lugar para lhe dizer que nós também vamos bem, Deus seja louvado!

Quanto a mim, observei há muito tempo que não vim ao mundo cavalo ou boi. Não há como os animais que vivem para comer. Para fugir à acusação acima, crio necessidades dia e noite, arrisco meu pão por uma ideia, inverto os provérbios e digo: mais vale galinhas-d'água nadando do que pardal na gaiola.

Muitos são patriotas e isso nada lhes custa. Eu cá não sou patriota, mesmo se isso me causa prejuízo Muitos creem no paraíso e estão certos que farão entrar seu burro nas ricas pastagens. Eu não tenho burro, sou livre; não temo o inferno, onde meu burro iria arrebentar; não espero também o paraíso onde ele se fartaria de trevo. Não tenho instrução, não sei dizer as coisas, mas você, patrão, me compreende.

Muitos tiveram medo da vaidade das coisas; eu cá não tenho necessidade de refletir. Não me alegro com o bem nem me entristeço com o mal. Se souber que os negros tomaram Constantinopla, para mim é o mesmo que se os turcos tomassem Atenas.

Se com o que lhe digo você pensar que eu fique gagá, escreva-me. Vou às lojas de Cândia comprar cabos para o teleférico e solto uma gargalhada.

Por que se ri, amigo? Perguntam. Mas, como explicar-lhes? Eu rio por que bruscamente, no momento em que estendo a mão para ver se o fio de ferro é bom, penso em que é o homem, por que veio a terra e para que serve... para nada, acho eu. Tudo é a mesma coisa: se tenho ou não uma mulher, se sou honesto ou desonesto, se sou paxá ou carregador. Há somente uma diferença: se estou vivo ou morto. Se o Diabo ou Deus me chama — que quer você, para mim é igual — eu me arrebentarei, me tornarei uma carcaça fétida, empestarei as pessoas que são obrigadas a me meter sob seis palmos de terra para não sufocarem.

A propósito, vou perguntar-lhe uma coisa, patrão, que me faz medo — a única — e que não me deixa repousar nem de dia nem de noite; tenho medo, patrão, da velhice, que o céu nos guarde! A morte não é nada, um simples pfff! E a vela se apaga. Mas, a velhice é uma vergonha.

Eu acho uma grande vergonha confessar que sou velho e faço todo o possível para que ninguém perceba que envelheci; pulo, danço, os rins me doem, mas e danço. Bebo, tenho vertigens, tudo gira, mas não tropeço, faço com se nada fosse. Suo, mergulho no mar, me resfrio, sinto vontade de tossir, guh, guh, para me aliviar, mas tenho vergonha, patrão, e faço entrar a tosse à força — você alguma vez me ouviu tossir? Nunca! E não somente, como se podia crer, quando há gente perto, mas mesmo quando estou só. Tenho vergonha diante de Zorba, patrão. Tenho vergonha diante dele!

Um dia no Monte Athos — pois fui lá também e teria sido melhor quebrar uma pata! — conheci um monge, o padre Lavrentio, natural de Quios. Esse pobre tipo acreditava ter um Diabo dentro dele e havia mesmo lhe dado um nome. Chamava-o de Hodja. "Hodja quer comer carne na sexta-feira Santa"-rugia o pobre Lavrentio, batendo com a cabeça na soleira da igreja. "Hodja quer dormir com uma mulher.

Hodja quer matar o Higumeno. É Hodja, é Hodja, não sou eu!" E batia com a testa na pedra.

Eu também, patrão, tenho assim um Diabo dentro de mim, e o chamo Zorba. O Zorba de dentro não quer envelhecer. Não, ele não envelheceu, ele nunca vai envelhecer. É um bicho-papão, tem os cabelos negros como o corvo, trinta e dois (número 32) dentes e um cravo vermelho atrás da orelha. Mas o Zorba de fora envelheceu, o pobre Diabo; nasceram-lhes cabelos brancos, tem rugas, está encarquilhado, perdendo os dentes, com sua grande pança cheia de pelos brancos da velhice, compridas crinas de burro.

Que fazer patrão? Até quando os dois Zorba vão se disputar? No final das contas quem vencerá? Se eu empacoto logo, está bem, não me inquieto. Mas, se viver muito tempo, estou roubado. Estou ferido, patrão, vai chegar o dia em que vou ser aviltado. Perderei a minha liberdade; a nora e a filha me mandaram tomar conta do molequinho, um monstro horrível, seu rebento, para ele não se queimar, não cair, não se sujar. E se ele suja, vão me obrigar a limpá-lo. Puaah!

Você também vai passar à mesma vergonha, patrão. Embora ainda seja jovem, tome cuidado! Ouça o que eu digo, siga o meu caminho. Não há outra salvação, vamos penetrar nas montanhas, retirar delas o carvão, cobre, ferro, calamina, vamos ganhar o tutu para que os parentes nos respeitem, os amigos lambam as botas e os burgueses nos tirem o chapéu. Se não tivermos sorte, patrão, mais vale morrer, comidos por lobos e ursos, não importa que animal feroz nos apareça. Foi para isso que o bom Deus mandou a terra os animais ferozes, para devorar alguns da nossa espécie, a fim de que não se aviltem."

Aqui Zorba desenhara a lápis de cor um homem grande, esquelético, correndo sob as árvores verdes, com sete lobos vermelhos atrás, e abaixo, em letras grandes: "Zorba e os sete pecados capitais"

E prosseguia.

"Pela minha carta, você compreenderá que o homem desgraçado sou eu. É somente quando lhe falo que sinto esperanças de me aliviar um pouco da hipocrisia. Pois você é como eu, você também, embora não saiba. Você tem seu Diabo interior, mas não sabe como se chama e não sabendo, sufoca. Batize-o, patrão, e se alivie.

Eu dizia, pois, como era infeliz. Toda a minha inteligência, vejo claramente, nada mais é que tolice Entretanto, acontece eu ter dias de reflexões de grande homem e se então eu pudesse realizar tudo o que manda o Zorba de dentro, o mundo nada perderia!

Visto que não tenho contrato a prazo com minha vida, afrouxo o freio quando chego numa descida mais perigosa. A vida do homem é uma estrada com subidas e descidas. Todas as pessoas sensatas avançam com um freio. Mas eu — é aqui que está o meu valor, patrão — faz um bocado de tempo que eu joguei fora o meu freio, porque as carambolices não me metem medo. Os descarrilamentos, nós os trabalhadores, chamamos de "carambolices". Que eu seja enforcado se dou importância às carambolices que faço. Noite e dia eu vou em frente, a todo vapor, faço o que me apraz, tanto pior se eu abotoar o paletó. Que tenho eu a perder? Nada. De qualquer modo, mesmo que não me apresse, vou abotoar o paletó! É certo. Então, mãos à obra, sem parar.

Há esta hora você deve estar rindo à minha custa, patrão, mas escrevo-lhe minhas inépcias, ou se prefere, minhas reflexões ou minhas fraquezas — por mim não vejo diferença entre as três.

Escreve-lhe e você rirá se quiser. Eu também rio, sabendo que você ri — e deste modo, nunca mais terminará o riso sobre a terra. Todos os homens tem a sua loucura, mas a maior loucura me parece que é não ter nenhuma.

Assim sendo, aqui de Cândia eu estudo a minha loucura e descrevo-a em detalhes porque, como vê, quero lhe pedir conselhos.

Na verdade, você é ainda jovem, patrão, mas leu os velhos sábios e se tornou, com o devido respeito, em tanto velhote; então, preciso do seu conselho.

Pois eu cá penso que cada homem tem o seu cheiro próprio; não distinguimos porque os cheiros se misturam e não sabemos qual o seu, qual o meu... compreendemos somente que fede, e a isso a gente chama "humanidade", quero dizer, fedor humano. Há quem o aspire como se recendesse a alfazema. A mim ele dá vontade de vomitar. Mas vamos adiante, isto é outra história.

Eu queria antes dizer, e mais uma vez ia afrouxar o freio, que as velhacas das mulheres têm o nariz úmido como as cadelas e cheiram logo o homem que as deseja e o que não as deseja. É por isso que não importa a cidade onde ponho os pés, mesmo agora, velho como estou, feio como um macaco e mal acabado, sempre aparecem duas ou três mulheres correndo atrás de mim. Elas descobrem meus passos, as cadelas, você vê? Deus as benza!

Assim, no dia em que cheguei são e salvo a Cândia, era à tardinha, no lusco-fusco. Corri logo às lojas, mas estava tudo fechado.

Fui a um albergue, dei comida à mula, comi eu também, fiz minha toalete, acendi um cigarro e saí para dar uma volta. Eu não conhecia vivalma na cidade; ninguém me conhecia; estava livre. Podia assoviar na rua, rir, falar sozinho. Comprei passatempo (semente de abóbora torrada); mastigava, cuspia, flanava. Era a hora de ascender os lampiões. Os homens tomavam aperitivos, as mulheres voltavam para casa, o ar cheirava a pó, sabonete, souclákia (espetos de carne grelhada), anisete. Eu falei com meus botões: "diga lá, meu velho Zorba, até quando vai viver e sentir palpitar as narinas? Não lhe resta mais tempo para sorver o ar, meu pobre velho, vá logo, aspire fundo!"

Eis o que dizia a mim mesmo, andando de um lado para outro na grande praça que você conhece. De repente ouço gritos, danças, tamborins, canções. Apuro o ouvido e corro em direção ao barulho.

Era um café-concerto. Não queria mais nada; entro. Sento-me numa mesa de frente. Porque estava eu intimidado? Como já disse, ninguém me conhecia, liberdade completa!

Tinha uma tipa grandona dançando no estrado; levantava e abaixava as saias, mas eu nem prestava atenção. Peço uma cerveja e eis que uma franguinha vem sentar-se a meu lado, engraçadinha, morena, rebocada de pintura.

— Dá licença vovô? — diz-me rindo.

O sangue me subiu à cabeça. Tive um desejo louco de lhe torcer o pescoço, a saliente! Mas me contive com pena dela, e chamei o garçom.

— Champanha!

(você tem que me perdoar, patrão! Gastei seu dinheiro, mas a afronta era grande, era preciso salvar a nossa honra, tanto a sua quanto a minha, era preciso fazê-la ficar de joelhos diante de nós, a sem vergonha! Era preciso. Tenho certeza de que você não ia me deixar assim sem defesa, neste momento difícil. Então, champanha, garçom!)

A champanha vem, peço também doces e ainda mais champanha. Passa um tipo com jasmim, comprc toda a cesta e esvazio nos joelhos desta porca, que ousara nos insultar.

Bebemos e tornamos a beber, mas eu lhe juro, patrão, eu nem toquei nela. Conheço o assunto. Quandc era moço, a primeira coisa que fazia era bolinar. Agora que estou velho, a primeira coisa que faço é gastar, bancar o galã, atirar dinheiro a mãos cheias. As mulheres são loucas por isso, as desavergonhadas, e você pode ser corcunda, um caco de velho, feio como piolho, elas esquecem tudo.

Não enxergam mais nada, as sujas, nada além da mão que deixa escapulir o dinheiro como um cesto furado. Eu dizia então que gastava cada vez mais — bendito seja você, e o bom Deus lhe pague o cêntuplo, patrão — e a danada não me largava. Aproximava-se devagar, apertava seu joelhinho contra minhas grandes pernas. Mas eu me fazia um gelo e, entretanto, por dentro tudo mexia. É isto que fazem as mulheres perderem a cabeça, é preciso que você saiba quando a ocasião se apresentar: sentir que você queima por dentro e, entretanto, nem lhe toca.

Logo a meia-noite chegou e se foi. As luzes apagaram-se pouco a pouco, o café-concerto ia fechar. Tire um maço de notas de mil e paguei, deixando ao garçom uma generosa gorjeta. A pequena agarrou-se em mim.

— Como se chama? — pergunta-me numa voz sumida.

— Vovô! — respondo eu ofendido.

A garota agarrou-se com força:

— Vem — diz-me em voz baixa — vem...

Tomei-lhe a mãozinha, apertei-a com um ar entendido e respondi:

— Vamos, minha pequena... minha voz estava rouca.

O resto você já sabe. Depois pegamos no sono. Quando acordei, já devia ser meio-dia. Olho em volta e que vejo eu? Um gracioso quartinho bem limpo, poltronas, um lavatório, sabonetes, frescos grande e pequenos, grandes e pequenos espelhos, vestidos coloridos pendurados na parede e uma quantidade de retratos: marinheiros, oficiais, capitães, policiais, dançarinas, mulheres vestidas apenas com duas sandalinhas. E a meu lado, na cama, quente, perfumada e despenteada, a pequena.

Ah! Zorba, digo baixinho, fechando os olhos, você entrou vivo no paraíso. O lugar é bom, não se mova daí.

Já lhe disse uma vez, patrão, cada qual tem o seu próprio paraíso. Para você o paraíso será atulhado de livros e de grande garrafas de tinta. Para um outro, será cheio de barris de vinho, de rum, conhaque. Para outro ainda, de pilhas de libras esterlinas. O meu paraíso é este: um quartinho perfumado, com vestidos coloridos, sabonetes, uma cama bem grande de molas e, a meu lado, uma mulher.

Pecado confesso está meio perdoado. Não pus o nariz de fora o dia todo. Aonde ir? Que fazer? Pensa você! Aqui me sentia bem. Fiz um pedido ao melhor albergue e trouxeram uma bandeja, só de coisas revigorantes: caviar negro, costeletas, peixes, suco de limão, cadaif (pastelaria oriental). Tornamos a nos amar ainda uma vez e tiramos outra soneca. Acordamos quase de noite, nos vestimos e partimos de braço dado para o café-concerto onde ela trabalhava.

Para dizer as coisas em poucas palavras e não encher você de conversa, este programa continua ainda. Mas, não se preocupe, eu também cuido dos nossos negócios. De vez em quando, dou uma olhadela nas lojas Comprarei o seu cabo e tudo o que for preciso, esteja tranquilo. Um dia mais cedo ou uma semana mais tarde, mesmo um mês, que diferença faz? Como se diz, a gata, em sua pressa, faz seus gatinhos de través. Então, não seja apressado. Em seu interesse, espero que meus ouvidos se abram, que meu espírito se acalme para não

deixar embrulhar. O cabo deve ser de primeira, senão estamos perdidos. Portanto, um pouco de paciência, patrão, tenha confiança em mim.

Sobretudo, não se inquiete com a minha saúde. As aventuras não fazem bem. Em poucos dias, virei um jovem de vinte anos. Tenho uma tal força, garanto que vão nascer novos dentes. Os rins me doíam um pouco, agora me sinto que é uma beleza. Todas as manhãs olho-me no espelho e fico espantado de meus cabelos não estarem ainda pretos como graxa.

Mas você vai lhe perguntar por que lhe escrevo tudo isso. É que você é pra mim uma espécie de confessor e não tenho vergonha de lhe confessar todos os pecados. E sabe por quê? Parece-me que eu andando bem ou mal, você não se importa. Você também tem uma esponja molhada, como o bom Deus, e flap! Flop! Bem ou mal, apaga tudo. Então, ouça!

Estou confuso e no ponto de perder o rumo. Peço-lhe que assim que receber esta, pegue na pena e escreva-me. Até chegar a resposta vou ficar em brasas. Eu cá penso que já há bastantes anos não estou mais inscrito no registro do bom Deus. No do Diabo também não, aliás. Estou inscrito só mesmo no seu registro então não tenho ninguém mais para me dirigir senão sua senhoria; logo, dê ouvido ao que vou dizer. Eis o que se passa:

Ontem havia uma festa numa aldeia perto de Cândia; Diabos me carreguem se eu sei de que santo era a festa. Lola — é verdade, esqueci de apresentá-la a você: ela se chama Lola — disse:

— Vovô (ela me chama de novo de vovô, mas agora em tom de carícia), vovô, eu queria ir à festa.

— Vá, vovó — eu lhe disse —, vá.

— Mas quero ir com você.

— Eu não vou, tenho o que fazer. Vá você, sozinha.

— Pois então não vou.

Eu arregalo os olhos.

— Por que você não vai?

— Se você for comigo, eu vou. Se você não for, eu não vou.

— Mas por quê? Você não é uma pessoa livre?

— Não, não sou.

— Você não quer ser livre?

Palavra, eu senti que ia ficar maluco.

— Você não quer ser livre, gritei.

— Não, não quero! Não quero! Não quero!

Patrão, escrevo-lhe no quarto de Lola, no papel de Lola: pelo amor de Deus preste atenção, eu lhe peço Eu penso que só aquele que quer ser livre é um ser humano. A mulher não quer ser livre.

Então, será que a mulher é um ser humano?

Por favor, responda-me logo. Abraça-o de todo o coração, meu bom patrão,

Eu, Alexis

Zorba."

Quando acabei de ler a carta de Zorba, fiquei indeciso uns bons momentos. Não sabia se devia zangar-me, rir ou admirar este bom homem primitivo que, partindo a casca da vida — lógica, moral, honestidade — atinge a substância. Todas as pequenas virtudes, tão úteis, lhe faltam. Só lhe restou uma virtude incômoda, difícil e perigosa, que o impele irresistivelmente para o extremo limite, o abismo.

Este operário ignorante, quando escreve, quebra as pernas, no seu ardor impaciente. Exatamente como os primeiros homens que se despojam das suas peles de macaco, ou como os grandes filósofos, os problemas fundamentais os dominam. Ele os sente como necessidades urgentes e imediatas. Como a criança, vê todas as coisas pela primeira vez. Espanta-se e interroga sem cessar. Tudo lhe parece milagroso e, cada manhã, quando abre os olhos e vê as árvores, o mar, as pedras, um pássaro, fica de boca aberta.

Que prodígio é este? Grita ele. Que mistérios são estes que se chamam: árvore, mar, pedra, pássaro?

Um dia, eu me lembro, quando caminhávamos para a aldeia, encontramos um velhinho montado numa mula. Zorba arregalou os olhos redondos para o animal. Deviam ser tão grandes a chama e a intensidade do seu olhar que o camponês gritou apavorado:

— Pelo amor de Deus, não lhe ponha um mal olhado!

E fez o sinal da cruz.

Virei-me para Zorba:

— Que fez você ao velho para ele gritar assim? — perguntei.

— Eu? Não lhe fiz nada! Olhei para a mula, só. Você não se admira, patrão?

— De que?

— Bem, de que haja mulas na terra.

Um outro dia, enquanto lia, deitado na praia, Zorba veio senta-se em frente a mim, pôs o santuri nos joelhos e começou a tocar.

Levantei os olhos e o encarei. Pouco a pouco sua fisionomia mudou, uma alegria selvagem apoderou-se dele, esticou o longo pescoço enrugado e começou a cantar: árias macedônicas, canções clélticas, gritos selvagens, a garganta humana retornava aos tempos pré-históricos onde o grito era uma grande síntese condensando tudo o que hoje chamamos: música, poesia e pensamento. "Akh! Akh!"

Gritou Zorba do fundo de suas entranhas e toda a casca fina que chamamos civilização ruiu, dando passagem à fera imortal, ao Deus peludo, ao terrível gorila.

Linhitas, perdas e lucros, Madame Hortência e projetos de futuro, tudo desaparecia. O grito levava tudo não precisávamos de mais nada. Imóveis ambos nesta costa solitária de Creta, guardávamos no peito todo o amargor e toda a doçura da vida; amargor e doçura não existiam mais, o sol se deslocava, a noite chegou, a grande ursa dançava em torno do eixo imóvel do céu, a lua subia e olhava espantada dois bichinhos que cantavam na areia e não tinham medo de ninguém.

— Eh, meu velho, o homem é um animal feroz — disse de repente Zorba, excitado pelo canto, — largue seus livros, você não tem vergonha? O homem é um animal selvagem, e as feras, essas não leem.

Calou-se um momento e se pôs a rir:

— Você sabe — disse ele, — como o bom Deus fabricou o homem?

Sabe quais foram às primeiras palavras que a peste do homem dirigiu a Deus?

— Não. Como quer que eu saiba? Não estava lá.

— Pois eu estava! — gritou Zorba, os olhos brilhantes.

— Então diga!

Meio levado pelo arrebatamento, meio zombeteiro, pôs-se a forjar o relato fabuloso da criação do homem.

— Pois bem, ouça, patrão! Uma manhã o bom Deus acorda um bocado aborrecido. "que espécie de Deus sou eu? Não tenho nem ao menos homens para me louvarem ou jurarem pelo meu nome e me ajudarem a passar o tempo! Estou farto de viver só como uma velha coruja". Cospe nas mãos, arregaça as mangas, põe os óculos, toma um punhado de terra, cospe em cima, fazendo lama, amassa-o bastante, confecciona um homenzinho e põe ao sol.

Ao fim de sete dias, retira-o. estava cozido. O bom Deus olha-o e começa a rir: "O Diabo me carregue, diz ele, mas é um porco em pé nas patas traseiras! Não era absolutamente o que eu queria fazer.

Enganei-me redondamente."

Pega-o pela pele do pescoço e lhe dá um pontapé. "Vá! Suma daqui! Você tem agora é que fazer outros porquinhos, a terra é sua.

Vá embora! Um, dois, para a frente, marche!"

Mas, meu caro, absolutamente ele não era um porco. Usava chapéu de feltro, casaco jogado negligentemente nos ombros, calça com vinco e chinelas com pompons vermelhos. E mais ainda, trazia no cinto — foi certamente o Diabo que lhe deu — um punhal bem afiado, com estas palavras gravadas: "Hei de tirar-lhe a pele."

Era um homem. O bom Deus estende a mão para que o outro a beije, mas o homem torce os bigodes e

diz:

— Vamos, meu velho, sai daí para eu passar!

Zorba parou, vendo-me torcer de rir, e franziu a testa.

— Não se ria — disse, — foi assim que se passou!

— Mas, como é que você sabe?

— É assim que eu sinto e é assim que eu teria feito, eu também no lugar de Adão. Dou minha cabeça a cortar que Adão não devia ter feito de outro modo. E não se fie em tudo o que os livros contam, é em mim que você deve crer!

Estendeu a enorme pata sem esperar resposta e recomeçou a tocar o santuri.

Segurava ainda a carta perfumada de Zorba com o coração atravessado por uma flecha e revivia todos esses dias, ricos de substância humana, que passara perto dele. A seu lado, o tempo tomava um novo sabor. Não era mais uma sucessão matemática de acontecimentos, nem, para mim, um problema filosófico insolúvel.

Era areia quente, finamente peneirada, e eu a sentia escorrer ternamente entre meus dedos.

— Bendito seja Zorba! — murmurei, — deu um corpo bem-amado e quente às noções abstratas que tiritavam dentro de mim. Quando ele não está presente, recomeço a tiritar.

Tomei uma folha de papel, chamei um trabalhador e mandei um telegrama urgente:

"Venha imediatamente."

Capítulo XIV

Sábado de tarde, 1º de março. Apoiado a um rochedo, em frente ao mar, eu escrevia. Neste dia, vira a primeira andorinha, estava alegre, o exorcismo contra Buda corria fluente no papel, minha luta contra ele se abrandara, já não tinha pressa e estava certo da libertação.

De repente, ouvi passos na areia. Levantei a minha cabeça e vi nossa velha sereia vagando pela praia, enfeitada como uma fragata, afogueada e esbaforida. Parecia inquieta.

— Será que chegou alguma carta? — perguntou com ansiedade.

— Sim — respondi rindo, — e levantei-me para acolhê-la. Ele manda dizer-lhe muitas coisas, pensa em você dia e noite, diz que não pode nem comer nem dormir e que não suporta a separação.

— É tudo o que diz? — perguntou a infeliz, quase sem fôlego.

Tive pena dela. Tirei a carta do bolso e fingi ler. A velha sereia abria a boca desdentada, os olhinhos piscando, e escutava, arquejando.

Eu simulava a leitura, e como me atrapalhava, fingia decifrar mal a letra:

— Ontem, patrão, fui jantar num boteco. Estava com fome. Vejo entrar uma jovem muito bonita, uma verdadeira Deusa. Bom Deus!

Como se parece com a Bubulina! E logo meus olhos se puseram a correr como fontes, a garganta apertada, sem poder engolir!

Levantei-me, paguei e parti. E eu, que penso nos santos uma vez em trinta e seis, a paixão me bateu tão forte, patrão, que corri a Igreja de São Minas para lhe acender uma vela. São Minas, disse na minha oração, faç com que eu receba boas notícias do anjo que me ama.

Faça com que muito nossas asas se reúnam!

— Hi! Hi! Hi! — fez Madame Hortência, rosto iluminado de alegria.

— Por que está rindo, minha querida? — perguntei, parando para tomar fôlego e engendrar novas mentiras. — por que está rindo? A mim me dá vontade de chorar.

— Se você soubesse... se você soubesse... — gargalhou ela, rebentando de riso.

— O que?

— As asas... é assim que ele chama os pés, o danado. É assim que ele os chama quando estamos a sós. Que nossas asas se reúnam, diz ele... Hi! Hi! Hi!

— Mas, ouça o resto, minha querida, você vai ficar pasmada...

Virei à página e fingi de novo ler:

— Ainda hoje, passava em frente a um salão de cabeleireiro.

Nesse momento o barbeiro esvaziava a bacia de água e sabão. Toda a rua recendia. Pensei de novo na minha Bubulina e comecei a chorar. Não posso estar longe dela, patrão. Vou ficar maluco. Olhe, faço até versos Anteontem, não podia dormir e lhe fiz um poeminha.

Peço-lhe que o leia, para ela ver como sofro:

Ah! Se nós pudéssemos encontrar, você e eu, num caminho,
Num caminho bem largo para nossa dor conter
Nem que eu fosse cortado em pedaços ou picado miudinho,
Para você iriam ainda os restos de meus ossos correr.

Madame Hortência, de olhos lânguidos e semicerrados, ouvia, feliz, com toda a atenção. Tirou até do pescoço a fitinha que a sufocava e deu liberdade às rugas. Calava-se, sorridente. Sentia-se que seu espírito vogava, alegre, feliz, muito longe, sem rumo.

Março, erva fresca, florezinhas vermelhas, águas límpidas onde bandos de cisnes brancos e pretos se amavam cantando.

Brancas as fêmeas, pretos os machos, com os bicos vermelhos entreabertos. As moreias azuis saíam luzindo da água, e se uniam às grandes serpentes amarelas. Madame Hortência tinha de novo quatorze anos, dançava nos tapetes do oriente, em Alexandria, Beirute, Constantinopla e depois em Creta, nos assoalhos encerrados dos navios... Ela não se lembrava muito bem. Tudo se misturava, seu peito se enchia, as margens ruíam.

E de súbito, enquanto dançava, o mar cobriu-se de navios com proas de ouro, popas cobertas de tendas multicores com bandeirolas de seda. De lá saíam paxás com borlas de ouro no fez vermelho, velhos beis opulentos vindos em peregrinação, as mãos cheias de ricas oferendas, e filhos de beis, imberbes e melancólicos. Saíam almirantes com tricórnios reluzentes e marinheiros de golas branquíssimas e largas calças flutuantes. Saíam jovens cretenses de calças bufantes azul-claro, botas amarelas, um lenço preto à cabeça.

Saíam também Zorba, imenso, emagrecido pelo amor, grande anel de noivado no dedo, e uma coroa de flores de laranjeiras nos cabelos grisalhos.

De todos os homens que conhecera em sua vida de aventuras, nenhum faltava, nem mesmo o velho barqueiro, desdentado e corcunda, que a tinha levado uma noite a passeio nas águas de Constantinopla. A noite caíra e ninguém os via. Todos saíam, todos enquanto atrás deles se acasalavam as moreias, as serpentes e os cisnes.

Saíam e juntavam-se a ela, em cachos, como as cobras amorosas que na primavera se unem em feixes verticais, sibilando. E no centro do cacho, muito branca, toda nua, molhada de suor, os lábios entreabertos, os dentinhos afiados, imóvel, insaciável, os seios eretos, sibilava uma Madame Hortência de quatorze, de vinte, de trinta, de quarenta, de sessenta anos.

Nada se perdera, nenhum amante estava morto. Em seu peito fanado eles ressuscitavam todos e apresentavam armas. Com se Madame Hortência fosse uma alta fragata de três mastros e que todos os seus amantes — ela trabalhava há quarenta e cinco anos — a escalassem, pelos porões, pelo costado, pelo convés, enquanto vogava, toda furada, toda calafetada, para o último porto, tanto e tão ardentemente desejado: o casamento. E Zorba tinha mil rostos: turcos, ocidentais, armênios, árabes, gregos, e ao abraçá-lo, Madame Hortência abraçava toda a santa e interminável procissão.

A velha sereia percebeu de súbito que eu tinha parado; a visão interrompeu-se bruscamente, levantou as pálpebras pesadas:

— Ela não disse mais nada? — murmurou queixosa, lambendo os lábios com ar guloso.

— Que quer mais, Madame Hortência? Mas então não vê? A carta só fala em você. Olhe aqui, quatr

folhas. E há também um coração, veja, lá no canto. Zorba diz que ele próprio desenhou.

Repare, o amor atravessa de lado a lado. E embaixo, veja, dois pombinhos se beijam e nas asas, em letrinhas invisíveis, dois nomes entrelaçados, escritos em vermelho: Hortência-Zorba.

Não havia nem pombos nem inscrição, mas os olhinhos da velha sereia, inchados de lágrimas, viam tudo o que desejavam.

— Nada mais? Nada mais? — perguntou ainda, insatisfeita.

Tudo isso era perfeito — as asas, as águas perfumadas do barbeiro, os pombinhos — tudo só palavras ao vento. Mas seu cérebro fraco de mulher pedia qualquer coisa de mais tangível, mais seguro.

Quantas vezes em sua vida ela as ouvira, essas belas palavras! Que proveito delas havia tirado? Após tantos anos de trabalho, estava só, sem lar. Sozinha no mundo.

— Mais nada? — murmurou outra vez com censura.

Olhou-me nos olhos, como uma corça em agonia. Tive pena dela.

— Ele disse ainda algo muito, muito importante, Madame Hortência. Por isso guardei para o fim.

— Vejamos... — fez ela, sussurrando.

— Escreveu que quando chegar se jogará a seus pés, de lágrimas nos olhos, para pedi-la em casamento. Já não aguenta mais. Quer fazer de você sua mulherzinha, a senhora Hortência Zorba, para que nunca mais se separem.

Esta vez, os olhinhos acidulados se puseram a chorar de verdade. Era essa a grande alegria, o porto tão desejado, era essa a aflição de toda sua vida! Encontrar a tranquilidade, deitar-se numa cama honesta, nada mais!

Tapou os olhos.

— Está bem — disse, com uma condescendência de grande dama, — eu aceito. Mas escreva-lhe, por favor, que, aqui na aldeia, não há coroa de flores de laranjeira. É preciso que ele as traga de Cândia.

Que traga também dois círios brancos com fitas cor-de-rosa e bons confeitos de amêndoa. E também que me compre um vestido de noiva, branco, meias de seda e sapatos de cetim. Lençóis já temos, diga-lhe que não compre. Temos também a cama.

Ela organizou a lista das encomendas, já fazia de seu marido um mensageiro. Levantou-se, tomando de repente uns ares dignos de senhora casada.

— Tenho uma coisa a lhe propor, uma coisa séria — disse, e depois calou-se, comovida.

— Diga, Madame Hortência, estou às ordens.

— Zorba e eu lhe temos muita afeição. Você é generoso e não nos fará vergonha. Quer ser nosso padrinho?

Estremeci. Tivemos outrora em casa de meus pais uma velha empregada, a Diamândula, que passara dos sessenta; uma solteirona, que a virgindade deixara meio maluca, nervosa, enrugada, sem peitos e de bigode. Apaixonou-se por Mitso, empregado da mercearia do bairro, um jovem camponês imundo, bem nutrido e imberbe.

— Quando é que você se casa comigo? — perguntava ela todos os domingos. — case comigo! Como é que você pode resistir! Eu não posso mais!

— Eu também não — respondia o caixeiro malicioso, que a adulava para garantir a clientela, — eu também não, minha boa Diamândula, mas aguente firme até que eu tenha também bigode...

Os anos passavam assim e a velha Diamândula esperava paciente. Os nervos se acalmaram, diminuíram as dores de cabeça, seus lábios amargos, que desconheciam os beijos, começaram a sorrir. Lavava sua roupa com mais cuidado, quebrava menos pratos e não deixava mais queimar a comida.

— Quer ser nosso padrinho, patrãozinho? — perguntou-me ela uma noite, em segredo.

— Se quero, Diamândula — respondi, com a garganta apertada de amargor.

Essa história me causara muita pena e foi por isso que estremeci, quando ouvi Madame Hortência repetir a mesma frase.

— Se quero — respondi. — é uma honra para mim, Madame Hortência.

Ela se levantou, consertou os cabelos que saíam do chapeuzinho e lambeu os lábios.

— Boa noite, meu amigo — disse ela. — boa noite e que ele volte depressa!

Eu a via afastar-se, rebolando, movendo sua velha figura com requebros de mocinha. A alegria lhe dava asas, e seus velhos chinelos cambetas faziam na areia pequenos sulcos profundos.

Ela não tinha ainda transposto o cabo quando gritos estridentes e choros se ouviram na praia.

Levantei-me e pus-me a correr. Lá embaixo, na outra extremidade, mulheres davam gritos, com se cantassem um lamento mortuário. Trepei num rochedo e pus a observar. Da aldeia chegavam correndo homens e mulheres e atrás deles cachorros latiam. Dois ou três cavaleiros iam à frente, levantando espessa nuvem de poeira.

Aconteceu uma desgraça, pensei, e desci a toda para o cabo.

O rumor era cada vez mais intenso.

No poente, duas ou três nuvens cor-de-rosa, da primavera, imobilizavam-se no céu. A figueira da donzela de tenras folhas verdes.

Madame Hortência voltava para trás, descabelada, sufocada, sem um dos sapatos, que trazia na mão, e corria, chorando.

— Meu Deus... Meu Deus... — gritou-me ela.

Tropeçou e quase caiu em cima de mim. Segurei-a.

— Mas, por que está chorando? Que aconteceu?

E ajudei-a a calçar o sapato acalcanhado.

— Tenho medo... tenho medo...

— De que?

— Da morte.

Tinha sentido no ar o cheiro da morte e o terror a dominara.

Segurei-lhe pelo braço flácido, mas o velho corpo resistia e tremia.

— Eu não quero... eu não quero... — gritava.

A infeliz temia aproximar-se de um local onde a morte aparecera. Era preciso que Caronte não a visse e não se lembrasse dela... como todos os velhos, a nossa pobre sereia tentava dissimular-se na erva da terra, tomando sua cor castanho-escura, para que Caronte não a pudesse distinguir. E tremia, a cabeça entre os ombros gordos e curvados.

Arrastou-se para junto de uma oliveira e tirou o casaco surrado.

— Cubra-me, meu amigo, e vá ver o que houve.

— Você está com frio?

— Estou sim, cubra-me.

Eu a cobri, o mais habilmente que pude, para que ela se confundisse com a terra e fui-me embora.

Aproximava-se do cavo e já distinguia os cantos fúnebres.

Mimito passou por mim correndo.

— Que é que há, Mimito? — gritei.

Ele se afogou! Ele se afogou! — respondeu-me, sem se deter.

— Quem?

— Pavli, o filho de Mavrandoni.

— Por quê?

— A viúva...

A palavra ficou pairando no ar. surgiu da noite o corpo leve e perigoso da viúva.

Eu tinha chegado aos rochedos onde toda a aldeia estava reunida. Os homens se mantinham, silenciosos, de cabeça descoberta; as mulheres, com lenços nos ombros, puxavam os cabelos, soltando gritos estridentes. Lívido e inchado, jazia um corpo na areia. De pé, imóvel, contemplava-o o velho Mavrandoni. Apoiava-se na bengala, com a mão direita. A esquerda cofiava a barba crespa e grisalha.

— Maldita sejas, criminosa — diz de súbito um voz penetrante, hás de pagar isto ao bom Deus!

Uma mulher levantou-se, de repente, e virou-se para os homens:

— Então, não há um homem entre vocês para degolá-la como um carneiro? Puxa! Que bando de frouxos.

E cuspiu para os homens que a olhavam sem dizer nada.

Kondomanolio, o dono do café, retrucou:

— Não precisa nos humilhar, Delicaterina — gritou ele, — não precisa, há homens corajosos na nossa aldeia, e você vai ver!

Não me contive:

— Que vergonha, meus amigos! — disse eu. — qual é a responsabilidade desta mulher? Estava escrito. Será que vocês não creem em Deus?

Mas ninguém respondeu.

Manolakas, primo do morto, curvando o enorme corpo, tomou nos braços o cadáver e partiu para a aldeia.

As mulheres se esganiçavam, puxando os cabelos. Quando viram que levavam o corpo, precipitaram-se para agarrá-lo. Mas o velho Mavrandoni, brandindo o bastão, afastou-as, tomando a frente do cortejo. Então elas os seguiram, entoando lamentações. Atrás, silenciosos, vinham os homens.

Desapareceram no crepúsculo. Ouvia-se de novo a tranquila respiração do mar. Olhei em torno. Estava só.

Vou voltar para casa, disse comigo. Mais um dia que teve seu quinhão de amargura!

Tomei a estrada, pensativo. Admirava essa gente, tão estreita e tão calorosamente ligada ao sofrimento humano: Madame Hortência, Zorba, a viúva e o pálido Pavli que jogaram corajosamente no mar para extinguir suas mágoas. E Delicaterina que mandava degolar a viúva como um carneiro, e Mavrandoni que se recusava a chorar ou mesmo falar diante dos outros. Somente eu era impotente e comedido, meu sangue não fervia, não amava nem odiava com paixão. Ainda agora queria arranjar as coisas, pondo a culpa, covardemente, no destino.

Na meia claridade distinguia o tio Anagnosti que ainda estava lá, sentado numa pedra. Tinha o queixo apoiado no seu grande bastão e olhava o mar.

Chamei-o, não me ouviu. Aproximei-me, e então, me vendo, balançou a cabeça:

— Pobre humanidade! — murmurou. — uma juventude perdida!

Mas o coitado não podia suportar o seu desgosto, jogou-se n'água e morreu afogado. Está salvo.

— Salvo?

— Salvo, meu filho. Que é que ele podia fazer na vida?

Se casasse com a viúva, as brigas não tardariam e quem sabe até a desonra. Ela é tal qual uma égua, a sem-vergonha. Quando vê um homem, começa a relinchar. E se não se casasse, ficava atormentado o resto da vida, metia na cabeça que tinha perdido uma grande felicidade. Abismo na frente, precipício atrás.

— Não fale assim, tio Anagnosti, você desanima quem ouve.

— Vamos, não tenha medo, que ninguém está me ouvindo. E se estivesse, não acreditaria em mim. Olhe aqui, já houve homem com mais sorte do que eu? Tive terras, vinhas, oliveiras, uma casa de dois andares, era rico. Achei uma mulher boa e dócil que me deu só filhos homens. Nunca levantou os olhos para me encarar e meus rapazes são todos bons pais de família. Não me queixo, tenho também netos.

Não queria mais nada. Deitei raízes profundas. Entretanto, se fosse recomeçar, amarrava uma pedra no pescoço, como Pavli, e me jogava no mar. A vida é dura; mesmo para os que tem sorte, ela é dura, a suja!

— Mas, que lhe falta, tio Anagnosti? De que se queixa?

— Não me falta nada, confesso. Mas vai você lá entender o coração do homem!

Calou-se um instante, olhou de novo o mar e começava a escurecer:

— Então, Pavli, você fez muito bem! — exclamou, agitando o bastão. — deixa as mulheres gritarem, são mulheres, não tem cérebro.

Você está salvo, Pavli, e seu pai sabe disso muito bem; foi por isso que não deu um ai.

Seu olhar percorreu o céu e as montanhas que já se esfumavam.

— A noite chegou, vamos embora.

Parou de repente, parecendo arrependido das palavras que deixara escapar, como se houvesse traído um grande segredo que tentava agora recuperar.

Pôs a mão mirrada no meu ombro:

— Você é moço — disse sorrindo, — não ouça os velhos. Se o mundo ouvisse os velhos, ia logo à ruína. Se passar uma viúva no seu caminho, atire-se a ela, case com ela, faça filhos, não hesite. Os aborrecimentos são para os jovens sentimentais.

Cheguei à minha praia, acendi o fogo e preparei o chá da noite.

Estava fatigado, com fome, pus-me a comer vorazmente, entregando-me todo a este prazer animal.

Foi quando Mimito, passando pela janela sua cabecinha chata e me vendo comer, agachado perto do fogo, sorriu maliciosamente.

— Que quer você, Mimito?

— Patrão, eu lhe trago uma coisa, da parte da viúva...

Uma cesta de laranjas. Ela manda dizer que são as últimas de seu pomar.

— Da parte da viúva? — disse eu, perturbado. — e por que ela me manda isto?

— Ela diz que é pelas boas palavras que o senhor disse esta tarde ao pessoal da aldeia.

— Que palavras?

— Sei lá! Eu só estou repetindo o que ela disse.

E despejou a cesta na cama. A casa ficou toda perfumada.

— Diga-lhe que agradeço o presente, e que ela se feche em casa, que não apareça na aldeia, ouviu? Que fique em casa algum tempo, até que o povo esqueça a desgraça! Está entendendo, Mimito?

— É só, patrão?

— É. Vá embora.

Mimito piscou o olho.

É só mesmo?

— Vá duma vez.

Ele se foi. Descasquei uma laranja, suculenta e doce como mel.

Deitei-me e dormi, e a noite toda passei debaixo das laranjeiras; soprava um vento quente, meu peito nu respirava fundo; tinha um raminho de manjericão atrás da orelha. Era um jovem camponês de vinte anos, ia e vinha do laranjal e esperava assoviando. Quem eu esperava, não sei. Meu coração quase arrebentava de alegria. Torcia o bigode e escutava, atrás das laranjeiras, o mar que suspirava como uma mulher.

Capítulo XV



Soprava nesse dia um vento rude do sul, escaldante, vindo do outro lado do mar, das terras africanas. Nuvens de areia fina rodopiavam no ar, penetrando na garganta e nos pulmões. Os dentes rangiam, os olhos queimavam; para se comer um pedaço de pão sem areia era preciso aferrolhar portas e janelas.

A atmosfera estava pesada. Nesses dias em que a seiva sobe nas plantas, eu também me sentia tomado pelo mal-estar da primavera. Uma preguiça, uma palpitação, um formigamento pelo corpo, o desejo — desejo ou lembrança? — de uma felicidade simples e grande.

Tomei o caminho pedregoso da montanha. De repente me deu vontade de ir até a pequena cidade minuana que brotara do chão a três ou quatro miLenios e de novo se aquecia ao sol bem-amado de Creta. Talvez, pensava eu, a fadiga de uma caminhada de três ou quatro horas me acalmasse a indisposição.

Pedras cinzentas e lisas, uma luminosa nudez, a montanha áspera e deserta como eu gosto. Empoleirada numa pedra, cega pela claridade, uma coruja de olhos muito redondos e amarelos, grave, admirável, cheia de mistério. Eu andava devagar, mas assustei-a, e levantando voo por entre as pedras ela desapareceu silenciosa.

O ar recendia a tomilho. Já se abriam entre os espinhos as primeiras flores amarelas e tenras dos juncos marinhos. Quando cheguei à cidadezinha em ruínas, quedei-me surpreendido. Devia ser meio-dia, a luz caía a prumo, inundando os escombros. É a hora perigosa das velhas cidades em ruínas. O ar se enche de barulhos e espíritos. Um galho que se quebre, um lagarto que se mexa, uma nuvem que passe fazendo sombra — e ficamos em pânico. Cada polegada de terra em que se pise é um túmulo e os mortos gemem.

Pouco a pouco os olhos se habituaram à claridade. No meio daquelas pedras, eu distinguia agora a mão do homem: duas ruas largas e pavimentadas de lajes brilhantes. Uma praça circular ao centro, a agora, e bem ao lado, numa condescendência toda democrática, o palácio do rei, com a dupla colunata, escadarias de pedra e numerosas dependências.

No coração da cidade, onde as pedras do chão foram gastas ao máximo pelos pés dos homens, devia erguer-se o santuário; lá estava a Grande Deusa, de seios fartos e afastados, os braços cheios de serpentes.

Por toda parte, minúsculas lojas e oficinas — lagares de azeite, forjas, marcenarias, cerâmicas. Um formigueiro, habilmente construído, bem administrado, que as formigas abandonaram há milhares de anos. Numa loja, um artífice esculpia uma ânfora, em pedra estriada, mas não pudera terminá-la: o cinzel caíra-lhe das mãos. E milhares de anos mais tarde aí o vemos, perto da obra inacabada.

As perguntas eternas, inúteis, insensatas: Por quê? Para quê? Vêm ainda uma vez envenenar-nos o coração. Esta ânfora inacabada, contra a qual se lançara o ardor jovem e firme do artista, enchia-me de pesar.

De súbito, surgiu em cima de uma pedra, ao lado do palácio em ruínas, um pastorzinho, bronzeado pelo sol, joelhos negros, lenço de franjas nos cabelos crespos.

— Olá, amigo! — chamou.

Eu queria estar só. Finjo que não ouço. Mas o pastorzinho ri, zombeteiro.

— Eh! Está bancando o surdo? Você tem cigarros? Me dá um; aqui, nesse deserto, fico chateado.

O acento patético das últimas palavras me deixou penalizado.

Não tinha cigarros, quis dar-lhe dinheiro. Mas o pastorzinho ficou zangado.

— Não tenho — falei desesperado, — não tenho!

— Você não tem! — gritou o pastorzinho fora de si, batendo com força o cajado no chão. — você não tem! E então, os seus bolsos?

Estão cheios.

— Um livro, um lenço, papel, um lápis e um canivete — respondi, tirando um a um os objetos que tinha no bolso. — você quer o canivete?

— Já tenho um. Eu tenho tudo: pão, queijo, azeitonas, uma faca, uma sovela para minhas botas e uma cabaça d'água, tudo, tudo! Mas não tenho cigarros: é como se não tivesse nada! E que é que você procura nas ruínas?

— Eu contemplo as antiguidades.

— E entende alguma coisa?

— Nada!

— Eu também não. Estes aí estão mortos, e nós vivemos. Ande, vá embora!

Dir-se-ia que o espírito daqueles lugares me enxotava.

— Já me vou — disse, obediente.

Tomei depressa a estrada, preso de ligeira ansiedade.

Olhei para trás um momento e vi o pastorzinho que se chateava, ainda trepado na pedra. Seus cabelos anelados escapavam do lenço preto, voando ao vento sul. A luz banhava-o dos pés à cabeça. Parecia ter diante de mim uma estátua de efebo em bronze.

Agora, tinha posto o cajado aos ombros e assoviava.

Tomei um outro caminho e desci para a praia.

De quando em quando passavam por cima de mim bafos quentes e perfumes vindos dos jardins próximos. A terra recendia, o mar ria, o céu estava azul, brilhante como aço.

O inverno encolhe-nos o corpo e a alma, mas basta vir o calor que nos dilata o peito. Enquanto andava, ouvi de repente vozes roucas nos ares. Levantando a cabeça, vi o maravilhoso espetáculo que desde a infância me impressiona: as gruas, formadas como um exército em ordem de batalha, chegavam dos países quentes e, como na lenda, traziam andorinhas nas asas e nos sulcos profundos dos corpos ossudos.

O ritmo infalível do ano, a roda do mundo que gira, as quatro faces da terra que, uma após outra o sol ilumina, a vida que se extingue, tudo de novo me oprimia confusamente. E de novo soava em mim, como o grito das gruas, o aviso terrível de que esta vida é a única para o homem, não há nenhuma outra, e tudo o que pudermos desfrutar, será aqui mesmo. Nenhuma outra chance nos será dada na eternidade.

Um espírito que capta este aviso impiedoso — e ao mesmo tempo cheio de piedade — toma a decisão de vencer suas mesquinharias e fraquezas, a preguiça, as grandes esperanças inúteis e se apega, firme, a cada segundo que foge para sempre.

Vêm-nos à memória grandes exemplos, e então vemos claramente que não passamos de homens perdidos, que a vida se esbanja em pequenas alegrias, em pequenas tristezas e em fúteis propósitos. Mordendo os lábios a gente tem vontade de gritar para dentro: "Que vergonha!"

As gruas cruzaram o céu, e se foram em direção ao norte, mas nas minhas têmporas, ainda grasnam e voam sem cessar.

Cheguei à praia. Andei a beira d'água, a passos apressados.

Que angústia é andar só a beira do mar! Cada onda, cada pássaro no céu nos chama e nos lembra o dever Quando se está acompanhado, rimos e conversamos, e por isso não ouvimos as ondas e os pássaros.

Pode ser que eles não digam nada.

Veem-nos passar, ocupados em nossas conversas, e se calam.

Deitei-me na areia e fechei os olhos. "Que será então a alma, pensei, e que oculta correspondência haverá entre a terra e o mar, as nuvens, os perfumes? Como se a alma fosse, ela também, mas, nuvens, perfumes..."

Levantei-me, pus-me a andar, como se tivesse tomado uma decisão. Qual, eu não sabia.

De repente, ouvi atrás de mim uma voz:

— Onde vai, patrão? Ao mosteiro?

Virei-me. Um velho robusto, atarracado, sem bastão, lenço preto na cabeça branca, agitava sorrindo as mãos. Atrás vinha uma velha e mais atrás a filha deles, uma morena de olhos selvagens e lenço branco.

— Ao mosteiro? — perguntou-me novamente o velho.

E logo me dei conta de que resolvera ir junto. Havia meses que desejava ir a este pequeno convento de freiras, construído junto ao mar, sem contudo me decidir. Meu corpo tomava agora a resolução, de repente, nessa tarde.

— Sim — respondi, — vou ao mosteiro ouvir os cânticos à Virgem.

— Sua graça o ajude!

Acelerou o passo e juntou-se a mim.

— Você é o dono da sociedade, como se diz, para o carvão?

— Sim sou eu.

— Muito bem, que a Santa Virgem lhe dê bastante lucro!

Você beneficia a aldeia, dá um ganha pão aos pais de família pobres. Bendito seja!

E ao cabo de um momento, o velho malicioso que devia saber que os negócios iam mal, juntou essas palavras de consolo:

— E mesmo se isto não lhe der nada, meu filho, não ligue. Você sairá ganhando, de qualquer modo. Sua alma irá direto ao Paraíso...

— É o que espero também, vovô.

— Todos, todos, meu filho. É um grande pecado dizer: isto é bom, aquilo é mau!

— Por quê? Não se pode escolher?

— Não, claro que não se pode.

— Por quê?

— Por que há gente com fome.

Calei-me envergonhado. Nunca podia meu coração esperar tanta nobreza e tanta compaixão.

Tocou a sineta do mosteiro, alegre, travessa, como um riso de mulher.

O velho fez o sinal da cruz.

— que a santíssima degolado nos ajude! — murmurou. — ela tem um golpe de faca no pescoço por onde corre o sangue. No tempo dos corsários...

E o velho pôs-se a tecer uma história sobre os padecimentos da Virgem, como se se tratasse de uma verdadeira mulher, de uma jovem refugiada perseguida que os infiéis tivessem apunhalado e que, chorando, houvesse chegado ao Oriente, com o filho.

— Uma vez ao ano, corre sangue verdadeiro da chaga, prosseguiu o velho. Eu me lembro que um dia de festa — eu ainda não tinha bigodes — desceu gente de todas as aldeias para se prosternar diante de Sua Graça Era dia 15 de Agosto. Nós, os homens, nos deitamos no pátio. As mulheres dormiram no interior. Então, em pleno sono, ouço a Virgem gritar. Levanto depressa, corro ao ícone,apalpo-lhe a garganta e que vejo eu? Meus dedos estavam cheios de sangue...

O velho se benzeu, voltou-se e olhou para as mulheres.

— Vamos, mulheres! — falou — coragem, estamos chegando!

Baixou a voz:

— Eu não era ainda casado. Jogo-me ao chão, prostrado diante de Sua Graça, e decido deixar este mundo de mentiras e me fazer monge...

E se pôs a rir.

— Por que está rindo, vovô?

— Tenho cá meus motivos, filho! No mesmo dia, na festa, aparece-me o Diabo vestido de mulher. Era ela!

E, sem se voltar, apontando o polegar para trás, indicou a velha que nos seguia em silêncio.

— Não olhe para ela agora, que dá pena de ver. Mas naquele tempo era um jovem turbulenta com um

peixe. "A bela das longas pestanas", assim é que a chamavam, e ela levava bem o apelido, a marota! Agora, ai, pobre de nós! Cadê as pestanas? Foram depenadas!

Neste momento, atrás de nós, a velha soltou um grunhido surdo como um cão rabugento preso à coleira. Mas não disse palavra.

— Lá está o mosteiro! — disse o velho esticando o braço.

À beira mar, esperando entre dois rochedos, brilhava, todo branco, o pequeno mosteiro. Ao centro, a cúpula da igreja, pintada de fresco, pequena e redonda, como um seio de mulher. Em volta da igreja, cinco ou seis celas de portas azuis; no pátio, três grande ciprestes e, ao longo do claustro, grandes figueiras em flor.

Apressamos o passo. Melodiosos salmos nos chegavam pela janela aberta do santuário, o ar salgadc perfumava-se de benjoim. A porta exterior, em arcada plena, estava toda aberta para o pátio muito limpo, cheiroso, pavimentado de seixos pretos e brancos. Ao longo das paredes, à direita e à esquerda, fileiras de potes de alecrim, manjerona e manjericão.

Que serenidade! Que doçura! Ao sol poente, as paredes brancas de cal coloriram-se de rosa.

A igrejinha, acolhedora, pouco iluminada, tinha cheiro de vela.

Homens e mulheres moviam-se numa nuvem de incenso e cinco ou seis monjas, em hábitos pretos, entoavam com vozes fraquinhas e amenas o Senhor Todo-Poderoso. Ajoelhavam-se a cada instante e frufru de suas veste parecia um bater de asas.

Há muitos anos eu não ouvia os cânticos à Virgem. A revolta da primeira juventude me fizera passar diante das igrejas cheio de desprezo e cólera. O tempo me abrandara e cheguei a ir, algumas vezes, a festas solenes: Natal, as Vigílias, a Ressurreição. Regozijava-me vendo ressuscitar a criança que subsistia em mim. C sentimento místico de outrora se transformava em prazer estético. Os selvagens creem que quando um instrumento musical não serve mais para os ritmos religiosos, perde sua força divina e emite então sons harmoniosos. Assim a religião se tinha degradado em mim: tornara-se arte.

Pus-me a um canto, apoiado à cadeira reluzente que as mãos dos fiéis tinham tornado polida como marfim. Ouvia, encantado, vindas das profundezas do tempo, as melopeias bizantinas; "Salve!

Altura inacessível ao pensamento humano. Salve! Esposa não desposada, ó Rosa jamais fanada..."

E as freiras a caírem por terra, à cabeça à frente e os hábitos a rangerem como asas.

Os minutos passavam, tal anjos de asas perfumadas com benjoim, trazendo lírios fechados e louvando a beleza de Maria. O sol se punha, caía o crepúsculo, manso e azul. Não me lembro mais como fomos para c pátio, onde fiquei só com a Madre Superiora e duas jovens freiras, sob o grande cipreste. Uma noviça trouxe-me doce, água fresca e café e começamos uma conversa amena.

Falamos dos milagres da Virgem, da linhita, das galinhas que começavam a pôr na primavera, da irmã Endóxia que estava epilética. Caía no chão da igreja e agitava-se com um peixe, escumado, blasfemava e rasgava as roupas.

— Tem trinta e cinco anos — acrescentou a Superiora, — idade maldita, horas difíceis! Que Sua Graça Nossa Senhora Degolada lhe venha em socorro e ficará curada. Dentro de dez ou quinze anos, estará boa.

— Dez ou quinze anos... — murmurei espantado.

— Que são dez ou quinze anos — disse a superiora severamente.

— pense na eternidade!

Não respondi. Sabia que a eternidade é cada um dos minutos que passam. Beijei a mão da superiora, uma mão branca e gorda, cheirando a incenso, e fui-me embora.

Caíra a noite. Dois ou três corvos voltavam aos ninhos, apressados; as corujas saíam dos ocos das árvores para comer; os caramujos, as lagartas, os vermes, os ratos do mato saíam da terra para serem comidos pelas corujas.

A serpente misteriosa que morde a própria cauda me envolveu em seus círculo: a terra pare e depois devora seus filhos; e logo põe outros no mundo para de novo os devorar.

Olhei em torno. Estava escuro. Os últimos aldeões haviam partido. Solidão completa, ninguém me via Tirei os sapatos, mergulhei os pés no mar, rolei-me na areia. Senti a necessidade de tocar, com meu corpo nu, as

pedras, a água, o ar. a palavra da superiora "Eternidade" tinha-me exasperado, eu a sentia cair em mim como o laço que aprisiona os cavalos selvagens. Dei um pulo, tentando escapar. Eu tinha que tocar, sem roupas, peito contra peito, a terra, o mar; queria sentir com segurança que essas coisas efêmeras e queridas existiam.

"Só tu existes, ó Terra! Bradei no meu foro íntimo. E eu sou o teu último recém-nascido, mamo em teu seio e não o largo. Tu não me deixas viver mais que um minuto, mas o minuto se transforma em seio e eu o mamo."

Tive um calafrio. Com se houvesse corrido o risco de me precipitar nessa palavra antropófaga "Eternidade". Lembrei-me como outrora — como mesmo? Ainda no ano passado! — eu me debruçava sobre ela com ardor, olhos fechados e braços abertos, com vontade de nela me precipitar.

Quando cursava o primeiro ano da escola comunal, havia como leitura na segunda parte da cartilha, um conto de fadas: "uma criancinha caíra num pote. Lá encontrou uma cidade maravilhosa, com jardins floridos, um lago de mel, uma montanha de arroz-doce e brinquedos multicolores. À medida que eu soletrava, cada sílaba me fazia penetrar mais profundamente no conto. Ora, uma vez, ao meio-dia, chegando da escola, entrei correndo em casa, precipitei-me para o poço, no quintal, sob a latada, e me pus a olhar, fascinado, a superfície da água, lisa e negra. Logo me pareceu ver a cidade maravilhosa, casas e ruas, crianças e uma parreira cheia de uvas. Deixei cair a cabeça, estendi os braços, batendo com os pés no chão para ganhar impulso e cair. Nesse momento minha mãe me viu.

Deu um grito e correu, chegando ainda a tempo de me pegar pela cintura...

Criança, quase caí no poço. Adulto, quase caí na palavra "Eternidade", e também em não poucas outras palavras: "amor", "esperança", "pátria", "Deus". Cada palavra transposta me dava a impressão de escapar de um perigo e avançar um passo. Mas não.

Trocava somente de palavras e a isto chamava de "libertação". Eis-me há dois anos suspenso à palavra "Buda".

Mas, bem o sinto, graças a Zorba, Buda será o último pote, a última palavra-precipício e estarei liberto para sempre. Para sempre.

É o que se diz de cada vez.

Levantei-me de um salto. Estava feliz dos pés à cabeça. Despi-me e me lancei ao mar. As ondas alegras brincavam e eu brincava com elas. Quando, enfim, fatigado saí da água, deixei-me secar ao vento da noite. Pus-me a caminho em longas passadas ligeiras, com a sensação de ter escapado de um grande perigo e me ter agarrado, mais forte que nunca, ao seio da terra.

Capítulo XVI

Assim que avistei a praia da linhita, parei bruscamente: havia luz no barracão.

Zorba deve ter chegado, pensei todo alegre.

Estive a ponto de correr, mas contive-me. "Preciso esconder minha alegria, disse para comigo. Preciso mostrar-me aborrecido, e começar enganando-o. mandei-o lá para negócios urgentes e ele jogou pela janela o dinheiro, andou com cantoras e chega com doze dias de atraso. É preciso tomar um ar furioso, é preciso..."

Pus-me a caminho a passos lentos, para dar tempo de me encolerizar. Esforçava-me para ficar irritado, franzia a testa, cerrava os punhos, fazia todos os gestos do homem irritado, para me zangar, mas nada conseguia. Ao contrário, mais diminuía a distancia, mais minha alegria aumentava.

Aproximei-me na ponta dos pés e olhei pela janelinha iluminada. Zorba estava de joelhos, acendera o fogo e fazia o café.

Meu coração amoleceu e gritei:

— Zorba!

Abriu-se a porta de um só golpe. Zorba, descalço, sem camisa, jogou-se para fora. Esticou o pescoço na obscuridade, viu-me e abriu os braços, mas logo se conteve, deixando-os cair.

— Contente por estar de novo com você, patrão! — disse num tom hesitante, imóvel diante de mim, o rosto exprimindo desgraça.

Procurei fazer uma voz forte:

— Contente que você se tenha dado ao trabalho de voltar — disse

eu, zombeteiro. — não se aproxime, você recende a sabonete.

— Ah! Se soubesse como me lavei, patrão — murmurou. — eu me poli, raspei a maldita pele antes de me apresentar a você. Mas este cheiro infernal... mas que mal pode ele fazer? Não é a primeira vez, ele vai desaparecer, por bem ou por mal.

— Vamos entrar — disse eu, prestes a estourar numa gargalhada.
Entramos. O barracão recendia a perfume, a pó-de-arroz, a sabonete, a mulher.

— Diga lá, que coisas são estas, hein? — perguntei, vendo, em cima de um caixote, bolsas de mulher, sabonetes, meias, uma sombrinha vermelha e um minúsculo frasco de perfume.

— Presentes — murmurou Zorba de cabeça baixa.

— Presentes? — fiz eu, esforçando-me para dar a voz um tom zangado. — presentes?

— Presentes, patrão, não se aborreça, para a pobre Bubulina. A Páscoa vem aí, coitada dela...
Ainda uma vez consegui conter minha vontade de rir.

— O mais importante, você não lhe trouxe... — disse.

— O quê?

— Mas vejamos! As coroas de casamento!
Contei-lhe então a história que tinha forjado para a sereia enamorada.

Zorba coçou a cabeça e refletiu um instante.

— Você fez mal, patrão — disse enfim, — fez mal, com o devido respeito. Brincadeiras como essa, patrão... a mulher é uma criatura fraca, delicada, quantas vezes é preciso dizer? Um vaso de porcelana a gente segura nele com cuidado.

Senti-me envergonhado. Eu também estava arrependido, mas era muito tarde. Mudei a conversa.

— E o cabo? — perguntei. — e as ferramentas?

— Trouxe tudo, tudo, não se atormente! "O pastel está inteiro e o cão satisfeito." Teleférico, Lola, Bubulina, patrão... está tudo em regra.

Tirou o brik (pequeno recipiente em tronco de cone onde se prepara o café) do fogo, encheu-me a xícara, deu-me biscoitos de gergelim que trouxera, e salva com mel que ele sabia ser o meu fraco.

— Trouxe-lhe de presente uma caixa grande de salva! — disse-me com ternura. — não me esqueci de você. Olhe, comprei também um saquinho de amendoim para o papagaio. Não me esqueci de ninguém. Você vê, patrão, que eu estou com a cabeça bem no lugar.

Comi os biscoitos e a salva, bebi o café, sentado no chão. Zorba degustava também o seu café, fumava, olhava para mim e seus olhos me fascinavam como os de uma serpente.

— Resolveu o problema que o preocupava, velho sacripanta? — perguntei-lhe adoçando a voz.

— Que problema, patrão?

— Se a mulher é ou não um ser humano.

— Ora! Isso acabou! — respondeu Zorba, agitando a enorme pata.

— ela é também um ser humano como nós... e pior! Quando vê a nossa carteira, tem vertigem, se gruda na gente, perde a liberdade — e fica encantada por perdê-la — porque, você vê, por trás está a carteira brilhando. Mas, bem depressa...

Deixe isso para lá, patrão!

Levantou-se e jogou o cigarro pela janela.

— Agora, falemos como homens — disse ele. — a semana Santa está chegando, temos o cabo, é tempo de subir ao mosteiro, conversar com aqueles toucinhos gordos e assinar os contratos da floresta... antes que eles vejam o teleférico e lhes suba a cabeça, compreende? O tempo passa, patrão, não é coisa que se faça, ficar aí flanando; é preciso colher já alguma coisa, é preciso que os navios venham carregar, para compensar a despesa... esta viagem a Cândia custou os tubos. O Diabo, como você vê...

Calou-se. Tive pena dele. Era como uma criança que, tendo feito tolices e não sabendo como repará-las treme todo o coraçãozinho.

Que vergonha para você, protestei comigo, então se deixa tremer de medo uma alma como essa? Acorde, onde encontrará algum dia outro Zorba? Acorde, peque na esponja e apague tudo!

— Zorba, estourei eu, — deixe pra lá o Diabo, não precisamos dele! Coisas passadas, coisas esquecidas Pega o santuri!

Abriu os braços, como se quisesse de novo abraçar-me. Mas tornou a fechá-lo, ainda hesitante.

Numa pernada, chegou até a parede. Ficou na ponta dos pés e apanhou o santuri. Ao se aproximar da luz da lamparina, olhei para seus cabelos: estavam pretos como graxa.

— Desembuche lá, seu velhaco — falei, — que cabelos são esses?

Onde você foi buscar isso?

Zorba começou a rir.

— Pintei-os, patrão, não se aflija, eu os pintei, os traidores...

— Por quê?

— Por amor-próprio, juro! Um dia, passeava com Lola de braços dados. Isto é, não... espere, só segurava as pontas dos dedos! Pois passa um maldito garoto, um tiquinho de guri, e começa a nos chatear. "Eh! Velho grita o filho da mãe, eh! Velho! Onde é que você vai levar sua neta?" — Lola, você compreende, ficou envergonhada e eu também. E para ela não ter mais vergonha de mim, fui no mesmo dia ao barbeiro para tingir

a cabeleira.

Pus-me a rir. Zorba encarou-me, sério.

— Você acha engraçado, patrão? Entretanto, preste bem atenção que coisa gozada a gente é. Depois desse dia virei homem. Parecia que eu tinha os cabelos pretos de verdade, eu mesmo acreditava nisso — você vê, a gente se esquece facilmente o que não convém — e eu lhe juro que até as minhas forças aumentaram. Lola também percebeu isso. Lembra a pontada que eu tinha aqui nos rins? Sumiu, você nem acredita. Essas coisas você vê, seus livrecos não contam...

Teve um riso irônico, mas logo se arrependeu:

— Desculpe, patrão. O único livro que eu li na minha vida, foi Simbad o Marinheiro, e para o proveito que dele tirei...

Pegou o santuri, despiu-o ternamente, lentamente.

— Vamos lá para fora — disse. — aqui, entre quatro paredes, o santuri não fica à vontade. É um animal selvagem, precisa de espaço.

Saímos, as estrelas cintilavam. A Via-Láctea corria de uma ponta a outra no céu. O mar fervia.

Sentamos na areia. As ondas vinham lamber-nos a planta dos pés.

— Quando se está na miséria a gente precisa se distrair — disse Zorba. — como é então! Ela pensa que vai fazer a gente se entregar?

Venha cá, meu santuri.

— Uma ária macedônica, da sua terra, Zorba — disse eu. Cantar um versinho que me ensinaram em Cândia. Desde que o aprendi a minha vida mudou.

Refletiu um instante:

— Não, ela não mudou, mas agora compreendo que eu tinha razão.

Pousou os dedos os dedos grossos no santuri e aprumou o pescoço. Sua voz selvagem, rouca, dolorosa, elevou-se:

"Quando tomares um decisão, não tenhas medo, para a frente!

Solta a rédea a tua juventude, não a poupes."

Dissiparam-se as preocupações, os aborrecimentos fugiram, a alma atingiu seu próprio cume. Lola, a linhita, o teleférico, a "eternidade", as pequenas e as grandes confusões, tudo isso se transformou em fumaça azul que se dissipou nos ares, restando apenas um pássaro de aço, a alma humana que cantava.

— Dou-lhe tudo de presente, Zorba! — exclamei, quando terminou a famosa canção; — tudo o que você fez, dou-lhe de presente: a cantora, os cabelos pintados, o dinheiro que gastou; tudo! Tudo!

Cante mais.

Esticou de novo o pescoço descarnado:

"Coragem, que Diabo, o que vier, virá!

Ou perderás o golpe ou então ganharás."

Uns dez trabalhadores que dormiam perto da mina ouviram as canções. Levantaram-se, desceram furtivamente, e agacharam-se perto de nós. Ouviram sua música preferida e sentiam formigar as pernas.

E bruscamente, incapazes de se conterem por mais tempo, sugiram na obscuridade, seminus, descabelados, com suas calças bufantes, fizeram círculo em volta de Zorba e do santuri e se puseram a dançar, na areia grossa.

Empolgado, eu os olhava em silêncio:

Ei-lo, pensei, o verdadeiro filho que eu procurava. Não quero nenhum outro.

No dia seguinte, antes do amanhecer, ressoavam nas galerias os golpes das picaretas e os gritos de Zorba. Os operários trabalhavam com frenesi. Só Zorba poderia conduzi-los assim. Com ele, o trabalho se tornava vinho, canto, amor e todos se embriagavam. A terra ganhava vida em suas mãos. As pedras, o carvão, a madeira, os trabalhadores adotavam seu ritmo, uma guerra se desencadeava nas galerias, sob a luz branca do acetileno e Zorba ia à frente, lutando corpo-a-corpo. Dava um nome a cada galeria e a cada filão, dava um rosto às forças sem feições e daí em diante, lhes era difícil escapar dele.

— Quando sei — dizia ele, — que aquela é a galeria Canavarro (assim batizara a primeira delas), fico tranquilo. Conheço-a pelo nome, ela não vai ter a ousadia de me fazer uma sujeira. Nem a madre superiora, nem a cambeta nem a mijona. Eu conheço todas elas, digo-lhe, cada qual por seu nome.

Tinha entrado aquele dia na galeria, sem que ele percebesse.

— Coragem! Coragem! — gritava Zorba para os trabalhadores, com ode costume, quando estava em pleno entusiasmo. — para a frente, rapazes, vamos dominar a montanha! Somos homens, hein!

Animais ferozes, o bom Deus nos vê e toma susto.

Vocês, os cretenses, eu o macedônico, vamos vencer a montanha, não é ela que vai nos vencer! A Turquia nós vencemos, hein, então será que essa montanha de nada vai fazer medo na gente? Para a frente!

Alguém chegou correndo perto de Zorba. À luz do acetileno, distingui a cara estreita de Mimito.

— Zorba, disse, gaguejando, — Zorba...

Mas este, voltando-se, viu Mimito e compreendeu. Levantou a grande mão:

— Suma-se! — falou, — fuja daqui!

— Venho da parte da madame... — começou o idiota.

— Suma-se daqui, estou dizendo! Estamos trabalhando! — Mimito correu à toda. Zorba cuspiu exasperado.

— O dia é para o trabalho — disse. — o dia é um homem. A noite é para festejar. A noite é uma mulher Não se deve misturar tudo!

Nesse momento, eu me aproximei.

— Amigos — disse, — é meio-dia, é tempo de parar o trabalho para fazer uma boquinha.

Zorba voltou-se, me viu e falou, carrancudo:

— Com sua permissão, patrão, vá embora. Vá almoçar. Perdemos doze dias, precisamos recuperar. Bom apetite!

Saí da galeria e desci para o mar. Abri o livro que trazia. Tinha fome, mas esquecia-me dela. A meditação é também uma mina, pensava eu... vamos! E mergulhava nas grandes galerias do cérebro.

Um livro inquietante sobre as montanhas cobertas de neve do Tibete: os hábitos amarelos, que concentrando sua vontade, obrigam o éter a tomar a forma de seus desejos.

Altos cumes, uma atmosfera povoada de espírito. O inútil zumbido do mundo não chega até lá em cima O grande asceta pega seus discípulos, rapazes de dezesseis a dezoito anos, e à meia-noite os conduz até um lago gelado na montanha. Eles se despem, quebram o gelo, mergulham as roupas na água gelada, tornam a vesti-las e as deixam secar no corpo. Novamente as mergulham, secam-nas e assim fazem sete vezes. Depois voltam ao mosteiro para o ofício da manhã.

Sobem a um cume, a cinco, seis mil metros de altitude.

Sentam-se tranquilos, respiram profunda e regularmente, o torso nu, e não sentem frio. Seguram, entre as palmas das mãos, uma caneca de água gelada, olham para ela, concentram-se, projetam sua força sobre a água gelada, a água ferve. Depois, preparam o chá.

O grande asceta reúne à sua volta os discípulos e lhes diz:

"Maldito aquele que não traz em si a fonte da felicidade!

Maldito aquele que quer agradar aos outros!

Maldito aquele que não sente que esta vida e a outra são uma]só!"

A noite caíra e eu não conseguia mais ler. Fechei o livro e olhei para o mar. Tenho, pensei, tenho que me libertar dos Budas, dos Deuses, das pátrias, das ideias!

De súbito o mar ficara negro. A Lua Nova caía em direção ao poente. Cães uivavam tristemente ao longe nos jardins, e a ravina toda latia.

Zorba apareceu, lambuzado, enlameado, a camisa em farrapos.

Agachou-se perto de mim.

— A coisa andou bem hoje — disse satisfeito, — fizemos um bom trabalho.

Ouvia as palavras de Zorba sem lhes entender o sentido. Meu espírito ainda pairava nos longínquos e misteriosos rochedos abruptos.

— Em que está pensando, patrão? Você está longe daqui.

Trouxe de volta o meu espírito e virei-me. Olhei para meu companheiro, abanei a cabeça.

— Zorba — respondi, — você pensa que é um formidável Simbad o Marinheiro e banca o grão-finc porque correu o mundo. E, coitado, não viu nada, nada, nada! Aliás eu também não. O mundo é muito mais vasto do que se pode crer. Viajamos, percorremos terras e mares, e ainda nem pusemos o nariz fora da soleira da nossa casa.

Zorba franziu os lábios, mas nada disse. Resmungou somente, como um cão fiel, quando lhe batem.

— Há montanhas — prossegui, — muito altas, imensas, cobertas de mosteiros. E nesses mosteiros vivem monges de hábitos amarelos.

Ficam sentados, pernas cruzadas, um mês, dois meses, seis meses, e apenas pensam em uma única coisa. Uma só, entende? Não duas, uma! Não pensam, como nós, na mulher e na linhita ou nos livros e na linhita concentram seu espírito sobre uma única e mesma coisa, e realizam milagres. É assim que acontecem os milagres. Você viu, Zorba, que ao expor uma lupa ao sol, você reúne todos os raios num mesmo ponto? Esse ponto logo pega fogo. Por quê? Porque a força do sol não se dispersou, ela se concentrou toda nesse único ponto.

Assim, o espírito do homem. A gente faz milagres concentrando o espírito numa única e mesma coisa. Você compreende, Zorba?

Zorba tinha a respiração curta. Por um instante, moveu-se como querendo fugir. Mas conteve-se.

— Continue, resmungou com uma voz estrangulada.

Porém, de súbito, endireitou-se.

— Cale-se! Cale-se! — gritou. — porque me diz tudo isso, patrão?

Porque é que me envenena o coração? Eu estava bem aqui, porque vem me perturbar? Eu tinha fome, e o bom Deus ou o Diabo (que me enforquem, se eu vejo a diferença) me jogou um osso, que eu lambia.

E balançava o rabo, gritando: Obrigado! Obrigado! Agora...

Bateu com o pé, virou-me as costas, fez um movimento em direção ao barracão, mas ainda fervia. E parou.

— Pff! O belo osso... — bramiu. — uma cantora velha e suja! Uma barcaça velha e suja.

Tomou um punhado de seixos que jogou ao mar.

— Mas quem é — exclamou, — quem é que nos atira os ossos?

Esperou um pouco, e não ouvindo nenhuma resposta, enervou-se.

— Você não diz nada, patrão? — gritou. — se sabe, vá falando para eu também saber o nome dele; e não se incomode, vou tratá-lo decentemente. Mas assim, ao acaso, para que lado ir? Eu vou é me danar todo.

— Estou com fome. Vá tratar do jantar. Comamos primeiro!

— A gente não pode passar ao menos uma noite sem comer, patrão? Eu tinha um tio monge que nos dias de semana passava a água e sal. Nos domingos e dias santos juntava um pouco de farelo.

Pois bem, viveu cento e vinte anos.

— Viveu cento e vinte anos, Zorba, porque era um crente. Tinha achado seu Deus, não sentia nenhuma preocupação. Mas, nós, Zorba, nós não temos um Deus para nos alimentar; então, acenda o fogo, estão aqui umas douradas. Faça uma sopa quente, grossa, com bastante cebola e pimenta, como nós gostamos. Depois veremos.

— Que é que veremos? — fez Zorba, irritado. — quando a pança estiver cheia, a gente esquece todas essas coisas.

— É isso mesmo que eu quero! É este o valor do alimento, Zorba.

Ande logo, façamos uma sopa de peixe, meu velho, senão nossa cabeça vai estourar!

Mas Zorba nem se mexia. Ficou parado, imóvel, olhando para mim.

— Ouça, patrão — disse ele, — eu conheço seus projetos. Olhe, ainda há pouco, quando falava comigo, eu

tive uma espécie de clarão, eu vi tudo!

— E quais são os meus projetos, Zorba? — perguntei intrigado.

— Você quer é construir um mosteiro, está na cara! Um mosteiro onde vai pôr, em lugar de monges, alguns arranha papéis da marca de sua senhoria, que passarão o tempo a rabiscar, dia e noite. E depois, como nos santos que a gente vê nas imagens, vão sair de sua boca fitas impressas. Adivinhei, hein!

Baixei a cabeça, tristonho. Antigos sonhos da mocidade, grandes asas que perderam as plumas; ingênuos, generosos, nobres anseios... construir uma comunidade espiritual, encerrar-me nela com uma dezena de companheiros — músicos, pintores, poetas... — trabalhar o dia todo, só nos encontramos à noite, para comer, cantar juntos, ler, propor-nos as grandes questões, demolir as velhas respostas. Até já redigira o regulamento da comunidade. Tinha mesmo encontrado a sede, em São-João-o-Caçador, numa garganta do Himeto...

— Adivinhei — disse zorba, todo contente, vendo-me silencioso.

— Pois bem, então vou lhe pedir um favor, Santo Higumeno!

Nesse mosteiro você vai me pôr de porteiro, para eu fazer contrabando, e deixar passar de vez em quando certas coisas extravagantes: mulheres, bandolins, garrafões de raki, leitõezinhos assados... tudo isso para você não desperdiçar a vida só com tolices!

Riu-se, e lá se foi, decidido, para o barracão. Corri atrás dele.

Limpou os peixes sem dizer palavra. Eu trouxe lenha e acendi o fogo.

Pronta a sopa, pegamos as colheres e nos pusemos a comer na mesma panela.

Nem um nem outro falava. Nada havíamos comido o dia inteiro e engolíamos vorazmente. Bebemos vinho e reencontramos a alegria.

Zorba abriu a boca:

— Seria gozado, patrão, ver surgir agora a Bubulina! Só faltava ela. E quer que eu lhe diga, patrão, cá entre nós, estou roxo por ela, palavra!

— Agora você nem pergunta quem lhe manda esse osso?

— Por que vai se chatear com isso, patrão? É uma pulga num palheiro. Agarre o osso e não se importe com a mão que joga. Será que ele está gostoso? Tem ainda um pouco de carne? Está é a questão. O resto...

— A comida fez o seu milagre! — disse, batendo no ombro de Zorba. — o corpo faminto se acalmou? Então a alma que perguntava acalmou-se também. Pegue o santuri!

Mas quando Zorba ia se levantando, ouviram-se na praia passinhos apressados e rudes. As narinas peludas de Zorba palpitaram.

— Quando se fala no lobo, vê-se sua cauda! — disse em voz baixa, batendo nas coxas. — lá vem ela! A cadela farejou no ar o cheiro de Zorba e vem por aí.

— Eu me vou — disse, levantando-me. — isso me aborrece. Vou dar uma volta. Arrume-se.

— Boa noite, patrão!

— E não se esqueça, Zorba! Você lhe prometeu casamento, não me faça mentir.

Zorba suspirou.

— Casar outra vez, patrão? Que chato!

O perfume de sabonete se aproximava.

— Coragem, Zorba!

Saí precipitadamente. já ouvia a velha sereia, lá fora, ofegante.

Capítulo XVII

No dia seguinte, de madrugada, a voz de Zorba veio interromper-me o sono.

— Que coisa lhe deu assim tão cedo, por que essa gritaria?

— Não é nada de grave, patrão — disse ele, enchendo a sacola de provisões. — eu trouxe duas mulas, levante-se, a gente vai ao mosteiro assinar os papéis e tocar para a frente o teleférico. Só uma coisa faz medo ao leão: o piolho. Os piolhos vão nos comer, patrão!

— Por que você chama a pobre Bubulina de piolho? — disse eu rindo.

Mas Zorba fingiu não ter ouvido.

— Vamos — falou, — antes que o sol fique muito alto.

Eu tinha enorme desejo de passear na montanha, de sentir o perfume do pinhal. Montamos nos animais e começamos a subida.

Paramos um instante na mina para Zorba fazer recomendações aos trabalhadores: cavar a Irmã Superiora, abrir sulcos na Mijona para escoar a água, limpar o Canavarro.

O dia resplandecia como diamante de boa água. À medida que nos elevávamos, também se elevava, se purificava a alma. Mais uma vez eu testemunhava a influência que exercem na alma o ar puro, a respiração leve, o vasto horizonte. Dir-se-ia que também a alma é um animal, com pulmões e narinas; que necessita de muito oxigênio e que sufoca com poeira e com muitos bafos.

O sol já estava alto quando entramos na floresta de pinheiros. O ar cheirava a mel. O vento soprava acima de nós, murmurando como um mar.

Zorba durante o trajeto observava a inclinação da montanha.

Em pensamento, ia fincando postes de tantos em tantos metros; levantava os olhos e já via o cabo brilhar ao sol, descendo direto para a praia. Presos ao cabo, os troncos abatidos deslizavam, assoviando como flechas.

Esfregava as mãos:

— Bom negócio! — dizia, — um negócio de ouro. A gente vai ficar cheio da gaita, vamos fazer o que planejamos.

Olhei espantado.

— Hué, você parece que esqueceu! Antes de construir o nosso mosteiro, vamos partir para a grande montanha. Qual é mesmo o nome dela? Tebas?

— Tibete, Zorba, Tibete... mas só nós dois. Esse lugar não comporta mulheres.

— E quem está falando de mulheres? E, além do mais, são bem úteis, as coitadas, não fale mal delas; bem úteis quando o homem não tem que fazer um trabalho de homem: extrair carvão, tomar de assalto cidades, falar com o bom Deus. Que é que resta fazer nesse caso para não morrer? Ele bebe vinho, joga dados, acaricia mulheres.

E espera que sua hora chegue — se vier.

Calou-se um momento.

— Se ela vier! — repetiu irritado. — pois bem, pode ser que nunca venha.

E um instante depois:

— Isso não pode mais continuar assim, patrão — disse ele; — ou a terra tem que diminuir, ou eu tenho que aumentar. Do contrário estou roubado!

Um monge apareceu entre os pinheiros, ruivo, a tez amarelada, mangas arregaçadas, um boné de burel à cabeça. Empunhando uma vara de ferro, batia no chão e andava a grandes passadas. Ao nos ver, parou e levantou o bastão:

— Aonde vão, amigos? — perguntou.

— Ao mosteiro — respondeu zorba, — vamos fazer nossas devoções.

— Voltem, cristãos! — exclamou o monge, enquanto seus olhos de um azul desbotado se avermelhavam. — voltem daqui, pelo bem que lhes quero! Não é o pomar da Virgem, o mosteiro: é o jardim de Satã. Pobreza humildade, castidade, dizem que são a coroa do monge! Hi! Hi! Hi! Vão embora, estou dizendo. Dinheiro orgulho, frescura, essa é a Santa trindade deles.

— Que gozado esse aí — segredou-me Zorba, divertido.

Chegou-se para ele:

— Como se chama, irmão monge? — perguntou. — e que ventos o levam?

— Eu me chamo Zaharia. Fiz minha trouxa e vou-me embora.

Vou-me embora, não aguento mais! Faça o favor de dizer o seu nome, patrício.

— Canavarro.

— Não aguento mais, irmão Canavarro. Cristo geme a noite toda e não me deixa dormir. E eu gemo junto com ele, e então o Higumeno

— que vá passar nas chamas do inferno! — mandou me chamar de manhã muito cedo: "Então, Zaharia, ele disse, você não deixa os irmãos dormirem? Vou mandá-lo embora." — "Sou eu que não os deixo dormir, sou eu ou é Cristo? É ele que geme!" então o anticristo levantou o cajado, e olhe, veja!

Tirou o barrete e mostrou uma placa de sangue coalhado nos cabelos.

— Então, eu sacudi a poeira dos sapatos e parti.

— Volte conosco ao mosteiro — disse Zorba — e eu vou reconciliar você com o Higumeno. Venha, vai nos fazer companhia e mostrou o caminho. Foi o céu que o mandou.

O monge refletiu um instante. Seu olhar brilhou.

— Que é que você vai me dar? — disse, enfim.

— Que é que você quer?

— Um quilo de bacalhau salgado e uma garrafa de conhaque.

Zorba inclinou-se e olhou para ele:

— Será que você não tem um Diabo no corpo? — disse.

O monge sobressaltou-se.

— Como é que adivinhou? — perguntou, atordoado.

— Eu venho do monte Athos — respondeu Zorba, — e manjo um bocado essas coisas!

O monge baixou a cabeça. Quase não se ouvia sua voz:

— Sim — respondeu, — eu tenho um.

— E ele queria bacalhau e conhaque, hein?

— Sim, o três vezes maldito!

— Bem, de acordo! Ele também fuma?

Zorba deu-lhe um cigarro, que o monge pegou com avidez.

— Ele fuma, ele fuma, a peste o sufoque! — disse.

E tirou do bolso uma pedra de isqueiro com uma mecha, acendeu o cigarro e aspirou a plenos pulmões.

— Em nome de Cristo! — disse.

Levantou o bastão de ferro, deu meia volta e começou a andar.

— E como se chama o seu Diabo? — interrogou Zorba, piscando-me um olho.

— José! — respondeu o monge sem voltar.

A companhia deste monge meio louco não me agradava. Um cérebro doente, como um corpo doente, provoca em mim ao mesmo tempo pena e aversão. Deixei Zorba fazer o que bem lhe parecesse.

O ar puro abriu-nos o apetite. Instalamo-nos à sombra de um pinheiro gigantesco e abrimos a sacola. O monge debruçou-se com avidez, sonhando com os olhos o conteúdo.

— He! He! — gritou Zorba. — não lamba os beiços antes do tempo, Zaharia! Hoje é segunda-feira Santa Nós somos francos-maçons, vamos comer um pouco de carne, um franguinho, Deus me perdoe!

Mas temos também salva e azeitonas, para sua santidade, olhe!

O monge acariciou a barba imunda:

— Eu — disse compungido, — eu, Zaharia, faço jejum; comerei azeitonas com pão e beberei água fresca.. Mas José, como Diabo que é, comerá um pouco de carne, meus irmãos; ele gosta muito de frango e vai beber o vinho da cabaça de vocês, o maldito!

Fez o sinal da cruz, engoliu voraz o pão, as azeitonas, a salva, limpou-se com as costas das mãos, bebeu água, depois fez outro sinal da cruz, como se tivesse terminado a refeição.

— Agora — disse, — é a vez do três vezes maldito José...

E atirou-se ao frango.

— Coma, maldito! — murmurava furioso, dando grandes dentadas, — coma!

— Bravos, monge — fez Zorba entusiasmado, — pelo que vejo você tem duas cordas no seu arco.

E voltando-se para mim:

— Que tal ele, patrão?

— Parecido com você — respondi rindo.

Zorba deu ao monge a cabaça de vinho:

— José, beba um gole!

— Beba, danado — fez o monge que tomou a cabaça e colocou-a à boca.

O sol queimava, chegamos ainda mais para a sombra. O monge cheirava a suor azedo e incenso. Derretia-se em pleno sol e Zorba levou-o para a sombra, para que não empestasse muito.

— Como foi que se fez monge? — perguntou-lhe Zorba que, tendo comido bem, sentia vontade de conversar.

O monge soltou uma gargalhada:

— Você pensa talvez que foi por santidade? Que nada! Foi por miséria, irmão, por miséria. Como não tinha nada para comer, disse assim comigo mesmo: para não morrer de fome, é só entrar no convento.

— E está contente?

— Deus seja louvado! Às vezes eu suspiro, mas não ligo. Não suspiro pela terra, esta eu mando àquela parte, desculpe, todos os dias eu mando àquela parte. Mas suspiro pelo céu. Faço pilhérias, dou piruetas, os monges se divertem comigo. Dizem que estou possuído e me injuriam. Mas eu digo para mim: "Não é possível tenho certeza que Deus topa uma boa brincadeira. Entre, meu polichinelo, entre meu pequeno! Ele me dirá um dia: Venha me fazer rir!" assim, você vê, eu entrarei também no paraíso, como um palhaço.

— Meu velho, eu acho que você tem a cabeça bem assentada nos ombros! — disse Zorba, levantando-se. — vamos, não devemos deixar que a noite nos surpreenda!

O monge pôs-se de novo a caminho. Galgando a montanha, parecia escalar dentro de mim paisagens psíquicas, passar de desprezíveis preocupações a outras mais elevadas, de cômodas verdades de planície a teoria abruptas.

De repente o monge parou:

— Nossa Senhora da Vingança! — disse ele, mostrando-nos uma capelinha encimada por graciosa cúpula redonda.

Ajoelhou-se e fez o sinal da cruz.

Apeei-me e entrei no fresco oratório. A um canto, um velho ícone enegrecido pela fumaça, cheio de ex-votos: finas chapas de prata nas quais tinham gravado grosseiramente pés, mãos, olhos, corações... diante do ícone, ardia uma lamparina também de prata, inextinguível.

Aproximei-me em silêncio: uma madona guerreira, de ar feroz, pescoço firme, olhar austero, segurava, não o menino-Deus, mas uma grande lança.

— Maldito aquele que tocar no mosteiro! — disse o monge com terror. — ela se atira nele e o trespassa com a lança. Nos tempos antigos, os argelinos vieram e incendiaram o mosteiro. Mas espere que você vai ver o que custou aos infiéis: no momento em que passavam em frente a esta capela, a Santa Virgem saí do ícone e se precipita para fora. E lá vai ela, de lança, golpeando por aqui e por ali; matou-os todos. Meu avô se lembrava ainda das suas ossadas, que enchiam toda a floresta. Desde então, a gente a chama de Nossa Senhora da Vingança. Antes, era chamada a misericórdia.

— E por que ela não fez o seu milagre antes de eles queimarem o mosteiro, pai Zaharia? — perguntou Zorba.

— São as vontades do altíssimo! — respondeu o monge persignando-se três vezes!

— Que velhaco de Altíssimo! — murmurou Zorba, tornando a montar na sela. — a caminho!

Ao cabo de um momento, sobre um planalto, surgiu, envolvido de rochedos e de pinheiros, o mosteiro da Virgem. Sereno, alegre, isolado do mundo, no côncavo dessa alta garganta verde.

Harmonizando profundamente a nobreza do pico e a doçura da planície, este mosteiro me aparecia como

um refúgio maravilhoso escolhido para o recolhimento humano.

Aqui, pensei, uma alma sóbria e delicada poderia dar à exaltação religiosa a estatura do homem. Nem um cume escarpado e sobre-humano, nem uma voluptuosa e lânguida planície, mas exatamente o necessário para que a alma se eleve sem perder sua doçura humana. Um tal lugar, dizia comigo, não fabrica nem heróis, nem porcos. Modela homens.

Aqui se enquadraria perfeitamente um gracioso templo da Grécia antiga ou uma alegre mesquita muçulmana. Deus deve descer aqui em sua simples feição humana. Deve andar descalço na relva primaveril e conversar tranquilamente com os homens.

— Que maravilha, que solidão, que felicidade! — murmurei.

Apeamos, transpusemos a porta da arcada plena, subimos ao parlatório onde nos trouxeram a bandeja tradicional com raki, doce e café. Chegou o padre hospitaleiro, os monges nos cercaram e começamos a falar. Olhos maliciosos, lábios insaciáveis, barbas, bigodes, axilas malcheirosas.

— Vocês não trouxeram jornal? — perguntou um monge ansioso.

— Um jornal? — fiz eu, espantado. — que fariam vocês com ele?

— Um jornal, irmão, para ver o que vai pelo mundo! — exclamaram dois ou três monges indignados.

Agarrados às grades da varanda, grasnavam como corvos.

Falavam com paixão da Inglaterra, da Rússia, de Venizelos, do Rei. O mundo os banira, mas eles não haviam banido o mundo. Tinham os olhos cheios de grande cidades, de lojas, de mulheres, de jornais...

Um monge obeso e peludo levantou-se, fungando.

— Tenho uma coisa para mostrar-lhe — disse-me; — você me dirá o que pensa a respeito, você também. Vou buscá-la.

Saiu, as mãos peludas sobre o ventre, arrastando os chinelos de pano, e desapareceu atrás da porta.

Os monges sorriram, maliciosos.

— Pater Dométios vai trazer outra vez a sua freira de barro, disse o padre hospitaleiro. O Diabo a tinha metido na terra em sua intenção e um dia em que Dométios cavava o jardim, achou-a. Levou-a para sua cela e desde então o pobre homem perdeu o sono. E não está longe de perder a cabeça.

Zorba levantou-se. Sufocava.

— Viemos, para ver o Santo Higumeno — disse ele, — e para assinar uns papéis.

— O Santo Higumeno não está — respondeu o padre hospitaleiro; — saiu de manhã, foi até a aldeia Tenha paciência.

Pater Dométios voltou, as duas mãos estendidas e juntas, como se levasse o santo cálice.

— Aqui está! — disse ele, entreabrindo as mãos com cuidado.

Aproximei-me. Uma pequenina estatueta de Tanagra sorria, elegante, semi-nua, nas palmas das gordas mãos do monge.

Segurava a cabeça com a mão que lhe restava.

— Ela aponta para a cabeça, isto quer dizer que tem dentro uma pedra preciosa, talvez um diamante, ou uma pérola. Que acha?

— Eu cá penso que ela está com dor de cabeça — interrompeu um monge bilioso.

Mas o gordo Dométios, de lábios pendentes como os de um bode, olhava-me impaciente.

— Sou de opinião que se deve quebrá-la para ver — disse ele. — não posso mais pregar o olho... e se houvesse lá dentro um diamante?

Eu olhava a graciosa jovem com seus pequeninos seios firmes, exilada aqui, entre o cheiro de incenso e os Deuses crucificados que amaldiçoavam a carne, o riso e o beijo.

— Ah! Se eu pudesse salvá-la!

Zorba pegou a estatueta de argila, apalpou o corpo delgado de mulher, demorando os dedos frementes nos seios pontudos e firmes.

— Mas, então você não vê, meu bom monge — disse ele, — que é o Diabo? É ele em pessoa, não há como se enganar. Não se inquiete, eu cá conheço bem o maldito. Olhe o seu peito, Pater Dométios, redondo, firme

fresco. É assim o peito do Diabo, eu entendo disso!

Um jovem monge apareceu à entrada. O sol iluminou seus cabelos dourados e o rosto redondo, coberto de penugem.

O monge de língua ferina piscou o olho ao padre hospitaleiro.

Tiveram ambos um sorriso malicioso.

— Pater Dométios — disseram, — seu noviço, Gabriel.

O monge pegou logo a mulherzinha de argila e dirigiu-se para a porta, rolando como uma pipa. O belo noviço ia à frente, em silêncio, num passo ondulante. Ambos desapareceram no longo corredor quase em ruínas.

Acenei para Zorba e saímos. Fazia um calor agradável. No meio do pátio recendia uma laranjeira em flor. Perto, de uma antiga cara de carneiro, corria a água, murmurando. Pus a cabeça debaixo e me refresquei.

— Diga lá, que tipos são esses aí? — fez Zorba, com nojo. — nem homens, nem mulheres; castrados, puah! Que se enforquem!

Mergulhou também a cabeça na água fresca e se pôs a rir!

— Puáh! Que se enforquem! — repetiu. — tem todos um Diabo dentro deles. Há um que deseja uma mulher; o outro, bacalhau; um outro, dinheiro; outro, jornais... bando de patetas! Por que será que eles não descem para o mundo, para se fartarem de tudo isso e purgarem o cérebro!

Ascendeu um cigarro e sentou-se no banco debaixo da laranjeira em flor.

— Eu — continuou, — quando tenho desejo de alguma coisa, sabe o que faço? Farto-me até não poder mais, para me livrar e nunca mais pensar nela. Ou então, pensar com náuseas. Quando garoto, era louco por cerejas. Não tinha quase dinheiro, não comprava muitas de cada vez, e depois de ter comido, ainda continuava desejando. Noite e dia eu só pensava em cerejas, com água na boca, um verdadeiro suplício. Mas um dia fiquei com raiva, ou melhor, tive vergonha, não sei bem! Senti que as cerejas faziam de mim o que queriam e isso me tornava ridículo. Então, que faço eu? Levanto-me de noite, sem fazer barulho, vasculho os bolsos de meu pai, acho um medjide (moeda turca) de prata, abafo-o, e, de manhã cedinho, corro a um fruteiro.

Compro um cesto de cerejas, instalo-me numa vala e começo a comer. Fui enchendo, enchendo, estava como um balão. Lá pelas tantas, meu estômago começava a doer e eu vomito. Vomitei, vomitei, patrão, e desse dia em diante, acabei com as cerejas. Não podia mais nem ver pintadas. Mas estava livre. Olhava para elas e dizia: não preciso de vocês! Fiz o mesmo mais tarde com o vinho e o fumo. Ainda bebo. Mas quando quero hap!, eu corto. Não sou dominado pela paixão. Com a pátria, é a mesma coisa. Tive desejo, fiquei cheio, até aqui, vomitei e me livrei.

— E com as mulheres? — perguntei.

— A vez delas chegará também, as sujas! Mas, só quando eu tiver setenta anos.

Refletiu um momento. Pareceu-lhe pouco.

— Oitenta — corrigiu. — isto faz você rir, patrão, mas não me importo, pode rir! É assim que o homem se liberta, ouça bem o que eu digo, é assim que se liberta: fartando-se de tudo até acima da cabeça, e não se fazendo asceta. Meu velho, com é que você quer se livrar do Diabo se não vira você próprio um Diabo e meio?

Dométios, bufando, surgiu no pátio, seguido pelo jovem monge louro.

— A gente diria um anjo encolerizado — murmurou Zorba, admirando a selvageria e a graça do efebo.

Os dois se aproximavam da escada de pedra que levava às celas superiores. Dométios voltou-se, olhou para o fradinho e lhe disse qualquer coisa. O fradinho balançou a cabeça, com se recusasse. Mas logo se inclinou, submisso. Passou o braço nos ombros do velho e subiram lentamente a escada.

— Morou? — pergunta-me Zorba. — morou? Sodoma e Gomorra.

Dois monges espreitaram. Piscaram o olho, cochicharam qualquer coisa e se puseram a rir.

— Que maldade! — grunhiu Zorba. — os lobos não se comem uns aos outros, mas os monges, sim! Olhe como se mordem uma a outra!

— Um ao outro — corrigi eu, rindo.

— Meu velho, aqui é a mesmíssima coisa, não quebre a cabeça!

Machos, eu lhe digo, patrão! Você pode dizer, segundo seu humor, Gabriel ou Gabriela, Dométios ou Dométia. Vamos embora, patrão, a gente assina logo os papéis e cai fora. Aqui, palavra, acabamos tendo nojo, tanto dos homens quanto das mulheres.

E baixando a voz:

— Tenho também um projeto... — disse ele.

— Ainda alguma maluquice, Zorba? Você não acha que já fizemos bastante? Vá, diga lá seu projeto.

Zorba encolheu os ombros:

— Como lhe dizer isso, patrão! Você, salvo o devido respeito, é um bom homem, um rapaz cheio de atenções para todo o mundo se encontrasse uma pulga fora do cobertor, no inverno, você a punha para dentro, para ela não sentir frio. Como é que pode compreender um velho bandido como eu? Eu cá, quando acho uma pulga, tsak!

Esmago. Se acho um carneiro, hap! Corto o pescoço, ponho no espeto e me regalo com os amigos. Você vai me dizer: esse carneiro não é seu! Eu reconheço. Mas deixa primeiro a gente comer, velhinho, e depois se conversa e discute à vontade sobre o seu e o meu. Você pode falar até não querer mais; enquanto isso eu palito os dentes com um fósforo.

No pátio ressoaram risadas. Zaharia apareceu, aterrado. Pôs um dedo nos lábios e aproximou-se na ponta dos pés: — Psiu — fez ele, — não se riam! Olhem, lá em cima, atrás da janelinha aberta, o bispo está trabalhando. É a biblioteca. Ele escreve o dia inteiro, o santo homem, não gritem.

— Olhe, eu queria justamente ver você, Pater José — disse Zorba, — pegando-o pelo braço. Vamos até a sua cela, vamos conversar um pouco.

E virando-se para mim:

— Enquanto isso, vá visitar a igreja e ver os velhos ícones. Vou esperar pelo Higumeno, ele não deve tardar. Sobretudo não se meta em nada, senão vai dar confusão! Deixe eu agir, tenho cá meus planos.

Falou-me ao ouvido:

— Teremos a floresta pela metade do preço... não diga nada!

E lá se foi, precipitadamente, dando o braço ao monge maluco.

Capítulo XVIII

Transpus, a porta da igreja e mergulhei na penumbra fresca e perfumada.

Estava deserta. Brilhavam suavemente os candelabros de bronze; a iconóstase finamente trabalhada ocupava todo o fundo, representando uma parreira de ouro carregada de uvas. As paredes, de alto a baixo, recobriam-se de afrescos meio apagados: horrendos ascetas esqueléticos, padres da igreja, a longa paixão de Cristo, anjos robustos e ferozes, com os cabelos presos por fitas largas e desbotadas.

Bom no alto, na abóbada, a Virgem de braços estendidos, implorante. A luz trêmula de uma pesada lamparina de prata acesa diante dela lambia e acariciava molemente seu longo rosto atormentado. Jamais esquecerei aqueles olhos dolorosos, a boca franzida e redonda, o queixo robusto e voluntarioso. Dizia comigo: eis a mãe completamente satisfeita, perfeitamente feliz, mesmo na sua dor mais torturante, pois ela sente que de suas entranhas perecíveis saiu algo de imortal.

Quando deixei a igreja, o sol já se escondia. Sentei-me à sombra da laranjeira, feliz. A cúpula coloria-se de rosa, como no romper da aurora. Retirados em suas celas, os monges repousavam.

Esta noite não dormiriam, precisavam ganhar forças. À tardinha Cristo começaria a subir o Gólgota, e iriam subir com ele. Duas porcas pretas, de tetas rosadas, cochilavam embaixo de uma alfarrobeira.

Pombos se amavam nos telhados.

Pensei: até quando poderei viver e sentir esta suavidade da terra, do ar, do silêncio e do perfume da

laranjeira em flor? Um ícone de São Baco que contemplara na igreja tinha feito meu coração transbordar de felicidade. Tudo aquilo que me comove o mais profundamente: a unidade de vontade, a perseverança no esforço, se descobriu de novo diante de mim. Bendito seja esse pequenino e gracioso ícone do efebo cristão, com os cabelos crespos caindo em volta do rosto, em cachos pretos. Dionísio, o belo Deus do vinho e do êxtase, e São Baco misturavam-se em mim, tomando a mesma feição. Sob as folhas da vinha e sob o hábito de monge palpitava o mesmo corpo fremente, queimando de sol — a Grécia.

Zorba voltou.

— O Higumeno chegou — disse-me precipitadamente; conversamos um pouco, está duro na queda: disse que não quer ceder a floresta por um pedaço de pão; quer mais, o safado, mas eu vou conseguir.

— Duro na queda? mas nós não estamos de acordo?

— Não se meta em nada, patrão, por favor! — suplicou Zorba. — vai estragar tudo. Você fala do antigo acordo, que já está enterrado!

Vamos ter a floresta pela metade do preço!

— Mas que está você tramando ainda, Zorba?

— Não se preocupe, isso é cá comigo. Vou pro azeite na roldana e ela vai rodar, morou?

— Mas como? Não entendo nada.

— Porque eu gastei mais do que devia em Cândia, é isso! Porque Lola me comeu, isto é, lhe comeu um bocado de erva. Acha que me esqueci? A gente tem amor-próprio, que é que você pensa? Nada de manchas na minha reputação! Eu gastei, eu pago. Fiz as contas: Lola custou sete mil dracmas, que eu vou tirar da floresta. O Higumeno, o mosteiro, a Santa Virgem, todos vão pagar por Lola. É este o meu plano, lhe agrada?

— De jeito nenhum. Em que é que a Virgem é responsável por suas prodigalidades?

— É responsável, é mesmo mais que responsável. Ela fez o seu filho, o bom Deus. O bom Deus fez a mim Zorba, e me deu os instrumentos que você sabe. E os danados desses instrumentos me fazem perder a cabeça e abrir a bolsa quando encontro o bicho mulher. Morou? Então, Sua Graça é responsável, e mais que responsável. Que pague!

— Não gosto disso, Zorba.

— Isso é outra questão, patrão. Vamos primeiro salvar as sete notinhas, depois a gente discute."Beije-me, meu pequeno, depois serei novamente sua tia..."você conhece a canção?

O gordo padre hospitaleiro apareceu:

— Queiram entrar — disse, numa voz melosa de eclesiástico, — o jantar está servido.

Descemos ao refeitório, uma grande sala com bancos e mesas compridas e estreitas. Cheirava a azedo e azeite rançoso. Um afresco ao fundo representava a Ceia. Os onze discípulos fiéis, amontoados como carneiros em torno de Cristo e, em frente, de costas voltadas para o espectador, sozinho, um ruivo de testa corcovada e nariz aquilino: Judas, o traidor. E Jesus só tinha olhos para ele.

— Estamos na quaresma — disse, — e vocês me desculpem: nem azeite nem vinho, embora se trate de viajantes. Sejam bem-vindos!

Fizemos o sinal da cruz; servimo-nos em silencio, de azeitonas, cebolas verdes, favas frescas e salva. Mastigávamos lentamente, como coelhos.

— Assim é a vida cá embaixo — disse o padre hospitaleiro, — uma crucificação, uma quaresma. Mas paciência, irmãos, paciência: um dia virá o reino dos céus.

Tossi. Zorba me deu uma pisadela, querendo dizer: "Cale-se".

— Eu vi o padre Zaharia... — falou Zorba, para mudar o assunto.

Sobressaltou-se o padre hospitaleiro.

— Será que este possesso lhe disse alguma coisa? — perguntou preocupado. — está com os sete demônios, não lhe dê ouvidos! Sua alma é impura e ele vê impurezas em tudo.

O sino dobrou, lúgubre, a vigília. O padre hospitaleiro persignou-se e saiu da mesa.

— Já me vou — disse ele. — começa a paixão de Cristo, vamos carregar a cruz com ele. Por essa noite vocês podem descansar, estão fatigados da caminhada. Mas amanhã às matinas...

— Seus porcos! — resmungou Zorba, entre dentes, mal o monge saiu. — porcos! Mentirosos! Mulas Jumentos!

— Que foi, Zorba! Zaharia disse a você alguma coisa?

— Deixe, patrão, não se incomode; se não quiser assinar, vou mostrar a eles com que lenha eu me aqueço!

Chegamos à cela que nos tinham preparado. A um canto, um ícone representando a Virgem, de rosto colado ao do filho, os grandes olhos cheios de lágrimas.

Zorba balançou a cabeça.

— Sabe por que ela chora, patrão?

— Não.

— Por que ela vê. Eu cá, se fosse pintor de ícone, desenhava a Virgem sem olhos, sem orelhas, sem nariz. Por que tenho pena dela.

Estendemo-nos nas duras camas. As traves recendiam a cipreste; pela janela aberta entrava o doce bafo da primavera, carregado dos perfumes das flores. De quando em quando, vinham do pátio, como rajadas de vento, as melodias fúnebres.

Um rouxinol se pôs a cantar perto da janela e logo um outro, um pouco mais longe, e outro ainda. A noite transbordava de amor.

Não conseguia dormir, o canto do rouxinol se fundiu com os lamentos de Cristo e eu lutava, entre as laranjeiras em flor, para subir, também, ao Gólgota, guiando-me pelas grossas gotas de sangue. Na noite azul de primavera via o suor frio de Cristo porejar em todo o seu corpo pálido e enfraquecido. Via-o de mãos estendidas e tremulas, parecendo suplicar, implorar. O pobre povo da Galileia se apressava a segui-lo, gritando: "Hosana! Hosana!" tinham as mãos cheias de palmas e estendiam os mantos sob seus passos. Ele olhava para os que amavam, mas nenhum deles adivinhava o seu desespero. Só ele sabia que caminhava para a morte. Sob as estrelas, chorando, silencioso, consolava seu pobre coração humano, cheio de pavor: "Como o grão de trigo, meu coração, deves também descer sob a terra e morrer. Não tenhas medo. Senão, como poderás tornar-te espiga? Como poderás nutrir os homens que morrem de fome?"

Mas dentro dele, tremia o coração de homem, palpitava e não queria morrer...

Logo, em torno do mosteiro, a floresta inundou-se com os cantos dos rouxinóis que, feitos de amor e paixão, se elevavam das folhagens úmidas. E com eles tremia, chorava, dilatava-se o pobre coração humano.

Pouco a pouco, sem me dar conta, com a paixão de Cristo, com o canto do rouxinol, entrei no sono como a alma deve entrar no paraíso.

Não dormira nem uma hora quando acordei sobressaltando, assustado:

— Zorba — exclamei, — você ouviu? Um tiro de pistola!

Mas Zorba já estava sentado na cama, fumando.

— Não se preocupe, patrão. — disse, esforçando-se para conter a raiva; — deixe que eles ajustem as suas contas.

Ouvimos gritos no corredor, barulhos de chinelos arrastando, portas que se abriam e fechavam, e ao longe os gemidos de um homem ferido.

Saltei da cama e abri a porta. Um velho sequinho surgiu diante de mim. Estendeu o braço, como para me impedir a passagem. Trazia um barrete branco pontudo e camisa branca que lhe batia nos joelhos.

— Quem é você?

— O bispo... — respondeu, e sua voz tremia.

Quase estourei no riso. Um bispo? Onde estavam seus paramentos: casula de ouro, mitra, báculo pedrarias multicolores?...

Era a primeira vez que eu via um bispo de camisola.

— Que tiro foi esse, Monsenhor?

— Não sei, não sei — balbuciou, levando-me delicadamente para dentro do quarto.

Da cama, Zorba estourou de rir:

— Está com medo, padrezinho? — fez ele. — entre, venha, pobre velho. Nós não somos monges, não

tenha medo.

— Zorba — disse a meia-voz, — fale com mais respeito: é o bispo.

— Meu velho, de camisola de dormir ninguém é bispo. Entre, estou falando!

Levantou-se, tomou-lhe o braço, fê-lo entrar e fechou a porta.

Tirou da sacola uma garrafa de rum e encheu um cálice.

— Beba, meu velho — disse ele, — isto vai renovar-lhe as tripas!

O velhinho esvaziou o copo e recobrou o ânimo. Sentou-se em minha cama, encostado à parede.

— Reverendíssimo Padre — disse eu, — que tiro foi aquele?

— Não sei, meu filho... trabalhei até meia-noite e tinha ido me deitar quando ouvi, ao lado, da cela de Pater Dométios...

— Ah! Ah! — fez Zorba, às gargalhadas. — bem que você tinha razão, Zaharia!

O bispo baixou a cabeça.

— Deve ter sido algum ladrão — murmurou.

No corredor, cessara a confusão e o mosteiro mergulhou novamente no silêncio. Com seus bondosos olhinhos espantados, o bispo me olhou, com ar suplicante:

— Está com sono, meu filho? — perguntou-me.

Senti que não queria voltar para a cela e ficar só. Estava com medo.

— Não — respondi-lhe, — não tenho sono, fique.

Começamos a conversar. Zorba, apoiado ao travesseiro, enrolava um cigarro.

— Você parece um jovem culto — fez o velhinho. — aqui não há com quem conversar. Eu tenho três teorias que me amenizam a vida.

Gostaria de expô-las a você, meu filho.

Sem esperar a resposta, começou:

— Minha primeira teoria é esta: as formas das flores tem influência sobre suas cores; as cores influem nas suas propriedades. É assim que cada flor exerce uma ação diferente sobre o corpo do homem, e, portanto, sobre a alma. É por isso que se deve estar alerta ao atravessar um campo florido.

Calou-se como se aguardasse minha opinião. Eu via o velhinho passear no campo florido, contemplando, com um arrepio secreto, a terra, as flores, sua forma e sua cor. O coitado devia tremer de um temor místico: na primavera, o campo estaria povoado de anjos e demônios multicores.

— Ouça agora a minha segunda teoria: toda ideia que possui uma influência verdadeira possui também uma existência verdadeira.

Ela está presente. Não circula invisível no ar. Tem um corpo verdadeiro — olhos, boca, pés, barriga. É homem ou mulher, persegue homens ou mulheres. Eis por que diz o evangelho: "O verbo se fez carne..."

Olhou-me de novo ansioso.

— Minha terceira teoria — disse depressa, não podendo suportar o meu silêncio — é esta: há eternidade, mesmo em nossa vida efêmera, mas é-nos muito difícil descobri-la sozinhos. As preocupações quotidianas nos desviam. Somente alguns, os seres de elite, conseguem viver a eternidade, mesmo em sua vida efêmera. Como os demais se perderiam. Deus por piedade lhes mandou a religião — e assim o vulgo pode também viver a eternidade.

Terminara e estava visivelmente aliviado por ter falado.

Levantou os olhinhos sem pestanas e olhou-me sorrindo. Como se dissesse: "Eis aí, dou-lhe tudo o que tenho, tome-o." fiquei emocionado com esse pobre velho que me oferecia assim, de bom grado, mal me conhecera, os frutos de toda a sua vida.

Ele tinha lágrimas nos olhos.

— Que pensa de minhas teorias? — perguntou, tomando-me a mão entre as suas e me fitando. Dir-se-ia que minha resposta iria lhe revelar se sua vida tinha ou não servido para alguma coisa.

Eu sabia que acima da verdade existe outro dever muito mais importante e muito mais humano.

— Essas teorias podem salvar muitas almas — respondi.

Iluminou-se a fisionomia do bispo. Era a justificação de toda a sua vida.

— Obrigado, meu filho — sussurrou ele, apertando-me ternamente a mão.

Zorba saltou então de seu canto:

— Tenho uma quarta teoria! — exclamou.

Olhei-o inquieto. O bispo virou-se para ele;

— Fale, meu filho, que sua ideia seja bendita! Qual é a teoria?

— Que dois e dois são quatro! — fez Zorba gravemente.

O bispo olhou para ele, pasmado.

— E ainda uma quinta teoria, meu bom velho — prosseguiu Zorba: — que dois e dois não são quatro Escolha a que mais lhe convém!

— Não compreendo — balbuciou o bispo, interrogando-me com o olhar.

— Nem eu! — fez Zorba, rindo.

Virei-me para o velhinho espantado e mudei de assunto:

— A que estudos se dedica aqui no mosteiro? — perguntei-lhe.

— Copio os velhos manuscritos do convento, meu filho, e estes dias estou recolhendo todos os epítetos com que a nossa Igreja ornamentou a Virgem.

Suspirou.

— Estou velho — disse,. — Nada mais posso fazer. Consolo-me inventariando todos esses ornamentos da Virgem e esqueço as misérias do mundo.

Apoiou-se no travesseiro, fechou os olhos e se pôs a murmurar, como se delirasse:

"Rosa imperecível, Terra fecunda, Vinha, Fonte, Manancial de Milagres, Escada para o Céu, Fragat Chave do Paraíso, Aurora, Lâmpada Eterna, Coluna Ardente, Torre Imutável, Fortaleza Inexpugnáv Consolação, Alegria, Luz dos Cegos, Mãe dos órfãos, Mesa, Alimento, Paz, Serenidade, Mel e Leite..."

— Ele delira, o coitado... — disse Zorba a meia-voz; — vou cobri-lo para que não sinta frio...

Levantou-se, pôs sobre ele uma coberta e ajeitou o travesseiro.

— Ouvi dizer que há setenta e sete espécies de loucura; está é a número setenta e oito.

Raiava o dia. Ouviu-se a simandra. Debrucei-me à janelinha. Às primeiras claridades da aurora, vi um monge magro, longo véu preto à cabeça, contornar lentamente o pátio, batendo com um martelinho numa comprida prancha de madeira espantosamente melodiosa.

Cheia de doçura, harmonia e apelo, a voz da simandra ecoava no ar matinal. Calara-se o rouxinol e começava nas árvores o gorjeio dos primeiros pássaros.

Ouvia, encantado, a doce e sugestiva melodia da simandra. Como será, pensava eu, que um ritmo elevado de vida, mesmo na decadência, pode conservar toda a sua forma exterior, imponente e cheia de nobreza! A alma se evade, mas deixa intacta sua morada a qual, desde há séculos, ela modelava, vasta, complicada, para aí se instalar à vontade.

As maravilhosas catedrais que encontramos nas grandes cidades barulhentas e ateias, pensava eu, são as tais conchas vazias.

Monstros pré-históricos de que só resta o esqueleto, roído pelas chuvas e pelo sol.

Bateram à porta de nossa cela. Ouvimos a voz gutural do padre hospitaleiro:

— Vamos, irmãos, levantem-se para as matinas!

Zorba pulou:

— Que foi esse tiro de pistola? — exclamou fora de si.

Esperou um pouco. Silêncio. O monge devia, entretanto, estar ainda perto da porta, porque se ouvia sua respiração ofegante. Zorba bateu o pé:

— Que é que foi esse tiro de pistola? — tornou a perguntar, furioso.

Ouvimos passos se afastando rapidamente. De um salto, Zorba chegou à porta e abriu-a:

— Cambada de imbecis! — disse ele, cuspindo para o monge que ia fugindo. — padres, monges, freiras, tesoureiros, sacristãos, cuspo em todos vocês!

— Vamos embora — disse eu, — aqui há cheiro de sangue.

— Se fosse só de sangue! — grunhiu Zorba. — vá você às matinas se quiser, patrão. Eu cá vou farejar por aí para ver se descubro alguma coisa.

— Vamos embora! — disse de novo, com repugnância, — e faça-me o favor de não ir meter o nariz onde não foi chamado.

— Mas é justamente onde eu quero meter o meu nariz! — gritou Zorba.

Refletiu um segundo e sorriu, malicioso:

— O Diabo nos presta um belo serviço! — disse. — acho que ele pôs as coisas no devido lugar. Sabe patrão, quanto pode custar ao mosteiro esse tiro? Sete mil notas!

Descemos para o pátio. Perfumes de flores, doçura matinal, felicidade paradisíaca. Zaharia nos esperava. Correu para nós e segurou no braço de Zorba.

— Irmão Canavarro — cochichou trêmulo, — venha, vamos

embora!

— Que é que foi esse tiro? Mataram alguém? Vamos, monge, fale ou estrangulo você!

O queixo do monge tremia. Olhou em volta. O pátio deserto, as celas fechadas; da igreja aberta escapava em ondas, a melodia.

Sigam-me os dois — murmurou. — Sodoma e Gomorra!

Esgueirando-nos ao longo das paredes, atravessamos o pátio e deixamos o jardim. A uns cem metros do mosteiro estava o cemitério.

Entramos.

Saltamos por cima dos túmulos. Zaharia abriu a porta da capelinha e fomos atrás. Ao centro, sobre uma esteira, um corpo jazia, envolto num hábito. Ardia uma vela perto da cabeça, outras aos pés.

Debrucei-me sobre o morto.

— O fradinho! — murmurei estremecendo. — o fradinho louro do pai Dométios!

Na porta do santuário brilhava o Arcanjo Miguel, de asas abertas, o gládio desembainhado e calçado de sandálias vermelhas.

— Arcanjo Miguel — gritou o monge, — lance fogo e chamas, queime-os todos! Arcanjo Miguel, dê um pontapé, saia fora do seu ícone! Levante o gládio, bata! Você não ouviu o tiro de pistola?

— Quem matou? Quem? Dométios? Fale, seu barbudo!

O monge escapou das mãos de Zorba, caindo em cheio aos pés do Arcanjo. Ficou um bom momento imóvel, a cabeça levantada, a boca fechada, como se espreitasse algo.

De súbito, levantou-se todo alegre:

— Vou queimá-los! — declarou num ar resoluto. — o Arcanjo se mexeu, eu vi, ele me fez um sinal!

Aproximou-se do ícone e colou os grossos lábios no gládio do Arcanjo.

— Deus seja Louvado! — disse. — estou aliviado.

Zorba pegou de novo o monge por debaixo dos braços.

— Venha cá, Zaharia — disse ele; — vamos, você vai fazer o que eu disser.

E virando-se para mim:

— Me dê dinheiro, patrão, eu mesmo vou assinar os papéis. Lá são todos uns lobos, você é um cordeiro, eles vão comer você. Deixe eu agir. Não se meta, que eu pego os grandes porcos. Ao meio-dia, nós vamos embora, com a floresta no bolso. Venha, meu velho Zaharia!

Deslizaram furtivamente para o mosteiro. Fui passear debaixo dos pinheiros.

O sol já estava alto, o orvalho cintilava nas folhas. Um melro voou diante de mim, pousou no galho de uma pereira selvagem, agitou a cauda, abriu o bico, olhou-me e assobiou duas ou três vezes com ar zombeteiro.

Através dos pinheiros eu via no pátio os monges que saíam em fileiras, curvados, véus negros aos

ombros. O ofício terminara, iam agora para o refeitório.

"Que pena, pensei, que uma tal austeridade e uma tal beleza já não mais tenham alma!"

Estava fatigado, não dormira bem; deitei-me na relva. As violetas selvagens, as giestas, os alecrins, as salvas recendiam.

Esfomeados, zumbiam os insetos, introduzindo-se nas flores, como piratas, para sugar o mel. Ao longe, brilhavam as montanhas, transparentes, serenas, como uma neblina movediça na luz ardente do sol.

Fechei os olhos, tranquilo. Apoderou-se de mim uma alegria discreta, misteriosa — como se todo esse milagre verde que me envolvia fosse o paraíso, como se todo esse frescor, esta leveza, esta sóbria embriaguez fossem Deus. Deus a cada instante muda de face.

Feliz aquele que pode reconhecê-lo sob cada uma de suas feições!

Ora é um copo de água fresca, ora um filho que brinca em nossos joelhos; é uma mulher feiticeira ou simplesmente um passeio matinal.

Pouco a pouco, em minha volta, sem mudar de forma, tudo se tornou um sonho. Eu era feliz. Terra e Paraíso formavam um todo.

Uma flor do campo, com uma grande gota de mel no coração — que minha alma, uma abelha selvagem, saqueava: assim me parecia a vida.

De repente, vi-me brutalmente arrancado dessa beatitude. Ouvi passos e cochichos atrás de mim. No mesmo instante, uma voz alegre:

— Patrão, vamos embora!

Zorba estava diante de mim e seus olhos brilhavam com um lampejo diabólico.

— Vamos partir? — fiz eu com alivio. — tudo terminou?

— Tudo! — disse Zorba, batendo no bolso superior do casaco, — eu tenho aqui dentro a floresta. Que ela nos traga sorte! E aqui estão as sete mil balas que Lola nos levou!

Tirou do bolso interior um maço de notas.

— Tome — disse, — pago minhas dívidas, não me envergonha mais diante de você. Aí estão também as meias, as bolsas, os perfumes e a sombrinha de Madame Bubulina. E também os amendoins do papagaio! E a salva que eu lhe trouxe, ainda por cima!

— Dou-lhe tudo de presente, Zorba — disse, — vá acender um círio do seu tamanho à Virgem que você ofendeu.

Zorba voltou-se. Pater Zaharia vinha vindo, com o hábito bolorento e imundo, botas acalcanhadas. Puxava os dois animais pela rédea.

Zorba mostrou-lhe o bolo de notas.

— Vamos repartir, Pater José — disse ele. — você compra cem quilos de bacalhau e come, meu pobre velho, come até rebentar a pança. Até que vomite e se liberte! Venha, abra a mão.

O monge pegou as notas sebentas e escondeu-as no peito.

— Vou comprar petróleo — disse.

Zorba baixou a voz e falou ao ouvido do monge:

— É preciso que seja noite, que todo o mundo esteja dormindo e o vento sopre forte — recomendou-lhe. — você vai molhar as paredes em todos os cantos. Basta embeber de petróleo os trapos, os esfregões, a estopa, o que você encontrar, e tocar fogo.

Compreendeu?

O monge tremia.

— Mas, não trema assim, meu velho! O arcanjo não lhe deu a ordem? Então, petróleo, muito petróleo... e passe bem!

Montamos. Deitei um último olhar ao mosteiro.

— Soube de alguma coisa Zorba? — perguntei.

— Sobre o tiro? Não se preocupe, patrão. Zaharia bem que tem razão: Sodoma e Gomorra! Domético matou o belo fradinho. Pronto!

— Dométios? Por quê?

— Não vá remexer nisso, patrão, eu peço, é só mau cheiro e podridão.

Voltou-se para o mosteiro. Os monges saíam do refeitório, cabeças baixas, mãos cruzadas, e iam se fechar em suas celas.

— Vossa maldição caia sobre mim, santos padres! — bradou ele.

Capítulo XIX

A primeira pessoa que encontramos de volta à praia, ao cair da noite, foi a nossa Bubulina, de sentinela diante do barracão. Quando acendemos o lampião e vi seu rosto, fiquei assustando.

— Que tem você, Madame Hortência? Está doente?

Desde o instante em que luzia em seu espírito a grande esperança, o casamento, nossa velha sereia perdera, toda a sua indefinível e suspeita sedução. Esforçava-se por apagar todo o passado e deixava de lado as vistosas plumas com que se tinha enfeitado, depenando paxás, beis, almirantes. Queria apenas tornar se uma gralha séria e correta. Uma mulher honesta. Não se pintava mais, não se fardava mais, deixava-se levar.

Zorba não abria a boca. Torcia nervosamente o bigode recém-pintado. Inclinou-se, acendeu o fogareiro e pôs água para ferver, para o café.

— Cruel — disse de súbito a voz rouca da velha cantora.

Zorba levantou a cabeça e fitou-a. Seus olhos se abrandaram.

Era-lhe impossível que uma mulher se dirigisse a ele em tom aflito sem deixá-lo completamente perturbado. Poderia afogar-se numa lágrima de mulher.

Nada disse, pôs o café e o açúcar e mexeu.

— Por que me faz penar tanto tempo antes de se casar comigo? — arrulhou a velha sereia. — não ouso mais me mostrar na aldeia. Estou desonrada! Vou me matar!

Deitara-me fatigado na cama, e apoiado o travesseiro, saboreava esta cena cômica e dolorosa.

— Por que não trouxe as coroas de casamento?

Zorba sentiu a mão gorducha da Bubulina tremer no seu joelho.

Este joelho era o último lugar da terra firme ao qual se agarrava esta criatura mil e uma vezes naufragada.

Dir-se-ia que Zorba o compreendera e que seu coração se adoçara. Mas, ainda desta vez, nada disse Serviu o café nas três xícaras.

— Por que não trouxe as coroas, meu querido? — repetiu, numa voz fremente.

— Não há coroas bonitas em Cândia — respondeu Zorba num tom seco.

Ofereceu a cada um sua xícara e se agachou a um canto.

— Escrevi para Atenas, mandando vir umas lindas — prosseguiu. — encomendei também círios brancos e confeitos de chocolate e de amêndoas torradas.

À medida que falava, sua imaginação ia pegando fogo. Os olhos brilhavam e tal como o poeta na hora ardente da criação, Zorba movia-se em alturas onde se misturavam a ficção e a verdade e se reconhecem como irmãs. Assim acocorado, descansava e bebia ruidosamente o café; acendeu um segundo cigarro — o dia fora bom, tinha a floresta no bolso, pagara as dividas e estava contente.

Prosseguiu:

— É preciso que nosso casamento faça barulho, minha Bubulinazinha; vai ver que vestido de noiva encomendei para você!

Foi por isso que fiquei tanto tempo em Cândia, meu amor. Fiz vir de Atenas duas grandes costureiras e disse a elas: a mulher com quem vou me casar não tem igual nem no Oriente nem no Ocidente! Foi rainha de quatro potências, mas hoje está viúva; as Potências morreram e ela consente em me aceitar como marido.

Quero, portanto, que seu vestido de noiva não tenha igual, ele também: todo de seda, pérolas e estrelas de ouro. As duas costureiras soltaram exclamações: — mas vai ser lindo demais! Todos os convidados vão ficar cegos! — pior para eles, disse eu, que importa? Contanto que minha bem-amada esteja contente!

Apoiada à parede, Madame Hortência escutava. Um sorriso espesso, carnudo, fixara-se no rostinho flácido e gasto, e a fita rosa do pescoço estava a ponto de rasgar-se.

— Quero dizer-lhe uma coisa no ouvido — sussurrou ela, lançando a Zorba um olhar mortiço.

Zorba piscou-me o olho e inclinou-se.

— Trouxe-lhe uma coisa, esta noite — sussurrou a futura esposa, metendo a lingüinha na grande orelha peluda.

Tirou do corpete um lenço amarrado em trouxa e entregou a Zorba.

Ele pegou o lencinho com dois dedos e o colocou no joelho direito; depois, virando-se para a porta, olhou para o mar.

— Não vai tirar o nó, Zorba? — disse ela. — estou vendo que não está com nenhuma pressa!

— Deixe eu tomar primeiro o café e fumar um cigarro — disse ele.

— já desamarrei, sei o que está dentro.

— Desate o nó, desate o nó! — suplicou a sereia.

— Já disse que vou fumar primeiro!

E lançou-me um olhar pesado de reprimenda, como para me dizer: "Tudo isso por sua culpa!"

Ele fumava lentamente, soltando a fumaça pelo nariz e olhando o mar.

— Amanhã teremos o siroco, disse. — o tempo mudou. As árvores vão inchar, os seios das moças também, não caberão nos corpetes. A marota da primavera, invenção do Diabo!

Calou-se. Depois, ao cabo de um momento:

— Tudo o que há de bom nesse mundo é uma invenção do

Diabo: as mulheres bonitas, a primavera, o leitão assado, o vinho, tudo isso, foi o Diabo que fez. E o bom Deus fez os monges, os jejuns, a infusão de camomila e as mulheres feias, puah!

Dizendo isso, lançou um olhar feroz sobre a pobre Madame Hortência que o ouvia, encolhida num canto.

— Zorba! Zorba! — implorava ela a cada instante.

Mas ele acendeu novo cigarro e tornou a contemplar o mar.

— Na primavera — disse ele, — quem governa é satã. Despertam os cintos, as blusas desabotoam, as velhas suspiram...

Hê! Dona Bubulina, tire as patas!

— Zorba! Zorba!... — implorou de novo a pobre mulher.

Abaixou-se, pegou o lencinho e meteu-o na mão de Zorba.

Ele então jogou fora o cigarro, segurou o nó e o desfez.

Tinha agora a mão aberta e olhava.

— Que é isso, dona Bubulina? — fez aborrecido.

— Anéis, aneizinhos, meu tesouro. Alianças — murmurou trêmula a velha sereia. — o padrinho está aí, a noite é linda, o bom Deus nos olha... vamos ficar noivos, meu Zorba!

Zorba olhava ora para mim, ora para Madame Hortência, ora para as alianças. Uma multidão de demônios brigava dentro dele e, naquele momento, nenhum deles levava a melhor. A pobrezinha olhava-o com terror.

— Meu Zorba! Meu Zorba!... — arrulhava ela.

Levantara-me da cama e aguardava. De todos os caminhos aberto diante dele, qual escolheria Zorba?

De súbito abanou a cabeça. A decisão estava tomada. Bateu as mãos e levantou-se de um salto.

— Vamos sair! — gritou. — vamos sob as estrelas, para que o bom Deus nos veja! Patrão, pegue as alianças; você sabe rezar os salmos?

— Não — respondi divertido. — mas eu me arranjo.

Já tinha saído da cama e ajudei a mulher se levantar.

— Pois eu sei. Tinha esquecido de dizer que também já fui menino de coro; ajudava o padre nos casamentos, batizados e enterros, e aprendi de cor os cantos da igreja. Venha, minha Bubulina, venha minha franguinha, conduza você, minha fragata de França, ponha-se à minha direita.

De todos os demônios de Zorba, era ainda o demônio farsante de bom coração que levava a melhor. Zorba tivera piedade da velha cantora, seu coração se despedaço ao ver o olho fanado fixando-o com tanta ansiedade.

— Ao Diabo — murmurou ao se decidir, — ainda posso dar uma alegria ao bicho mulher, vamos lá!

Lançou-se à praia, tomou o braço de Madame Hortência, deu-me as alianças, virou-se para o mar e começou a recitar os salmos:

"Bendito seja o Senhor nos séculos dos séculos, Amém!"

Virou-se para mim:

— Ajude, patrão. Quando eu gritar: Hohé! Hohé! Você passa as alianças.

Continuou a recitar, com a grossa voz de burro:

"Pelo servo de Deus, Alexis, e a serva de Deus, Hortência, noivos um do outro e pela sua salvação imploramos o senhor!"

— Kyrie Eleison! Kyrie Eleison! — cantarolava eu, retendo o custo o riso e as lágrimas.

— Ainda tem outros versículos que me enforquem se ainda lembro deles! Mas vamos ao assunto.

Caiu de bruços e gritou:

— Hohé! Hohé! — estendendo-me a manopla.

— Estica a mãozinha, você também, senhora de meu coração — disse ele à noiva.

A mão roliça, estragada pelos trabalhos caseiros, estendeu-se trêmula.

Pus-lhe a aliança no dedo, enquanto Zorba, fora de si, gritava como um dervixe:

"O servo de Deus, Alexis, está noivo da serva de Deus, Hortência, em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo, Amém! A serva de Deus, Hortência, está noiva do servo de Deus, Alexis..."

— Pronto, terminou. Venha cá, minha franguinha, que eu vou lhe dar o primeiro beijo honesto de sua vida!

Mas Madame Hortência tinha-se atirado ao chão. Abraçava as pernas de Zorba e chorava, Zorba abanou a cabeça compadecido:

— Coitada das mulheres! — murmurou.

Madame Hortência levantou-se, sacudiu as saias e abriu os braços.

— Hé! Hé! — gritou Zorba. — hoje é terça-feira Santa, tenha modos! Estamos na quaresma! Paciência minha querida, espere até a Páscoa, nós vamos comer carne. Vamos quebrar ovos vermelhos.

Agora já são horas de você voltar para casa. Que é que vão dizer se virem você na rua a estas horas?

Bubulina implorava com os olhos.

— Não, não! — fez Zorba, — no domingo de Páscoa! Venha conosco, patrão.

Disse-me ao ouvido:

— Não deixe a gente só, pelo amor de Deus! — sussurrou. — não estou em forma.

Tomamos o caminho da aldeia. O céu brilhava, o cheiro do mar nos envolvia, gemiam as aves noturnas. Pendurava ao braço de Zorba a velha sereia deixava-se levar, feliz e melancólica.

Tinha, enfim, chegado ao porto que tanto desejava. A vida toda ela cantara, farreava, zombara das mulheres honestas, mas nunca fora feliz. Quando perfumada, rebocada, vestida de toaletes vistosas, passava nas ruas de Alexandria, de Beirute, de Constantinopla, e via mulheres amamentando bebês, o peito lhe formigava, inchava, intumesciam-se os seios, esmolando eles também uma boca de criança. "Casar-me, casar-me e ter um filho..." sonhara e suspirava por isso durante toda a vida. Mas nunca revelara a vivalma seus sofrimentos. E agora, Deus seja louvado! Um pouco tarde, mas melhor do que nunca: entrava ela, desgovernada e batida pelas ondas, no porto tão desejado.

De quando em quando levantava os olhos e arriscava uma olhadela sobre o homenzarrão desajeitado que ia ao seu lado. Não é, pensava, um rico paxá com um fez de borla de ouro, não é um lindo filho de um bei, mas

é melhor que nada. Deus seja louvado! Será meu marido, meu marido de verdade!

Zorba sentia-lhe o peso e a arrastava, com pressa de chegar à aldeia e se desembaraçar dela. E a coitada tropeçava nas pedras, as unhas dos pés quase lhe saindo, os dedos doendo, mas nada dizia.

Para que falar? Para que se queixar? Tudo ia bem, apesar dos pesares!

Já tínhamos transposto a Figueira da Donzela e o jardim da viúva. Apareciam as primeiras casas da aldeia. Paramos.

— Boa noite, meu tesouro — disse a velha sereia, com meiguice, pondo-se nas pontas dos pés para chegar à boca do noivo.

Mas Zorba não se inclinava.

— Devo jogar-me a seus pés para beijá-los, meu amor? — disse a mulher, prestes a se deixar cair ao chão.

— Não, não! — protestou Zorba, comovido, tomando-a nos braços.

— eu é que devia beijar os seus pés, meu coração, mas estou com preguiça. Boa noite!

Nós a deixamos e seguimos em silêncio para casa, aspirando a fundo o ar perfumado. De súbito Zorba virou-se para mim:

— Que é que a gente deve fazer, patrão? Rir? Chorar? Me dê um conselho.

Não respondi. Eu também tinha a garganta apertada e não sabia por que: soluço? Riso?

— Patrão — disse Zorba de um jato, — como é que se chamava esse velhaco Deus antigo que não deixava uma só mulher se queixar?

Ouvi dizer qualquer coisa a respeito. Parece também que ele tingia a barba, tatuava os braços e virava touro, cisne, carneiro, burro. Diga qual é o seu nome!

— Acho que você está falando de Zeus. Como é que foi se lembrar dele?

— Que a terra lhe seja leve! — disse Zorba, levantando os braços para o céu. — meteu-se em boas! Como deve ter sofrido! Um grande mártir, na verdade! Pode crer, patrão, eu manjo um bocado disso!

Você engole tudo o que dizem seus livrecos.

Mas, essa gente que escreve, são uns pedantes! De fato, que é que eles sabem de mulheres e de conquistas de mulheres? Puras histórias!

— Por que você próprio não escreve, Zorba, para nos explicar todos os mistérios do mundo? — caçoei eu.

— Por quê? Pela simples razão de que eu vivo todos os mistérios que você conta, e por isso não tenho tempo de escrever sobre eles.

Uma hora é a guerra, uma hora são as mulheres, uma hora o vinho, uma hora o santuri: onde vou achar tempo para pegar na boba da pena? E foi assim que a coisa caiu nas mãos dos arranha-papéis. Você vê que todos os que vivem os mistérios não tem tempo de escrever, e todos os que tem tempo não vivem os mistérios. Morou?

— Voltemos à vaca fria! E Zeus?

— Ah, o pobre diabo! Só eu sei que sofreu. Ele amava as mulheres, é certo, mas não como vocês pensam, vocês, os arranha-papéis! De jeito nenhum! Ele tinha pena delas. Compreendia o sofrimento de todas, se sacrificava por elas. Quando via, num buraco qualquer de província, uma solteirona murchando de desejo e desgosto, ou uma bonita mulherzinha — palavra, mesmo que não fosse bonita, mesmo que fosse um monstro — que não pudesse conciliar o sono porque o marido estava ausente, ele fazia o sinal da cruz, o bom coração, mudava de roupa, tomava a figura que a mulher tinha no pensamento e entrava no seu quarto. Muitas vezes, não tinha a menor vontade de se ocupar com namoricos. Muitas vezes, ele estava mesmo cansado e a gente compreende: como chegar para tantas cabras, o pobre bode! Mais de uma vez tinha preguiça, não estava em forma; você já viu um bode depois de cobrir várias cabras? Ele baba, tem os olhos turvos e ramelentos, tosse, mal se aguenta nas patas. Pois bem, muitas vezes o pobre Zeus ficava nesse estado lastimoso. De manhazinha, chegava em casa dizendo: "Ah, bom Deus! Quando é que vou poder enfim me deitar e dormir até não querer mais! Já não me aguento em pé!" e não parava de limpar a saliva.

Mas de repente, ele ouvia um queixume: cá embaixo na terra, uma mulher atirava os lençóis para o ar, saía para o terraço quase nua e dava um suspiro. Logo o meu Zeus se tomava de piedade. "Que miséria, gemia ele,

tenho que voltar à terra. Tem uma mulher se lamentando, eu vou consolar!" e fazia tanto, e tão bem, que as mulheres o esvaziaram completamente. Adoeceu dos rins, começou a vomitar, ficou paralítico e morreu. Foi então que veio Cristo, seu herdeiro. Viu o estado de penúria do velho. "Pra longe as mulheres!"

Exclamou ele.

Admirava o frescor do espírito de Zorba e torcia-me de rir.

— Pode rir, patrão; mas se o Deus-Diabo fizer os nossos negócios andarem bem — isso me parece impossível, mas enfim! — sabe que loja eu vou abrir? Uma agência de casamentos. Então, as pobres mulheres que não puderem fisgar um marido, vão chegar: as solteironas, as feias, as cambetas, as vesgas, as mancas, as corcundas, e eu recebo todas numa salinha com uma porção de retratos de belos rapazes nas paredes e digo a elas:

"Escolham, belas senhoras, aquele que agradar, e eu faço os arranjos para se tornar seu marido."

Então eu pego um gajo qualquer meio parecido, visto como na foto, dou-lhe um dinheiro e digo: rua tal, número tal, vai correndo procurar uma tal e lhe faça a corte. Não banque o difícil, sou eu que pago. Durma com ela. Recite todas aquelas doçuras que os homens dizem as mulheres e que a pobre criatura nunca ouviu. Jure que vai casar com ela. Dê a infortunado um pouco daquele prazer que as cabras conhecem, e também as tartarugas e as mil patas. E se aparecesse algum dia um velha cabra no gênero da nossa Bubulina, que ninguém ia querer consolar nem por todo o ouro do mundo, eu fazia o sinal da cruz, e me encarregava dela pessoalmente, eu, o diretor da agência. Então você ia ouvir todos os imbecis dizerem:

"Vejam só! Que velho debochado! Então não tem olhos para ver, nem nariz para cheirar?" — "Sim, bando de desalmados, eu tenho um nariz, mas tenho também um coração e sinto pena dela! E quando se tem um coração, a gente pode ter todos os narizes e olhos que quiser, eles não valem nada!" e quando eu estiver completamente impotente por causa das aventuras, e for para o outro mundo, Pedro-o-guarda-chaves vai me abrir a porta do Paraíso: "Entre, pobre Zorba", dirá; "Entre, grande mártir Zorba, vá se deitar ao lado do seu confrade Zeus. Descanse, meu bravo, você penou muito na terra, receba minha bênção!"

Zorba falava. Sua imaginação armava laços em que ele próprio caía. Ao passarmos pela Figueira da Donzela, suspirou, e com o braço estendido como se prestasse um juramento:

— Não se inquiete, minha Bubulina, minha velha barcaça apodrecida e desgovernada! Não se inquiete, eu a consolo! As quatro grandes potências a abandonaram, a mocidade a abandonou, o bom Deus a abandonou, mas o Zorba aqui não a abandona!

Passava da meia-noite quando chegamos à nossa praia.

Começou a ventar. Lá da África vinha o vento quente do sul que inchava as árvores, as vinhas, os seios de Creta. A ilha toda, estendida sobre o mar, recebia arrepiada os sopros quentes do vento que fazia a seiva subir. Zeus, Zorba e o vento sul misturavam-se e eu distinguia, muito preciso, dentro da noite, um rosto pesado de homem de barba preta, cabelos pretos besuntados de óleo a se debruçar, com os lábios vermelhos e quentes, sobre Madame Hortência, a Terra.

Capítulo XX



Assim que chegamos, fomos nos deitar. Zorba esfregava as mãos, satisfeito.

— Dia bom esse, patrão! Bem cheio, puxa! Pense bem: esta manhã estávamos lá nos confins do mosteiro e levamos o Higumeno no embrulho. Que a sua maldição nos caia em cima. Depois descemos, encontramos Dona Bubulina, ficamos noivos. Olhe aqui a aliança! Ouro de primeira. Ainda restavam duas libras inglesas, diz ela que quem deu foi o almirante inglês no final do outro século. Ela estava guardando para o enterro, mas preferiu mandar o joalheiro fazer as alianças. Estranho mistério que é o homem!

— Dumas, Zorba — disse eu. — acalme-se! Por hoje basta. Amanhã teremos uma solene cerimônia vamos plantar a primeira pilastra do teleférico. Mandei dizer ao padre Stefânio para vir.

— Fez bem, patrão, não é bobagem, não! Que venha o padre-barba-de-bode, que venham também as maiorias da aldeia; vamos até distribuir umas velinhas para eles acenderem. Essas coisas causam impressão: consolidam os nossos negócios. Não olhe para o que eu faço, eu cá tenho um Deus pessoal e um Diabo pessoal Mas as pessoas...

Pôs-se a rir. Ele não podia dormir, com o cérebro em ebulição.

— Olhe — disse ao cabo de um momento, — o meu velho avô... a terra lhe seja leve!... era também um debochado como eu; e mesmo assim, o velho sacripanta foi ao Santo Sepulcro e se tornou hadji.

Deus sabe pra quê! Quando voltou à aldeia, um de seus compadres, ladrão de cabras que nunca fizera nada de limpo, lhe disse: "Então, compadre, não trouxe um pedaço da Santa Cruz do Sepulcro?" — "E como que eu não trouxe! Diga, meu sabido compadre, acha que eu ia me esquecer de você? Vá esta noite lá em casa, leve o padre para abençoar e eu lhe entrego. Leve também um leitãozinho assado e vinho, vamos festejar o acontecimento.

De tardinha, meu avô chega em casa. Tira da porta, já toda carcomida, uma lasquinha de madeira, não maior que um grão de arroz, envolve num pouco de algodão, pinga em cima uma gota de azeite e espera. Logo depois, chega o compadre com o padre, o leitãozinho e o vinho. O padre põe a estola e dá a bênção. Ele faz a entrega do pedaço da madeira e depois todos se atiram ao leitão.

Pois acredite se quiser, patrão! O compadre se ajoelhou diante do pedaço de porta, depois pendurou-o no pescoço, e desse dia em diante virou outro homem. Mudou em tudo e por tudo. Foi para a montanha, juntar-se aos armatolas e aos cleftas (Tribos Guerreiras do Norte da Grécia, sob o domínio Turco), incendiar aldeia turcas.

Corria, valente, no meio das balas. Por que devia ter medo? Trazia com ele um pedaço da Santa Cruz, o chumbo não podia atingir o seu corpo.

Zorba desatou a rir.

— A ideia é tudo — disse. — você tem fé? Então uma lasca de porta velha vira uma Santa relíquia. Você não tem fé? A Santa Cruz todinha vira porta velha.

Admirava esse homem cujo cérebro funcionava com tanta segurança e audácia e cuja alma, em qualquer ponto que se tocasse, lançava fagulhas.

Já esteve na guerra, Zorba?

— E eu sei? — respondeu franzindo a testa. — não me lembro. Que guerra?

— Bem, quero dizer, você já foi lutar pela pátria?

— Se você mudasse de assunto, hein? Besteiras passadas, besteiras esquecidas.

— Chama isso de besteiras, Zorba? Não tem vergonha? É assim que fala da sua pátria?

Zorba levantou a cabeça e olhou-me. Estava estirado na cama e por cima de mim brilhava a lâmpada de azeite. Fitou-me um longo momento, com severidade; depois, agarrando os bigodes com ambas as mãos:

— Você é ingênuo e pedante, patrão... salvo o devido respeito — disse finalmente. — tudo o que digo é como se estivesse cantando.

— Como assim? — protestei. — compreendo muito, Zorba!

— Sim, você compreende com a cabeça. Você diz: "isto é justo, isto não é justo; é assim ou não é assim, você está certo ou está errado". Mas isso leva a gente para onde? Enquanto você fala, eu observo seus braços, seu peito. Pois bem, que é que eles fazem?

Ficam mudos. Não dizem nada. Como se não tivessem uma gota de sangue. Então, como é que você que compreender? Com a cabeça?

Pff!

— Vamos, fale claramente, Zorba, não tente fugir! — exclamei para excitá-lo. — creio que você não se aflige muito pela pátria, hein, seu malandro?

Zangou-se e deu um soco na parede que fez ressoar a lataria.

— O papaizinho aqui, vociferou, tinha bordado com os próprios cabelos a Igreja de Santo Sofia num pedaço de pano que trazia pendurado no pescoço, contra o peito, como amuleto. Perfeitamente, meu velho, foi com essas grande patas que eu bordei, e com esses pêlos aqui, que eram, naquele tempo, pretos como azeviche. Esse que lhe fala vagou com Pavlo Melas (oficial grego que se destacou na Guerra contra os comitadjis búlgaros) pelos rochedos da Macedônia — um rapagão, um colosso mais alto que esse barracão, que eu era — com minha fustanela, meu fez vermelho, meus berloques de prata, meus amuletos, meu sabre, minhas cartucheiras e minhas pistolas.

Estava coberto de ferro, de prata e de pregos e quando andava, os metais tilintavam como se passasse um exército! Veja, olhe... olhe... !

Abriu a camisa e abaixou as calças.

— Traga a luz, ordenou.

Aproximei a lâmpada do corpo magro e bronzeado: talhos profundos, cicatrizes de balas, golpes de sabre; seu corpo era uma verdadeira peneira.

— Olhe agora do outro lado!

Virou-se, mostrando as costas.

— Você está vendo, por trás nem um só arranhão. Morou? Então, leve a lâmpada.

— Bobagens! — urrou furioso. — uma vergonha! Meu velho, quando é que o homem vai virar verdadeiramente um homem? A gente veste calça, colarinho, chapéu, mas ainda somos umas mulas, lobos, raposas, porcos. Dizem que somos a imagem de Deus! Quem?

Nós? Que piada!

Dir-se-ia que lembranças terríveis lhe vinham ao espírito e ele se exasperava cada vez mais, murmurando, entre os dentes moles e estragados palavras vacilantes.

Levantou-se, pegou a garrafa d'água, bebeu a grandes tragos; depois, refeito, acalmou-se um pouco.

— Onde você me tocar, eu grito — disse ele. — sou todo chagas e pisadelas, e você a me falar de mulheres! Eu, quando senti que era um homem de verdade, parei de olhar para elas. Tocava nelas um minuto, assim, de passagem, como um galo, e depois ia embora.

Essas fuinhas sujas, dizia comigo, querem é sugar toda a minha força, puah! Que se enforquem!

Então, peguei meu fuzil e pé na estrada! Entrei para as guerrilhas como comitadji. Um dia, já escurecendo, fui dar numa aldeia búlgara e me escondi num estábulo, na casa do padre búlgaro que era, ele próprio, um feroz comitadji, uma besta sanguinária. De noite, tirava a batina, punha roupas de pastor, pegava nas armas e penetrava nas cidades gregas. Voltava de manhã, antes de clarear o dia, pingando lama e sangue, e ia dizer a missa. Alguns dias antes de minha chegada, ele tinha matado um professor grego na cama, enquanto dormia. Eu, então, entro no estábulo do padre, me deito na palha atrás dos bois, e espero. Lá pela tardinha, vem

o padre dar comida aos animais. Aí eu me jogo sobre ele e o degolo como um carneiro; corto as orelhas e guardo no bolso. Eu fazia coleção de orelhas búlgaras, compreende você? Então, pego as orelhas do padre e dou no pé.

Alguns dias depois, volto à mesma aldeia; em pleno meio-dia, fingindo que era mascate. Tinha deixado as armas na montanha e vinha comprar pão, sal, sapatos para os camaradas. Defronte de uma casa, vejo cinco garotinhos, todos de preto, descalços, de mãos dadas, pedindo esmolas. Três meninas e dois meninos. O maior não devia ter mais de dez anos, o menor era ainda um bebê que a mais velha das meninas carregava no braço, beijando e acariciando para ele não chorar. Não sei como, sem dúvida, foi uma inspiração divina, tive ideia de chegar perto deles:

— Vocês são os filhos do padre? — perguntei em búlgaro.

O maior dos meninos levanta a cabecinha:

— Do padre que degolaram outro dia no estábulo — respondeu.

Fiquei com lágrimas nos olhos. A terra começou a girar como uma roda de moinho. Eu me apoiei na parede e ela parou de rodar.

— Venham cá, meus meninos — disse, — cheguem perto de mim.

Tiro a bolsa do cinto; estava cheia de libras turcas e de medjidiês. Ajoelho e despejo tudo no chão.

— Tomem — grito eu, — tomem! Tomem!

As crianças se jogam ao chão e começam a catar libras e medjidiês.

— É para vocês, é para vocês! — eu gritava, — peguem tudo!

E ainda deixei com eles a minha cesta com as compras.

— Tudo isso também é para vocês, tomem!

E logo vou ter com camaradas. Saio da aldeia, abro a camisa, tiro a Santa Sofia que eu tinha bordado rasgo, jogo para o ar, e pernas para que te quero! E até hoje ainda corro...

Zorba encostou-se à parede, voltando-se para mim:

— Foi assim que me libertei — disse.

— Libertou-se da pátria?

— Sim, da pátria — respondeu com voz firme e calma.

E pouco depois:

— Livre da pátria, livre dos padres, livre do dinheiro. Eu vou peneirando. Quanto mais eu vivo, mais eu passo na peneira. Eu me alivio. Como direi? Eu me liberto, viro um homem.

Os olhos de Zorba brilharam, sua boca enorme ria de satisfação.

Calou-se um momento e recomeçou. Seu coração transbordava, não podia mais controlá-lo.

— Teve um tempo que eu dizia: aquele é um turco, um búlgaro; este é um grego. Eu fiz pela pátria coisas que deixavam você de cabelo em pé, patrão. Degolei, roubei, queimei aldeias, violei mulheres, exterminei famílias. Por que? Pretextando que eram búlgaros, turcos. Puah! Vá para o Diabo, seu sujo, eu me xingo muitas vezes. Vá para o Diabo imbecil! Agora, olhe o que eu digo: este é um homem direito, aquele é um sujo. Tanto faz se é búlgaro ou grego, não faz diferença. É bom? É mau? É só o que me pergunto hoje. E mesmo assim, agora que estou envelhecendo, juro pelo pão que como, acho que nem vou perguntar mais. Meu velho, sejam bons ou maus, tenho pena de todos. Quando vejo um homem, mesmo que eu banque o indiferente, isso me dói nas entranhas. Olhe, o coitado, digo para mim, ele também come, bebe, ama, tem medo; ele também tem o seu Deus e o seu Diabo; ele também vai bater as botas, e se deitar bem esticado embaixo da terra e ser comido pelos vermes. Eh! Coitado! Somos todos irmãos. Todos carne para os vermes.

É se é uma mulher, ah! Então, garanto, que me dá vontade de choramingar. Sua senhoria caçoa de mim dizendo toda hora que eu amo as mulheres. Como é que você quer que não ame, meu velho.

São criaturas fracas, que não sabem o que fazem, e que se entregam sem resistência, mal a gente lhe pega num seio.

Uma vez, entrei numa outra aldeia búlgara. Um grego importante da aldeia me viu, o sujo, me denunciou aí eles cercaram a casa onde eu estava. Então eu subo pelo terraço, passo de um telhado para outro; tinha luar,

salto de terraço em terraço, como um gato. Mas eles percebem minha sombra, trepam no telhado e abrem fogo. Que fazer, então? Escorrego para um pátio. Lá tinha uma búlgara deitada de camisola. Quando me viu, abriu a boca para gritar, mas eu estendi o braço, murmurando: Por favor! Por favor! Cale-se!

Eu lhe agarro o peito. A mulher empalideceu, quase desmaia:

— Entra — diz baixinho, — entra para ninguém ver a gente.

Entro, ela me aperta a mão: — você é grego?

— Sim, sou grego, não vá me trair. Pego nela pela cintura, não dizia nada. Dormi com ela e estava com o coração tremendo de doçura: olha só, dizia para mim, maldito Zorba, isto é uma mulher, isto é um ser humano! Quem é essa aqui? Búlgara? Grega? Papua? É a mesma coisa, velhinho! É um ser humano que tem boca, seios que ama. Você não tem vergonha de matar? Porco!

Veja o que eu dizia para mim, enquanto estava com ela, no seu calor. Mas a pátria não me deixava sossegado. Parti de manhã, com as roupas que a búlgara, que era viúva, tinha me dado. Tirou da arca as roupas do falecido, deu para mim e abraçava os meus joelhos, suplicando que eu voltasse.

Sim, sim, voltei na noite seguinte. Eu era patriota, compreende você, um animal selvagem; voltei com um galão de petróleo e toquei fogo na aldeia. Ela também deve ter sido queimada, a infeliz.

Chamava-se Ludmila.

Zorba suspirou. Acendeu um cigarro, aspirou duas ou três tragadas e jogou-o fora.

— A pátria, você diz... acredita nas baboseiras que seus livros contam! É em mim que deve acreditar. Enquanto tiver pátrias, o homem continua um animal feroz... mas eu, Deus seja louvado! Eu me libertei pronto! E você?

Não respondi. Invejava este homem que estava diante de mim, e que vivera com a carne e com o sangue — combatendo, matando, beijando — tudo aquilo que me esforçava para conhecer, com papel e tinta. Todos os problemas que eu procurava decifrar, nó após nó, na minha solidão e pregado à minha cadeira, este homem os tinha resolvido no meio das montanhas, ao ar livre, com seu sabre.

Fechei os olhos, inconsolável.

— Está dormindo, patrão? — disse Zorba aborrecido. — e o imbecil aqui falando!

Esticou-se, resmungou, e pouco depois ressonava.

Não pude pregar o olho a noite inteira. Um rouxinol, que se ouvia pela primeira vez essa noite, encheu a nossa solidão de uma tristeza insuportável, e de súbito, senti correrem-me lágrimas.

Eu sufocava. De madrugada, levantei-me e, da porta, contemplei o mar e a terra. Pareceu-me que o mundo tinha mudado em uma noite. À minha frente, na areia, uma moitinha espinhosa, ainda ontem miserável e triste, cobria-se de minúsculas flores brancas. No ar espalhara-se um longínquo e suave perfume de limoeiros e laranjeiras em flor. Avancei alguns passos. Não podia me fartar do milagre eternamente renovado.

De repente, ouvi atrás de mim um grito alegre. Voltei-me.

Seminu, Zorba se levantara, pulara até a porta e contemplava, espantado, a nova primavera.

— Que é isto? — exclamou ele, estupefato. — este milagre, patrão, este azul que se move lá longe, como é mesmo que a gente chama?

Mar? Mar? E isto aqui que veste um avental verde com flores? Terra?

Qual é o artista que fez os dois? Eu juro, patrão, é a primeira vez que vejo isto.

Seus olhos estavam embaçados.

— Eh! Zorba — disse-lhe, — ficou maluco?

— Por que está rindo? Então não vê? Tem magia nisso, patrão!

Lançou-se para fora, pôs-se a dançar, rolando na relva como um poldro na primavera.

O sol apareceu. Estendi as mãos para aquecê-las. Os galhos enchiam-se de brotos, os peitos inchavam também a alma se desabrochava como uma árvore; sentia-se que alma e o corpo são modelados com a mesma substância.

Zorba se levantara, os cabelos cheios de orvalho e de terra.

— Depressa, patrão! — gritou ele. — vamos nos vestir, pôr-nos bonitos. Hoje é a bênção. O padre e os

importantes não tardam chegar. Se virem a gente espojando na relva, que vergonha para a sociedade! Então, vamos pôr os colarinhos e as gravatas! Vamos enfiar as máscaras de sérios! Não há de ser nada, se a gente não tem cabeça, basta ter um chapéu. Patrão, o mundo merece que a gente cuspa em cima.

Vestimo-nos; os trabalhadores chegaram, os importantes apareceram.

— Porte-se bem, patrão, prenda o riso, não podemos parecer ridículos.

À frente ia o padre Stefânio com a sotaina imunda de bolsos fundos. Nas bênçãos, enterros, casamentos, batizados, ele jogava para dentro esses sorvedouros, a torto e a direito, tudo o que se lhe oferecia: passas, roscas, pastéis de queijo, pepinos, almôndegas, confeitos; e à noite, a velha Papadia, sua mulher, punha os óculos e separava tudo, enquanto mastigava.

Atrás do padre Stefânio, os importantes: Kondomanolio, o dono do café, que conhecia o mundo por que fora até Caneia e vira o príncipe George; tio Anagnosti, calmo e sorridente com a camisa de mangas largas brilhando de alva. Grave, solene, o professor com seu bastão; e por último, num andar lento e pesado, vinha Mavrandoni.

Trazia lenço preto na cabeça, camisa e botas pretas. Cumprimentou, apenas movendo os lábios, amargo e feroz, conservando-se afastado, de costas para o mar.

— Em Nome de Nosso Senhor Jesus Cristo! — pronunciou Zorba em tom solene.

Tomou a frente do cortejo e todos o seguiram em religioso recolhimento.

Lembranças seculares de celebrações mágicas se revelaram nesses peitos rústicos. Tinham todos os olhos fitos no padre, como se esperassem vê-lo se defrontar com potências invisíveis e exorcizá-las.

Há muitos milhares de anos, o feiticeiro levantava o braço, aspergia o ar com seu hissope, murmurando palavras misteriosas e todo-poderosas; e os espíritos maus fugiam, enquanto, vindo das águas, da terra e do ar, os espíritos benéficos acorriam em socorro do homem.

Chegamos ao buraco cavado perto do mar para receber a primeira estaca do teleférico. Os trabalhadores levantaram um grande tronco de pinheiro e o puseram, bem reto, dentro. O padre Stefânio vestiu a estola, pegou o hissope e, fitando o poste, começou a vocalizar o exorcismo: "Que fique preso a uma rocha sólida, que nem o vente nem a água possam abalar. Amém!"

— Amém! — trovejou Zorba, persignando-se.

— Amém! — murmuraram os importantes.

— Amém! — fizeram, por último, os operários.

— Deus benza vossos trabalhos e vos dê os bens de Abraão e de Isaac! — desejou o padre Stefânio, e Zorba lhe pôs na mão uma nota.

— Minha benção sobre você! — fez o padre satisfeito.

Voltamos ao barracão, onde Zorba ofereceu vinho e salgadinhos da Quaresma — polvo grelhado, lulas fritas, favas ensopadas, azeitonas temperadas. Depois disso, as autoridades voltaram para suas casas, lentamente, pela praia. Terminara a cerimônia mágica.

— Nós nos saímos bem! — diz Zorba, esfregando as mãos.

Despiu-se, pôs a roupa de trabalho e pegou numa picareta.

— Vamos, rapazes! — gritou aos trabalhadores, — um sinal da cruz e para a frente!

O dia todo Zorba não levantou a cabeça. Trabalhou freneticamente. Cada cinqüenta metros, os trabalhadores cavavam buracos e colocavam os postes, dirigindo-se em linha reta para o topo da montanha. Zorba media, calculava, dava ordens. O dia inteirinho não comeu, nem fumou, nem resmungou. Estava todo entregue à tarefa.

— É porque fazemos o trabalho pela metade que exprimimos nossas ideias pela metade — dizia-me por vezes Zorba; — é porque somos pecadores ou virtuosos pela metade que o mundo se encontra agora nessa perdição. Pois vá até o fim, bata forte, não tenha medo, e vencerá. O bom Deus detesta cem vezes mais o meio diabo que o arquidiabo.

À noite, quando chegou do trabalho, deitou-se na areia, morto de cansaço.

— É aqui que eu vou dormir — disse, — esperando que o dia levante para a gente voltar ao trabalho. Vou

pôr equipes funcionando de noite.

— Mas porque tanta pressa, Zorba?

Ele hesitou um pouco.

— Por quê? Pois eu quero ver se achei a boa inclinação. Se falhar, estamos roubados, patrão. Quando mai depressa eu souber, melhor será.

Comeu rapidamente, gulosamente, e pouco depois a praia ecoava com o seu ressonar. Quanto a mim, fiquei acordado muito tempo, seguindo as estrelas no céu. Via-o deslocar-se por inteiro, lentamente, com todas as constelações — e a minha calota craniana, como a cúpula de um observatório, movia-se também, ao mesmo tempo que as estrelas. "Olha a marcha dos astros como se circulasses com eles..." esta frase de Marco Aurélic encheu de harmonia o meu coração.

Capítulo XXI

Era Domingo de Páscoa, Zorba estava todo bonito. Calçara grossas meias de lã cor de berinjela tricotadas, dizia ele, por uma de suas comadres da Macedônia. Subia e descia, inquieto, a colina junto à nossa praia. Pôs as mãos em viseira, acima das espessas sobrancelhas, e à espreita, olhava ao longe, em direção à aldeia.

— Está atrasada, a velha foca; está atrasada, a bandeira esfarrapada.

Uma borboleta recém-nascida levantou voo e quis pousar nos bigodes de Zorba. Mas este, irritado soprou com as narinas e lá se foi ela, tranquilamente, perdendo-se na luz.

Nesse dia esperávamos Madame Hortência para festejar com ela a Páscoa. Tínhamos mandado assar um cordeiro no espeto, estendemos na areia uma toalha branca, tingimos ovos. Decidíramos, entre divertidos e emocionados, fazer-lhe uma grande recepção.

Nesta praia solitária, nossa sereia balofa, perfumada, ligeiramente apodrecida, exercia sobre nós uma estranha atração. Quando não estava conosco, faltava-nos qualquer coisa — um cheiro de água-de-colônia, uma mancha vermelha, um balanceio rebolado, bamboleando, como o de um pato, uma voz rouca e dois olhos amargos e esmaecidos.

Havíamos, pois, cortado ramos de mirta e de loureiro e armado um arco de triunfo sob o qual ela devia passar. Em cima do arco, penduramos as quatro bandeiras — inglesa, francesa, italiana, russa — e ao centro, mais alto, um grande pano branco listrado de azul.

Evidentemente não tínhamos canhão, mas combinamos ficar na colina e dar uma salva de tiros com fuzis que tomamos emprestados, logo que nossa foca surgisse rebolando na praia. Para ressuscitar nesta praia solitária suas grandezas passadas, para dar à pobre coitada um momento de ilusão, e para que se imaginasse novamente uma jovem mulher corada, de peito rijo, sapatos novos e meias de seda. Que mérito teria a ressurreição de Cristo se não pudesse servir de exemplo para a ressurreição, em nós, da juventude e da alegria?

Para que uma velha cocote reencontre os seus vinte anos?

— Está atrasada, a velha foca, está atrasada, a suja, está atrasada, a bandeira esfarrapada... — resmungava Zorba a cada momento, ajeitando as meias cor de berinjela que caíam.

— Venha sentar-se, Zorba! Venha fumar um cigarro à sombra da alfarrobeira. Ela não tarda a aparecer.

De uma olhadela, cheia de ansiedade, para a estrada da aldeia e veio se instalar sob a árvore. Era quase meio-dia e fazia calor. Ao longe, ouviam-se, alegres, vibrante, os sinos de Páscoa. De quando em quando o vento nos trazia os sons da lira cretense: a aldeia estava toda ruidosa, como uma colmeia na primavera.

Zorba balançou a cabeça.

— Lá se foi o tempo em que minha alma ressuscitava em cada festa de Páscoa, ao mesmo tempo que Cristo; lá se foi! — disse ele. — agora só a minha carne é que ressuscita... Naturalmente, há um que paga uma rodada, depois um outro, dizendo: toma esse bocadinho, mais este outro, então eu me encho de uma comida mais abundante, mais gostosa, que não se transforma toda em porcaria. Alguma coisa fica, alguma coisa se salva e vira bom humor, danças, canções, brigas — e é está coisa que eu chamo ressurreição.

Levantou-se, observou o horizonte, franziu a testa: — Lá vem um garoto correndo — disse ele, e se lançou ao encontro do mensageiro.

O menino, pondo-se na ponta dos pés, segredou qualquer coisa no ouvido de Zorba, que pulou, furioso:

— Doente? — urrou ele. — Doente? Suma-se ou lhe quebro a cara!

E voltando-se para mim:

— Patrão, vou dar um pulo até a aldeia para ver o que aconteceu a essa velha foca... tenha um pouco de paciência. Dê cá dois ovos vermelhos, nós dois vamos chocar. Eu volto já!

Pôs nos bolsos os ovos vermelhos, suspendeu as meias cor de berinjela e partiu.

Desci da colina e me estendi na areia fresca. Soprava uma brisa leve, o mar encrespava; duas gaivotas puseram-se a balançar, nas cristas das pequenas ondas, os peitos enfunados, seguindo voluptuosamente o ritmo do mar.

Eu adivinhava, invejoso, o prazer e a frescura de seu ventre.

Olhava as gaivotas e pensava: "Eis a estrada a seguir, encontre o grande ritmo e segui-lo, confiante."

Ao cabo de uma hora, Zorba apareceu, acariciando os bigodes com ar satisfeito.

— A pobrezinha pegou um resfriado. Não é nada. Esses últimos dias, durante toda a Semana Santa apesar de estrangeira, ia às vigílias, dizia que era em minha intenção. E apanhou um resfriado.

Então eu botei nela ventosas, fiz uma fricção com azeite da lamparina, dei-lhe um cálice de rum e amanhã estará nova em folha.

He, a danada é divertida no seu gênero: você devia ter visto ela arrulhando como uma pomba, enquanto eu esfregava, imaginando que eu estava fazendo cócegas!

Fomos para a mesa e Zorba encheu os copos:

— À sua saúde! E que o diabo o leve o mais tarde possível! — disse com ternura.

Comemos e bebemos algum tempo em silêncio. O vento nos trazia, como zumbidos de abelha, os sons longínquos e apaixonados da lira. Cristo ressuscitava ainda nos terraços, o cordeiro pascal e os bolos de Páscoa se transformavam em canções de amor.

Quando Zorba se fartou dos comes-e-bebes, esticou a orelha peluda:

— A lira... — murmurou, — estão dançando na aldeia!

Levantou-se bruscamente. O vinho lhe subira à cabeça:

— Diga lá, que é que estamos fazendo aqui sozinhos como dois palermas? — exclamou. — Vamos dançar! Você não tem pena do cordeiro? Então vai deixar ele ir assim por água a baixo? Vamos, venha, que ele vire danças e canções! Zorba ressuscitou!

— Espere aí, seu doido, você ficou maluco?

— Palavra de honra, para mim, tanto faz, patrão; mas tenho pena é do cordeiro, tenha pena é dos ovos vermelhos, dos bolos de Páscoa e do creme de queijo! Juro que, se tivesse comido só pão e azeitonas, dizia: é, vamos dormir, será que eu tenho de festejar? Só azeitona e pão, não é? Então que é que a gente pode esperar de bom? Mas agora, garanto que é pena desperdiçar um banquete desses!

— Não estou em forma hoje. Vá você e dance por mim também.

Zorba pegou-me pelo braço e me levantou:

— Cristo ressuscitou, meu rapaz! Ah! Se eu tivesse a sua juventude! Mergulhar de cabeça em tudo! No trabalho, no vinho, no amor. E não temer nem Deus nem o Diabo. Isso é que é a juventude!

— É o cordeiro que fala em você, Zorba! Ele ficou selvagem, transformou-se em lobo!

— Meu velho, o cordeiro se transformou em Zorba, é Zorba que está falando! Escute o que vou dizer depois pode me xingar. Eu sou um Simbad o Marinheiro. Não que tenha corrido o mundo, nada disso!

Mas roubei, matei, menti, dormi com mulheres, violei todos os mandamentos. Quantos são eles? Dez? Ah! Queria que fossem cinqüenta, cem, para violar todos! Mas se existe Deus não vou ter nenhum medo de me apresentar diante dele, quando chegar o dia.

Não sei como explicar para você entender. Tudo isso, eu acho que não tem nenhuma importância. Será que o bom Deus vai querer se importar com vermes da terra e fazer caso deles? E se zangar, esbravejar, se

atormentar por que a gente deu um mau passo e se passou para a fêmea do verme vizinho? Ou por que comemos carne na Sexta-feira Santa? Puah! Vão para o diabo, seus curas gorduchos!

— Bem, Zorba — disse eu, para implicar com ele, — Deus não pergunta o que você comeu, mas o que fez!

— Pois eu cá digo que ele também não pergunta isso! Você vai dizer: como é que você sabe Zorba, seu ignorante? Pois eu sei, tenho certeza. Por que se tivesse dois filhos, um bem comportado, ordeiro, econômico, religioso, e outro levado, comilão, vagabundo, fora da lei, de certo que eu aceitava os dois na minha mesa, mas não sei por que, é o último que eu preferia. Talvez por que se parecesse comigo? Mas, quem diz que eu não pareço com o bom Deus mas que o padre Stefânio que passa os dias e as noites a fazer genuflexões e a guardar dinheiro? O bom Deus faz das suas e depois comete injustiças; ama, trabalha, gosta das coisas impossíveis, assim como eu. Come o que gosta, pega a mulher que quer. Você vê passar uma mulher linda como água fresca, seu coração se alegra e bruscamente a terra se abre e ela desaparece. Onde vai ela? Quem pegou? Se era ajuizada, a gente diz: o bom Deus levou. Se era vagabunda, a gente diz: o Diabo carregou. Mas eu, patrão, digo e repito: Deus e o Diabo são um só!

Calei-me, mordendo os lábios como se quisesse impedir que as palavras saíssem. As palavras e um enorme grito. E que teria expresso esse grito? Maldição, alegria, desespero, ou libertação? Eu ignorava.

Zorba pegou o bastão, pôs o gorro um pouco de lado, arrogante, olhou-me compadecido e seus lábios resmungaram um instante como se quisesse acrescentar alguma coisa. Mas não disse nada e lá se foi para a aldeia, num passo rápido, a cabeça erguida.

Na luz do entardecer, eu via mover-se na areia sua sombra gigantesca, balançando o cajado. A praia toda se animava à passagem de Zorba. Durante muito tempo espichei a orelha, espreitando seus passos que se perdiam pouco a pouco. De repente, ao me sentir só, levantei-me de um salto. Por quê? Para ir aonde? Não sabia. Meu espírito nada decidira. Fora o meu corpo que pulara. Era ele sozinho que tomava uma decisão sem me consultar.

— Para a frente! — disse ele com força, como se desse uma ordem de comando.

Parti para a aldeia num passo resoluto e apressado. De quando em quando, parava para respirar a primavera. A terra recendia a camomila, e à medida que me aproximava dos jardins, recebia em rajadas o perfume dos limoeiros, das laranjeiras e dos loureiros em flor. No ocidente a estrela-d'alva se pôs a dançar alegremente.

"Mar, mulher, vinho, trabalhado obstinado!" murmurava a contragosto as palavras de Zorba. Mar mulher, vinho, trabalho obstinado! Mergulhava a cabeça no trabalho, no vinho, no amor, não temer nem Deus nem o Diabo... isso é que é a juventude! Dizia e repetia como se quisesse encher-me de coragem, e continuava a avançar.

De súbito parei bruscamente, como se tivesse chegado ao meu destino. Onde? Olhei: estava em frente ao jardim da viúva. Atrás da cerca de caniços e figueiras da Barbaria, uma doce voz feminina cantarolava. Aproximei-me, afastei a folhagem. Embaixo da laranjeira, estava uma mulher vestida de preto, de seios fartos. Colhia flores, cantarolava. À luz do crepúsculo, eu via brilhar o peito meio descoberto.

Perdi a respiração. É um animal selvagem, pensei, um animal selvagem e ela o sabe. Que pobres criaturas, loucas, extravagantes, sem resistência, são os homens diante dela! Como certos insetos — o louva-Deus, o gafanhoto, a aranha — essa também, satisfeita e insaciável, deve devorar os machos ao amanhecer.

Teria a viúva pressentido minha presença? Interrompeu subitamente a canção e voltou-se. No tempo de um relâmpago, nossos olhares se cruzaram. Senti meus joelhos dobrarem — como se, atrás dos caniços, eu tivesse visto um tigre.

— Quem está aí? — disse ela numa voz estrangulada.

Endireitou o xale e cobriu o peito. Seu rosto ficou sombrio.

Estive a ponto de fugir. Mas as palavras de Zorba encheram de repente meu coração. Recobrei as forças. "Mar, mulher, vinho..."

— Sou eu — respondi. — sou eu, deixe-me entrar!

Invadiu-me o terror, mal pronunciei essas palavras. Estive novamente a ponto de fugir, mas me contive

envergonhado.

— Eu quem?

De um passo lento, prudente, silencioso, esticou o pescoço, apertou os olhos para melhor distinguir e deu mais um passo, à frente, espreitando.

Logo o seu rosto se iluminou. Umedeceu os lábios, com a ponta da língua.

— O patrão? — disse numa voz mais doce.

Deu mais outro passo, curvado sobre si mesma, pronta a saltar.

— O patrão? — tornou a perguntar em sussurro.

— Sim.

— Venha!

O dia já se erguera. Zorba, de volta, fumava, sentado em frente ao barracão, olhando o mar. Dir-se-ia que me esperava.

Logo que apareci, levantou a cabeça e me encarou. Suas narinas palpitaram como as de um lebréu. Esticou o pescoço, aspirou profundamente; cheirava-me. E de súbito o rosto se iluminou, como se tivesse podido farejar em mim o odor da viúva.

Levantou-se devagar, todo sorridente, e estendeu os braços.

— Minha bênção! — disse ele.

Deitei-me, fechei os olhos. Ouvia o mar respirando tranquilo, num ritmo embalante, e sentia-me subindo e descendo sobre ele como uma gaivota. Assim, docemente ninado, mergulhei no sono e sonhei: vi uma espécie de negra gigantesca acocorado no chão, e me pareceu que era um antigo templo ciclope de granito preto. Rodava angustiado em torno dela, procurando a entrada. Era apenas do

tamanho do dedinho de seu pé. De súbito, contornando o calcanhar, vi uma porta preta, semelhante a uma gruta. Uma voz forte se fez ouvir, ordenando: "Entre!"

E eu entrei.

Acordei por volta do meio-dia. O sol, penetrando pela janela, inundava os lençóis e batia com tamanha força num espelhinho pendurado à parede que parecia querer parti-lo em mil pedaços.

O sonho da negra gigantesca voltou-me ao espírito, o mar murmurava, fechei de novo os olhos e pareceu-me estar feliz. Meu corpo sentia-se leve e satisfeito como um animal que, depois de devorar a presa, lambe os beiços, estirado ao sol. Meu espírito, como se fosse ele próprio um corpo, repousava, também saciado. Dir-se-ia que achara uma resposta extremamente simples para as questões que o atormentavam.

Toda a alegria da noite passada refluía do meu íntimo, ramificava-se, regando abundantemente a terra de que sou feito.

Assim deitado, de olhos fechados, parecia-me ouvir quebrar-se e alegrar-se o meu ser. Nessa noite, pela primeira vez eu sentia, nitidamente, que também a alma é carne, talvez mais instável, mais diáfana, mais livre, porém carne. E que a carne é alma, um pouco sonolenta, fatigada por longas caminhadas, sobrecarregada de pesadas heranças.

Senti que uma sombra desceu sobre mim. Abri os olhos. Zorba estava à porta e me olhava, contente.

— Não acorde, meu rapaz; não acorde... — disse-me suave, com uma ternura toda maternal. — hoje ainda é dia santo, durma!

— Já dormi bastante — disse, levantando-me.

— Vou preparar uma gemada — disse Zorba sorrindo — é reconstituinte.

Sem responder, corro à praia, dou um mergulho e fico secando ao sol. Mas um doce perfume impregnava-me ainda as narinas, os lábios, a ponta dos dedos. Um perfume de flores de laranjeira ou do azeite de loureiro com que as mulheres de Creta untam os cabelos.

Ontem ela cortara uma braçada de flores de laranjeiras para levá-la logo à noite ao Cristo, hora em que o povo da aldeia dança sob os choupos brancos da praça e a igreja estará deserta. A iconóstase, à cabeceira de sua cama, estava cheia de flores de limoeiro e, entre as flores, via-se a Virgem aflita, de grandes olhos amendoados.

Zorba veio trazer-me a tigela com a gemada, duas grandes laranjas e um brioche de Páscoa. Servia-me em

silêncio, como uma mãe cuida de um filho vindo da guerra. Olhou-me com um ar carinhoso e se foi.

— Vou colocar mais alguns postes — disse.

Eu mastigava tranquilamente ao sol e sentia um profundo bem-estar físico, como se flutuasse num ar fresco e verde. Não deixava o meu espírito se apoderar dessa alegria da carne para moldá-la em suas próprias fôrmas e transformá-la em pensamento. Deixava todo o meu corpo rejubilar-se, dos pés à cabeça, como um animal. Somente por vezes, extasiado, olhava em torno de mim, dentro de mim, o milagre do mundo! Que está acontecendo? — dizia comigo. Como pode ser o mundo tão perfeitamente adaptado a nossos pés, a nossas mãos, a nosso ventre? De novo fechava os olhos e me calava.

De repente, levantei-me, entrei no barracão, peguei o manuscrito de Buda e abri. Buda, deitado sob a árvore florida, tinha levantado a mão e ordenado aos cinco elementos que o compunham — terra, água, fogo, ar, espírito — que se dissolvessem.

Já não precisava deste aspecto da minha angústia, já o transpusera, acabara meu serviço junto a Buda — levantei também a mão e ordenei a Buda que se dissolvesse de mim.

A toda pressa, com a ajuda de exorcismos onipotentes, as palavras, devastei seu corpo, sua alma, seu espírito. Sem piedade, arranhei as últimas, soltei o último grito e tracei meu nome com um grande lápis vermelho. Estava terminado.

Peguei um barbante e amarrei solidamente o manuscrito.

Sentia uma alegria estranha, com se ligasse pés e mãos de um inimigo terrível; ou como os selvagens quando amarram seus mortos queridos para que não possam sair dos túmulos e se transformar em almas penadas.

Uma menina descalça chegou correndo. Estava de amarelo e trazia na mão um ovo vermelho. Parou e olhou-me espantada.

— Então? — perguntei-lhe sorrindo, para encorajá-la. — quer alguma coisa?

Fungou e respondeu, numa vozinha sufocada:

— A mulher mandou dizer para você vir. Ela está de cama. Você é Zorba?

— Está bem, eu vou.

Meti-lhe na mãozinha um ovo vermelho; ela fechou a mão e lá se foi.

Levantei-me e pus-me a caminho. Pouco a pouco se aproximavam os ruídos da aldeia; sons suaves de lira, gritos, tiros de fuzil, canções alegres. Quando cheguei, rapazes e moças estavam reunidos sob os choupos de folhagem nova e se preparavam para dançar. Os velhos tinham sentado ao redor, nos bancos, o queixo apoiado no cajado, e assistiam. Em pé, mais para trás, estavam as velhas. No centro dos dançarinos, sentava-se, como um rei, o famosos tocador de lira, Fanurios, uma rosa de abril atrás da orelha.

Com a mão esquerda mantinha a lira apoiada ao joelho e com a direita experimenta o arco de guizos barulhentos.

— Cristo ressuscitou! — exclamei ao passar.

— Deveras, ressuscitou! — respondeu um alegre rumor.

Dei uma rápida olhadela. Rapazes bem constituídos, de talhe fino, usavam calças bufantes e lenços de cabeça cujas franjas caíam na testa e nas têmporas como anéis. As moças, com cequins pendurados ao pescoço, xales brancos bordados, olhos baixos esperavam inquietas.

— Não vai se dignar a ficar conosco, patrão? — interrogaram-me algumas vozes.

Mas eu já ia longe.

Madame Hortência estava deitada em sua enorme cama, único móvel que lhe fora fiel. As faces queimavam de febre e tossia.

Assim que me viu, suspirou queixosa:

— E Zorba, compadre, e Zorba?

— Não está bem. Desde que você caiu doente, ele também adoeceu. Traz consigo o seu retrato e olha para ele suspirando.

— Fale mais, fale mais... — murmurou a pobre sereia fechando os olhos, feliz.

— Mandou perguntar se você precisa de alguma coisa. Disse que virá esta tarde, se bem que mal esteja podendo se arrastar. Não suporta estar separado de você.

— Fale, fale mais...

— Recebeu um telegrama de Atenas. As toaletes do casamento estão prontas, as coroas também; já foram embarcadas, estão chegando... com os círios brancos de fitas cor-de-rosa.

— Continue, continue...

O sono a dominara, sua respiração mudou; começou a delirar. O quarto recendia a água-de-colônia, amoníaco e suor. Pela janela aberta, entrava o cheiro acre dos excrementos das galinhas e coelhos do quintal.

Levantei-me e saí do quarto. Na porta esbarrei com Mimito.

Neste dia ele estava de botas e calças bufantes novas em folha.

Pusera atrás da orelha um ramo de basilisco.

— Mimito — disse-lhe, — corra à aldeia de Kalo e traga o médico!

Mimito já tinha tirado as botas para não estragá-las no caminho e as trazia debaixo do braço.

— Vá procurar o médico, dê-lhe os meus cumprimentos, diga-lhe que monte na égua e venha sem falta. Diga-lhe que a mulher está gravemente doente. A coitada resfriou-se, está com febre, vai morrer.

Diga-lhe tudo isso. Corra!

— Hop! Hop! Já estou indo.

Cuspiu nas mãos, bateu alegre uma contra a outra, mas não saiu do lugar. Olhava-me sorridente.

— Vá logo, já disse.

Continuou parado. Piscou-me um olho e deu um sorriso satânico.

— Patrão — disse ele, — levei em sua casa uma garrafa de água de flor de laranjeira, de presente.

Parou um instante. Esperava que eu perguntasse quem mandou, porém calei-me.

— Então não me pergunta quem mandou, patrão? — cacarejou. — ela disse que é para você por nos cabelos, para ficarem cheirosos!

— Ande logo, depressa! Cale-se!

Riu, cuspiu de novo nas mãos;

— Hop! Hop! — exclamou ainda uma vez. — Cristo ressuscitou!

E desapareceu.

Capítulo XXII



Sob os choupos, a dança pascal atingia o auge. Era dirigida por um robusto efebo moreno de cerca de vinte anos, cujas faces, cobertas de espessa penugem, não conheciam ainda a navalha. Na abertura da camisa o peito era uma mancha negra, recoberta de pêlos encaracolados. Tinha a cabeça caída para trás, os pés agitavam-se no chão, como asas; de vez em quando, lançava um olhar sobre uma garota, e o branco dos olhos brilhava, imóvel, inquietante no negrume do seu rosto.

Sentia-me contente mas preocupado. Vinha da casa de Madame Hortência. Chamara uma mulher para tomar conta dela e agora lá me ia, tranquilo, ver os cretenses dançarem. Aproximei-me de tio Anagnosti e sentei-me a seu lado no banco.

— Quem é esse rapagão que conduz a dança? — perguntei-lhe ao ouvido.

Tio Anagnosti pôs-se a rir:

— Ele é como arcanjo que leva as almas, o malandro — disse admirado. — Ora! É Sifakas, o pastor, que o ano todo cuida dos rebanhos nas montanhas e só desce na Páscoa para ver os homens e dançar.

Suspirou.

— Ah! Se eu tivesse a juventude! — murmurou. — se eu tivesse a sua juventude, palavra de honra, eu tomava Constantinopla de assalto.

O jovem sacudiu a cabeça, soltou um balido, inumano como um carneiro no cio:

— Dance, Fanurios! — gritou. — dance, para que a Morte morra!

A cada instante a Morte morria e renascia a cada instante, como a vida. Há milhares de anos, rapazes e moças dançam sob as árvores de folhagem tenra — choupos, pinheiros, carvalhos, plátanos e esbeltas palmeiras — e dançaram ainda milhares de anos, o rosto ávido de desejo. Os rostos mudam, desagregam-se, retornam à terra; mas outros saem dela e os substituem. Há um só dançarino, com inúmeras máscaras, imortal e sempre com vinte anos.

O jovem levantou a mão para torcer os bigodes, mas não os tinha.

— Dance! — gritou novamente. — Dance, Fanurios, meu rapaz, senão eu estouro!

O tocador de lira sacudiu o braço, a lira soou, aqueceram-se os guizos e o jovem deu um salto, bateu três vezes os pés no ar, à altura de um homem, e pegou com a ponta das botas o lenço branco na cabeça de seu vizinho, o guarda campestre Manolakas.

— Bravos, Sifakas! — gritaram, e as moças estremeceram, baixando os olhos.

Mas o jovem, silencioso, sem olhar para ninguém, selvagem e disciplinado, apoiava agora as costas da mão esquerda nos quadris estreitos e robustos e dançava, os olhos timidamente cravados no chão.

A dança interrompeu-se bruscamente; Andruli, o velho bedel, chegou correndo, de braços levantados.

— A viúva! A viúva! A viúva! — gritou, com a língua de fora.

O guarda campestre Manolakas foi o primeiro a sair, impetuoso, cortando a farândola. Da praça avistava-se a igreja, lá embaixo, ainda enfeitada com mirtos e loureiros. Os dançarinos pararam, o sangue subiu-lhes à cabeça; os velhos levantaram-se dos bancos. Fanurios deitou a lira nos joelhos, retirou da orelha a rosa de abril e cheirou-a.

— Onde, meu velho Andruli? — gritaram todos, fervendo de raiva, onde está ela?

— Na igreja, lá, acabou de entrar, a maldita; levava uma braçada de flores de limoeiro.

— Vamos lá, rapazes! — exclamou o guarda campestre, tomando a frente.

Nesse momento a viúva apareceu à porta da igreja, de xale preto à cabeça. Persignou-se: — Miserável! Suja! Criminosa! — gritavam vozes na praça. — tem o desplante de se mostrar! Ela, que desonrou a aldeia!

Uns precipitaram-se para a igreja, atrás do guarda campestre; outros, do alto, começaram a lhe jogar pedras. Um dos projeteis atingi-a no ombro. Ela deu um grito, pôs as mãos no rosto e se lançou, curvada para a frente, procurando fugir. Mas os jovens já tinham chegado à porta da igreja e Manolakas empunhava a faca.

A viúva recuou, dando gritinhos agudos, curvada ao meio, e correu, cambaleando, para se embarafustar igreja adentro. Mas à entrada estava Mavrandoni, os braços em cruz, segurando os batentes da porta.

A viúva deu um pulo à esquerda, agarrando-se ao grande cipreste do pátio. Uma pedra silvou no ar, atingiu-a na testa, derrubou-lhe o xale. Os cabelos soltaram-se, caindo pelos ombros.

— Pelo amor de Deus! Pelo amor de Deus! — gritava ela, estreitando fortemente o cipreste.

Na praça, ao alto, enfileiradas, as moças mordiam os xales brancos e olhavam curiosas. As velhas, agarradas às grades, ganiam.

— Matem-na, vamos! Matem-na!

Dois jovens atiraram-se sobre ela, pegaram-na, rasgou-se a blusa preta, o seio brilhou, branco como a neve. Agora o sangue corria, do alto da cabeça sobre a testa, as faces e o pescoço.

— Pelo amor de Deus! Pelo amor de Deus! — gritava ela ofegante.

O sangue correndo, o peito brilhando, tinha excitado os jovens.

As facas saíram dos cintos.

— Parem! — gritou Manolakas. — ela é minha!

Mavrandoni, sempre ereto à porta da igreja, levantou a mão.

Todos pararam.

— Manolakas — disse com voz grave, — o sangue de seu primo está gritando. Dê-lhe repouso!

Saí da grade onde trepara, precipitei-me em direção à igreja; tropecei numa pedra, caindo em cheio.

Nesse momento, passava Sifakas. Abaixou-se, pegou-me pela pele das costas, como se pegam os gatos, e me levantou.

— Que é que procura por essas bandas, seu almofadinha? — fez ele. — vá dando o fora.

— Não tem piedade dela, Sifakas? — disse-lhe. — tenha piedade dela!

O montanhês, selvagem, pôs-se a rir:

— Eu não sou uma mulher para ter piedade! Sou um homem!

E de um salto ganhou o pátio da igreja, para onde o segui.

Agora todos rodeavam a viúva. Silêncio pesado. Só se ouvia o ofegar abafado da vítima.

Manolakas fez o sinal da cruz, avançou um passo e levantou a faca; lá no alto, nas muralhas, as velhas esganiçavam, alegres. As moças puxaram o xale e cobriram o rosto.

A viúva levantou os olhos, viu a faca em sua direção, berrou como uma vitela. Caiu ao lado do cipreste e enterrou a cabeça nos ombros. Seus cabelos cobriram a terra e a bela nuca brilhou.

— Invoco a justiça de Deus! — gritou o velho Mavrandoni, persignando-se também.

Mas no mesmo instante, uma voz forte ecoou atrás de nós:

— Abaixe a faca, assassino!

Todos se voltaram, espantados, Manolakas levantou a cabeça; Zorba estava diante dele, balançando os braços, furioso. Gritou: — Então vocês não tem vergonha? Que bravura! Uma aldeia inteira para matar uma mulher! Olhem que vão desonrar toda Creta!

— Vá cuidar da sua vida, Zorba! Não se misture conosco! — rugiu Mavrandoni.

E voltando-se para o seu sobrinho:

— Manolakas — disse, — em nome de Cristo e da Virgem, fira!

Manolakas pulou. Pegou a viúva pelos pulsos, jogou-a ao chão, apoiou o joelho na sua barriga e levantou a faca. Mas num relâmpago Zorba prendera o braço de Manolakas e, com a mão envolta no enorme lenço

esforçava-se para arrancar-lhe a faca.

A viúva pôs-se de joelhos, procurou em torno uma brecha para fugir, mas os aldeões tinham trancado a porta e se mantinham em círculo em volta do pátio e nos bancos; quando perceberam que ela tentava fugir, deram um passo à frente e o círculo se estreitou.

Entretanto Zorba lutava em silêncio, ágil, resoluto, calmo. De pé, perto da porta, eu seguia a luta angustiado. O rosto de Manolakas estava azul de raiva. Sifakas e um outro colosso aproximaram-se para lhe prestar ajuda. Mas Manolakas, furioso, virou-se para ambos:

— Para trás! Para trás! — gritou. — ninguém se aproxime!

Lançou-se de novo com raiva sobre Zorba, dando-lhe uma cabeçada como um touro.

Zorba mordeu os lábios sem dizer nada. Mantinha, como num torno, o braço direito do guarda campestre e se dobrava, à direita e à esquerda, para aparar os golpes. Manolakas atirou-se, como louco furioso, mordeu a orelha de Zorba com toda a força. O sangue corria.

— Zorba — gritei horrorizado, correndo para apartá-los.

— Saia daí, patrão! — gritou ele. — não se meta!

Cerrou o punho e desfechou um terrível golpe no baixo ventre de Manolakas. Num instante o anima selvagem largou a presa. Os dentes descerraram-se, libertando a orelha meio arrancada, e o rosto de azulado passou a lívido. Com um soco Zorba fê-lo rolar por terra; arrancou-lhe a faca e partiu-a em dois.

Com o lenço, estancou o sangue que corria da orelha; enxugou o rosto brilhando de suor e toda a cara ficou manchada de sangue.

Aproximou-se, lançou um olhar em volta; seus olhos estavam inchados e vermelhos. Gritou para a viúva:

— Levante e venha comigo!

E dirigiu-se para a saída do pátio.

A viúva levantou-se; reuniu toda a sua energia tomou impulso para lançar-se para frente. Mas não teve tempo. Como um falcão, o velho Mavrandoni atirou-se sobre ela. Jogou-a no chão, enrolou os longos cabelos negros em volta do seu braço, e num golpe corou-lhe a cabeça.

— Ponho o pecado na minha conta! — gritou, atirando a cabeça da vitima à porta da igreja. Depois persignou-se.

Zorba voltou-se. Arrancou, com raiva, um punhado de cabelos do bigode. Aproximei-me dele, pegando-lhe o braço. Inclinou e me fixou. Duas grossas lágrimas estavam suspensas à beira das pálpebras.

— Vamos embora, patrão! — disse numa voz estrangulada.

Nessa noite, não quis comer nada — estou com a garganta apertada — dizia ele, — não passa nada — lavou a orelha na água fria, molhou um chumaço de algodão no raki e fez um curativo. Sentado no colchão, a cabeça entre as mãos, permaneceu pensativo.

Eu me deitara no chão meio apoiado à parede e sentia as lágrimas correrem no rosto, lentas e quentes. Meu cérebro não funcionava, não pensava em nada. Estava como que dominado por uma profunda tristeza de criança e chorava.

De repente Zorba levantou a cabeça e explodiu. Pôs-se a gritar, prosseguindo em voz alta seu indomável monólogo interior:

— Patrão, acho que tudo que se passa nesse mundo é injusto, injusto, injusto! Eu, o verme da terra, a lesma Zorba, não concordo!

Por que é que os jovens tem que morrer e os velhos continuam vivos?

Por que é que morrem as crianças? Eu tinha um filho, o meu pequeno Dimitri que perdi com três anos, e nunca, nunca, compreende, vou perdoar isso ao bom Deus! No dia da minha morte, se tiver o topete de se apresentar diante de mim, e se for um Deus para valer, ele vai ficar com vergonha! Sim, sim, Ele vai ter vergonha diante de mim, a lesma Zorba.

Fez uma careta como se estivesse sentindo-se mal. O sangue voltou a correr do ferimento. Mordeu os lábios para não gritar.

— Espere Zorba, vou trocar o curativo.

Lavei-lhe de novo a orelha com raki, peguei a água de flor de laranjeira que me mandara a viúva e que achara sobre a minha cama, e embebi um pedaço de algodão.

— Água de flor de laranjeira? — fez Zorba, aspirando avidamente, — água de flor de laranjeira? Ponha nos meus cabelos, assim, muito bem! E nas minhas mãos, ponha toda, vá!

Tinha voltado à vida. Olhei-o surpreso.

— Parece que estou no jardim da viúva — disse.

E recomeçou a se lamentar.

— Quantos anos foram precisos — murmurou, — quantos anos para a terra conseguir fazer um corpo como aquele! A gente olhava e pensava: ter vinte anos, ficar sozinho com ela sobre a terra, e fazer filhos, para povoar o mundo, só Deuses verdadeiros! Mas agora...

Pôs-se de pé, os olhos cheios de lágrimas.

— Não aguento, patrão — disse ele. — preciso andar, preciso subir e descer a montanha duas ou três vezes para me cansar, me acalmar um pouco... maldita viúva! Tenho vontade de entoar um cântico fúnebre para você!

Saiu, tomou a direção da montanha e se perdeu na escuridão.

Deitei-me na cama, apaguei a lamparina e mais uma vez, segundo meu hábito miserável e desumano, pus-me a transpor a realidade, a retirar-lhe o sangue, a carne e os ossos, a reduzi-la a ideia abstrata, a ligá-la a leis gerais até atingir a horrível conclusão de que o que aconteceu fora necessário. Ainda mais, que era útil à harmonia universal. Chegava, enfim, a esta última e abominável consolação: era justo que acontecesse o que aconteceu.

O massacre da viúva entrou no meu cérebro — esta colmeia onde, desde alguns anos, todo veneno se transformava em mel — e se transformou. Mas logo minha filosofia se apoderou deste terrível aviso, envolveu-o de imagens e de artifícios até torná-lo inofensivo.

Assim, as abelhas envolvem de cera o zangão faminto que vem roubar o mel.

Ao fim de algumas horas, a viúva repousava na minha memória, calma, sorridente, transformada em símbolo. Estava em meu coração já envolta em cera, não podia mais disseminar em mim o pânico nem pilhar o meu cérebro. O pavoroso acontecimento de um dia crescia, estendia-se no tempo e no espaço, identificava-se com as grandes civilizações desaparecidas, as civilizações identificavam-se com o destino da terra, a terra com o destino do universo — e assim, voltando à viúva, eu a encontrei submissa às grandes leis, reconciliada com seus assassinos, imóvel e serena.

O tempo encontrara em mim seu verdadeiro sentido: a viúva morrera milhares de anos antes, à época da civilização egeana, e as moças de Cnossos, de cabelos crespos, morreram esta manhã, à beira deste mar risonho.

O sono apoderou-se de mim como um dia, certamente — não há nada mais certo — fará a morte, e eu deslizei mansamente nas trevas.

Não senti Zorba chegar, nem mesmo soube se chegou. De manhã, encontrei-o na montanha, gritando e destemperando com os trabalhadores.

Nada do que haviam feito lhe satisfazia. Despediu três operários que teimavam com ele, pegou ele próprio na picareta e se pôs a abrir o caminho que traçara para os postes no meio do matagal e dos rochedos. Subiu a montanha, encontrou lenhadores que derrubavam pinheiros e explodiu. Um deles riu e resmungou qualquer coisa. Zorba atirou-se a ele.

À tardinha, desceu exausto, em farrapos, sentou-se perto de mim na praia. Custou a abrir a boca; quando falou, por fim, foi sobre madeiras de construção, cabos, linhita, como empreendedor ambicioso que estivesse apressado em devastar o local, tirar o melhor proveito possível e partir.

Num dado momento, no estado de consolação a que chegara, estive para falar da viúva; Zorba esticou a manopla e me tapou a boca.

— Cale-se! — disse numa voz surda.

Calei-me, envergonhado. Eis o que é um homem de verdade, pensei, invejando a dor de Zorba. Um

homem de sangue quente e ossatura sólida, que quando sofre, deixa correr grandes lágrimas autênticas; quando está feliz, não expõe sua alegria, fazendo-a passar pela peneira da metafísica.

Três, quatro dias correram assim. Zorba trabalhava sem parar, sem respirar, sem comer, sem beber. Emagrecia. Um dia, disse-lhe que Madame Bubulina ainda estava doente, que o médico não viera, que delirava chamando por ele.

Cerrou os punhos.

— Basta — disse.

No dia seguinte, foi de madrugada à aldeia e logo estava de volta.

— Você a viu? — perguntei. — como vai ela?

— Ela não tem nada — disse. Vai morrer.

E se dirigiu a grandes passadas para a montanha.

Nessa mesma tarde, sem jantar, pegou o cajado e saiu.

— Onde vai, Zorba? — perguntei-lhe. — à aldeia?

— Não. Vou dar uma voltinha e já venho.

Tomou a direção da aldeia, com grandes passos resolutos.

Estava fatigado e me deitei. Meu espírito pôs-se de novo a passar em revista toda a terra, vieram-me as lembranças, voltaram as tristezas, meus pensamentos esvoaçou sobre as mais longínquas ideias e voltou enfim a pousar em Zorba.

Se algum dia ele cruzar o caminho de Manolakas, pensei, este colosso cretense, louco varrido, se atirará contra ele. Parece que todos esses dias tem estado fechado em casa lamentando-se. Tem vergonha de aparecer na aldeia e não cessa de afirmar que se pega Zorba vai estripá-lo como um sardinha. Ainda ontem, à meia-noite, um dos trabalhadores o viu armado, rondando o barracão. Se se encontrarem esta noite, haverá chacina.

Levantei-me de um salto, vesti-me e tomei à toda o caminho da aldeia. A noite suave, úmida, recendia a goivo selvagem. Ao cabo de um momento, distingui Zorba na escuridão, avançando lentamente, como fatigado. De quando em quando, parava, fixava as estrelas, escutava; depois, tornava a andar mais depressa e eu ouvia seu bastão batendo nas pedras.

Aproximava-se do jardim da viúva. O ar cheirava a flor de limoeiro e madressilva. Nesse instante, entre as laranjeiras do jardim, brotou como um límpido murmúrio d'água, o canto pungente do rouxinol. Cantava, cantava nas trevas e deixava-nos sem respiração.

Zorba parou bruscamente, sufocado, também, por tanta doçura.

Num dado momento, mexeram-se os caniços da cerca; suas folhas cortantes fizeram um barulho de lâminas de aço.

— Ho! Compadre! — disse uma voz forte e selvagem; — Ho! Velho gagá, até que enfim encontrei você!

Fiquei gelado. Reconhecera a voz.

Zorba deu um passo, levantou o bastão e parou de novo. À luz das estrelas, eu distinguia cada um dos seus movimentos.

Num salto o rapagão pulou para fora dos caniços.

— Quem vem lá? — gritou Zorba, esticando o pescoço.

— Sou eu, Manolakas.

— Siga seu caminho, vá embora!

— Você me desonrou, Zorba!

— Não fui eu que desonrei você, Manolakas; vá embora, estou dizendo. Você é um sujeito forte, mas a sorte quis assim; ela é cega, você não sabe?

— Sorte ou não sorte, cega ou não — disse Manolakas (e eu lhe ouvia o ranger dos dentes), — eu preciso lavar a minha honra. Este noite mesmo. Você tem uma faca?

— Não — respondeu Zorba, — só tenho um cacete.

— Vá buscar sua faca. Eu espero aqui. Vá logo!

Zorba não se mexeu.

— Está com medo? — sibilou a voz zombeteira de Manolakas. — vá, estou dizendo.

— Que é que eu vou fazer com uma faca, meu velho? — falou Zorba que começara a esquentar-se; — diga, que é que eu vou fazer dela? Está lembrado, na igreja você tinha uma faca e eu não tinha, não foi mesmo? Entretanto, parece que eu me saí bem.

Manolakas ficou ruborizado.

— E ainda por cima, zomba de mim, hein? Escolheu bem o momento, porque estou armado e você não está. Traga sua faca, seu macedônico safado, a gente vai se medir.

— Largue sua faca, eu largo o cacete, a gente vai se medir! — replicou Zorba, a voz trêmula de cólera. — ande, vá seu cretense sujo!

Zorba levantou o braço, atirou fora o bastão; eu o ouvir cair nos caniços.

— Largue a faca! — gritou novamente Zorba.

Eu tinha me aproximado de mansinho, na ponta dos pés. À luz das estrelas, pude perceber o brilho da faca quando caiu, ela também, nos caniços.

Zorba cuspiu nas mãos.

— Coragem! — gritou ele, pulando para tomar impulso.

Mas antes que os dois valentões tivessem tido tempo de se atracar, lancei-me entre eles.

— Parem! — gritei. — venha cá, Manolakas; venha também, Zorba.

Vocês não tem vergonha?

Os dois adversários aproximaram-se a passos lentos. Peguei a mão direita de cada um.

— Apertem-se as mãos! — disse. — são todos dois rapazes bons e corajosos, façam as pazes.

— Ele me desonrou... — disse Manolakas, procurando retirar a mão.

— Não se pode desonrar você tão facilmente, Capitão

Manolakas! — disse eu. — toda a aldeia conhece sua bravura. Não pense no que aconteceu outro dia na igreja. Foi uma hora nefasta.

Agora pertence ao passado, acabou-se. E depois, não se esqueça, Zorba é um estrangeiro, um macedônico, e é uma grande vergonha para nós, cretenses, levantar a mão para um hóspede que veio para nossa terra... venha cá, dê a sua mão, isto é a verdadeira bravura.

Vamos para o barracão, beber um copo de vinho e assaremos um metro de salsicha para consolidar a amizade, Capitão Manolakas!

Peguei Manolakas pela cintura e o trouxe um pouco para o lado:

— O pobre homem está velho — segredei-lhe ao ouvido; — um rapagão como você a provocá-lo, isto não se faz!

Manolakas abrandou-se.

— Vá lá, para lhe fazer a vontade.

Deu um passo em direção a Zorba, estendeu a grande pata pesada:

— Vamos, compadre Zorba — disse ele, — coisas passadas, coisas esquecidas, sua mão!

— Você comeu a minha orelha — disse Zorba, — faça bom proveito, olhe aqui a minha mão!

Apertaram-se as mãos, longamente, com força. Apertaram cada vez mais forte e se olhavam. Tive medo de vê-los de novo engalfinhados.

— Você aperta com força — disse Zorba, — é um sujeito sólido, Manolakas!

— E você também aperta com força, aperte mais se você pode!

— Chega! — exclamei. — vamos regar nossa amizade. Pus-me no centro, Zorba à minha direita Manolakas à esquerda, e voltamos para a nossa praia.

— As colheitas serão boas este ano... — disse eu, para mudar de assunto; choveu muito.

Mas nenhum dos dois ligou para minha a observação. Tinham ainda o peito oprimido. Todas as minhas esperanças estavam agora no vinho. Chegamos ao barracão.

— Sejam bem-vindo sob o nosso teto, Capitão Manolakas! — disse eu. — Zorba, vá assar as salsichas e prepare as bebidas.

Manolakas sentou-se numa pedra, em frente ao barracão. Zorba pegou um punhado de gravetos, assou as salsichas e encheu três copos.

— À sua saúde! — disse, levantando seu copo. — à sua saúde, Capitão Manolakas! À sua saúde, Zorba Brindem!

Brindaram, Manolakas despejou ao chão algumas gotas de vinho.

— Que meu sangue corra como este vinho — disse em tom solene, — que meu sangue corra como este vinho, se eu levantar a mão para você, Zorba!

— Que meu sangue corra também como este vinho — pronunciou zorba, derramando igualmente algumas gota no chão, — seu eu já não me esqueci a orelha que você me comeu, Manolakas!

Capítulo XXIII

Ao amanhecer, Zorba sentou-se na cama e me acordou:

— Está dormindo, patrão?

— Que aconteceu, Zorba?

— Tive um sonho. Um sonho gozado. Acho que não tarda muito vou fazer uma viagem. Ouça, você vai rir Tinha aqui no porto um navio grande como uma cidade. Apitava, pronto para partir. E eu vinha correndo da aldeia para embarcar nele, trazendo na mão um papagaio. Chego, subo no navio mas vem o capitão e grita: "A passagem!" — "Quanto custa?" pergunto, tirando do bolso um punhado de notas. — "Mil dracmas". — "Olhe aqui, por favor, não pode deixar por oitocentas?" perguntei. — "Não, mil". — "Eu tenho oitocentas, tome". — Mil, nem um centavo menos. Senão, vá dando o fora depressa!" então eu me queimei: "Olhe, capitão, no seu próprio interesse, pegue as oitocentas que estou dando, senão eu acordo, meu pobre velho, e você perde tudo!"

Zorba explodiu numa risada.

— Que máquina gozada é o homem! — disse estupefato. — você a enche de pão, vinho, peixes, rabanetes e saem suspiros, risos, sonhos. Uma usina! Na nossa cabeça, eu acho que tem um cinema sonoro como esses que falam.

De repente, Zorba pulou da cama:

— Mas por que o papagaio? — exclamou inquieto. — que quer dizer esse papagaio que ia comigo? Ai! Tenho medo que...

Não teve tempo de acabar. Um mensageiro atarracado e ruivo, um verdadeiro Diabo, chegou esbaforido.

— Pelo amor de Deus! A pobre mulher pede para chamarem o médico! Ela diz que está morrendo, sim morrendo, e vocês vão ficar com a consciência pesada.

Senti-me envergonhado. Na confusão em que a viúva nos deixara tínhamos esquecido completamente a nossa velha amiga.

— A coitada está sofrendo — prosseguiu o ruivo, com toda a corda, — tosse tanto que todo o albergue treme! Sim, sim, meu velho, uma verdadeira tosse de cachorro! Guh! Sacode toda a aldeia!

— Não se ria — disse eu, — cale-se.

Tomei um pedaço de papel e escrevi:

— Corra, leve esta carta ao médico e não me volte enquanto não o vir com os próprios olhos montado na égua. Entendeu? Corra.

Pegou a carta, enfiou-a no cinto e sumiu.

Zorba já se levantara. Vestiu-se à toda, e se pôs a caminho.

Pouco mais tarde, eu também tomava o caminho da aldeia. O jardim da viúva recendia, deserto. Mimito estava sentado em frente, encolhido, selvagem, como um cão escorraçado. Emagrecera, os olhos estavam fundos nas órbitas, e ardiam. Voltou-se, deu comigo e apanhou uma pedra.

— Que faz aqui, Mimito? — perguntei, deitando um olhar triste sobre o jardim.

Invadiu-me a lembrança de dois braços quentes e todo poderosos... no ar pairou um perfume de flor de limoeiro e azeite de loureiro. Via no crepúsculo os belos olhos da viúva, ardentes de desejo, e os dentes

esfregados com folha de nogueira, brilhantes, agudos e muito brancos.

— Por que me pergunta isso? — resmungou Mimito. — Ande, vá cuidar da sua vida.

— Quer um cigarro?

— Não fumo mais. Vocês são todos uns sujos. Todos! Todos!

Todos!

Calou-se, ofegante, parecendo procurar palavras que não conseguia encontrar.

— Sujos... Miseráveis... mentirosos... assassinos...

Como se tivesse achado a palavra procurada, pareceu aliviado, batendo as mãos.

— Assassinos! Assassinos! Assassinos! — gritou numa voz aguda, e pôs-se a rir.

Senti apertar-me o coração.

— Tem razão, Mimito, tem razão — murmurei, afastando-me em passo rápido.

À entrada da aldeia, vi o velho Anagnosti curvado sobre seu bastão, olhando atendo, sorridente, para duas borboletas amarelas que se perseguiam na relva primaveril. Agora, que estava velho e não se atormentava mais com o campo, a mulher ou os filhos, tinha tempo de passear sobre o mundo um olhar desinteressado. Viu minha sombra no chão e levantou a cabeça.

— Então, que vento trás você assim tão cedo? — disse.

Mas deve ter visto minha fisionomia inquieta, e sem esperar a resposta:

— Vá depressa, meu filho, não sei se encontra a coitada ainda viva!

O grande leito que tanto servira, o companheiro mais fiel de Madame Hortência, tinha sido arrastado para o meio do quarto e o enchia todo. Debruçado sobre ela, o papagaio, sonhador e inquieto, o devotado conselheiro privado, com seu braço verde, gorro amarelo, olho redondo e mau. Olhava para a dona, lá embaixo, deitada e gemendo, e inclinava a cabeça quase humana, para escutar.

Não, não eram os suspiros de alegria amorosa que ele conhecia tão bem, nem os tenros arrulhos de pomba, nem as risadas de cócegas. O suor que corria em gotinhas no rosto de sua dona, os cabelos como estopa, sujos e em desalinho, colados às têmporas; estas contorções convulsivas na cama, era a primeira vez que as via o papagaio, e estava inquieto. Queria gritar: Canavarro! Canavarro!

Mas a voz não lhe saía da garganta.

Sua infeliz dona gemia, os braços fanados e flácidos empurravam os lençóis; sufocava. Sem pintura, inchada, cheirava a suor ácido e a carne que começa a se decompor. A vista de seus sapatos acalcanhados e deformados, aparecendo debaixo da cama, apertava o coração. Estes sapatos afligiam-nos mais ainda que a sua proprietária.

Zorba, sentado à cabeceira da doente, olhava os dois sapatos e não podia despregar os olhos. Mordia os lábios para reter as lágrimas.

Entrei, pus-me atrás dele, mas nem me notou.

A pobre coitada respirava com dificuldade, sufocada. Zorba pegou um chapéu enfeitado de rosas de pano para abaná-la. Agitava a pesada mão muito depressa e desajeitadamente, como se abanasse carvões úmidos para fazê-los queimar.

Ela abriu os olhos apavorada, olhou em volta. Tudo estava

escuro, não distinguia ninguém, nem mesmo Zorba, que segurava o chapéu de flores.

Tudo em torno era inquietante e sombrio: vapores azuis subiam do chão e mudavam de forma, tornando-se bocas zombeteiras, pés aduncos, asas negras.

Enterrou as unhas no travesseiro, manchado de lágrimas, de saliva e suor, e deu um grito:

— Não quero morrer! Não quero!

Mas as duas carpideiras da aldeia, já avisadas de seu estado, acabavam de chegar. Insinuaram-se no quarto, sentando-se no chão, encostadas à parede.

O papagaio percebeu-as, com seu olho redondo; ficou furioso, esticou o pescoço e ia gritando: "Canav...' mas Zorba, irritado, estendeu a mão para a gaiola e o pássaro se calou.

De novo ressoou o grito desesperado:

— Não quero morrer! Não quero!

Dois jovens imberbes e bronzeados puseram o nariz na porta, olharam atentamente a doente, trocaram satisfeitos um sinal de cumplicidade e sumiram.

Logo depois ouviram-se no pátio cacarejos assustados e bater de asas: alguém estava roubando as galinhas.

A primeira carpideira, a velha Malamatenia, virou-se para a companheira:

— Viu, tia Lenio, viu? Estão com pressa, os miseráveis, vão torcer o pescoço e devorar as galinhas. Todos os vadio da aldeia se juntaram no quintal e não vão tardar a fazer uma devastação.

Depois, voltando-se para o leito da moribunda:

— Morra, minha velha, ande logo — murmurou impaciente, — ande logo que é para a gente ter tempo de apanhar também alguma coisa.

— Para falar mesmo a verdade — diz tia Lenio, franzindo a boquinha desdentada, — para falar mesmo a verdade, mãe Malamatenia, eles não estão errados... "Se queres comer, abafa; se queres ter, rouba!" era o conselho que dava minha falecida mãe.

Vamos despachar logo os cantos e pegar um punhado de arroz, um pouco de açúcar, uma panela e depois a gente abençoa a memória dela. Ela não tinha filhos nem parentes, então quem vai comer as galinhas e os coelhos? Quem vai beber o vinho? Quem vai herdar todos os carretéis, os pentes, as balas? He! Confesso, mãe Malamatenia, Deus me perdoe, que eu tenho é vontade de apanhar o que puder!

— Espere minha cara, não vá muito depressa! — disse mãe Malamatenia, pegando a companheira pelo braço. — eu também juro que tive a mesma ideia na cabeça, mas deixa ela primeiro render a alma.

Enquanto isso, a moribunda remexia nervosamente sob o travesseiro. Sentindo o perigo, tirara dos guardados o crucifixo de osso branco, reluzente, levando-o consigo para a cama. Há muitos anos ele jazia completamente esquecido entre as camisas em farrapos e os trapos de veludo, lá no fundo do baú, como se Cristo fosse um remédio que só se toma em caso de doença grave.

Enquanto dura a boa vida, enquanto se come, bebe a ama, ele não serve para nada.

Por fim encontrou o crucifixo, às apalpadelas, e o apertou contra o peito, molhado de suor.

— Meu menino Jesus, meu querido menino Jesus... — murmurava apaixonadamente, estreitando seu último amante.

O papagaio ouviu-a. Sentiu que o tom da voz estava mudado, lembrou-se das noites em claro de outrora e levantou-se, todo alegre:

— Canavarro! Canavarro! — gritou numa voz rouca, tal um galo chamando o sol.

Desta vez Zorba não se mexeu para fazê-lo calar. Olhou a mulher que chorava e beijava o Deus crucificado, enquanto uma doçura inesperada se estampava na fisionomia consumida.

Abriu-se a porta e o velho Anagnosti entrou de mansinho de gorro na mão. Aproximou-se da doente, inclinou-se e se pôs de joelhos.

— Me perdoe, minha boa mulher — disse, — e Deus perdoará você.

Me perdoe, se algumas vezes lhe disse uma palavra dura. Nós não somos santos.

Mas a boa mulher estava agora deitada, tranquila, mergulhada numa indizível felicidade e não ouvia o velho Anagnosti. Apagaram-se todos os tormentos, a miserável velhice, as caçoadas, as palavras duras, as tristes noites em que se sentava à soleira deserta de sua porta e tricotava meias grosseiras, como uma mulherzinha insignificante e honesta, essa parisiense elegante, essa provocadora irresistível que tivera no regaço as quatro Grandes Potências e que fora saudada por quatro grandes esquadras!

O mar está azul, as ondas espumam, as fortalezas flutuantes dançam, as bandeiras de todas as cores tremulam nos mastros.

Sente-se o aroma das perdizes assando e dos salmonetes na brasa; trazem frutas geladas em cristais lapidados e a rolha do champanha pula no teto de ferro do couraçado.

Barbas preta, castanha, grisalha, loura, perfumes de quatro qualidades, água-de-colônia, violeta, almíscar, âmbar; as portas da cabina metálica se fecham, baixam-se as pesadas cortinas, acendem-se as luzes. Madame

Hortência cerra os olhos. Toda a sua vida de amor, toda a sua vida de tormento, ah! Senhor, durara apenas um segundo.

Passa de joelho em joelho, aperta nos braços túnicas bordadas de ouro, mergulha os dedos em espessas barbas perfumadas. Não se recorda mais dos seus nomes. Como o papagaio, ela só se lembra de Canavarro porque era o mais jovem e porque seu nome era o único que o pássaro pôde pronunciar. Os outros, complicados e difíceis, perderam-se.

Madame Hortência suspirou profundamente e estreitou com paixão o crucifixo.

— Meu Canavarro, meu Canavarrozinho... — murmurava, delirando, apertando-o contra o seio flácido.

— Ela começa a não saber mais o que diz — murmurou tia Lenio. — deve ter visto o seu anjo-da-guarda e está assustada... vamos tirar os xales e chegar mais perto.

— Então você não acredita em Deus? — disse mãe Malamatenia. — você não ia querer que a gente carpisse ela ainda viva?

— He! Mãe Malamatenia — resmungou baixinho tia Lenio, — em vez de pensar nos seus baús e nas suas roupas, nas mercadorias da loja, nas galinhas e nos coelhos, você fica aí dizendo que ela primeiro tem que render a alma. Rouba quem pode!

Dizendo isto, levantou-se e a outra seguiu-a, furiosa. Desataram os xales pretos, soltaram os raros cabelos brancos e se agarraram à beira da cama. Tia Lenio foi a primeira a dar o sinal, com um grande grito agudo, de arrepiar.

— Iiii!

Zorba precipitou-se, pegou as duas velhas pelo cabelo e puxou-as para trás:

— Suas velhas linguarudas! — gritou. — não veem que ela ainda está viva?

— Velho gagá! — resmungou mãe Malamatenia, amarrando o xale. — de onde é que saiu esse aí, seu mexeriqueiro!

Madame Hortência, a velha sereia, tão vivida, ouviu o grito estridente; dissipou-se a doce visão, o navio-almirante soçobrou, desapareceram assado, champanha, barbas perfumadas, e ela caiu novamente no leito de morte empestado, no fim do mundo. Tentou levantar-se, como se quisesse fugir, mas tornou a cair, e de novo exclamou suavemente, num lamento:

— Não quero morrer! Não quero...

Zorba debruçou-se sobre ela, tocou a testa ardente com a enorme mão calejada e descolou os cabelos do rosto; seus olhos de passarinho encheram-se de lágrimas:

— Cale-se, cale-se, meu bem — murmurou; — Zorba está aqui, não tenha medo!

E subitamente a visão torna a voltar, e como enorme borboleta cor do mar, recobriu todo o leito. A moribundo tomou a pesada mão, esticou lentamente o braço e passou-o à volta do pescoço de Zorba.

Moveu os lábios:

— Meu Canavarro, meu pequeno Canavarro...

O crucifixo tombou do travesseiro, caiu no chão e quebrou-se.

No quintal ecoou uma voz de homem:

— He! Amigo, vamos, ponha a galinha, a água está fervendo!

Sentara-me a um canto do quarto e, de vez em quando, meus olhos se enchiam de lágrimas. A vida é isso, dizia comigo: confusa, incoerente, indiferente, perversa. Sem piedade. Estes primitivos camponeses cretenses rodeiam uma velha cantora, vinda dos confins do mundo, e assistem à sua morte com uma alegria selvagem, como se ela não fosse, também, um ser humano. Era como se um grande pássaro exótico de cores bizarras tivesse caído na praia, com as asas partidas, e se reunissem em volta para olhar. Um velho pavão, uma velha gata angorá, uma foca doente...

Zorba desprendeu delicadamente do pescoço o braço de Madame Hortência. Levantou-se, lívido. Enxugou os olhos com as costas da mão. Olhou para a doente, mas não distinguia nada. Não enxergava. Enxugou de novo os olhos e então viu que ela agitava os pés moles e inchados e torcia a boca com pavor. Estremeceu uma, duas vezes, os lençóis caíram no chão e ela apareceu meio despida, banhada em suor, inchada e de um amarelo

esverdeado. Deu um gemido agudo, estridente, como um ave que se degola, depois ficou imóvel, os olhos muito abertos, apavorados e vidrados.

O papagaio pulou para o chão da gaiola, agarrou-se às grades, espiou e viu Zorba estender a mão enorme sobre sua dona e com uma ternura infinita fechar-lhe as pálpebras.

— Depressa, uma ajuda! Vamos, vocês aí; ela empacotou — uivaram as carpideiras, correndo para a cama.

Deram um grito enorme, balançando o busto para a frente e para trás, cerrando os punhos e batendo no peito. Pouco a pouco, esta lúgubre e monótona oscilação causava-lhes um ligeiro estado de hipnose; pesares muitos antigos invadiram-nas como veneno; estourava-se a carapaça do coração e o lamento brotava.

"Não lhe cabia estar deitada sob a terra..."

Zorba saiu para o quintal. Queria chorar, mas tinha vergonha, diante das mulheres. Lembro-me de que um dia me dissera: não tenho vergonha de chorar, não, mas diante de homens. Entre homens a gente forma uma camaradagem, não é? Mas diante das mulheres, é preciso mostrar-se sempre forte. Porque, se a gente começa também a choramingar, que vai ser das coitadas? É o fim do mundo.

Lavaram-na com vinho, a velha amortalhadora abriu o baú, tirou roupa limpa, vestiu-a e despejou sobre ela uma garrafinha de água-de-colônia. Dos jardins vizinhos chegaram moscas varejeiras que puseram ovos nas narinas, em volta dos olhos e nos cantos dos lábios.

Chegava o crepúsculo. O céu, para os lados do Ocidente, estava muito tranquilo. Nuvenzinhas como flocos, vermelhas, pinceladas de ouro, vagavam lentamente no violeta escuro da noite.

Transformavam-se sem cessar — navios, cisnes, monstros fantásticos feitos de algodão e farrapos de seda. Por entre os caniços do quintal, via-se ao longe o mar agitado.

Dois corvos bem nutridos voaram de uma figueira e vieram passear nas lajes do quintal. Zorba ficou furioso, pegou uma pedra e enxotou-os.

No outro canto do quintal os malandros da aldeia faziam a sua festa. Apanharam a mesa da cozinha, remexeram tudo, pegaram pão, pratos, talheres; da despensa trouxeram um garrafão de vinho; cozinharam galinhas e agora, alegres, famintos, comiam e bebiam, fazendo brindes.

— Deus tenha a sua alma! — e que tudo o que ela fez seja levado em conta!

— E que todos os gajos seus amantes virem anjos para carregarem a alma dela!

— Olhem, vejam só o velho Zorba — disse Manolakas, — está jogando pedra nos corvos! Fico viúvo vamos convidar ele para beber um trago em memória da sua galinha! He, Capitão Zorba, he, patrício!

Zorba voltou-se. Viu a mesa posta, as galinhas fumegando nos pratos, o vinho brilhando nos copos, sólidos rapazes bronzeados de sol com seus lenços à cabeça, cheios de despreocupações e de juventude.

— Zorba! Zorba! — murmurou ele — aguente firme. Estou esperando você!

Zorba aproximou-se, bebeu um copo de vinho, depois um segundo, um terceiro, num trago, e comeu uma coxa de frango.

Falava com ele, não respondia. Comia e bebia precipitadamente, gulosamente, em grandes bocados, em grandes tragos, silencioso.

Olhava para o quarto onde jazia, imóvel, sua velha amiga e ouvia o lamente que chegava pela janela aberta. De quando em quando interrompia-se a ária fúnebre e ouviam-se gritos, como que disputas, portas de armário abrindo e fechando, barulhos de passos rápidos e pesados, como se alguém lutasse. E recomeçava a lamentação, monótona, desesperada, suave, como zumbido de abelhas.

As carpideiras corriam daqui para ali na câmara mortuária, dizendo as lamentações enquanto remexiam em tudo com frenesi.

Abriram uma gaveta, acharam cinco ou seis colherinhas, um pouco de açúcar, uma lata de café, outra de lukuns. Tia Lenio precipitou-se, apanhou o café e os lukuns; a velha Malamatenia, o açúcar e as colheres Avançou, pegou também dois lukuns, meteu-os na boca, e o lamento saiu desta vez abafado, estrangulado, através da massa açucarada:

"Que chovam flores sobre você e maçãs no seu avental."

Duas velhas insinuaram-se no quarto, atiraram-se no baú, enfiaram os braços, pegaram alguns lencinhos,

duas ou três toalhas, três pares de meia, uma liga, meteram tudo dentro da blusa, voltaram-se para a morta e se persignaram.

Mãe Malamatenia viu as velhas pilhando o baú e ficou furiosa.

— Continue, minha velha, continue, eu já volto — disse ela a Tia Lenio e mergulhou, também de cabeça no baú.

Farrapos de cetim, um vestido cor de alcachofra, já fora da moda, velhas sandálias vermelhas, um leque rasgado, uma sombrinha escarlate nova em toalha e, bem no fundo, um velho boné de almirante. Um presente que lhe haviam feito outrora. Quando estava só, punha-o, diante do espelho e, grave e melancólica, admirava-se.

Alguém chegou à porta. As velhas retiraram-se; tia Lenio agarrou-se de novo ao leito mortuário e pôs-se a bater no peito, exclamando:

"E os cravos vermelhos à volta do seu pescoço..."

Zorba entrou, olhou para a morta, tranquila, calma, toda amarela, coberta de moscas, imóvel, com as mãos cruzadas, a fitinha de veludo no pescoço.

Um bocado de terra, pensou, um bocado de terra que tinha fome, ria, beijava. Um torrão de lama que chorava. E agora? Que Diabo nos traz para a terra e que Diabo nos leva?

Cuspiu e sentou-se.

Lá fora, no quintal, os jovens, já se tinham arrumado para a dança. Chegou Fanurios, o hábil tocador de lira; afastaram a mesa, os latões de petróleo, a tina, o cesto de roupa suja; fizeram lugar e a dança começou.

Foram surgindo os importantes: tio Anagnosti com o grande bastão curvo e uma vasta camisa branca; Kondomanolio, gorducho e sebento; o professor com enormes tinteiros de cobre no cinto e caneta verde atrás da orelha. O velho Mavrandoni não estava: refugiara-se no mato, fugindo da lei.

— Prazer em vê-los, meninos! — disse o pai Anagnosti, acenado com a mão. — divirtam-se bastante! Comam e bebam, Deus os abençoe! Mas não gritem. Não convém. Olhem que os mortos ouvem; sim, ele ouvem!

Kondomanolio explicou:

— Vimos fazer o inventário dos bens da defunta, para distribuir pelos pobres da aldeia. Vocês comeram e beberam a fartar, agora chega! Não vão saquear tudo, desgraçados, senão... olhem aqui!

Ao dizer isso, agitou o cacete com um ar ameaçador.

Após os três importantes, vieram umas dez mulheres descabeladas, descalças, esfarrapadas. Cada uma com um saco vazio debaixo do braço e um cesto às costas. Aproximaram-se furtivamente, passo a passo, sem falar.

Pai Anagnosti voltou-se, viu-as e estourou:

— He, suas negras, para fora! O quê? Vieram assaltar? Nós aqui vamos tomar nota de todas as coisas uma a uma, no papel; depois distribuiremos entre os pobres, com ordem e justiça. Fora! Já disse.

O professor tirou do cinto o grande tinteiro de cobre, desdobrou uma enorme folha de papel e dirigiu-se a lojinha para começar o inventário.

Mas, nesse momento, ouviu-se um barulho ensurdecedor, de xícaras que se quebravam. E na cozinha, uma grande algazarra de panelas, pratos e talheres.

O velho Kondomanolio precipitou-se agitando o cacete. Mas, por onde começar? Velhas, homens, crianças saíam porta afora, à toda, pulavam janelas, jogavam-se no terraço, cada qual levando o que pudera pilhar; frigideiras, panelas, colchões, coelhos... alguns tinham tirado dos gonzos as portas e janelas e as carregavam às costas. O próprio Mimito levava as duas sandálias da defunta; atara-as a um cordel que pendurou ao pescoço — dir-se-ia que Madame Hortência estava montada nos seus ombros e só se viam os sapatos...

O professor franziu os sobrolhos, repôs o tinteiro no cinto, dobrou a toalha de papel em branco e sem dizer palavra, com grandes ares de dignidade ofendida, transpôs a porta e foi-se embora.

O coitado do pai Anagnosti gritava, suplicava, brandia o bastão:

— É uma vergonha, vejam só, é uma vergonha, a morta está vendo vocês!

— Quer que eu vá chamar o padre? — disse Mimito.

— Que padre? Seu idiota! — fez Kondomanolio, furioso. Era uma francesa; você não viu como ela fazia o sinal da cruz? Com quatro dedos a excomungada! Vamos metê-la na terra, antes que se ponha a feder e a contaminar a aldeia!

— Juro que esta começando a encher-se de vermes! — disse Mimito, persignando-se.

O pai Anagnosti balançou a cabeça elegante de grande senhor do campo.

— Você acha isso estranho? seu maluco! na verdade, o homem está cheio de vermes desde que nasce, mas a gente não vê. Quando eles percebem que começamos a apodrecer, saem de seus buracos... brancos, brancos como os bichos do queijo.

Apareceram as primeiras estrelas e ficaram suspensas no ar, trêmulas, como sininhos de prata. A noite toda vibrou.

Zorba tirou da cabeceira da cama a gaiola do papagaio. O pássaro órfão tinha-se jogado a um canto, apavorado. Olhava atentamente e não podia compreender. Pôs a cabeça debaixo das asas e encolheu-se todo.

Quando Zorba desprendeu a gaiola, o papagaio endireitou-se.

Quis falar, mas Zorba estendeu a mão para ele.

— Cale-se — murmurou-lhe com voz carinhosa, — cale-se, venha comigo.

Zorba debruçou-se e fitou a morta. Olhou-a por muito tempo, com a garganta apertada. Fez um movimento para curvar-se e beijá-la, porém se conteve.

— Vá com a graça de Deus! — murmurou.

Pegou a gaiola e saiu para o quintal. Viu-me e se aproximou.

— Vamos embora... — disse-me em voz baixa, tomando-me pelo braço.

Parecia calmo, mas seus lábios tremiam.

— Todos nós vamos pelo mesmo caminho... — disse para consolá-lo.

— A bela consolação! — sussurrou, sarcástico. — vamos embora.

— Espere — disse eu, — vão levá-la. Espere, vamos ver... você não vai ficar até o fim?

— Fico — respondeu, numa voz estrangulada.

Pôs no chão a gaiola e cruzou os braços.

Da câmara mortuária saíram, de cabeça descoberta, o pai Anagnosti e Kondomanolio, que se persignaram. Atrás deles, quatro dançarinos, com a rosa de abril ainda atrás da orelha, alegres, meio embriagados, pegavam, cada qual numa ponta, a porta sobre a qual estava deitada a morta. Mais atrás, seguiam o tocador de lira, com o instrumento, uma dúzia de homens, meio tocados, ainda mastigando, e cinco ou seis mulheres, levando cada qual uma panela ou uma cadeira. Mimito vinha por último, com as sandálias rotas penduradas ao pescoço.

— Assassinos! Assassinos! Assassinos! — gritava, às gargalhadas.

Soprava um vento quente e úmido e o mar irritou-se. O tocador de lira ergueu o arco — fresca, alegre, sarcástica, sua voz brotou na noite quente:

"Por que, ó meu sol, você teve tanta pressa em desaparecer?..."

— Vamos — disse Zorba, — acabou-se.

Capítulo XXIV



Íamos silenciosos através das estreitas ruelas da aldeia. As casas sem luz formavam uma escura mancha, num lugar qualquer ladrava um cão e um boi suspirava. De longe em longe chegavam, com o vento, os sons alegres dos guizos da lira, jorrando como águas brincalhonas.

— Zorba — disse eu, para romper o pesado silêncio, — que vento é este? O vento sul?

Mas Zorba andava na frente, levando como uma lanterna a gaiola do papagaio, e não respondeu. Quando chegamos à praia, voltou-se para mim:

— Está com fome, patrão? — perguntou.

— Não, não estou com fome, Zorba.

— Está com sono?

— Não.

— Nem eu. Vamos sentar um pouco na areia. Quero lhe pedir uma coisa.

Estávamos ambos fatigados, mas não queríamos dormir. Não queríamos perder o veneno deste dia. O sono aparecia-nos como uma fuga à hora do perigo e tínhamos vergonha de ir para a cama.

Sentamo-nos à beira do mar. Zorba pôs a gaiola entre os joelhos e ficou um bom momento silencioso. Atrás da montanha surgiu uma constelação medonha, monstro de múltiplos olhos e cauda e, espiral. De quando em quando desprendia-se uma estrela e caía.

Zorba fitou o céu com um ar extasiado, de boca aberta, como se o visse pela primeira vez.

— Que será que se passa lá em cima? — murmurou.

Logo depois decidiu-se a falar:

— Será que pode me dizer, patrão — disse ele, e sua voz ressoou solene, comovida, na noite quente. Será que pode me dizer o que significam todas essas coisas? Quem foi que fez? Por que foram feitas? E principalmente (a voz de Zorba vibrou de raiva e de temor): por que é que a gente morre?

— Não sei, Zorba! — respondi, envergonhado como se perguntassem a coisa mais simples e mais indispensável e me fosse impossível explicar.

— Você não sabe! — fez Zorba, e seus olhos se arregalaram como naquela noite em que lhe confessei que não sabia dançar.

Ficou em silêncio um instante e bruscamente explodiu:

— Então para que serviram todos esses livros imundos que você leu? Por que leu todos eles? E se não dizem isto, que é que eles dizem então?

— Falam da perplexidade do homem que não pode responder ao que você pergunta, Zorba.

— A perplexidade que se dane! — gritou exasperado batendo com o pé.

O papagaio sobressaltou-se com esses gritos inesperados.

— Canavarro! Canavarro! — gritou, como pedindo socorro.

— Cale essa boca! — fez Zorba, dando um murro na gaiola.

Virou-se para mim:

— O que eu quero é que você me diga donde a gente vem e onde a gente vai. Faz tantos anos que se consome nesses alfarrábios, que já deve ter espremido dois ou três mil quilos de papel e que suco tirou deles?

Havia tanta angústia em sua voz que fiquei sem fala. Ah! Como gostaria de poder lhe responder!

Eu sentia profundamente que o píncaro mais elevado que pode o homem atingir não é nem o

Conhecimento, nem a Virtude, nem a Bondade, nem a Vitória. Mas é algo de maior, mais heroico e desesperado: o Terror sagrado.

— Zorba, nós somos uns vermezinhos, uns vermes muito, muito pequenos, em cima de uma pequena folha de uma árvore gigantesca.

Esta folhinha é a nossa Terra. As outras folhas são as estrelas que você vê movendo-se na noite. Caminhamos na nossa folhinha, examinando-a ansiosamente. Nós a cheiramos, ela cheira bem ou mal. Nós a provamos, ela é comestível. Batemos em cima, ela ressoa e grita como um ser vivo.

Alguns homens, mais corajosos, chegam até a beirinha da folha.

De lá, nos debruçamos, de olhos arregalados, orelhas em pé, para o vazio. Estremecemos. Adivinhamos embaixo de nós o terrível precipício, ouvimos de longe em longe o farfalhar das outras folhas da árvore gigantesca; sentimos a seiva subir das raízes da árvore e nosso coração inchar. Assim debruçados no abismo, com o corpo todo, com toda a alma, estremecemos de terror. A partir desse momento começa...

Parei. Queria dizer: a partir desse momento o começa a poesia, mas Zorba não teria compreendido. Calei me, então.

— Que é que começa? — perguntou a voz ansiosa de Zorba. porque você parou?

— ... começa o grande perigo, Zorba. Uns têm vertigens e deliram, outros têm medo, esforçam-se para achar uma resposta que fortaleça o coração e dizem: " Deus. " outros ainda, da beira da folha estudam o precipício calmamente, corajosamente, e dizem: "Gosto dele."

Zorba refletiu um bom pedaço. Fazia um enorme esforço para entender.

— Eu — disse afinal, — eu olho toda hora para a morte. Olho e não tem medo. Mas nunca, nunca digo "Gosto dela."

Não, ela não me agrada absolutamente. Não estou de acordo.

Calou-se, mas logo explodiu:

— Não sou eu que vou dar meu pescoço à morte e, como um carneiro, dizendo a ela: "Corte a minha cabeça para eu ir logo para o paraíso!"

Eu ouvia Zorba, perplexo. Quem era então o sábio que se esforçava para ensinar os discípulos a fazerem voluntariamente o que a lei manda? a dizer "Sim" à necessidade, a transformar o inevitável em livre vontade?

— Este é, talvez, o único caminho humano para a libertação. É penoso, mas não há outro.

Mas, e a revolta? o altivo sobressalto quixotesco do homem para vencer a necessidade, para submeter a lei exterior de sua alma, para negar tudo o que é, e criar, segundo as leis de seu coração — que são o contrário das leis inumanas da natureza — um mundo novo, mais puro, mais moral, melhor?

Zorba o olhou para mim, viu que eu não tinha mais nada a dizer, pegou a gaiola com cuidado para não despertar o papagaio, colocou-a perto de sua cabeça e deitou-se.

— Boa noite, patrão! — disse. — basta pôr hoje.

Soprava um forte vento do sul, vindo de longe, da África. Ele amadurecia os legumes, as frutas e os peitos de Creta. Sentia-o passando na minha testa, nos lábios, no pescoço; tal qual um fruto, o meu cérebro estalava e crescia.

Não podia, não queria dormir. não pensar em nada. Sentia somente, nesta noite quente, alguma coisa, alguém amadurecer em mim. Vivia nitidamente este surpreendente espetáculo: via-me transformar. o que sempre se passa nos mais obscuros subterrâneos de nossas entranhas, desta vez se passava no dia claro, a descoberto, diante de meus olhos. agachado à beira do mar, eu observava o milagre.

As estrelas desmaiavam, clareou-se o céu e sobre este fundo de

luz, como finamente desenhadas a pena, apareceram as montanhas, as árvores, as gaivotas.

Raiava o dia.

Passaram-Se vários dias. As espigas amadureceram e debruçavam suas cabeças em pesadas de grãos. Nas oliveiras as cigarras serravam o ar, insetos luminosos zumbiam na luz ardente.

Uma bruma elevava-se do mar.

Zorba partia para a montanha de madrugada, silencioso. A instalação do teleférico chegava ao fim. Os

postes foram para os lugares, o cabo esticado e colocadas as roldanas. Zorba voltava do trabalho ao cair da noite, extenuado. Acendia o fogo, preparava a comida e jantávamos. Evitávamos acordar nossos terríveis demônios interiores, o amor, a morte, o medo. não conversávamos sobre a viúva, nem sobre madame Hortência, nem sobre Deus. Silenciosos, fitávamos o mar, ao longe.

Diante do silêncio de Zorba, as vozes eternas e vãs elevavam-se em mim. de novo se enchia meu peito de angústia. O que é este mundo? perguntava-me, qual a sua finalidade e em que podem nossas vidas efêmeras concorrer para alcançá-la? o objetivo do homem é transformar a matéria em alegria, pretende Zorba; em espírito, dizem outros; o que vem a ser o mesmo, em outro plano.

mas, por quê? com que finalidade? e quando o corpo se dissolve, restará alguma coisa daquilo a que chamamos alma? Ou então nada subsiste, e nossa inextinguível sede de imortalidade vem, não do fato de sermos imortais, mas porque, durante o curto instante em que respiramos, estamos a serviço de algo imortal?

Um dia levantei-me e fiz a toalete. Dir-se-ia que terra também acabara de se levantar e fazer a sua toalete. Resplendia, nova em folha. Tomei o caminho da aldeia. À minha esquerda, o mar azul estava imóvel. À direita, ao longe, arrumamos como exércitos de lanças douradas, os campos de trigo. Passei pela figueira da donzela, coberta de folhas verdes e pequenos figos, atravessei o jardim da viúva a toda pressa, sem me voltar, e entrei na aldeia. O hotelzinho agora estava abandonado, deserto. Faltavam-lhe portas e janelas; cães entravam e saíam do quintal e as peças estavam vazias. Na câmara mortuária não havia mais nem cama, nem baú, nem cadeiras.

Só restava, atirado a um canto, um chinelo esfarrapado, gasto, com um pompom vermelho. Fiel, conservava ainda a forma do pé de sua dona. Este miserável chinelo, mais compadecido que a alma humana, ainda não se esquecera do pé amado e tão sofrido.

Demorei a chegar e Zorba já tinha o fogo aceso e se preparava para cozinhar. ao levantar a cabeça compreendeu de onde eu vinha.

Franziu a testa. Após tantos dias de silêncio, nessa noite abriu o coração e falou:

— Todas as tristezas, patrão — disse como querendo justificar-se, — partem o meu coração em dois. Mas este, calejado, crivado de ferimentos, num instante se recompõe e nem se vê a ferida. Estou coberto de cicatrizes, é por isso que aguento os golpes.

— Você esqueceu bem depressa a pobre Bubulina, Zorba — disse eu num tom que, sem querer, tinha saído violento.

Zorba ofendeu-se e elevou a voz:

— Novo caminho, gritou, novos projetos! eu deixei de pensar no que aconteceu ontem, deixei de indagar o que vai acontecer amanhã.

O que aconteceu hoje, neste minuto , é o que me preocupa. eu digo: que é que você está fazendo neste momento, Zorba? — estou dormindo — então, durma bem! — que é que está fazendo neste momento, Zorba? — estou trabalhando. — então, trabalhe bem! — que é que está fazendo neste momento, Zorba? — estou beijando uma mulher. — então, beije bem, Zorba, esqueça o resto; não existe mais nada no mundo. Só ela, meta a cara!

E um momento depois:

— Nenhum Canavarro deu tanto prazer a nossa Bubulina quanto este que lhe fala, eu, o andrajoso, o velho Zorba. Você vai perguntar por que?

Porque todos os Canavarros do mundo no minuto em que beijavam, estavam pensando na sua frota, em Creta, no seu rei, no seus galões ou na sua mulher. Mas eu não; eu esquecia tudo, tudo, e ela, a assanhada, ela sabia muito bem — e aprenda isso, sapientíssimo, para a mulher, não há prazer maior. A verdadeira mulher, escute isso, para seu governo, goza mais com o prazer que dá do que com aquele que recebe do homem.

Abaixou-se para pôr mais lenha no fogo e calou-se.

Olhava para ele e era grande a minha alegria. Sentia que esses minutos , nessa praia deserta, eram ricos, simples, dum profundo valor humano. E nossa refeição de cada noite era como esses guisados que os marinheiros fazem quando desembarcam numa praia deserta — com peixes, ostras e mariscos — são mais saborosos que qualquer outra iguaria e não a igual para nutrir a alma do homem.

Aqui, no fim do mundo, nós éramos também, como dois náufragos.

— Depois de amanhã é inauguração do teleférico — disse Zorba, perseguindo a sua ideia. — Já não estou mais andando na terra, sou aéreo, sinto as roldanas nos meus ombros!

— Lembra-se, Zorba — disse eu, — que isca você lançou no café do Pireu para me pegar no anzol? Gabou se de fazer sopa excelentes — e justamente é o meu prato preferido. Como foi adivinhar?

Zorba abanou a cabeça com um certo desprezo:

— Eu não sei, patrão! me deu na telha. da maneira que eu vi

você sentado no canto do café, quieto, reservado, curvado sobre um livrinho dourado — não sei como foi, eu cismei que você gostava de sopa. a coisa veio de estalo, nem vale a pena querer entender!

Calou-se, espichando a orelha:

— Que é que — disse ele, — aí vem gente!

Ouviram-se passos apressados e o arfar de alguém que corria.

de repente, no reflexo da chama, surgiu diante de nós um monge de hábito esfarrapado, cabeça descoberta, com a barba chamuscada e a metade do bigode. Recendia forte cheiro de petróleo.

— He! Seja bem-vindo, Pater Zaharia! — gritou Zorba. — quem o pôs nesse estado?

Obrigado, monge jogou-se o chão, junto ao fogo. Seu queixo tremia.

Zorba curvou-se e piscou-lhe o olho.

— Sim — respondeu-lhe o monge.

— Bravo, monge! — disse que. — agora é certo que você vai para o paraíso, está garantido, e terá uma lata de petróleo na mão.

— Amém! — murmurou o monge, persignando-se. — eu vi o arcanjo São Miguel, irmão Canavarro. Ele me deu uma ordem. Ouça lá. ele tinha ficado só na cozinha, com porta fechada, descascando vagens.

Os padres foram às vésperas, tudo estava calmo. Ouvia os pássaros cantarem e parecia que eram anjos. Eu me sentia tranquilo, tinha preparado tudo e aguardava. Tinha comprado uma lata de petróleo, que escondi na capela do cemitério, debaixo do altar, para o arcanjo benzer. Então, ontem de tarde, enquanto descascava as vagens, pensava no paraíso e dizia comigo: "Senhor Jesus, faça com que eu mereça também o reino dos céus, e eu consinto em descascar legumes pela eternidade, nas cozinhas do paraíso!" era isso que eu pensava e as lágrimas corriam. Quando, de repente, ouviu um bater de asas em cima de mim. Logo compreendi. curvei a cabeça, tremendo. Então ouvi uma voz: "Zaharia, levanta os olhos, não tenhas medo!" mas eu estava tremendo e caí no chão. "Levanta os olhos Zaharia!" disse de novo a voz. Levantei os olhos e vi: a porta estava aberta e na soleira, o arcanjo Gabriel, igual como ele está pintado na porta do santuário, bem igual: com asas pretas, sandálias vermelhas e capacete de ouro. Só que em vez da espada tinha uma tocha acesa: a "Salve, Zaharia," disse ele. "Sou o servo de Deus, respondi, ordene!" — "Pega na tocha acesa e o senhor esteja contigo!" estendi a mão e senti no queimar a palma. Mas o arcanjo tinha desaparecido.

Só vi pela porta um rastro de fogo no céu, como uma estrela cadente.

O monge enxugou suor do rosto. estava pálido e rangia os dentes como se tivesse febre.

— Então? — fez Zorba. — coragem, monge!

— Nesse momento, os padres saíam das vésperas e entravam no refeitório. De passagem, o Higumeno me deu um pontapé como se eu fosse um cachorro. Os padres riram. Eu calado. Depois que o arcanjo passou, o ar cheirava a enxofre, mas ninguém percebia. Foram para a mesa. "Zaharia, disse o tabulário, você não vem comer?" eu cá, de boca fechada. "O pão dos anjos basta para ele!" disse Dométios, o sodomita. Os padres riram de novo. Então eu cá me levantei e fui para o cemitério. Joguei-me aos pés do arcanjo. Durante horas, senti o seu pé muito pesado na minha nunca. O tempo passou como um relâmpago . É assim que vão passar as horas e os séculos no paraíso.

Chegou meia-noite. Tudo calmo. Os monges foram deitar. Eu me levantei. Fiz o sinal da cruz e o pé do arcanjo. "Seja feita a sua vontade!" disse. Peguei a lata de petróleo e destampei. tinha enchido o meu hábito de trapos. Saí. Fazia uma noite escura. A lua não tinha aparecido. O mosteiro estava todo negro, como o inferno Entrei no pátio, subia a escada, cheguei na cela do Higumeno, despejei petróleo na porta, nas janelas, nas

paredes. Corri para a cela de dométios. Foi de lá que comecei a encharcar as celas e a grande galeria de madeira — assim como você me explicou. e depois entrei na igreja, acendi uma vela na lamparina de Cristo e ateei fogo.

O monge calou-se. Seus olhos encheram-se de chamas.

— Deus seja louvado — rugiu, persignando-se. — Deus seja louvado! de um jato, o mosteiro foi envolvido pelas labaredas. Gritei:

"Para o fogo do inferno!" e pernas para que te quero. Corri com todas as forças, ouvindo os sinos tocando e os gritos dos monges...

— O dia raiou. Eu me escondi no bosque. Tremia. O sol apareceu e eu ouvia os monges revistando as moitas a minha procura. Mas o bom Deus tinha mandado uma neblina sobre mim e eles não viam. à tardinha, ouvi uma voz: "Desça até o mar, fuja!" "

Arcanjo, me leve!" gritei, e comecei de novo a andar. Não sabia onde estava indo, era o arcanjo que me guiava, ora sob a forma de um relâmpago, ora sob a forma de um pássaro negro nas árvores, ou ainda uma atalho morro abaixo. E eu corria o mais que podia atrás dele, com toda a confiança. E olhe só a sua grande bondade! achei você irmão Canavarro. estou salvo!

Zorba nada dizia, mas em todo seu rosto se espalhou um riso aberto, carnal, silencioso o que indo dos cantos da boca as peludas orelhas de burro.

O jantar estava pronto, tirou-o do fogo.

— Zaharia — perguntou, — que negócio é esse de "Pão dos anjos"?

— O espírito — respondeu o monge, persignando-se.

— O espírito? Quer dizer, o vento? Isso não enche barriga, meu velho, venha comer pão, sopa de peixe e um pedaço de carne, para se refazer. Você trabalhou bastante; agora, coma!

— Não tenho fome — disse o monge.

— Zaharia não tem fome, mas e o José? O José não tem fome, também?

— José — disse o monge em voz baixa, como se revelasse algum grande mistério, — José, o maldito, pegou fogo, Deus seja louvado!

— Pegou fogo — exclamou Zorba, rindo. — como? Quando? Você viu?

— Irmão Canavarro, ele pegou fogo quando eu acendia a vela na lamparina de Cristo. Eu vi, com os meus olhos, ele saindo da minha boca, como uma fita preta com letras de fogo. A chama da vela caiu nele, ele se retorceu como uma cobra e foi reduzido a cinzas. Que alívio! Parece que já entrei no paraíso!

Levantou-se da lareira, onde pouco antes se tinha estatelado.

— Vou dormir na praia, foi a ordem que recebi.

Deu alguns passos à beira d'água e desapareceu na noite.

— Você é responsável por ele, Zorba — disse eu: — se os monges o acharem, está perdido.

— Eles não vão achar, não se preocupe, patrão. Eu cá manjo os contrabandos desse gênero. Amanhã cedinho eu faço a barba dele, dou-lhe umas roupas e faço ele embarcar. Não se chateie, não paga a pena. A sopa está boa? coma com vontade o pão dos homens e não se atormente.

Zorba jantou com apetite, bebeu e limpou o bigode. Agora tinha desejo de falar.

— Você viu — disse, — o Diabo dele morreu. E agora o coitado está vazio, completamente vazio, está perdido. Agora ele ficou igual aos outros.

Refletiu um instante e de repente:

— Pense bem, patrão, que esse pobre Diabo estava...

— De certo — respondi. — a ideia de incendiar o mosteiro tomou conta dele, ele incendiou e ficou aliviado. Essa ideia queria comer carne, beber vinho, amadurecer, transformar-se em ação. O outro Zaharia não tinha necessidade nem de carnes nem de vinhos. Morreu jejuando.

Zorba mexeu e remexeu minhas palavras na cabeça com

— Cruz credo! acho que você tem razão, patrão, parece que eu tenho uns cinco ou seis demônios dentro de mim!

— Todos nós temos, Zorba, não se assuste. E quanto mais demônios tivermos, melhor. Basta que eles

atinjam todos o mesmo fim por diferentes caminhos.

Estas palavras deixaram Zorba perturbado. pôs a enorme cabeça entre joelhos e refletiu.

— Que fim? — perguntou afinal, levantando os olhos.

— Não sei, Zorba! você me pergunta cada coisa difícil, como vou explicar-lhe?

— Fale simplesmente, para eu poder entender. Eu até agora deixei os meus demônios livre para fazerem o que quisessem e tomarem o caminho que bem lhes agradasse — é por isso que alguns me chamam de desonesto, outros de biruta, outros de sábio Salomão.

Sou tudo isso e muitas outras coisas mais, uma verdadeira salada russa. Então me esclareça se puder, que fim?

— Eu creio, Zorba, mas posso estar enganado, que há três espécies de homens: os que têm como objetivo de vida — como dizem eles — comer, beber, amar, enriquecer, ficar célebre. Depois há aqueles que têm por objetivo não só a sua própria existência, mas a de todos os homens. Sentem que todos os homens são iguais, como se fossem um só, e se esforçam para esclarecê-los, para amá-los o mais que podem e para lhes fazer o bem. Enfim, há aqueles cujo objetivo é viver a vida do universo inteiro: todos nós, homens, animais, plantas, astros, somos um só, somos apenas uma mesma substância que trava a mesma luta terrível. Que luta? Transformar a matéria em espírito.

Zorba coçou a cabeça:

— Eu tenho a cabeça dura, não entendo com muita facilidade... ah! patrão, se você pudesse dançar tudo o que diz, para eu compreender!

Mordi os lábios, consternado. Todos esses pensamentos desesperados, se eu pudesse dançar! Mas eu era incapaz, minha vida estava desperdiçada.

— Sim, se você pudesse, patrão, me dizer tudo isso como uma história. Como fazia Hussein Agá. Era um velho turco, nosso vizinho.

Muito velho, muito pobre, sem mulher nem filhos, completamente só.

suas roupas eram puídas, mas brilhavam de limpas. era ele que lavava, cozinhava, e limpava o chão. de noite ia à nossa casa.

Sentava no quintal com minha avó e outras velhas e tricotava meias.

Esse Hussein Agá era um santo homem. um dia me botou no colo, pôs a mão na minha cabeça como se me benesse e disse: "Alexis, vou lhe confiar uma coisa. você é muito pequeno para compreender, mas vai entender quando for grande. escute, meu filho: o bom Deus você sabe, não cabe nem nos sete andares da terra. mas cabe no coração do homem. então, tome cuidado, Alexis, para nunca ferir o coração do homem!"

Ouvia Zorba em silêncio e pensava: se eu pudesse não abrir a boca senão quando a ideia abstrata tivesse atingido o seu mais alto píncaro — quando se tivesse transformado numa história! Mas isso somente pode conseguir um grande poeta, ou então um povo, após muitos séculos de silencioso amadurecimento.

Zorba levantou-se.

— Vou ver o que anda fazendo o nosso incendiário e lhe atirar um cobertor para ele não apanhar frio. Vou levar tesouras, também podem servir.

Munido destes objetos, lá se foi, rindo pela praia afora. a lua acabava de aparecer. Derramada sobre a terra uma cor lívida, desmaiada.

Sozinho, perto do fogo extinto, eu pensava as palavras de Zorba — ricas de conteúdo desprendendo um cheiro quente de terra.

Sentia-se que subiam do fundo de suas entranhas e ainda conservavam o calor humano. as minhas palavras, estas eram de papel. Desciam-me da cabeça, apenas salpicadas de uma gota de sangue. E se tinha algum valor, deviam-no era a essa gota de sangue.

Deitado de bruços, eu remexia nas cinzas quentes quando de repente Zorba voltou, balançando os braços, pasmado.

— Patrão, não se aflija.

Levantei-me de um pulo.

— O monge morreu — disse.

— Morreu?

— Encontrei-o deitado na rocha, iluminado pela lua. Ajoelhei ecomecei a cortar a barba, ele nem se mexia. Entusiasmado, corto também os cabelos, rentes. Devo ter tirado meio quilo de cabelos. Quando o vi assim todo raspado como um carneiro, estourei de rir. "Vamos, senhor Zaharia ", gritei para ele, sacudindo: "Acorde para ver o milagre da Virgem." e ele, nem te ligo, nem se mexia. Sacudo mais uma vez, nada! A máquina não andava mais.

À medida que falava, a alegria tomava conta de Zorba. A morte deixara-o um instante perturbado, mas bem depressa ele a pusera no seu lugar.

— E agora, que é que vamos fazer, patrão? Na minha opiniãodevemos botar fogo nele. Quem mata com petróleo, há de morrer com petróleo, ele vai pegar fogo como Judas em sábado de aleluia!

— Faça como quiser — disse eu constrangido.

Zorba caiu em profunda meditação.

— É chato — disse ele afinal, — muito chato... Se eu puser fogo nele, a roupa vai queimar como uma tocha, mas ele coitado, que é só pele e osso! Magro como está, vai levar um tempo enorme para virar cinzas! Não, não tem ao menos umas graminhas de gordura para ajudar o fogo.

Balançando a cabeça, acrescentou: — Se o bom Deus existisse, você não acha que ele tinha previsto issc tudo e fazia logo o monge rechonchudo, com muita gordura, para a gente poder sair dessa? que é que você pensa?

— Não me meta nesta história, já disse. Faça o que quiser, mas depressa.

— O melhor era que acontecesse um milagre! Era preciso que osmonges acreditassem que o bom Deus virou barbeiro e depois de fazer a barba dele, matou para punir por causa dos estragos que fez no mosteiro.

Coçou a cabeça. — Mas que milagre? Que milagre? Quero ver você sair dessa, Zorba!

O quarto crescente, prestes a desaparecer, estava agora à beira do horizonte, ouro e vermelho, como um pedaço de metal rubro ao fogo.

Fatigado, fui deitar-me. Quando acordei de madrugada, viZorba perto de mim, fazendo café. Estava pálido e de olhos vermelhos e inchados por ter passado à noite em claro. Mas seus grossos lábios de bode sorriam maliciosos.

— Não dormi a noite toda, patrão, tinha um trabalhinho.

— Que trabalhinho, celerado?

— Eu estava fazendo o milagre.

Riu e pôs um dedo nos lábios. — Não vou contar! Amanhã é a inauguração do teleférico. Ostoucinhos gordos vão dar a bênção e então a gente vai ficar sabendo do novo milagre de nossa senhora da vingança.

Serviu o café.

— Meu velho, eu estava bom para bancar o Higumeno —prosseguiu. — Se eu abrisse um mosteiro, juro que todos os outros iam fechar e eu ficava com os clientes. Você queria lágrimas? Uma esponjinha molhada atrás dos ícones e todos os meus santos começavam a chorar. Trovões? Eu metia de baixo do altar uma mecânica que fazia barulho. Fantasmas? Dois monges meus, de todaconfiança, iam errar de noite nos telhados do mosteiro, embrulhados em lençóis. E todos os anos eu preparava para a festa de sua graça uma súcia de capengas, de cegos e de paralíticos que iam ver outra vez à luz e iam usar os pés para dançar. — por que está rindo, patrão?

um tio meu achou uma velha mula à beira da morte. Tinha sido abandonada na montanha para bater as botas. Então ele pegou a mula e todas as manhãs levava para pastar e de noite trazia para casa. "He, pai Haralambos, dizia o pessoal da aldeia, que é que você quer com essa velha mula ruça?" — "Ela serve de fábrica de estrume", respondia meu tio. Pois bem, eu cá patrão, o mosteiro ia me servir é de fábrica de milagres.

Capítulo XXV



Nunca mais na minha vida me esquecerei daquela véspera de 1º de maio. O teleférico estava pronto: pilastras, cabo e roldanas brilhavam ao sol da manhã. Amontoavam-se no alto da montanha grandes troncos de pinheiro e lá de cima os trabalhadores esperavam o momento de prendê-los ao cabo e fazê-los descer em direção ao mar.

Uma grande bandeira grega tremulava no topo do poste de partida, na montanha, outra no poste de chegada, na praia. Em frente ao barracão, Zorba pusera um barril de vinho. Ao lado, um trabalhador assava, no espeto, um carneiro bem gordo. Após a benção e a inauguração, os convidados deveriam tomar um copo de vinho para nos desejarem prosperidade.

Zorba tinha também desprendido a gaiola do papagaio e a pusera numa pedra alta, ao lado do primeiro poste.

— É como se eu estivesse vendo a dona dele — murmurou, fitando-o ternamente.

Tirou do bolso um punhado de amendoins e lhe deu.

Vestia suas roupas de festa, camisa branca desabotoada, casaco verde, calça cinza e umas belas botas de elástico.

Corria para receber, como um fidalgo, outros fidalgos, os importantes que chegavam, explicando-lhes o que era o teleférico, que proveito dele tiraria a região e que a Santa Virgem lhe trouxera suas luzes para esta perfeita realização.

— É uma obra importante — dizia. — é preciso achar a boa inclinação... Toda uma ciência! quebrei a cabeça durante meses, mas não adiantou. Nada. Para os grandes trabalhos, o espírito do homem não é suficiente; temos que acreditar que é preciso uma ajuda divina.

Então a muito Santa Virgem viu a minha aflição, teve piedade de mim e disse assim: este pobre Zorba é um bom sujeito, faz isso para o bem da aldeia, eu vou ajudá-lo um pouco. É o milagre! Zorba parou e se persignou três vezes.

— O milagre! Uma noite, no sono, uma mulher de preto apareceu para mim — era a Santa Virgem. Tinha na mão um caminho aéreo pequenino, desse tamanho. e falou:" Zorba, trago a maqueta para você. Olhe, siga esta inclinação e receba a minha benção!" dito isto, ela desapareceu. Então, acordei sobressaltado. corri para lá onde eu fazia as minhas experiências, e que é que eu vejo? o barbante tinha tomado, sozinho, a boa inclinação! e cheirava a benjoim, prova que foi tocado pela mão divina.

Kondomanolio abriu a boca para fazer uma pergunta, quando do caminho pedregoso, desembocaram cinco monges montado em mulas. Um sexto trazendo uma grande cruz de madeira aos ombros, corria a frente, gritando. Que gritava ele? Não podíamos ainda distinguir.

Ouviam-se salmos, os monges agitavam os braços, persignavam-se, as pedras lançavam faíscas.

O monge que vinha pé chegou perto de nós, escorrendo suor.

Elevou a cruz bem para o alto: — Cristãos, o milagre! — exclamou. — cristãos, o milagre! os padres trazem a muito Santa Virgem Maria. Caíam de joelhos e adorem-na! Os aldeões acorreram, muito emocionados autoridades e trabalhadores cercaram o monge, persignando-se. Eu me mantinha afastado. Zorba lançou-me um olhar rápido e faiscante.

— Chegue você também, patrão — disse ele; — vá ouvir o milagre da muito Santa Virgem! O monge apressado, esbaforido, pôs-se a contar: — Caiam de joelhos, cristãos, escutem o milagre divino! Ouçam, cristãos! o Diabo tinha-se apoderado da alma do maldito Zaharia e, anteontem, o fez regar com petróleo o santo mosteiro.

À meia noite vimos as chamas e nos levantamos à toda pressa.

A igreja, a galeria, as celas, estavam em chamas. Tocamos os sinos, gritando: "Socorro, nossa senhora da vingança!" e nos precipitamos com cântaros e baldes. de manhãzinha o fogo estava apagado.

Fomos à capela onde reina seu ícone milagroso e nos ajoelhamos, implorando: "Virgem da vingança, erga sua lança e fira o culpado!" depois nos reunimos no pátio e constatamos a ausência de Zaharia, o Judas. Gritávamos: "Foi ele que nos queimou, foi ele!" e saímos a sua procura. Procuramos o dia inteiro, nada; a noite toda, nada. e então hoje, ao raiar do dia, fomos mais uma vez que a capela e que vimos, meus irmãos? Um terrível milagre! Zaharia estava deitado, morto, aos pés do santo ícone e a lança da Virgem tinha ainda na ponta uma grande gota de sangue!" — Meu Deus, tende piedade de nós! — murmuravam os aldeões aterrorizados.

— E ainda aconteceu uma coisa terrível! — prosseguiu o monge, engolindo em seco. — quando nos curvamos para levantar o maldito Zaharia, ficamos de boca aberta: a Virgem tinha-lhe cortado os cabelos, o bigode e a barba — como os de um cura católico! Retendo o riso a custo, voltei-me para Zorba.

— Seu bandido! — disse-lhe em voz baixa.

Mas ele fitando o monge, com os olhos esbugalhados, e muito compungido, fazia sinais da cruz sem parar, indícios da mais completa estupefação.

— Você é grande, senhor; você é grande, senhor, e admiráveis são suas obras!-murmurou ele.

Naquele momento, chegaram os outros monges e apearam. o padre hospitaleiro trazia o ícone nos braços. Subiu a um rochedo e todos, empurrando-se uns aos outros, correram a se prostrar diante da Virgem milagrosa. Aliás, o gordo Dométios, munido de uma bandeja, fazia a coleta e aspergia com água de rosas as rudes testas camponesas. Três monges puseram-se à sua volta, as mãos peludas juntas sobre suas panças, suando em bicas, e entoavam cânticos.

— Vamos fazer uma peregrinação às cidades de Creta — disse o gordo Dométios,-para que os crentes se prosternem diante da sua graça e tragam suas oferendas. Precisamos de dinheiro, muito dinheiro, para restaurar o santo mosteiro...

— Os toucinho aos gordos! — resmungou Zorba. — eles ainda vão sair ganhando.

Aproximou-se do Higumeno: — Santo Higumeno, está tudo pronto para a cerimônia. Que a Santa Virgem abençoe nossa obra! O sol já ia alto, nem o menor sopro de vento, fazia muito calor.

Os monges colocaram-se em volta do poste que tinha a bandeira.

Enxugaram a testa com as largas mangas e se puseram a entoar a oração para os "Alicerces da casa".

"Senhor, senhor edifique esta máquina sobre uma rocha sólida, que nem o vento e nem a chuva possa danificar..." Mergulharam o hissope na tigela de cobre e aspergiram coisas e pessoas: o poste, o cabo, às roldanas, Zorba e eu, e depois os camponeses, os trabalhadores e o mar.

Em seguida, com precaução, como se se tratasse de uma mulher doente, levantaram o ícone, instalaram-no perto do papagaio e fizeram um círculo a volta. Do outro lado colocaram-se os importantes e, ao centro, Zorba. Eu me retirara para junto do mar e aguardava.

A experiência seria feita com três árvores: uma Santa trindade.

Acrescentou-se, entretanto, uma quarta, em sinal de reconhecimento para com nossa senhora da vingança.

Monges, aldeões e trabalhadores persignaram-se.

— Em nome da Santa trindade e da Virgem! — murmuraram.

Numa pernada, Zorba chegou perto do primeiro porte. Puxou a corda e fez descer a bandeira. Era o sinal que esperavam os trabalhadores, lá de cima. Todos os assistentes recuaram e fixaram os olhares no alto do morro.

— Em nome do padre! — exclamou o Higumeno.

Impossível descrever o que então se passou. a catástrofe explodiu como um raio. Os que assistiam mal tiveram tempo de escapar. O teleférico todo vacilou. O pinheiro que os trabalhadores amarraram ao cabo lançou-se com uma impetuosidade demoníaca.

Saíam faíscas, grandes lascas de madeira projetavam-se nos ares, e quando, minutos depois, chegou

embaixo, não restava senão uma acha meio calcinada.

Zorba lançou-me um olhar de cão açoitado. Monges e aldeões recuaram, prudentes. As mulas que estavam amarradas se puseram a dar coices. o gordo Dométios curvou-se, ofegante: — Senhor, tende piedade de mim! — murmurava apavorado.

Zorba levantou o braço: — Não foi nada — assegurou. — é sempre assim com o primeiro tronco. Agora a máquina vai entrar nos eixos, olhem! Fez subir a bandeira, deu novamente o sinal e fugiu correndo.

— ... E do filho! — exclamou Higumeno, com a voz um pouco trêmula.

Largou-se o segundo tronco. Tremeram os postes, a madeira tomou impulso. Pulava como um golfinho, correndo em nossa direção.

Mas não foi longe, pulverizou-se no meio do caminho.

— O Diabo que o carregue! — resmungou Zorba, mordendo os bigodes. — a maldita inclinação ainda não está no ponto! Correu para o poste e, num gesto de raiva, fez descer a bandeira para a terceira partida. os monges, entrincheirados atrás das mulas, persignaram-se. os notáveis esperavam, um pé já no ar, prontos para a fuga.

— ... E do Espírito Santo!-balbuciou o Higumeno, arregaçando o hábito.

O terceiro tronco era enorme. Apenas o largaram, ouviu-se tremendo barulho.

— Deitem-se no chão, desgraçados! — berrou Zorba, fugindo à toda.

Os monges deitaram-se de bruços, os aldeões desabafaram.

O tronco deu um salto, tornou a cair sobre o cabo, lançou um punhado de agulhas e, antes que nos tivéssemos dado conta, ultrapassara a montanha e a praia e afundava lá longe no mar, num jorro de espuma.

Os postes vibraram de forma inquietante. Vários se tinham inclinado. As mulas arrebentaram as cordas e saíram correndo.

— Não é nada! Não é nada! — gritou Zorba fora de si. — agora a máquina está em ponto de bala, para frente! Fez subir a bandeira uma vez mais. Sentia-se que estava desesperado e ansioso para ver tudo acabado.

— ... E de nossa senhora da vingança! — gaguejou o Higumeno fugindo.

Arremessaram o quarto tronco. Ressoou um crac assustador, depois do segundo crac, e todos postes, um após outro, desmoronaram-se como um castelo de cartas.

— Senhor, tende piedade de nós! — ganiram os trabalhadores, aldeões e monges, fugindo em debanda.

Uma lasca feriu Dométios na coxa. Por um triz outra não arrancou um olho do Higumeno. Os aldeões tinham desaparecido. Só a Virgem se conservava ereta em cima da pedra, sua lança na mão, fitando os homens com um olho austero. a seu lado, as penas verdes todas eriçadas, tremia o pobre papagaio, mais morto do que vivo.

Os monges pegaram a Virgem nos braços, levantaram Dométios que gemia de dor, juntaram as mulas, montaram e bateram em retirada. O mestre cuca, apavorado, abandonara o carneiro que estava queimando.

— O Carneiro vai ficar carbonizado!-gritou Zorba cheio de inquietude, precipitando-se para virá-lo no espeto.

Sentei-me perto dele. Não havia mais ninguém na praia, tínhamos ficado sozinhos. Voltou se para mim e me lançou um olhar incerto, hesitante. Não sabia como eu ia receber a catástrofe nem como acabaria essa aventura.

Pegou uma faca, debruçou-se de novo sob o carneiro, cortou um pedaço, provou, retirou logo o animal do fogo e o encostou, ainda no espeto, a uma árvore.

— Está no ponto! — disse; — no ponto, patrão. Quer um pedacinho? — Traga também o vinho e pão — respondi; — estou com fome.

Zorba correu, ágil, rolou o barrilzinho para perto do carneiro, trouxe uma broa de pão branco e dois copos.

Cada qual pegou sua faca, cortou duas grandes talhadas de carne, gordas fatias de pão e se pôs a comer avidamente.

— Vê como ele está bom, patrão? Desmancha na boca! aqui, você vê, não temos gordas pastagens, os

animais comem a erva seca, é por isso que a carne tem tanto gosto. Carne assim suculenta como esta, só comi uma vez. Eu me lembro, foi no tempo que eu bordei com os meus cabelos uma Santa Sofia que trazia como amuleto. já contei a você, é uma velha história! — Conta! conta! — Velhas histórias, estou dizendo patrão! Fantasias de gregos, fantasias de louco! — Vamos, conte, Zorba, gosto disso! — Então naquela noite, os búlgaros tinham nos cercado.

A gente via em volta, nas encostas da montanha, as fogueiras acesas. Para meterem medo, começaram a tocar címbalos e uivar como lobos. Deviam ser uns trezentos. Nós éramos 28 e mais o capitão Rouvas — Deus guarde sua alma, se já morreu, era um cara legal — nosso chefe. "Eh! Zorba, ele disse para mim, ponha o carneiro no espeto!" — "Ele tem muito mais gosto cozido num buraco, capitão", falei eu. — "Faça como quiser, mas depressa, estamos com fome!" A gente cavou um buraco, eu forrei com a pele do carneiro, botamos uma boa camada de carvão em brasa por cima, tiramos o pão de nossas sacolas e sentamos em volta do fogo." Pode bem ser o último que comemos", disse o capitão Rouvas. "Será que alguém aqui está com medo?" nós todos começamos a rir e ninguém se dignou a responder. Pegamos na cabaça. a sua saúde, capitão! a gente bebeu um gole, bebeu dois, tiramos o carneiro do buraco. Ah! meu velho, que carneiro, patrão! quando penso nele, ficou ainda com água na boca! Desmanchando, como um lukun! Todo mundo avançou nele com vontade. "Nunca na da eu tinha provado carne mais suculenta!" disso capitão. "Deus nos proteja! "E vai, bebe o vinho de um trago, ele que nunca bebia." cantem um canto cléftico, meninos! "Ordena." Aqueles lá uivam como lobos; nós aqui vamos cantar como homens.

Vamos cantar o velho Dimos." Engolimos depressa, bebemos mais um trago. o canto vai alteando, aumenta de volume, fazendo ressoar o eco nas ravinas:" estou velho, rapazes, há 40 anos que sou clefta..." uma animação dos Diabos." He, he, que alegria!" diz o capitão," tomara que dure! escute aqui, Alexis, olhe um pouco para o lombo do carneiro... que é que diz?" eu me ponho a descarnar o lombo do carneiro e vou para perto do fogo para se enxergar melhor." Não vejo sepulturas, capitão, gritei. não vejo mortos. a gente vai ainda se safar dessa, rapazes!" — " Deus o ouça", disse o nosso chefe, que estava casado de pouco." que eu chegue ou menos a fazer um filho e depois venha o que vier." Zorba cortou um bom naco perto dos rins: — Estava bom aquele carneiro, mas este, coitadinho, não fica devendo nada! — Sirva a bebida, Zorba — disse eu. — encha os copos até a boca e vamos esvaziá-los! Depois de brindar, degustamos o nosso vinho, um delicioso vinho cretense, púrpura como sangue de lebre. Beber era comungar com o sangue da terra. Sentíamo-nos com feras! As veias transbordavam de forças, o coração de bondade. O cordeiro se transformava em leão. Esquecíamos as mesquinharias da vida, alargavam-se os horizontes estreitos. Unidos aos homens, aos animais, a Deus, formávamos um todo com o Universo.

— Vejamos nós também o que diz o lombo do carneiro — disse eu.-vamos lá Zorba! Chupou com muito cuidado o lombo, raspou com a faca, aproximou-o da luz e olhou atentamente.

— Está tudo bem — disse, — a gente vai viver 1000 anos, patrão, um coração de aço! Curvou-se, pondo-se de novo a examinar: — Vejo uma viagem-disse, — uma grande viagem. No fim da viagem vejo uma grande casa Branca, com muitas portas. Deve ser a capital de algum Reino. Ou então é o mosteiro onde eu vou ser porteiro e fazer contrabando, como combinados.

— Sirva a bebida, Zorba, deixe as profecias. Eu é que vou lhe dizer o que é esta grande casa com muitas portas: é a terra com as sepulturas, Zorba. É esse o fim da viagem. À sua saúde, seu bandido! — À sua saúde, patrão! Dizem que a sorte é cega. Ela não sabe aonde vai, esbarra em quem passa e aquele em que ela cai, a gente chama de felizardo. Ao Diabo uma sorte dessas, nós não queremos nada com ela, hein, patrão? — Nem queremos mesmo, Zorba. À sua saúde! Bebíamos e comíamos os restos do carneiro. O mundo ficava mais leve, o mar ria, a terra balançava como o convés de um navio, duas gaivotas caminhavam na areia, batendo papo como homens.

Levantei-me.

— Venha, Zorba — exclamei, — me ensine a dançar!

Zorba deu um pulo e seu rosto brilhou.

— Dançar, patrão? Dançar? Ande, venha!

— Vamos lá, Zorba, minha vida mudou, coragem!

— Para começar, vou ensinar a você o zeimbekiko. Uma dança selvagem, marcial, que nós, os comitadjis, dançávamos antes da batalha.

Tirou os sapatos, as meias cor de alcachofra, ficou em manga de camisa. Mas ainda sufocava e tirou essa também.

— Olha para o meu pé, patrão — ordenou-me, — preste atenção!

Estendeu um pé, tocou de leve chão, esticou o outro.

Misturaram-se os passos violentamente, alegremente e a terra vibrou.

Pegou-me pelos ombros: — Vamos, meu rapaz — disse, — vamos os dois!

Lançamo-nos na dança. Zorba me corrigia, sério, paciente, com ternura. Eu tomava coragem e sentia nascerem asas nos meus pesados pés.

— Bravo, você é um craque! — Gritou Zorba, batendo com as mãos para marcar o compasso. —Bravo, rapaz! Ao Diabo papeladas e tinteiros! Ao Diabo o capital e os juros. Agora que você também dança, e que aprende a minha língua, que é que a gente não vai poder dizer um para o outro!

Martelou os seixos como seus pés nus e batendo as mãos: — Patrão — exclamou, — tenho muitas coisas para lhe dizer, nunca gostei de ninguém como gosto de você, tenho muitas coisas para dizer, mas a língua não consegue. Então, vou dançar! fique de lado, para eu não pisar em cima! Para a frente, hop! hop! Deu um pulo, os pés e as mãos viraram asas. Jogando-se para cima, pulando, ereto, sobre este fundo de céu e de mar, parecia um velho arcanjo revoltado. Porque esta dança de Zorba era toda desafio, obstinação e revolta. Dir-se-ia que gritava:" Que é que podes fazer comigo, todo-poderoso? Não me podes fazer nada, se não me matar. pois mata-me, eu nem ligo. descarreguei a minha bile, disse tudo o que queria: tive tempo de dançar e não preciso mais de ti!"

Vendo Zorba dançar, eu compreendia pela primeira vez o esforço quimérico do homem para vencer a gravidade. Admirava sua resistência, sua agilidade, seu orgulho. na areia, os passos de Zorba, impetuoso os hábeis, gravava a história demoníaca do homem.

Parou, contemplando o teleférico desmoronado numa série de montículos. O sol declinava no poente, alongava-se as sombras. Zorba arregalou os olhos como se de repente se lembrasse de alguma coisa.

Virou-se para mim e, num gesto que lhe era habitual, cobriu a boca com a palma da mão.

— Oba! patrão, viu como ele não lançava faíscas, o diabinho? Caímos na gargalhada.

Zorba atirou-se para mim, tomou-me nos braços e começou a beijar-me.

— Você também está rindo? — Exclamou com ternura.

— Também está rindo, patrão? Bravos, meu rapaz! Torcendo-nos de rir, rolamos um bom tempo, brincando na areia. Depois, deixando-nos ambos cair por terra, deitamos no cascalho e adormecemos abraçados.

Ao amanhecer, levantei-me e caminhei rapidamente ao longo da praia, em direção à aldeia; meu coração pulava dentro do peito.

Raramente experimentava tal alegria em minha vida. Não era alegria, era uma sublime, absurda e injustificável euforia. Não somente injustificável, mas contrária a qualquer justificação. Desta vez havia perdido todo o meu dinheiro, trabalhadores, teleférico, vagonetes; havíamos construído um pequeno porto para exportar o carvão e agora nada tínhamos para exportar. Estava tudo perdido.

Ora, precisamente nesse momento é que eu experimentava uma sensação inesperada de libertação. Como se tivesse descoberto, nos recônditos duros e morosos da necessidade, a liberdade brincando a um canto. E eu brincava com ela.

Quando tudo anda às avessas, que alegria é pôr à prova nossa alma, para ver se ela tem resistência e valor! Dir-se-ia que um inimigo invisível e todo-poderoso — uns o chamam Deus, outros, Diabo — se lança para nos abater; mas continuamos de pé. Cada vez que no íntimo sai vencedor, enquanto que no exterior é completamente vencido, o verdadeiro homem sente um orgulho e uma alegria indizíveis. A calamidade exterior transforma-se em suprema felicidade.

Lembro-me de que uma tarde Zorba me contou: "Uma noite, numa montanha da Macedônia coberta de neve, levantou-se um vento terrível. Sacudia, querendo virar, a pequena cabana onde me aninhei. Mas eu a tinha feito bem sólida. Estava sentado sozinho em frente da lareira onde o fogo ardia. Eu ria e provocava o vento, gritando para ele:" Você não vai entrar na sua cabana, não vou lhe abrir a porta, não vai apagar o meu fogo nem fazer eu desmoronar!"

Por essas palavras de Zorba eu compreendera como o homem se deve comportar e que linguagem deve usar para com a necessidade, poderosa e cega.

Andava depressa pela praia, falava, eu também, com o inimigo invisível, gritando: "Você não entrará na minha alma, não lhe abrirei a porta, não apagará meu fogo, nem me fará desabar!" O sol não despontara ainda no alto das montanhas, às cores brincavam no céu e no mar: azuis, verdes, rosas e madrepérolas; do outro lado, nas oliveiras, os passarinhos acordavam e pipilavam, embriagados de luz.

Seguia à beira d'água para dizer o meu adeus a esta praia solitária, gravá-la no espírito e levá-la comigo.

Conhecera muitas alegrias nesta Costa, a vida com Zorba alargara meu coração; algumas de suas palavras acalmaram minha alma. Este homem, com seu instinto infalível, seu olhar primitivo de águia, cortava por atalhos certos e chegava, sem perder o fôlego, ao auge do esforço — além do esforço.

Passou um grupo de homens e mulheres, com cestas carregadas e garrafas de vinho. iam para o jardim festejar o 1º de maio. Uma voz de mocinha elevou-se com um jato d'água e cantou.

Uma garota, de seios precocemente desenvolvidos, passou perto de mim, esbaforida, e se foi refugiar numa pedra alta. Um homem de barba preta a perseguia, pálido e irritado.

— Desça daí, dessa... — gritava-lhe uma voz rouca.

Mas a pequena, as faces em fogo, levantou os braços, cruzou-os na nuca e balançando lentamente o corpo todo suado, continuou a canção: Diga-me brincando, diga-me, dengoso Diga-me que não me ama, que eu não me importo — Dessa, dessa... — gritava-lhe um homem barbudo e sua voz rouca suplicava e ameaçava. De repente, num pulo, agarrou-lhe o pé, apertou-o fortemente e a garota, como se esperasse esse gesto brutal para desabafar, desatou em soluços.

Eu ia a passos rápidos. Todas essas alegrias irritavam-me o coração. A velha sereia surgia no mesmo espírito, gorda e perfumada, farta de beijos, deitada sob a terra. Já devia estar inchada e verde, gretada, escorrendo humores, coberta de vermes.

Sacudi a cabeça com horror. As vezes a terra fica transparente e nós distinguimos o grande senhor, o verme, trabalhando dia e noite em suas oficinas subterrâneas. Mas nos aprecemos em voltar os olhos, porque tudo o homem pode suportar, menos a minúscula vista do verme branco.

A entrada da aldeia, encontrei o carteiro que se preparava para tocar a trombeta.

— Uma carta, patrão! — disse, estendendo-me um envelope azul.

Estremeci, alegre, reconhecendo a letra delgada. Atravessei rapidamente a aldeia, entrei no bosque de oliveira e abria carta com impaciência: era breve e apressada, lia-a de um jato: "Atingimos a fronteira da Geórgia, escapamos dos curdos, tudo vai bem. Sei, enfim, o que é a felicidade. A sentença muito velha: a felicidade é cumprir o dever e quanto mais difícil o dever, maior a felicidade, só agora posso compreender porque a vivo." Dentro de alguns dias essas criaturas perseguidas e moribundas estarão em Batum e acabo de receber um telegrama:" Os primeiros navios à vista!" Esses milhares de gregos na inteligentes e trabalhadores com suas mulheres de largos flancos e seus filhos de olhos em chamas, em breve serão transplantados para a Macedônia e a Trácia. Vamos injetar um sangue novo e valente nas velhas veias da Grécia.

Confesso que me fatiguei um pouco; que importa! Combatemos, mestre, vencemos e sou feliz." Escondi a carta e apressei o passo; estava feliz, eu também estava feliz. Tomei o caminho e escarpado da montanha, esfregando entre os dedos um ramo cheiroso de tomilho em flor. Era quase meio- dia; muito escura, a sombra se comprimia a meus pés; um gavião planou muito alto, as asas batendo tão rápidas que ele parecia imóvel. Uma perdiz ouviu o barulho dos meus passos, lançou-se para fora da mata e seu voo metálico zuniu no ar.

Eu estava feliz. Se pudesse, teria cantado para me aliviar, mas só consegui dar uns gritinhos inarticulados. Que é que lhe deu? Perguntava-me caçoando de mim mesmo. Está assim tão patriota sem o saber? Ou então

gosta tanto de seu amigo? Não tem vergonha? domine-se, fique tranquilo.

Porém, eufórico, eu continuava a seguir o caminho, dando gritinhos de alegria. um barulho de chocalhos ressoou, cabras pretas, castanhas, cinzentas, apareceram nos rochedos, banhadas de sol. A frente ia o bode, de pescoço firme. Seu cheiro empestava o ar.

Um pastor pulou para uma pedra e me chamou, assobiando nos dedos: — Eh! amigo! Aonde vai? Corre atrás de quem?

— Eu tenho o que fazer — respondi, continuando minha escalada.

— Para um instante, venha beber um pouco de leite para refrescar! — gritou ainda o pastor, pulando de pedra em pedra.

— Tenho o que fazer — gritei de novo; eu não queria, falando, interromper bruscamente a minha alegria.

— Eh! Está fazendo pouco do meu leite! — disse o pastor magoado. — Então, boa viagem, tanto pior para você.

Pôs os dedos na boca, assobiou para a tropa, e pouco depois, cabras, cães e pastor, todos desapareceram atrás dos rochedos.

Logo atingi o alto da montanha. Imediatamente me acalmei, como se esse cume fosse a minha meta Deitado sobre um rochedo, a sombra, olhava ao longe a planície e o mar. Respirei profundamente.

O ar cheirava, recendia a salva e tomilho.

Levantei-me, colhi uma braçada de salvas, fiz com ela um travesseiro e me deitei. Estava fatigado, fechei os olhos.

Por um instante em meu espírito voou longe, para as altas paragens cobertas de neve; esforçava-me para imaginar o rebanho de homens, mulheres, bois, caminhando para o norte, e meu amigo marchando à frente, como um carneiro de regimento. Mas, bem depressa, meu cérebro se obscureceu e senti uma invencível vontade de dormir.

Quis resistir, não mergulhar no sono, abri os olhos. um corvo tinha pousado à minha frente, sobre o rochedo, bem no alto da montanha. Suas penas de um preto azulado brilhavam ao sol e eu lhe distinguia nitidamente o grande bico amarelo. Fiquei zangado, apreensivo, este corvo me parecia de mau agouro; peguei uma pedra e joguei nele. a ave, tranquilamente, lentamente, abriu as asas.

Fechei de novo os olhos, sem poder resistir, e de um só golpe, fulminante, o sono tomou conta de mim.

Não devia ter dormido mais do que alguns segundos quando dei um grito e me levantei de um salto. O corvo passava neste momento sobre a minha cabeça. Escorei-me ao rochedo, tremendo todo. Um sonho violento, como um golpe de sabre, atravessara-me o espírito.

Via-me em Atenas, subindo a rua Hermes, sozinho. O sol queimava, a rua deserta, as lojas fechadas, solidão completa.

Quando passava em frente à igreja de Kapnikareia, vi meu amigo, vindo da praça da constituição, pálido e sem fôlego; ele seguia um homem muito alto, muito magro, que andava a passos de gigante. Meu amigo vestia seu grande uniforme de diplomata; avistou-me e gritou de longe, ofegante: — Olá, mestre, que fim levou você? Há um século que não o vejo; venha esta noite, vamos conversar.

— Onde? — gritei eu também, muito alto, como se meu amigo estivesse muito longe e me fosse necessário usar toda a voz para me fazer ouvir.

— Praça da Concórdia, esta tarde, às 6h. No café A Fonte do Paraíso.

— Muito bem — disse, — irei.

— Você diz isso — fez ele em tom de censura; — você diz isso, mas não virá.

— Irei com certeza! — exclamei.

— Venha me apertar a mão!

— Estou com pressa.

— Por que tanta pressa? Venha me apertar a mão.

Estendeu o braço e, bruscamente, este se desprendeu do corpo e veio, pelos ares, segurar a minha mão.

Fiquei apavorado com esse contato frio, soltei um grito e acordei sobressaltado.

Surpreendi então o corvo voando sobre minha cabeça. Meus lábios destilavam veneno.

Voltei-me para leste, fixei os olhos no horizonte, como se quisesse furar a distância e ver... Meu amigo, eu tinha a certeza, estava em perigo. gritei três vezes o seu nome: — Stavridaki! Stavridaki! Stavridaki! Como se quisesse lhe dar coragem. Minha voz se perdeu a algumas braças adiante de mim, desvanecendo-se no ar.

Tomei o caminho de volta. Precipitava-me montanha abaixo, tentando, às custas da fadiga, afastara a dor. Meu cérebro procurava em vão reunir as mensagens misteriosas que às vezes conseguem atravessar o corpo e chegar até a alma. no fundo do meu ser, uma certeza primitiva, mais profunda que a razão, toda animal, enchia-me de terror. A mesma certeza que experimentam certos animais, os carneiros, os ratos, antes do tremor de terra. Despertou-se em mim a alma dos primeiros homens, tal como ela era antes de se destacar completamente do universo, quando ainda sentia diretamente a verdade, sem a intervenção deformante da razão.

— Ele está em perigo! Está em perigo... — murmurei. — Vai morrer.Talvez ainda nem saiba. Mas eu já sei, tenho certeza.

Desci a montanha correndo, tropecei numas pedras e rolei, arrastando comigo alguns seixos. Levantei, mãos e pernas ensanguentadas, cobertas de arranhões. Minha camisa estava rasgada, mas eu sentia uma espécie de alívio.

Ele vai morrer, ele vai morrer! Dizia comigo, e minha garganta apertava.

O homem, infeliz ergueu em torno de sua pobre existência uma alta fortaleza que ele pretende inexpugnável; aí se refugia e se esforça para lhe pôr um pouco de ordem e segurança. Um pouco de felicidade. Tudo aí deve seguir os caminhos traçados, a sacrossanta rotina, obedecer às leis simples e seguras. neste recinto fechado às incursões violentas do mistério, arrastam-se, todo-poderosas, as pequenas certezas de 1000 patas. Só existe um único inimigo formidável, mortalmente temido e odiado: a grande certeza.

Ora, esta grande certeza tinha agora transposto as muralhas e se lançara sobre minha alma.

Quando cheguei a minha praia, retomei o fôlego por um momento. Todas essas mensagens, pensei, nascem de nossa própria inquietude e no sono se paramentam com os enfeites brilhantes do símbolo. Mas somos nós mesmos que as criamos. Acalmei-me um pouco. A razão pôs ordem no meu coração, cortou as asas do estranho morcego, foi cortando, cortando, até transformá-lo num raro familiar.

Quando cheguei ao barracão, sorria da minha ingenuidade; envergonhava-me por ter sido o meu espírito tão depressa tomado de pânico. Voltei a realidade rotineira, tinha fome, tinha sede, sentia-me extenuado, doíam-me as feridas que me fizeram as pedras. Mas sentia, sobretudo, um grande alívio: o terrível inimigo que transpusera as muralhas fora detido na segunda linha fortificada de minha alma.

Capítulo XXVI



Acabou-se. Zorba juntou o cabo, ferramentas, vagonetes, os ferros velhos, as madeiras de construção e com eles fez um monte na praia esperando que o caíque viesse apanhá-los.

— Dou-lhe tudo de presente, Zorba — disse eu, — É seu, boa sorte!

Zorba comprimiu a garganta, como se quisesse reter um soluço.

— A gente vai se separar? — murmurou. — Para onde é que você vai, patrão?

— Parto para o estrangeiro, Zorba; a cabra que está dentro de mim tem ainda muita papelada para roer.

— Ainda não se corrigiu, patrão?

— Sim, Zorba, graças a você, mas estou seguindo o seu caminho, vou fazer com os livros o que você fez com as cerejas; vou comer tanto papel até enjoar deles; vomitarei e ficarei livre.

— E o que vai ser de mim, patrão, sem a sua companhia?

— Não fique triste, Zorba, ainda nos encontraremos e, quem sabe — a força do homem é formidável! — vamos realizar um dia nosso grande projeto. Construiremos o nosso mosteiro, sem Deus, sem Diabo, com homens livres; e você, Zorba, estará na porta, com enormes chaves, como São Pedro, para abrir e fechar...

Zorba, sentado no chão, as costas apoiadas ao barracão, enchia sem para o copo, bebia e não dizia nada.

Caíra a noite, tínhamos acabado a nossa refeição e conversávamos pela última vez, bebericando. No dia seguinte, bem cedo, íamos nos separar.

— Sim, sim... — fazia Zorba, torcendo o bigode e bebendo. — Sim, sim...

O céu estava cheio de estrelas, todo azul; dentro de nós, o coração queria curar-se, mas se continha.

Despeça-se dele para sempre, pensava eu, olhe bem para ele: nunca mais, nunca mais seus olhos verão Zorba! Estive a ponto de me atirar contra o velho peito e me pôr a chorar, mas fiquei com vergonha. Tentei rir para esconder a emoção, mas não consegui. Tinha a garganta apertada.

Olhei para Zorba esticando o pescoço de ave de rapina e bebendo em silêncio. Olhei-o, e meus olhos ficaram embaçados; então que mistério atroz é esse, a vida? Os homens encontram-se e se separam como folhas que o vento leva; em vão o olhar se esforça para reter a face, o corpo, os gestos do ser amado; em alguns anos não nos lembraremos mais se seus olhos eram azuis ou pretos.

Devia ser de bronze, devia ser de aço a alma humana, dizia comigo, e não de vento! Zorba bebia, mantinha a cabeça bem aprumada, imóvel. Parecia que estava ouvindo na noite passos que se aproximavam ou passos que se afastavam nos recônditos do meu ser.

— Em que está pensando, Zorba?

— Em que quer que eu pense, patrão? Em nada. Em nada, é o que estou dizendo! Não penso em nada.

Ao cabo de um momento, enchendo de novo o copo: — À sua saúde, patrão!

Brindamos. Sentíamos ambos que uma tristeza assim tão amarga não podia durar mais. Tínhamos que desatar em prantos ou nos embriagarmos, ou nos pormos a dançar perdidamente.

— Vá tocar um pouco, Zorba — propus.

— Patrão, eu já disse: o santuri, ele quer é um coração feliz. Eu vou tocar daqui a um mês, dois meses, um ano, dois anos, sei lá! Aí então vou cantar como dois seres se separam para sempre.

— Para sempre! — exclamei aterrorizado.

Repetia dentro de mim esta palavra irremediável, mas não esperava ouvi-la. Fiquei apavorado.

— Para sempre! — repetiu Zorba, engolindo a saliva com dificuldade. — Sim, para sempre. Isso que você diz, que a gente vai se encontrar, que vamos construir um mosteiro, são consolações indignas, que eu não aceito! Não quero! Que é isso? Então nós somos mulherzinhas para precisar de consolações? Sim, para sempre!

— Talvez eu fique com você, aqui... — disse eu, apavorado com a ternura selvagem de Zorba. — Ou talvez vá com você. Sou livre!

Zorba abanou a cabeça. — Não, você não é livre. A corda que o amarra é um pouco mais comprida que a dos outros. É tudo. Você, patrão, tem um barbante comprido, você vai, você vem, pensa que é livre, mas não consegue cortar o barbante...

— Vou cortá-lo um dia! — disse em tom de desafio, pois as palavras de Zorba me haviam tocado numa chaga aberta e me fizeram mal.

— É difícil, patrão, muito difícil. Para isso a gente precisa de um bocadinho de loucura; de loucura, está ouvindo? Arriscar tudo! Mas você tem uma cabeça sólida que vai levar a melhor. O cérebro é um vendeiro, tem as suas contas: paguei tanto, tenho tanto em caixa, aqui estão os lucros, aqui as perdas! É um pequeno lojista prudente; não põe tudo em jogo, guarda sempre umas reservas. Ele não corta o barbante, não? Segura-o solidamente na mão, o velhaco. Se o barbante escapa, o coitado está perdido, perdidinho! Mas, se você não cortar o barbante, me diga que sabor pode ter a vida? Um gosto de camomila, de insossa camomila! Não é o gosto do rum, que faz a gente ver o mundo virado do avesso! Calou-se, serviu-se de vinho, mas mudou de ideia.

— Você tem que me desculpar, patrão, eu sou um rústico. As palavras colam nos meus dentes como a lama nos pés. Não posso compor frases bonitas nem fazer gentilezas. Mas você me compreende.

Esvaziou o copo e olhou para mim.

— Você compreende! — gritou, como se bruscamente ficasse com raiva, — você compreende e é isso que vai lhe perder! Se não compreendesse, você era feliz. Que é que lhe falta? É jovem, inteligente, tem a grana, uma boa saúde, é um bom sujeito; não lhe falta nada, que Diabo! Só falta uma coisa, a loucura. E isto, quando a gente não tem, patrão...

Balançou a cabeçorra e calou-se novamente.

Faltou pouco para que eu caísse no choro. Tudo o que Zorba dizia era justo. Em criança, eu era cheios de impulsos loucos, desejos que ultrapassam o homem, e o mundo não podia me conter.

Pouco a pouco, com o tempo, tornei-me mais ajuizado.

Estabelecia limites, separava o possível do impossível, o humano do divino, segurava firme a minha pipa para que não fugisse.

Uma grande estrela cadente riscou o céu; Zorba, sobressaltou- se, arregalou os olhos, como se visse uma estrela cadente pela primeira vez.

— Viu a estrela? — disse ele.

— Vi.

Calamo-nos.

De súbito Zorba esticou o pescoço magro, estufou o peito e deu um grito selvagem e desesperado. E logo o grito se transformou em palavras humanas, e das entranhas de Zorba subiu uma ária turca, monótona, cheia de tristeza e solidão. Abriu-se o coração da terra, espalhou-se o doce veneno oriental; senti apodrecerem em mim todas as fibras que me ligavam ainda à virtude e à esperança: Iki kikli k bir tependé otiyor Otme dé, kikiliki, benim dertim yetiyor, aman! Aman! Deserto, areia fina a perder de vista, o ar vibra, rosa, azul, amarelo, abrem-se as têmporas, a alma solta um grito demente e exulta porque nenhum grito lhe responde. Meus olhos encheram-se de lágrimas.

Duas perdizes cantavam numa colina Não cante, perdiz, meu sofrimento me basta, aman! Aman! Zorba calou-se; com um gesto seco, enxugou com o dedo o suor do rosto. Curvou-se e olhou para o chão.

— Qual é a canção turca, Zorba? — perguntei, depois de um longo momento.

— A do condutor de camelos. É a canção que ele canta no deserto. Fazia muitos anos que não me lembrava dela. E esta noite...

Levantou a cabeça e olhou-me; sua voz estava seca e a garganta apertada.

— Patrão — disse-já é tempo de você se deitar. Amanhã vai levantar de madrugada para ir a Cândia tomar o vapor. Boa noite! — Não estou com sono — respondi. — Vou ficar com você. É a última noite que passamos juntos.

— Mas é justamente por isso que é preciso acabar logo — exclamou, — e emborcou o copo vazio, sinal de que não queria mais beber. — Do mesmo modo que os verdadeiros homens renunciam ao fumo, ao vinho, ao jogo, corajosamente... É preciso que você saiba, meu pai era valente como ninguém. Não olhe para mim, que eu não passo de um maricas, não chego aos calcanhares dele. Era desses gregos de antigamente... Quando apertava a sua mão, esmagava os ossos. Eu cá posso falar de vez em quando, mas meu pai rugia, relinchava e cantava. Raramente saía de sua boca uma palavra verdadeiramente humana. Pois bem, ele tinha todas as paixões, mas cortava-as lá por dentro a golpes de sabre. Por exemplo, fumava como uma chaminé. Uma manhã ele levanta e vai para o campo trabalhar. Chega lá, encosta na cerca e remexe nervoso no cinto para pegar a bolsa do tabaco e enrolar um cigarro antes de começar o trabalho. Abre a bolsa... estava vazia; tinha esquecido de encher, em casa. Ele espumava de raiva, rugia, e de repente, dando um pulo, pôs-se a correr para a aldeia. Como você vê, estava dominado pela paixão. Mas de repente, enquanto corria — o homem é um mistério, eu sempre digo — ele parou, todo envergonhado, pegou na bolsa e rasgou em mil pedaços, com os dentes. Pisou nela e cuspiu em cima: — Porca! Porca! — gritava ele. — Prostituta! E a partir desse momento, até o fim de seus dias, nunca mais botou um cigarro na boca. É assim que fazem os verdadeiros homens, patrão, boa noite!

Levantou-se, atravessou a areia em grandes passadas. Nem mesmo se voltou. Alcançou o outro estreito da praia, e deitou-se sobre um rochedo.

Não o vi mais. A mula chegou antes do canto do galo. Montei e me pus a caminho. Talvez esteja enganado, mas suponho que naquela manhã, ele se tenha escondido em algum lugar para me ver partir, porque já não estava no rochedo. Mas não veio para dizer-me as habituais palavras de adeus, nem para nos comovermos e choramingarmos, nem para agitar mãos e lenços, e trocarmos juramentos.

A separação foi cortada com um golpe de sabre.

Em Cândia, entregaram-me um telegrama. Peguei-o e o olhei por muito tempo, com a mão trêmula. Sabia o que me anunciava; via com terrível certeza quantas palavras tinha, quantas letras.

Um desejo invadiu-me de rasgá-lo sem abrir. Para que ler, se eu já sabia? Mas ainda não temos, aí de nós!, confiança em nossa alma.

A razão, esta vendeira, zomba da alma, como zombamos das velhas ledoras de sorte e das feiticeiras. Abri, pois, o telegrama. Vinha de Tíflis. Por um instante, as letras dançaram diante dos olhos; não distinguia nada. Mas, pouco a pouco, imobilizaram-se e eu li:

ONTEM À TARDE, CONSEQUÊNCIA DE PNEUMONIA, STAVRIDAKI MORREU.

Cinco anos se passaram, cinco anos longos terríveis, durante os quais o tempo correu desenfreado. As fronteiras geográficas entraram na dança, os Estados se desdobraram e contraíram como acordeões.

Durante algum tempo, Zorba e eu fomos levados pela borrasca; de vez em quando, nos três primeiros anos, recebia dele um breve postal.

Uma vez, do Monte Athos — o postal de Virgem, Guardiã da Porta, com seus grandes olhos tristes e queixo firme e voluntarioso.

Por baixo da Virgem, Zorba me escrevera com sua pena pesada e grossa que rasgava o papel: "Aqui, não há meio de fazer negócio, patrão. Aqui, os monges ferram até as pulgas. Vou-me embora!" Dias depois, outro cartão: "Não posso correr os mosteiros levando na mão um papagaio, como um feirante; dei ele de presente a um monge gozado que ensinou seu melro a cantar Kyrie eleison. E o velhaco canta como um verdadeiro monge. A gente nem acredita! Então, ele vai ensinar também a cantar o nosso pobre papagaio. Ah! Quanta coisa o maroto já viu nesse vida! E agora virou Pater Papagaio! Abraço-te com amizade, Pater Alexis, Anacoreta." A cabo de seis ou sete meses, recebi da Romênia um postal representando uma gorda mulher toda decotada: "Eu

vivo ainda, como mamaliga, bebo cerveja, trabalho nos poços de petróleo, sujo, fedendo, como rato de esgoto. Mas, que importa! Aqui a gente acha com abundância tudo o que o coração e a barriga podem desejar. Um verdadeiro paraíso para velhos atrevidos como eu. Você me compreende, patrão: a boa vida, a galinha e ainda a cocote. Deus seja louvado! Abraço-te com amizade, Alexis Zorbesco, rato de esgoto." Passaram-se dois anos recebi novo cartão, desta vez da Sérvia: "Vivo ainda, faz um frio dos Diabos, então fui obrigado a me casar Olhe do outro lado para ver a sua cara, um pedaço de mulher.

Tem a barriga um pouco inchada, pois fique sabendo, ela me prepara um pequeno Zorba. Eu estou ao lado dela, com a roupa que você me deu de presente, e a aliança que você vê na minha mão é a da pobre Bubulina — tudo bem na sua hora! Que ela descanse em paz! — esta aqui se chama Liuba. O casaco de gola de raposa que estou vestindo é o dote da minha mulher. Ela trouxe também uma égua e sete porcos, uma raça gozada. E dois filhos do primeiro marido, porque esqueci de dizer, é uma viúva. Encontrei uma jazida de pedra branca, numa montanha pertinho daqui. Engasopei mais um capitalista. A minha vida corre doce como a de um paxá. Abraço-te com amizade, Alexis Zorbietch, ex-viúvo." No reverso do cartão, o retrato de Zorba, todo próspero, vestido de noivo, com o gorro de peles, uma bengalinha janota e um sobretudo novinho em folha. De braço com uma linda eslava de vinte e cinco anos, no máximo, uma égua selvagem, de garupa generosa, provocante, insubmissa, calçada de compridas botas e com um farto busto. Embaixo, de novo as letras gordas, grosseiras, de Zorba: "Eu Zorba, e o assunto interminável, a mulher; desta vez se chama Liuba." Durante esse anos eu viajava pelo estrangeiro. Tinha, eu também, o meu assunto interminável. Mas ele não possuía nem busto opulento, nem sobretudo para me dar, nem porcos.

Um dia, em Berlim, recebi um telegrama:

ACHEI MAGNÍFICA PEDRA VERDE, VENHA IMEDIATAMENTE.
ZORBA.

Era a época da grande fome na Alemanha. O marco descera tanto que para comprar a mínima coisa — um selo — era-se obrigado a transportar malas cheias de milhões. Fome, frio, casacos surrados, sapatos cambados, as rubicundas faces alemãs tinham empalidecido.

A brisa soprava e os homens caíam nas ruas como folhas. Davam-se aos bebês para mastigar pedaços de borracha para que não chorassem mais. À noite, a polícia montava guarda nas pontes, impedindo que as mães se jogassem nos rios, com os filhos, para acabarem logo com tudo isso.

Era inverno, nevava. No quaro contíguo ao meu, um professor alemão, orientalista, para aquecer-se, procurava copiar alguns velhos poemas chineses ou uma sentença de Confúcio, com a ajuda de um longo pincel, segundo penoso costume do Extremo Oriente. A ponta do pincel, o cotovelo levantado e o coração do professor formavam um triângulo.

— Ao fim de alguns minutos — dizia-me satisfeito — o suor me corre das axilas, e deste modo me aqueço.

Foi no meio de tais dias de amargura que recebi o telegrama de Zorba. A principio, fiquei aborrecido Enquanto milhões de homens se aviltavam e se submetiam porque não tinham nem mesmo um pedaço de pão para sustentar os ossos e a alma, eu recebia telegramas convidando-me para ver uma bela pedra verde! Para o Diabo, a beleza! Exclamei para mim, pois não tem coração e não se preocupa com o sofrimento humano.

Mas logo fiquei espantado: acalmada a minha raiva, percebia com horror que a esse apelo desumano de Zorba correspondia em mim outro apelo desumano. Eu estava habitado por um pássaro selvagem que batia as asas para partir.

Não fui, entretanto. Não ouvi o clamor divino e feroz que subia em mim, não fiz uma ação generosa e insensata. Ouvi a voz moderada, fria, humana da lógica. Então, peguei a pena e escrevi a Zorba, explicando.

Respondeu-me:

"Você é, patrão, salvo o devido respeito, um arranha-papel.

Você também, seu infeliz, podia ver uma vez na vida uma bela pedra verde e não viu. Quando eu não tinha trabalho, palavra que cheguei a perguntar a mim mesmo: "Tem ou não inferno?" Mas ontem, quando recebi a sua carta, eu disse: lógico que tem que ter um inferno para alguns arranha-papéis como você."

Depois disso, nunca mais escreveu. Novamente nos separam terríveis acontecimentos, o mundo continuou cambaleando como um ferido, como um bêbado; amizades e preocupações pessoais foram tragadas.

Falava constantemente com os amigos desta grande alma; admirávamos a marcha altiva e segura, para além da razão, deste homem inculto. Cumes espirituais que levávamos anos para conquistar em árdua luta, Zorba os atingia de um jato. Dizíamos então: "Zorba é uma grande alma." Outras vezes, ele ultrapassava esses cumes, e nós comentávamos: "Zorba é louco." Assim passava o tempo, docemente envenenado pelas lembranças. A outra sombra, a do meu amigo, pesava-me também na alma: não me abandonava — porque era eu que não a queria abandonar.

Mas daquela sombra eu não falava com ninguém. Conversava com ela em segredo e, graças a ela, reconciliara-me com a morte. Era a minha ponte secreta para a outra margem. Quando a alma do meu amigo a transpunha, eu a sentia esgotada e pálida; ela não tinha mais força para me apertar a mão.

Às vezes — pensava com medo — talvez meu amigo não tenha tido na terra o tempo suficiente para sublimar em liberdade a escravidão de seu corpo, de elaborar e fortalecer sua alma, para que, no instante supremo, não fosse ela tomada pelo pânico da morte e aniquilada. Talvez, pensava eu, não tivesse tido tempo de imortalizar o que nele havia de imortalizável.

Porém, uma vez ou outra, ele ganhava forças — ou será que era eu que de repente me lembrava dele com uma ternura mais intensa? — E vinha, então, remoçado e exigente e eu ouvia mesmo, me parece, seus passos na escada.

Neste inverno eu fizera, sozinho, uma peregrinação às altas montanhas da Engadina onde, uma vez, meu amigo e eu havíamos passado horas deliciosas com a mulher que amávamos.

Hospedei-me no mesmo hotel. Enquanto dormia, derramava-se o luar pela janela e eu sentia penetrarem no meu espírito adormecido as montanhas, os pinheiros cobertos de neve e a suave noite azul.

Experimentava uma indizível felicidade, como se o sono fosse um mar profundo, calmo e transparente e eu estivesse deitado em seu seio, imóvel e feliz; tal era minha sensibilidade que um barco que passasse à superfície da água a milhares de braças acima, me teria retalhado o corpo.

De repente caiu sobre mim uma sombra. Compreendi quem era. Sua voz ressoou, cheia de censura: — Você está dormindo?

Respondi no mesmo tom: — Você se fez esperar; há meses que não ouço o som da sua voz. Por onde errava?

— Estou sempre junto de você, mas é você que se esquece de mim. Nem sempre tenho forças para chamar e você procura abandonar-me. O luar, as árvores cobertas de neve, a vida sobre a terra, tudo isso é bom, mas, por favor, não se esqueça de mim!

— Nunca me esqueço de você, e bem o sabe. Nos primeiros dias, quando me deixou, eu percorria as montanhas selvagens, fatigava o corpo, passava noites sem dormir, pensando em você. Cheguei a compor poemas para não estourar. Mas eram poesias mesquinhas que não me tiravam o sofrimento. Há uma que começa assim: Enquanto ias ao lado da morte, admirava tua estatura, A agilidade de ambos na trilha escarpada. Como dois companheiros que despertam de madrugada E lá se vão.

E, num outro poema, também, inacabado, eu lhe gritava: Serra os dentes, bem-amado, para que tua alma não levante voo!

Sorriu amargamente. Debruçou o rosto sobre mim e estremeci, vendo-lhe a palidez.

Olhou-me por muito tempo, com suas órbitas vazias onde não havia mais olhos. Somente duas bolinhas de terra.

— Em que está pensando? — murmurei. — Por que não fala?

De novo sua voz ressoou como um suspiro longínquo: — Ah! Que resta de uma alma para quem o mundo era demasiado pequeno! Alguns versos de um outro, esparsos e mutilados, nem mesmo uma quadra inteira! Eu erro sobre a terra, visito os que me eram mais caros, mas o seu coração está fechado.

Por onde entrar? Como me reanimar? Faço ronda, como um cão em volta de uma casa de portas trancadas. Ah! Se pudesse viver livre, sem me agarrar, como náufrago, a vossos corpos quentes e vivos! Brotaram-lhe lágrimas das órbitas; a terra tornou-se lama.

Mas logo a voz ficou firme: — A maior alegria que você me deu — disse ele — foi uma vez em Zurique, no dia de meu aniversário, lembra-se? Quando você levantou o copo para beber à minha saúde, está lembrado? Havia uma outra pessoa conosco.

— Eu me lembro — respondi — era aquela que chamávamos a nossa dama...

Calamo-nos. Quantos séculos se tinham passado desde então! Zurique, nevava lá fora, flores na mesa, éramos três.

— Em que está pensando, caro mestre? — perguntou a sombra com uma leve ironia.

— Em muitas coisas, em você, em tudo...

— Pois eu penso em suas últimas palavras; você levantou o copo e pronunciou, com a voz trêmula: "Amigo, quando você era um bebê, seu velho avô sentou-o num dos joelhos e no outro pôs a lira cretense e tocou árias de palicários. Bebo esta noite à sua saúde: que o destino faça com que você esteja sempre sentado nos joelhos de Deus!" — Deus atendeu bem depressa a sua prece! — Que importa! — exclamei. — O amor é mais forte que a morte!

Sorriu, amargo, mas sem dizer nada. Eu sentia o seu corpo dissolvendo-se na obscuridade, transformando-se em soluço, suspiro e zombaria.

Durante dias, o gosto da morte permaneceu nos meus lábios.

Mas o coração ficou aliviado. A morte entrara na minha vida com um rosto conhecido e amigo, como um amigo que nos vem buscar e espera a um canto que terminemos o trabalho, sem se impacientar.

Mas a sombra de Zorba rondava sempre à minha volta, ciumenta.

Uma noite, estava só em casa, à beira-mar, na ilha de Engina.

Sentia-me feliz; a janela, toda aberta para o mar; a lua entrava, suspirava o mar, feliz também, meu corpo, voluptuosamente fatigado por ter nadado muito, dormia profundamente.

Foi quando, em meio a tanta felicidade, lá pela madrugada, Zorba surgiu no meu sonho. Não me lembro mais o que disse, nem por que viera. Mas, ao despertar, tinha o coração quase estourando; sem que soubesse a causa, encheram-me os olhos de lágrimas. Logo me veio um desejo irresistível de reconstituir a vida que vivêramos os dois na praia cretense, de forçar a minha memória a se lembrar, a reunir todas as conversas, os gestos, os risos, as lágrimas e as danças de Zorba, para conservá-los.

Tão violento era esse desejo que tive medo de ver nele um sinal de que, em algum lugar da terra, Zorba agonizava. Porque eu sentia a minha alma de tal modo unida à dele que me parecia impossível que um dos dois morresse sem que o outro fosse abalado e chorasse de dor.

Hesitei um momento em grupar todas as lembranças deixadas por Zorba e as formular em palavras. Apoderou-se de mim um medo infantil. Dizia comigo: "Se o faço, isto quer dizer que Zorba está realmente em perigo de morte. Devo resistir à mão que impele a minha." Resisti dois dias, três, uma semana. Mergulhei em outros escritos, fiz excursões, li muito. Era com tais estratagemas que me esforçava para enganar a presença invisível. Mas todo o meu espírito se concentrava sobre Zorba, com penosa inquietude.

Um dia estava sentado na varanda de minha casa, sobre o mar.

Era meio-dia, o sol queimava e eu olhava à minha frente os flancos nus e graciosos de Salamina. De repente, impelido pela mão invisível, peguei o papel, estendi-me nas lajes ardentes do terraço e comecei a relatar os fatos e gestos de Zorba.

Escrevi com veemência, fazia reviver apressadamente o passado, procurava lembrar-me e ressuscitar Zorba inteirinho. Dir-se-ia que se ele desaparecesse, o responsável seria eu; trabalhava, pois, dia e noite para lhe fixar, intacto, o rosto.

Trabalhava como feiticeiros das tribos selvagens da África, que desenham nas grutas o ancestral que viram no sonho: esforçam-se em reproduzi-lo o mais fielmente possível, para que a alma do antepassado possa reconhecer o seu corpo e nele entrar.

Em algumas semanas ficou pronta a lenda dourada de Zorba.

Também naquele dia, ao cair da tarde, eu estava sentado na varanda e olhava o mar. Tinha o manuscrito sobre os joelhos. Sentia alegria e alívio, como se me tivessem tirado um peso.

Era como uma mulher que acaba de dar à luz e tem nos braços o recém-nascido.

Atrás da montanhas do Peloponeso, deitava-se o sol, todo vermelho. Sula, uma pastorinha que me traz da cidade a correspondência, subiu à varanda. Deu-me uma carta e lá se foi, correndo. Eu compreendi, porque, quando abri a carta e a li, não fui tomado de espanto. Tinha a certeza. Eu sabia que no minuto preciso em que tivesse nos joelhos o manuscrito acabado e contemplasse o pôr do sol, receberia esta carta.

Calmo, sem pressa, eu a li. Vinha de uma aldeia perto de Skoplije, na Sérvia, e estava, bem ou mal redigida em alemão.

Traduzi: "Sou o professor da aldeia e escrevo-lhe para anunciar a triste notícia de que Alexis Zorba que aqui possuía jazida de pedra branca, morreu domingo passado, às seis horas da tarde. Chamou-me quando agonizava: — Vem cá, mestre-escola; tenho um amigo fulano, na Grécia; quando eu morrer, escreva-lhe que até o último minuto eu estava lúcido e pensava nele, e que não me arrependo de nada do que fiz, que ele passe bem e que já é tempo de se tornar razoável.

— Ouça ainda. Se um padre vier me confessar e me der os santos sacramentos, diga-lhe que dê o fora correndo e que me amaldiçoe! Fiz montes e montes de coisas na minha vida e acho que ainda foi pouco. Homens como eu deviam viver mil anos. Boa noite! Foram suas últimas palavras. Logo depois, ergue-se no travesseiro, jogou as cobertas e quis se levantar. Corremos para contê-lo, Liuba, sua mulher, eu e alguns vizinhos de pulso forte. Mas ele nos afastou bruscamente, saltou da cama e foi até a janela. Lá, agarrou-se ao peitoril, olhou ao longe para as montanhas, arregalou os olhos e se pôs a rir, depois a relinchar como um cavalo. Foi assim, de pé, as unhas enterradas na janela, que ele morreu.

Liuba, sua mulher, encarregou-se de lhe dizer que o saúda, que o defunto falava muito no senhor e que ordenou a ela que lhe desse o santuri, como lembrança, depois de sua morte.

A viúva lhe pede, pois, que, quando o senhor tiver ocasião de chegar até nossa aldeia, se dê ao incômodo de vir passar a noite em sua casa e de manhã, quando se for, levará o santuri."

Fim

Digitalização

LAVRo

